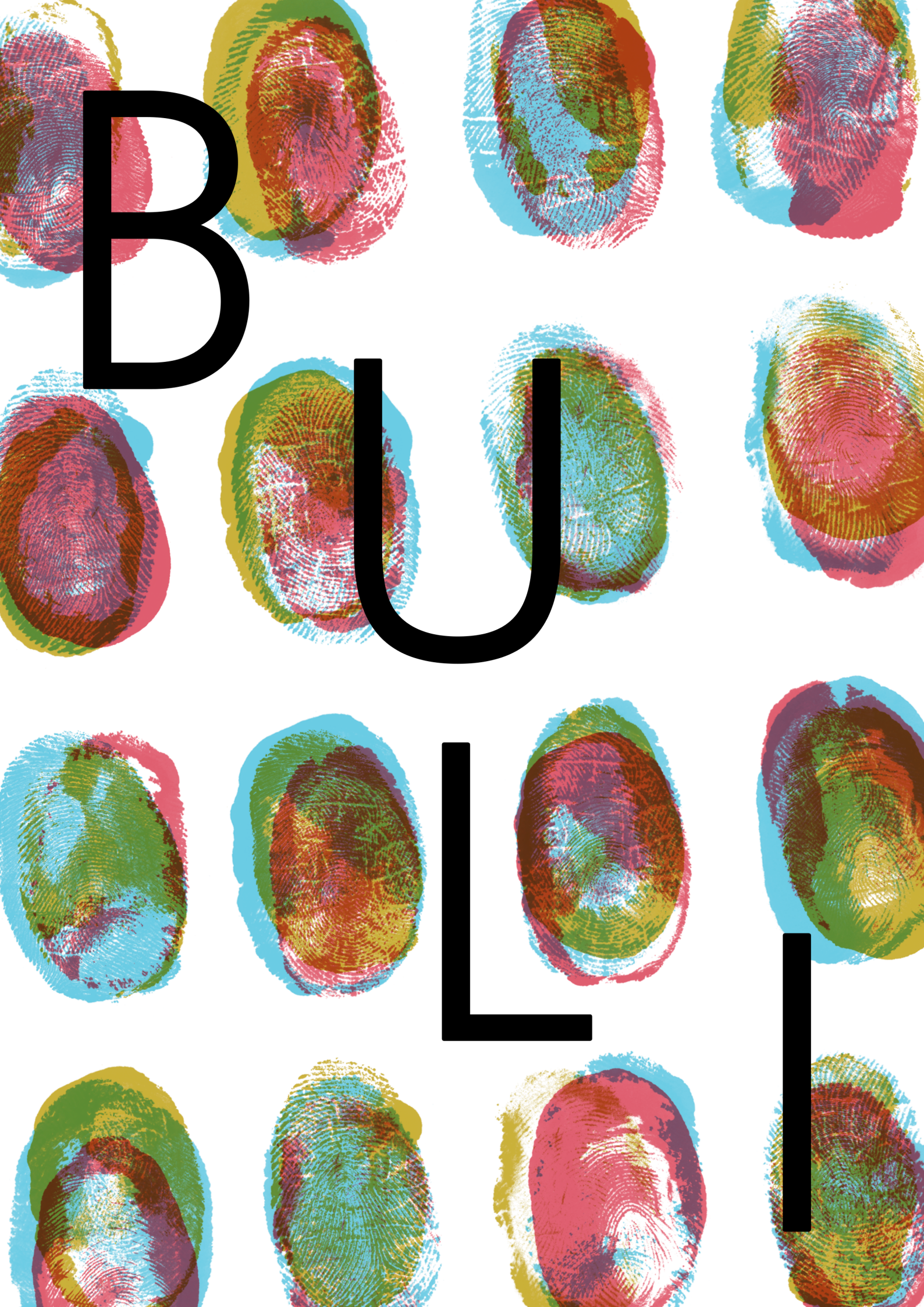
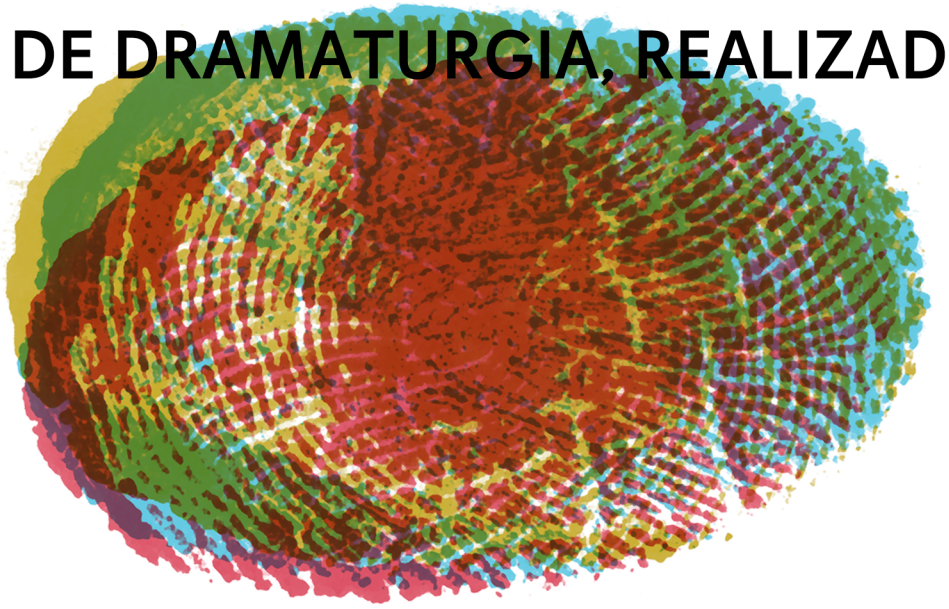

BULL

REVISTA DE ARTES CÊNICAS DO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ

TEXTOS PREMIADOS NO 4º CONCURSO ESTUDANTIL DE DRAMATURGIA, REALIZADO EM 2025

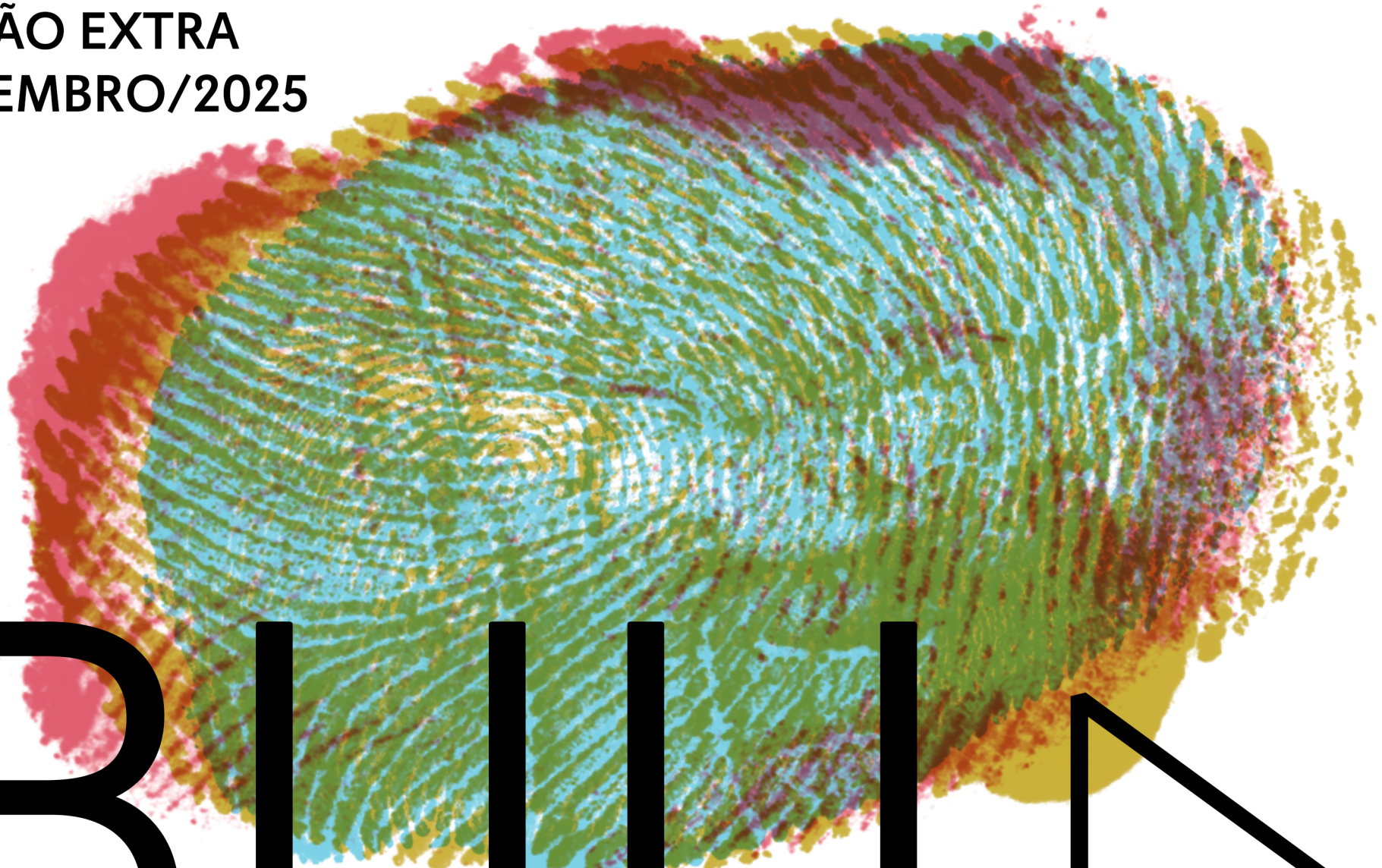


tatuí conservatório de música e teatro

BULA

REVISTA DE ARTES CÊNICAS DO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ

EDIÇÃO EXTRA
NOVEMBRO/2025



BULIA

tatuí conservatório de música e teatro

BULI é a Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí. Com esta iniciativa, pretendemos circular, trocar com os interiores, fomentar criação e reflexão em/com lugares que não ocupam os espaços consagrados das artes cênicas. Reunir espaços, coletivos e criadores(as) que atuam e produzem de outros modos e estabelecem outras relações com as artes da cena.

Coordenação Editorial
Antonio Salvador

Editores
João Fabbro e Tadeu Renato

Produção Editorial
João Fabbro

Projeto e Arte Gráfica
Luiza Devasa

Revisão de Textos
Tadeu Renato

Estudante Bolsista Ofício da Revista BULI
A Bolsa Ofício visa valorizar e incentivar a experimentação de habilidades e ofícios correlatos à formação de músico, ator/atriz ou luthier, dando oportunidade a alunos(as) interessados(as) e com domínio técnico que frequentam os cursos regulares do Conservatório de Tatuí.

Contato
bulibuli.artescenicas@gmail.com

SUMÁRIO

CAPA	**01**	LUIZA DEVASA
ANTES DO INÍCIO	**08**	TEXTO DE APRESENTAÇÃO
EDITORIAL	**09**	ESCREVER COM O CORPO, ESCUTAR COM O TEMPO TADEU RENATO
TEXTO PREMIADO **CHÁ DA OITO**	**11**	COLETIVO DO CHÁ SÃO PAULO/SP
MENÇÃO HONROSA **DESÁGUA**	**70**	VICTOR LIMA GUARULHOS/SP
TEXTO PREMIADO **DESENLEAR NÓS**	**99**	LUA LEAL SÃO PAULO/SP

SUMÁRIO

MENÇÃO HONROSA
DISRITMIA 117 VITÓRIA RICARDO
SÃO PAULO/SP

TEXTO PREMIADO
ENTREMACACOS: A FORÇA QUE VEM DE MUXIMBA 128 HENRIQUE SANTOS, MAYARA MARCONES E VÊNUS GAYA
CAMPINAS/SP

MENÇÃO HONROSA
HEFESTO ESTÁ TRISTE (E COM RAZÃO) 148 AOKI FERREIRA
SÃO BERNARDO DO CAMPO/SP

TEXTO PREMIADO
ME DESCULPE POR TER ESTRAGADO O JANTAR 227 IÇA SIMEÃO
SANTO ANDRÉ/SP

MENÇÃO HONROSA
O QUE ACONTECEU NA LINHA VERMELHA 238 ANA BASTOS
SÃO PAULO/SP

TEXTO PREMIADO
TRANSVERSÕES: UMA PROSA EM TRAVA E VERSO 263 REBECCA LOPES
SOROCABA/SP

SUMÁRIO

COMISSÃO DE SELEÇÃO **277** INTEGRANTES DA 4ª EDIÇÃO DO CADERNO DE DRAMATURGIA

TEXTO DE APRESENTAÇÃO

EDITORIAL

Esta edição do Caderno de Dramaturgia é o resultado do **4º Concurso Estudantil de Dramaturgias**, realizado no primeiro semestre de 2025 reunindo os textos selecionados. O presente Caderno é uma **edição extra da BULI — Revista de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí**, projeto com o qual pretendemos circular, trocar com os interiores, fomentar criação e reflexão em/com lugares que não ocupam os espaços consagrados das artes cênicas. A revista deseja reunir espaços, coletivos e criadores(as) que atuam e produzem de outros modos e estabelecem outras relações com as artes da cena.

O Concurso Estudantil de Dramaturgia do Conservatório de Tatuí consolida-se como um espaço de incentivo à criação, reflexão e circulação de textos teatrais contemporâneos. A cada edição, observamos com entusiasmo o crescimento no número de inscrições, que vêm acompanhadas de propostas cada vez mais diversas, inventivas e desafiadoras. Nesta quarta edição, recebemos 52 textos inscritos, sendo 39 oriundos de cidades do interior, litoral e região metropolitana do estado de São Paulo, e 13 da capital.

A variedade de formatos, linguagens e perspectivas presentes nas inscrições reafirma o desejo pulsante de experimentar novas formas de escrita para a cena. É especialmente significativo ver tantas geografias distintas em movimento criativo, revelando que há uma rede potente de jovens artistas em formação espalhada por todo o estado.

Selecionar os textos premiados é sempre um trabalho cuidadoso e complexo, dado o nível de elaboração das propostas e a pluralidade de vozes que elas representam. É esse encontro entre diferentes imaginários, experiências e escritas que justifica e reforça a importância de mantermos esse concurso vivo. Seguimos apostando no teatro como lugar de escuta, invenção e projeção de futuros.

Apresentamos, a seguir, os textos selecionados nesta edição.

ESCREVER COM O CORPO, ESCUTAR COM O TEMPO

TADEU RENATO
DRAMATURGO E PROFESSOR DE DRAMATURGIA E TEORIA
NO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ

Leda Maria Martins propõe que o teatro, enquanto arte performativa, é um lugar de oralitura: uma escrita que se dá no corpo, no espaço e no tempo presente, transformando memória em acontecimento. É uma escrita em espiral, que retorna ao passado para redesenhar o presente e criar futuro. As dramaturgias reunidas nesta edição parecem escrever justamente nessa espiral, reconstituindo memórias partidas, reabrindo feridas para expor, mas também para curar.

Há, nestes textos, uma escuta atenta da vida contemporânea e de suas tensões mais urgentes. Vemos personagens que habitam cidades sufocantes, enfrentam violências de raça e gênero, negociam amores e rompimentos, lidam com ausências e silêncios. Há quem reescreva mitos e os desloque para novas perspectivas, há quem dance para confessar, há quem convoque coros e vozes múltiplas para lembrar que ninguém sobrevive sozinho.

Formalmente, essas dramaturgias experimentam: intercalam narração e diálogo, misturam humor e dor, interrompem a linha dramática para falar diretamente ao público, transformam o palco em espaço de rito, de coreografia, de música. A fragmentação aparece como estratégia de resistência: a cena se parte, mas não se rende. Em comum, essas obras revelam também uma busca (às vezes dolorosa, às vezes lúdica) por afirmar-se e deixar um traço próprio, como quem inventa uma marca no corpo, no tempo e na cena. Nesse mesmo movimento se inscreve a arte criada por Luiza Devasa para esta revista: imagens que acompanham e ampliam esse gesto de inscrição, oferecendo sinais de passagem e permanência.

Ler estas peças é entrar num território de vozes que querem ser ouvidas, vozes que se inscrevem na carne e que recusam o esquecimento. Elas nos lembram que teatro é presença (de corpos, de afetos, de memórias) e que é justamente nesse encontro entre palco e plateia que algo se escreve de novo, em cada espectador. Que nessas dramaturgias encontremos ecos de nossas próprias histórias e, quem sabe, um sopro de futuro.

Os textos desta edição revelam a destruição física – que muitas vezes pede, formalmente, a destruição e reconstrução de formas narrativas – , bem como as estruturas políticas e sociais que estabelecem uma crise subjetiva profunda, onde a precariedade não é apenas material, mas existencial, e onde as vidas das personagens são constantemente questionadas em termos de valor e dignidade. Nesses textos, as vozes desejam ser ouvidas, lembradas, legitimadas. E o teatro é espaço privilegiado para esse desejo, pois acontece no presente imediato, na ação de corpos presentes em cena, na relação de afetos entre artistas e público.

CHÁ DA OITO

Nayara Nascimento, Nicolle de Alencar, Paula Luvizutti, Sabrina Luísa, Sabrina Rocha, Sabrina Uzeloto e Triz Rocha

"Essa 'peça sátira feminista' é criação coletiva de 7 atrizes e foi inspirada em escritos de bell hooks. Na trama, 8 amigas se encontram para um chá, durante o qual compartilham histórias marcadas por relacionamentos abusivos, violências de gênero, rivalidades, cumplicidades, empoderamento."

Tábata Makowski

PERSONAGENS

Vagabunda
Louca
Emocionada
Largada
Rodada
Gostosa-Burra
Histérica
A Outra

PRÓLOGO

(Do lado de fora do teatro, momentos antes da peça começar, a produção com um recipiente em mãos, pede às pessoas que se identificam como homens para escreverem seus nomes em pedaços de papeis. Recolhidos os nomes, os papeis são colocados dentro do recipiente que é levado para dentro do teatro e colocado em um lugar de evidência no palco.)

(O público entra no teatro e percebe em meio a fumaça e sob uma luz verde, oito figuras vestidas em peças datadas, usando máscaras respiratórias de proteção ao ambiente tóxico. Em uma projeção ao fundo, lê-se:

"Uma peça teatral é uma alegoria artificial criada por um agrupamento de pessoas para ficcionalizar uma história a ser representada por atrizes para um público. Qualquer semelhança desta com a vida real, terá sido mera coincidência, ou coisa da sua cabeça."

As oito figuras permanecem em suas posições até que o público se acomode, e em seguida caminham em direção a uma grande mesa no centro do palco, onde se sentam. Uma "Red flag" é abanada ao longo dos três sinais do teatro, dando início ao espetáculo.)

ATO I - O CHÁ

CENA I - AS OITO

(Uma mesa de chá é montada por mulheres. Um tango ao fundo (Roxanne) compõe a coreografia de ações físicas realizadas por elas; servir o chá, beber, limpar farelos do vestido e alguns movimentos delicados de etiqueta à mesa.)

(A mesa posta, pronta para o chá. Seis estão à mesa: Louca, Emocionada, Vagabunda, Histérica, Rodada e Gostosa-Burra. Largada está deitada no chão. A Outra ainda não chegou, há uma cadeira vazia. Louca serve o chá.)

(Neste primeiro momento, os nomes das personagens são falados de forma agressiva/ofensiva, mas o restante da fala é dado normalmente).

Largada *(Amigável)***:** Poderia por gentileza me passar o açúcar,

(agressiva) Vagabunda?

(Vagabunda confusa, procura de onde vem a voz).

(Largada aparece erguendo sua xícara debaixo da mesa.)

Vagabunda: Ah, é você, Largada! Claro querida, aqui está. *(Vagabunda passa o açúcar)*

Histérica: Mas que chá delicioso, Louca! É de que mesmo?

Louca: É segredo. Sempre me dizem que meu chá é o melhor.

Gostosa-Burra: É o que me dizem também, todos querem experimentar.

Rodada: Quem prova do meu chama até os amigos para provarem também.

Vagabunda: Você também ama dar um chá, né, Rodada?

Rodada: Adoro! Louca, serve mais uma, por favor! Nessa vida, só mesmo um bom chá pra uma mulher sobreviver.

Emocionada: O meu é terrível, preciso aprimorar.

Largada: Emocionada, você sempre extrapola no açúcar, querida. Já no terceiro gole é nauseante.

Rodada: Então o próximo chá será na Emocionada!

Emocionada: À vontade!

Histérica: Que deleite! Nada como um bom chá das 8. Desce mais!!

Louca: Calma, Histérica! tem chá pra todo mundo.

Histérica: Um brinde ao culto de cerimônias líquidas apáticas e incolores.

Rodada: Viva o chá!

Vagabunda: E as fofocas...

(Meninas brindam o chá, enquanto Louca olha para a plateia,

abre foco em Louca)

Louca: Fofocas? Não tem nada de novo. *(Todas as outras congelam em posição, segurando xícaras, algumas prestes a comer ou beber algo)* Aliás, as histórias aqui se repetem milhares de vezes.

Nada do que vocês verão é novidade. É apenas mais um grupo de amigas, como tantos outros. Que se encontra para falar de homens cruéis, como tantos outros. Vocês já conhecem essas histórias, esses diálogos, essas pessoas, tanto as afetadas, quanto as que afetam. *(Para por um instante, pensativa. Depois, como se tivesse uma ideia brilhante.)* Considerando nosso ambiente artístico acadêmico, já sabemos que não estamos muito acostumados a nos importarmos com personagens femininas, seus nomes ou suas histórias. Como eu sei que a maior parte do público não está acostumada a se dar o trabalho de decorar o nome de oito míseras mulheres e *(imitando uma birra)* como eu sei que hábitos às vezes são muito difíceis de desconstruir...

(Respira fundo)

Seguiremos aqui um método. Um método que permite que essa seja talvez uma das poucas peças de inclinação feminista que não passaria no teste de Bechdel. *(na projeção aparece: "O teste de Bechdel é um critério de avaliação que analisa se uma obra de ficção representa as mulheres de forma adequada. O teste é baseado em três perguntas: A obra tem pelo menos duas personagens femininas com nome? As personagens femininas conversam entre si? A conversa entre as personagens femininas é sobre algo que não envolve homens?")*. Como a maioria aqui não têm a capacidade de decorar oito nomes femininos, isso é facilitado. Cada uma dessas mulheres agora tem um rótulo. Algo que define seus lugares no mundo a partir da visão de outras pessoas. Aos homens da plateia preocupados que ainda terão que decorar oito palavras atribuídas a mulheres, não se preocupem, isso é bem mais fácil, já são palavras que vocês atribuem a elas todos os dias!

Cada uma de nós possui deliciosas experiências para compartilhar e, como tradição, nos reunimos aqui para... *(Coloca o bigode, já buscando exemplificar a dinâmica)* realizar o ato mais repulsivo, hediondo e repugnante, aquilo que só mulheres, por serem fúteis por natureza, são capazes de realizar: Fofocar! É preciso ter cuidado para que a prática não seja incentivada, imagina só: as mulheres vão começar a compartilhar as

experiências terríveis que as fazemos passar, e vão descobrir que não estavam malucas e nem exigiram demais, mas sim que os homens estão muito confortáveis com seus privilégios pra mudarem suas atitudes, assim, nós, machos, podemos tranquilamente continuar tendo atitudes terríveis, com a desculpa de que: Eu sou só um homem cis, eu ainda estou aprendendo. *(Tira o bigode)*

Esperamos que esse método facilite a experiência de todos vocês, afinal, reconhecer mulheres como indivíduos que ocupam espaço importante no mundo não parece uma ideia meio... ?

Histérica *(Descongelada, estralando os dedos para Louca. Desliga o foco)***:** Louca?

(Louca se vira de novo para a plateia, com um olhar de quem diz:"Vocês entenderam". Senta-se, agora está de fato integrada ao chá novamente, as ações das outras voltam a ocorrer em primeiro plano.)

Louca: Vagabunda, por que você não nos apresenta melhor a nossa nova integrante do chá, querida?

Vagabunda: Essa é a Gostosa-Burra. Ela é gostosa e burra! Dá uma voltinha pra gente. *(Rodada levanta para dar um voltinha)*

Largada: Você não, Rodada.

(Rodada senta frustrada) (Gostosa dá uma voltinha)

Vagabunda: Nós nos conhecemos na academia. Ela é a mais mais de lá. As pessoas subestimam ela porque ela é burra, mas ela não é só burra...ela é a gostosa burra! *(Gostosa faz movimentos de academia com os itens do chá)* Que bom que você veio! É bom ter alguém com vivências parecidas com as minhas.

Louca: Mas por que você resolveu aceitar nosso convite pro chá só agora?

Gostosa: Ah, é que eu era muito ocupada, eu namorava, sabe? Mas agora eu sou uma solteirona igual a vocês!!

(Cada personagem reage de acordo com sua personalidade)
(A partir desse ponto os nomes das personagens já não são mais necessariamente falados de forma agressiva).

CENA II - O BOLO DE LARANJA

Largada: *(Sente um cheiro doce no ar)* Vocês estão sentindo esse cheiro?

Louca: Que cheiro?

(Todas tentam sentir o cheiro).

Largada: Esse cheiro!

Histérica: Eu também tô sentindo! De onde será que tá vindo?

(Procuram de onde vem o cheiro, cheirando inclusive umas às outras. Descobrem que o cheiro vem da Rodada.)

Emocionada: Cheirinho de laranja!

Rodada: Ah que cabeça a minha, estava quase me esquecendo... *(Pega um bolo de laranja)* Eu trouxe um bolo de laranja pro nosso encontro!

(Comemoram.)

Vagabunda: Ai que delícia!

Todas *(Se reúnem em volta do bolo e cantam)***:** Com quem será, com quem será, com quem será que a Rodada vai casar. Vai depender, vai depender, vai depender se o... *(Constrangimento entre elas, Rodada continua sorrindo).*

Vagabunda *(Baixo para as amigas)***:** O de ontem ou o da semana passada?

Emocionada: *(Quebra o clima limpando a garganta)* E pra quem vai o primeiro pedaço?

Rodada: (Cortando o bolo) O primeiro pedaço vai para a minha xará... A Outra! *(Todas se espantam. Percebem a cadeira vazia).*

Largada: Mas A Outra ainda não chegou.

Histérica: A Outra tá sempre atrasada!

Louca: Na verdade faz um tempo que eu não vejo ela, a gente convidou ela pro chá passado, mas ela nem chegou a vir...

Rodada: *(Em tom de fofoca, pegando a cadeira da Outra e levando para outro canto do palco)* A última vez que eu a vi, ela estava saindo toda descabelada, assim meio ajeitando a roupa, sabe? Lá daquela faculdade na Barra Funda.

Gostosa-Burra: A Uninove?

Rodada: Não, A OUTRA. *(Se senta na cadeira da Outra, mas logo se levanta)* Uma de artes!

Todas: Ahhh!

Histérica: Mas o que você tava fazendo por lá?

Rodada: Dando... uma volta, recolhendo algumas histórias pro nosso chá!

Vagabunda: *(Maliciosa, falando para si)* Eu já vivi tanta história naquele lugar...

Emocionada: *(Cortando a Vagabunda)* Eu já ouvi cada história absurda de lá...

Largada: Mas e A Outra, você chegou a falar com ela? Ela disse alguma coisa quando te viu?

Rodada: Ai gente, vocês sabem como é A Outra... Quando eu tentei falar com ela, entender o porquê dela estar tão sumida, ela desconversou, disse que tinha um compromisso e que precisava ir.

Histérica: Esses comportamentos dela estão muito suspeitos, ela definitivamente não quer que a gente saiba o que está acontecendo...

Gostosa-Burra: E se a gente deixar um pedaço de bolo separado pra ela? Quando ela chegar, a gente dá pra ela.

Histérica: Ótima ideia, Gostosa-Burra!

Gostosa-Burra: *(Orgulhosa de si mesma)* Isso!

(Separam um pedaço generoso de bolo e o colocam sobre a cadeira da Outra)

Largada: *(Triste)* O maior pedaço sempre vai para A Outra...

(Som de notificação de celular [som de passarinho]. As meninas comentam sobre o bolo e sobre a ausência da Outra. Durante os burburinhos, Vagabunda sai silenciosamente para ler um bilhete. Ela comemora ao terminar de ler e volta para a cena com As Outras.)

CENA III - VAGABUNDA

(Vagabunda guarda o bilhete no sutiã e senta na mesa, meio áerea, sonhadora. Meninas notam seu estado de humor)

Histérica: Que cara é essa, vagaba? Parece até que seu pedaço de bolo veio mais doce.

Emocionada: Que nada! isso é cara de apaixonada, isso sim!

Rodada: De iludida com o amor, eu diria...

Louca: No fim é tudo a mesma coisa

Largada: Pena que as histórias de amor nunca têm finais felizes...

Rodada: Especialmente as nossas *(ri de nervoso, meio sem graça)*.

Vagabunda: Triste é pouco, as minhas estão mais pra tragédias!

Histérica: Conta pra gente!!

Gostosa-Burra: É, conta!

Vagabunda: Eu conto o que aconteceu recentemente, mas você me ajuda, gostosa, assim você já vai pegando o jeito.

Gostosa-Burra: Mas eu não quero fazer um homemmmm! Eu já fiz o buço essa semana.

(Louca pega um pouco de glacê no dedo e passa no rosto de Gostosa-Burra como um bigode)

Gostosa-Burra *(Ainda fazendo birra, sendo puxada por Louca para ir para o seu lugar)***:** Ah, nãaaaaaooo! *(Experimenta um pouco com a língua, muda completamente de humor, felizinha)* Hum! É docinho!

(L*ouca balança a cabeça de forma condescendente para Gostosa-Burra e a leva até sua posição. Todas colocam-se em fila, exceto Vagabunda, que sobe na mesa.)*

Vagabunda: Eu 'tava procurando alguém! Queria me divertir! Eu tava no bem bom! Você, sim! *(Escolhendo entre os "machos". As meninas, interpretando homens, fazem poses típicas de fotos de aplicativo, Vagabunda está deslizando para a esquerda ou para a direita, mandando as meninas para a direção escolhida)* Você, não! Você, sim! Você, não! Não, não, sim *(vez da Gostosa-Burra),* talvez... sim.

As outras meninas *(em coro, como se fossem a voz do aplicativo, moldando as mãos em formato de coraçõezinhos, composição em arco)***:** Match!

Vagabunda: Como todo ser humano em período fértil, eu tava feliz de encontrar outro ser humano em período fértil!

(Enquanto Vagabunda fala, Gostosa-Burra pede a mão de Rodada para subir a mesa, Rodada auxilia a subida, mas seu movimento constante torna isso difícil e balança as duas)

Vagabunda: E aí eu conheci esse carinha!

(Vagabunda se vira para Gostosa-Burra, que está parada em cima da mesa em dúvida do que fazer, as outras a encorajam a fazer alguma coisa)

Gostosa-Burra *(no estereótipo da feminilidade)***:** E aí, gatinha?

Histérica: Não! Não é assim!

Emocionada: Tem que ser mais... Homem...

Gostosa-Burra *(fazendo birrinha, uma energia "eu não quero brincar mais se for assim!")***:** Como assiiiiimm?

Largada: Sabe aqueles caras que colocam uma toalha na cabeça e acham que isso basta para interpretar uma mulher? *(Gostosa-Burra fazendo que sim com a cabeça)* Isso, só que com um homem.

Gostosa-Burra *(entendendo, feliz de novo)***:** Aaaaaahhhh!

(Vagabunda segue contando a história, enquanto isso, Gostosa-Burra pega sua bolsinha — onde estão os papeizinhos com os nomes — e prende ao redor da cintura, como uma pochete)

Vagabunda *(entretida na continuação da própria história, assim como as outras, ninguém nota o que Gostosa-Burra está fazendo)***:** E aí eu conheci esse carinha! E ele parecia legal, gente boa, super aberto! *(Vira de novo para Gostosa-Burra, que desta vez está preparada)*

Gostosa-Burra *(interpretando um estereótipo masculino e apertando a bolsinha)***:** E aí, gatinha?

(Todas confusas)

Largada: O que que é isso?

Gostosa-Burra *(de volta com seus maneirismos normais, orgulhosa, apontando)***:** Meu saco!

(Gostosa-Burra se vira novamente para Vagabunda e volta a interpretar seu homem estereotipado, brincando com a bolsinha e se divertindo. Histérica, ansiosa, interrompe a situação, querendo acabar logo com isso.)

Histérica: Ela tá pegando a energia.

Vagabunda *(voltando a contar a história)***:** E o nome dele era... *(Pega um papel do recipiente com nomes)* [FULANO].

(As meninas aplaudem e comemoram como se fossem fãs dele e buscassem sua atenção . Gostosa-Burra, interpretando o cara, vira em direção a elas e se exibe como homem, manda beijos, brinca com a bolsinha, acena para a plateia, pisca...)

Gostosa-Burra *(em sua voz masculina forçada)***:** E aí, vidas?

Vagabunda: A gente começou a trocar... Pinturas eróticas! *(As*

outras se colocam ao redor da mesa fazendo Uuuuuuuu! E se posicionando, começam a desenhar Vagabunda e Gostosa-Burra, como se fossem modelos. Vagabunda e Gostosa-Burra fazem poses, Gostosa-Burra se divertindo zombando de homens agora que tem a bolsinha. Vagabunda segue contando enquanto posa) E tudo tava indo bem nessa de "Pinte-me como uma de suas garotas francesas", a gente conversava toda hora e ele era bem liberal. Aí ele começou a ficar interessado no que eu já tinha feito antes, e eu pensei "Tudo bem, ele quer saber mais de mim".

(As outras meninas comentam ao longo da história, entre elas, sem atrapalhar a narração, coisas como "fofo", "que bom", comentários mais superficiais que estão ali mais como "burburinho")

Vagabunda: E aí... *(Parando de posar)* Ele ficou um pouquinho interessado demais. *(Vira-se para Gostosa-Burra)*

Gostosa-Burra *(parando de posar agora)*: E então, gatinha? Com quantos caras você ficou mesmo?

(Vagabunda move os lábios falando algum número, mas sem som)

Louca *(Quebrando a quarta parede e olhando diretamente para a plateia enquanto Vagabunda dubla)*: Absolutamente qualquer número maior ou igual a um.

Gostosa-Burra *(interpretando o cara chocado)*: E você acha isso... De buenas? *(Vagabunda faz que sim com a cabeça, meio ofendida, meio sem entender)* Cara, *(pequena pausa)* igual ou maior que um é muita coisa. Tipo, é metade do meu número. *(Mais uma pausa)* E, assim, você sabe. Você é mulher, tem que se cuidar, né? Você usa pílula?

Vagabunda *(começando a ficar brava)*: Sim.

Gostosa-Burra: Camisinha?

Vagabunda: Sim.

Gostosa-Burra: Injeção anticoncepcional? *(Tira um caderninho e uma caneta da bolsinha e começa a anotar as informações, não dá mais tempo para Vagabunda responder, que fica cada vez mais irritada)* Já teve que usar pílula do dia seguinte alguma vez? Já praticou algum aborto? Como é a sua menstrua-

ção? Você usa sabonete íntimo? Se sim, qual marca? *(Vagabunda tenta interromper algumas vezes, falando "Fulano, Fulano?" até enfim perder a paciência)*

Vagabunda *(olhando para a plateia)***:** CARALHO, FULANO!

(Gostosa-Burra para) Você não é meu ginecologista!

Gostosa-Burra *(seu personagem com o ego ferido)***:** Eu... Nem queria mesmo! Você nem é tão bonita assim... sua... sua... Vagabunda

(Vagabunda facilmente empurra Gostosa-Burra, que solta um gritinho saindo do personagem, para fora da mesa, as outras a seguram.)

(Uma pequena pausa, Vagabunda se recompõe, arruma os cabelos e então conclui)

Vagabunda: E foi isso. Essa é a magnífica história de FULANO. (Todas aplaudem)

Histérica: Fantástica história, Vagaba!

Rodada: Muito divertida!

Gostosa-Burra *(ainda se recuperando da queda, mas concordando)***:** Aham...

Emocionada *(já emotiva)***:** Eu... Eu realmente achei que ele seria o amor da sua vida... Vocês pareciam tão bem juntos no começo... Por que isso sempre acontece?!?!? *(Começa a chorar, enxuga os olhos com guardanapos. As outras já estão acostumadas, e Histérica simplesmente dão tapinhas encorajadores em seu braço)* Desculpem-me, já me recompus *(funga)*.

Histérica *(apressada)***:** E então? Quem é a próxima?

(Elas se olham)

Largada *(com a parte de cima do corpo deitada na mesa, bocejando)***:** Eu tenho uma boa...

Histérica: Ah, ótimo! Vamos ouvir! *(Largada já está dormindo)* Largada? Largada?

(Cutuca Largada, que apenas grunhe e continua a dormir)

Emocionada: E você, Histérica? Tem alguma história?

Histérica: Não, sem história.

Rodada: Como assim? Você deve ter alguma história.

Histérica: Não tenho.

Vagabunda: Nem uma?

Histérica: Nem uma.

Rodada: Ah, vamos! Conte alguma coisa! Você nunca conta nada!

Histérica *(começando a perder a paciência)*: Rodada, por que não conta você? *(Em tom de crítica mascarada)* Você deve ter várias...

Rodada: Tenho... *(Mexendo no bigode)* Eu adoraria contar sobre cada um deles, mas ainda não é o momento... Enquanto isso, *(tira uma garrafa de vodka debaixo da mesa)* sirvamos mais uma rodada!

(Blackout. Inicia-se uma projeção com som de chiado de televisão.)

(Uma voz de locutor masculino é reproduzida.) Interrompemos nossa programação para o anúncio doooooo pano! *(Foco de luz em Gostosa-Burra, no meio do palco, com um pano em mãos, dançando como uma dançarina do Faustão)* A invenção favorita de todas as mulheres! Pano de chão*! (Mais um foco, desta vez em Histérica, em um canto, passando pano no chão com um sorriso comercial, seca suor falso da testa)* Ele é perfeito para você, sim você mesma! Que adora passar pano para aquele seu amigo, ficante ou namorado inconveniente e maaaaaachista!

(Todas sorriem com panos nas mãos)

Rodada: Eu passo pano pro meu amigo pelo menos três vezes ao dia!

Emocionada: Eu passo pano pro meu namorado de 12 em 12 horas! Eu adoro passar pano!

(Vagabunda e Largada vão até Louca, que permanece como homem e começam a passar pano nela)

Locutor: Ele tem 78 tipos de fios, pra te inspirar a passar esse pano de 78 formas diferentes! Vai ficar fora dessa? Compre já o seu!

(Toca o Jingle do produto "O PANO") "Vem passar pano você também. Vem!" (Blackout. Som de troca de canal.)

CENA IV - "PASSARINHO, QUE SOM É ESSE?"

(Mudança do cenário; colocam cadeiras de bar, a vodka é colocada em cima da mesa junto com um copo americano e um copo stanley. O ambiente se transforma em um bar. Elas fazem bigodes em si a partir de recursos dispostos na cena; Uma trilha sonora amena substitui a percussão, como uma quebra, com sons da natureza que embalam uma atmosfera lírica e erudita.)

Emocionada: "Há um pássaro azul em meu peito que quer sair, mas sou duro demais com ele, eu digo, fique aí, não deixarei que ninguém o veja"

Histérica: "Há um pássaro azul em meu peito que quer sair, mas eu despejo uísque sobre ele e inalo fumaça de cigarro e as putas e os atendentes dos bares e das mercearias nunca saberão que ele está lá dentro"

(Começam a desenvolver gestos e entonações mais sexuais)

Gostosa-Burra: "Há um pássaro azul em meu peito que quer sair mas sou duro demais com ele, eu digo, fique aí, quer acabar comigo? Quer foder com minha escrita? Quer arruinar a venda dos meus livros na Europa?"

Largada: "Há um pássaro azul em meu peito que quer sair mas sou bastante esperto, deixo que ele saia somente em algumas noites quando todos estão dormindo. eu digo, sei que você está aí, então não fique triste"

Todas: "Depois o coloco de volta em seu lugar, mas ele ainda canta um pouquinho lá dentro, não deixo que morra completamente e nós dormimos juntos assim com nosso pacto secreto e isto é bom o suficiente para fazer um homem chorar, mas eu não choro, e você?"

(Durante a fala da Louca "conversando" barbaridades numa espécie de transposição de um grupo de conversas sujas de whatsapp para o real. Gestual obsceno.)

Louca: *(para a plateia)* Este é, sem dúvida, um dos poemas mais célebres do autor e aquele cuja tradução suscita mais interesse ao ouvinte. Ele está carregado de simbologia: o animal preso, enjaulado em seu peito, parece representar a tentativa de controlar as emoções. Já a cor azul remete para os sentimentos de tristeza, melancolia e depressão, dessa ave aprisionada, condenada pelo seu gênero.

(Volta-se a ouvir a conversa dos caras no bar)

Rodada: O meu é uma rolinha! *(faz um gesto de "grande" com as mãos)*

Louca: *(Voltando para a mesa, fala maliciosamente)* É mesmo...

(Louca e Rodada trocam um olhar demorado de "brothers <3")

Vagabunda: *(Quebrando o clima, em tom contemplativo)* PI-CA-PAU... é o meu pássaro preferido...

Emocionada: O meu também! *(Maliciosamente)* É de fato um pássaro muito masculino, assim como os tucanos, os anus, os curiós...

Rodada: *(Bem heterossexual)* Já eu gosto mais do Beija-flor!

Todas: *(Desconcertados)* Sim, sim, é verdade...

(Pausa.)

Gostosa-Burra: Vocês sabiam que o Brasil possui cerca de 51 espécies diferentes de pica-paus? Nós temos o pica-pau-de-cabeça-amarela, o pica-pau-branco, o pica-pau-de-topete-vermelho, com uma grande crista vermelha na cabeça, o pica-pau-dourado, com uma plumagem verde-dourada magnífica... Todos eles com suas cores vibrantes e o seu instinto animal de picar madeira, em busca de pequenos insetos para se alimentar!

Largada: Uau... Eu nunca tinha parado para pensar nisso.

(Rodada levanta)

Histérica: Aonde você vai?

Rodada: Eu tenho um encontro.

(Um feixe de luz é aceso em outro canto do palco, onde se encontram um violão e flores dispostas em um cesto. Rodada sai da mesa e se direciona para lá. Ela assume uma pose galante, pegando o violão e começando a tocar e a cantar desafinadamente "Tempo Perdido". No bar, as meninas tiram seus casacos e bigodes. Emocionada se ajeita ansiosamente e As Outras a ajudam a se arrumar para um encontro. Quando terminam, Emocionada vai na direção de Rodada, mas antes disso, ela pega um nome dentro do jarro. Enquanto ela pega o papel e se aproxima, Rodada canta com seu violão "A tempestade que chega é da cor dos seus olhos castanhos..ou talvez sejam esverdeados... quem sabe azuis ou cor de mel... não consigo ver assim tão longe...e eu nunca reparei nessas coisas...eu só queria mesmo te pegar" .

CENA V - EMOCIONADA

Emocionada: Você canta tão bem!

Rodada: (Ao perceber Emocionada, pega uma flor, cheira-a profundamente e a dá para moça) Uma flor para outra flor.

Emocionada: Nossa, obrigada *(tira o papel do sutiã)* [FULANO], ontem foram chocolates, hoje são flores, cuidado se não eu vou ficar acostumada *(ri)*.

Rodada: Eu adoro te mimar, vai se acostumando que eu sou assim. *(acaricia o rosto de Emocionada e olha em seus olhos com afeto)* Você é tão linda, Emocionada. Eu poderia olhar pra você o dia inteiro que eu não me cansaria, ainda seria pouco! Eu atravessaria o mundo a pé só pra passar 1 hora, não! 1 minuto, um segundo com você! eu seria capaz de secar toda a água do mar com meus próprios braços se isso significasse poder encostar em você, na sua pele, nos seus lábios... Eu nunca me senti assim antes! Eu tenho até medo do tanto que eu gosto de você, Emocionada.

Emocionada: Eu adoro ficar com você.

(Rodada a puxa para mais perto de si. Se olham com afeto, Rodada beija a testa de Emocionada).

Emocionada: Eu... Eu acho que eu tô me apaixonando por você...

Rodada: *(Se afasta)* Uou uou uou, calma lá Emocionada, você entendeu tudo errado. Acho que as coisas estão indo rápido demais entre nós dois, eu não estou procurando um relacionamento agora, a louca *(Louca reage dando uma garfada\esfaqueando o seu pedaço de bolo)* da minha ex me deixou muito traumatizado e eu não tô preparado pra namorar de novo, você me entende, não entende?

Emocionada: Como assim, [FULANO]? Você literalmente falou que adoraria me apresentar pra sua mãe!

Rodada: Eu nunca disse isso.

Emocionada: *(Revoltada)* Disse sim.

Rodada: Bem, talvez eu tenha dito...

Emocionada: *(Triste)* Você disse isso no nosso primeiro encontro, logo depois de me beijar.

Rodada: Ah, mas não é porque eu fiz você se sentir especial, te tratei como minha namorada por duas semanas, um mês, que eu vou namorar você *(ri)*. Eu só falei isso pra te comer!

(As Outras ficam chocadas).

Emocionada: *(Interrompendo a cena, falando para a plateia)* Isso, é o que ele teria me dito se ele tivesse sido sincero comigo, em vez disso ele me disse... *(Volta à cena)*.

Rodada: Nada do que eu te falei foi mentira, eu realmente acho que você é a mulher ideal pra mim, você é muito melhor do que a minha ex... eu quero ficar com você, só não agora, sabe? Eu preciso focar mais em mim. Eu gosto de ficar com você, só não se acostuma tá, Emocionada?

(A cena se desfaz).

Emocionada: *(Triste)* Aí ele começou a ficar diferente, já não

falava mais comigo com a mesma frequência, foi ficando cada vez mais distante de mim. Ele disse que gostava de mim... Como eu fui burra!

(As Outras se aproximam dela para consolá-la).

Louca: Não, você não foi burra, você simplesmente se apaixonou por um idiota, acontece.

Emocionada: Mas eu não devia ter me deixado levar pelas coisas que ele me falava, eu não podia ter deixado isso acontecer.

Largada: Acontece, todo mundo aqui já passou por isso.

Rodada: É verdade, eu não sei nem quantas vezes isso me aconteceu.

Histérica: Você precisa entender que não você não fez nada de errado, muito pelo contrário, você seguiu o seu coração. Tudo bem que ele fez você se declarar pra um babaca, mas às vezes o coração engana a gente.

Emocionada: Eu fui usada e dispensada, virei a carta na manga... *(pausa)*. Eu sempre acabo acreditando demais nos homens, sempre acho que eles podem ser melhores do que são, mas eles sempre acabam me decepcionando.

(Pequena pausa).

Largada: Quem precisa de homem?

Histérica: Você tem a gente, nós sempre vamos estar aqui por você. *(Todas se reúnem em volta de Emocionada e a abraçam).*

ATO II - UM CONTO DE FALHAS

CENA VI - CARTAS DE TAROT

(As meninas colocam uma pequena mesa e duas cadeiras mais à frente do palco, próximo à plateia. Luz focalizada na mesa. Todas voltam para a mesa do chá, mais para trás do palco. Começa a tocar "Escrito nas estrelas" de Tetê Espíndola.)

(Louca e Vagabunda ocupam as cadeiras. Louca estará com algo que simbolize uma bola de cristal)

Vagabunda: Então, Louca, me diz logo, estou com sorte ou não? o que vai ser de mim?

Louca: Muita calma, senhorita, não é assim que se trabalha com as forças superiores.

Vagabunda: Preciso saber o que me aguarda

Louca: Oh, forças esotéricas, que seus poderes enigmáticos se apresentem, e que as verdades ocultas se revelem. Oh senhores do destino, e tudo que há de sagrado, tudo que há de divino, me digam agora como pode uma vagabunda ter um futuro nobre?

(Vagabunda ansiosa. Vagabunda tenta ver as cartas enquanto louca as analisa. Se for bola de cristal, as luzes podem oscilar)

Louca: Interessante...

Vagabunda: O que? o que você está vendo? diz logo, Louca!

Louca: Vejo em seu futuro algo inacabado retornando...

Vagabunda: Só pode ser isso, eu sabia! O que mais você vê?

Louca: Algo que vai mudar o rumo da sua vida toda...

Vagabunda: Sim...

Louca: Você tem esperado isso por muito tempo...

Vagabunda: Sim!

Louca: Nossa, ele é lindo!

Vagabunda: Diz logo! ele quem?

Louca: Seu diploma do doutorado, né, bobinha? O que mais seria? Você vai conseguir terminar esse ano.

(Vagabunda comemora)

Vagabunda: *(Olha para as meninas na mesa de chá e diz para elas)* Que foi? acharam que era o que? Eu posso ser piranha, mas sou piranha formada. *(Levanta da mesa, joga o cabelo e faz uma saída triunfal com uma música de funk)*

Louca: *(muda a expressão repentinamente para uma expressão assombrada)* Oh, céus! Estou vendo outra coisa, uma coisa terrível... *(faz suspense. Dirige-se para a plateia e diz com voz misteriosa)* Alguém nesse lugar vai terminar seu relacionamento até o fim desse chá. *(Silêncio enquanto encara a plateia. Volta com a voz normal)* Mas não se preocupem, claro que não seria você, não é mesmo? Afinal, você é diferente dos outros homens *(levanta saltitante e volta para a mesa de chá)*

(Entra um remix das músicas "É Por Isso Que Sofre", da MC Tati Quebra Barraco, e de "Analfabeta" da MC Naninha).

CENA VII - GOSTOSA-BURRA

Todas: Sua vez! Vai! Vai ser divertido!

(Gostosa-Burra se decide e pede a mão para vagabunda ajudá-la a subir na mesa. Gostosa-Burra se prepara para começar, Emocionada vai até o recipiente com nomes, pega um papel e se transforma em um macho, subindo na mesa ao lado de GB.)

Gostosa-Burra: Começou durante a recente peste, aulas a distância, amigos por correspondência. E todo mundo gostava do *(pega o papelzinho da mão de Emocionada)* FULANO. Ele era participativo, falava nas aulas... *(Interrompida)*

Emocionada *(Imitando um homem)***:** Eu era participativo, falava nas aulas...

Gostosa-Burra: Sim... *(Interrompida)*

Emocionada: Simpático, divertido, legal... Humilde. Vários amigos. *(As Outras ao redor da mesa: "Fulano! Fulano! FULANO!". Respondendo a elas)* Oi, tudo bem? Essa semana não vai dar, muito ocupado, quem sabe na próxima? Como é que vai? Você é muito bonita, já pensou em fazer uma sessão de nu artístico?

Gostosa-Burra: Tipo, ta ligado, tão Galera! Viramos amigos à

distância!

Emocionada: E aí, Gostosa-Burraaaaaa?

(Abraça longamente, ela tenta várias vezes sair, eventualmente consegue)

Gostosa-Burra: Durante as aulas ele era...

Emocionada: Então, professor, muito interessante, muito interessante... Eu tenho uma experiência muito parecida com a de Freud, me identifico tanto com ele, acho que se eu estivesse na época dele, não seria de Freud que nós estaríamos falando. Seria de FULANO. *(Falsa modéstia)* Assim, eu acho. Então, eu acho que talvez eu tenha mais propriedade para falar sobre do que o senhor. Dá licença, um pouquinho, querida *(empurrando Gostosa-Burra, para o lado, para que pudesse ficar ao centro)* Porque, assim, eu acho que... *(Continua palestrando apenas com movimentos de boca)*

Gostosa-Burra: Muito participativo! Generoso de compartilhar a sua tão... Relevante contribuição para as aulas... E ele falava que gostava tanto de falar comigo!

Emocionada: *(saindo de sua palestra bem gesticulada e se virando para Gostosa-Burra)(Protagonista?)* Gostosinha-Burrinha! Tão bom te ver! *(Mais um abraço longo e desconfortável)* Como vai?

Gostosa-Burra: Então, eu...

Emocionada: Gostosa-Burra, eu já ia me esquecendo... Eu precisava te agradecer!

Gostosa-Burra: Me agradecer? Pelo o que?

Emocionada: Por tudo o que você me ensina, eu aprendo tanto com você! Eu percebi que eu sou um homem desconstruído agora, e tudo graças a você! Eu, como um homem branco, heterosexual, loiro, de olhos claros, forte, inteligente, másculo, de boa índole... Aprendi muito com você nesse último período de aulas, mesmo a distância... *(Se emociona)* Eu acho muito bonito que você tirou minha cor de mim, tirou estereótipo de mim, você me aceitou.. Obrigado!

(Dá um abraço apertado em Gostosa-Burra, que fica desconfortável e se afasta aos poucos).

Gostosa-Burra: Ah que bom que você tá pensando mais sobre o seu lugar na sociedade como um homem branco heterosexual e...

Emocionada: Loiro, de olhos claros, forte, inteligente, másculo, *(dando em cima dela)* bom de cama... e você como uma mulher... ai como eu posso falar isso... Será que eu posso?... É... mulata... não acho que essa palavra não pode né? É... morena? negra? *(GB faz que sim com a cabeça)*... gostosa e bu... *(Volta a ficar sério)* Eu aprendo muito com você Gostosa-Burra!

Gostosa-Burra: Mas eu não sou sua professora pra ter que te ensinar essas coisas, você precisa buscar informações sozinho, eu não tenho que te pegar pela mão e te ensinar o básico sobre como...

Emocionada: *(Interrompe)* Legal, legal, mas também não precisa ficar nervosa, agressiva! *(Ri e muda de assunto)* Nossa, você não sabe o que aconteceu comigo ontem? Você não vai acreditar!

Gostosa-Burra: *(Revirando os olhos)* O que...?

(Emocionada abre a boca, sem som, e gesticula com muita animação, faz vários gestos, como o de uma escalada, uma luta, etc...)

Louca *(Para a plateia)***:** Aqui ele conta uma história prolixa, comum e extremamente desinteressante.

Gostosa-Burra: *(underwhelmed)* Ah, legal.

Emocionada: Legal?! Demais! Fantástica!

Gostosa-Burra: É que...

Emocionada: Acho que você não entendeu, hein? Essa cabecinha! *(Cutucando a testa dela)* Mas não se preocupa, eu conto de novo pra você.

Gostosa-Burra: Mas...

Emocionada: De nada. Então, eu tava lá... *(Começa a gesticular a história de forma exagerada sem fazer som)*

Gostosa-Burra: Enfim, era... Divertido... E tudo ia bem na nossa amizade, até um dia na aula...

Emocionada: Então, professor, eu só tô dizendo, minha resposta na prova não tava de acordo com o que o filósofo dizia, MAS você não acha o meu pensamento muito mais complexo, refinado até?...

Gostosa-Burra: A gente estava vendo Capitalismo Tardio e eu simplesmente levantei a mão e disse que no Capitalismo Tardio tinha uma chance tão ínfima de ascensão social para as camadas mais pobres da população que ela é praticamente inexistente, sendo mais provável uma pessoa sem privilégios ganhar na loteria a alcançar os privilégios da classe dominante por meio de seu próprio esforço. E que as pessoas descartam o Socialismo rápido demais, sempre utilizando exemplos como Rússia, China ou Cuba, que sequer aplicam de fato o Socialismo, e ignoram o exemplo do Vietnã, em que o Socialismo foi melhor aplicado, seguindo sua própria ideia de "o socialismo é uma sociedade que, continuamente, melhora a vida física e espiritual das pessoas, principalmente dos trabalhadores". Até porque eu realmente acredito que até o pior tipo de socialismo não é pior que o melhor tipo de capitalismo. *(Para um segundo)* Aparentemente, ele não sabia que eu tinha um doutorado em Economia. E, aí, tipo, ele começou a me ver como rival? E, tipo, falar mal de mim? E dizer que:

(Enquanto a história continua, Largada se distancia das outras meninas. Ela está cansada e apática, andando próximo à cadeira da Outra, e ao tropeçar e cair, fica deitada no chão até o final da história).

Emocionada: Ela nem é tão inteligente assim. Ela fala TIPO.

Todas *(chocadas)***:** OH!

Gostosa-Burra: Às vezes homens são tão bobinhos...

Histérica: Empurra ele.

Gostosa-Burra: O que?

Rodada: É, empurra!

Gostosa-Burra: Ah, eu acho que não precisa...

(As meninas insistem para que GB empurre o macho, GB reluta, mas acaba cedendo quando ele diz "é, eu gostava mais de você quando você era uma cara bonitinha na tela", ela o empurra com um dedinho, todas aplaudem. Ela se sente melhor. Todas riem, menos Largada)

CENA VIII - A LARGADA E A OUTRA

Largada: Todas essas histórias são tão tristes...parecem minha vida.

(Largada continua deitada no chão, próxima a cadeira da Outra e em oposição às Outras. As meninas percebem sua presença e parecem preocupadas, conversando um pouco mais baixo).

Rodada: Meninas, vocês sabem o que aconteceu com ela? Ela parece mais Largada do que o normal...

Louca: *(Em tom de fofoca faz sinal para As Outras se aproximarem)* poucas pessoas sabem, mas a Largada terminou o namoro faz pouquíssimo tempo, parece que ele já está com outra...

Gostosa-Burra: *(Espantada)* COM A OUTRA?

Louca: Não ESSA outra, com OUTRA!

Todas: AHHH...

Louca: Mas enfim meninas, vamos evitar de falar desse assunto com ela. É tudo muito recente e ela ainda tá muito abalada.

(Todas concordam. Logo em seguida, seguem na direção de Largada para tentar animar a amiga).

Emocionada: Nossa, Rodada, mas esse chá está mesmo divino *(se aproxima de Largada, falando com ela)* você não quer mais uma xícara, querida?

Vagabunda: Você adora esse chá!

(Largada não reage).

Histérica: *(preocupada)* Tem certeza? Não quer tomar alguma coisa? Eu tenho dipirona, Buscopan, nimesulida, Neosaldina, Dona Nilza, Rivotril...

Largada: Vocês são muito gentis. Mas não preciso de nada disso, obrigada.

Gostosa-Burra: Então vamos apenas nos levantar do chão, hein? Que tal? *(Levantando Largada do chão, As Outras Também ajudam)* Isso querida, vem, vamos voltar para a mesa.

(Foco de luz contínua na cadeira da Outra. Som de notificação de celular (som de passarinho) Emocionada é a última a sair do lugar. Escondida, ela lê um bilhete que recebeu, e após a leitura ela volta animada para a mesa. As Outras percebem a sua animação fora de hora e ela disfarça).

(Todas estão na mesa sem falar nada. Uma cena silenciosa. Elas comem e bebem, e Largada continua triste e sem tônus. Rodada serve mais chá para Largada, e acaba derramando um pouco na mão da amiga).

Louca: Cuidado, você vai queimar a Largada!

(Pequena pausa)

Largada: *(Chorosa)* Ahhh, tudo me lembra ele!

Gostosa-Burra: Mas e a Outra? *(Todas olham para ela em tom de repreensão)* A NOSSA Outra... Será que ela não vem mesmo?

(Todas procuram ao redor).

Histérica: *(ansiosa)* Será que ela não gosta de chá?

Rodada: Ah, a gente sabe bem do que ela gosta...

(Todas olham para ela. Momento de suspensão)

Louca: *(para a plateia, em tom de fofoca)* Isso vai ser bom...

Rodada: Eu estou apenas dizendo... A cidade fala. E a voz da cidade não tem sido a mais gentil com A Outra.

(As luzes se apagam e resta somente um foco de luz na cadeira da Outra).

Emocionada: Há... Rumores de saídas tarde da noite

Histérica: Desaparecimentos inexplicáveis... *(Em tom ainda mais acusatório)*

Louca: Marcas de batom...

Vagabunda: É muito fácil atrair a Outra. Basta se mostrar indisponível e ela vem correndo, como se sua vida dependesse disso.

Largada: Há um homem na cidade, muito distinto, elegante e, ouvi dizer... Casado. *(As outras reagem)*. Mas sua esposa começou a estranhar, longas viagens de trabalho, distanciamento emocional... Um brinco.

Gostosa-Burra: A senhorita Outra tem se encontrado com um homem casado!

Rodada: É uma destruidora de lares

Histérica: Uma pária.

Emocionada: Um monstro...

Todas: Uma amante!

(As luzes voltam).

Louca: Ah, mas quem somos nós pra julgar, não é mesmo?

(Silêncio. Clima tenso entre as meninas).

CENA IX - QUEM SOU EU?

(Histérica se levanta e bate em uma xícara com um talher para chamar a atenção das outras meninas).

Histérica: Ai são tantas intrigas e histórias absurdas que eu acho que nós merecemos uma pausa, não? Que tal um jogo? Eu e a Louca gostaríamos de propor uma dinâmica um pouco diferente pro nosso encontro de hoje...

Louca: Vocês vão adorar esse Jogo, ele se chama "Quem sou eu?". É basicamente um jogo onde certas personagens são denominadas às atrizes e elas precisam conhecer o seu papel e dar vida a ele. Para facilitar a brincadeira, nós já deixamos separadas algumas personagens...

Histérica: *(Pega um saquinho com papeis dentro).* Mulheres escritas por homens! *(As meninas demonstram-se empolgadas com a ideia).* Louca, gostaria de fazer as honras?

Louca: Mas é claro querida!

(As meninas se posicionam em fileira no centro do palco, inermes, como manequins. Louca distribui os papeis, colocando-os na testas das Outras).

[Neste momento, gostaríamos de colocar personagens icônicas do teatro, continuamos na pesquisa de relacionar os estereótipos que utilizamos na peça com outros personagens escritas por homens, por isso, essa parte está incompleta]

Louca: Largada será Ofélia, de William Shakespeare. *(Gostosa--Burra será Nora Helmer?, de Henrik Ibsen?. Emocionada será nossa querida Julieta, também de Shakespeare. Histérica será (???, de ???).* Rodada será Hedda Gabler, de Henrik Ibsen. Vagabunda será a personagem mais encontrada nas peças de Bertolt Brecht, Jenny! *(Pega um papel e coloca na sua própria testa)* Louca será *(Blanche DuBois?, de Tennessee Williams?) (Vai em direção a cadeira da Outra)* E A Outra será a nova esposa de Jasão, a rival de Medeia.

Todas: Sem falas, sem nome definido. Não aparece e nem aparecerá na peça.

(As garotas vão em direção a mesa e se sentam. Elas retomam as personagens por completo, como se esquecessem o momento vivido anteriormente).

Emocionada: Eu acho que entendi como essa brincadeira fun-

ciona, posso ser a primeira?

Histérica e Louca: - Claro!

Largada: Eu quero ser a próxima!

Histérica: Certo, a Largada vai na próxima rodada, então. (Rodada mostra confusão).
(Emocionada se levanta da cadeira, mas continua próxima à mesa).

Largada: Nossa amiga, essa é a sua cara!

Emocionada: Sério? *(Empolgada)* Eu sou jovem? *(As meninas fazem que sim)* Hmm... Eu me apaixonei por um homem? *(As meninas fazem que sim novamente empolgando-se junto com Emocionada)* Eu morri por amor?

As Outras: *(Em ritmos e intenções diferentes)* Morreu!

Emocionada: EU SOU A JULIETA!

(Todas batem palmas para a Emocionada, que se senta novamente).

Largada: *(Se levantando)* Hmmm deixa eu pensar... A minha vida gira em torno de um homem? Tipo um pai, um irmão ou um namorado?

Gostosa-Burra: Nossa amiga eu diria que gira em torno dos três!

Rodada: Eu diria que até a sua morte gira...

Largada: *(Confusa)* A minha morte? Caramba... *(ri de nervoso)*. É... vocês falaram do namorado, não é? Ele por acaso me fez juras de amor, me escreveu poemas lindos, mas depois que dormiu comigo mal olhou na minha cara, me usando e depois me jogando fora?

Vagabunda: Eles sempre fazem isso...

Largada: EU SOU A OFÉLIA! Eu caí num rio!

Emocionada: É... não foi bem uma queda, amiga, você meio

que digamos... se afogou propositalmente naquele rio...

Largada: *(Triste, se sentando)* Ah... é verdade.

(Breve momento de pausa e reflexão).

Vagabunda: *(Levantando-se alegremente)* Agora é a minha vez!

Gostosa-Burra: Ah essa tá fácil, ela vai adivinhar em 30 segundos!

Vagabunda: Deixa eu pensar... Eu trabalho?

Louca: A sua profissão é a mais antiga da humanidade!

Vagabunda: *(Pensativa)* Eu fui escrita por Brecht?

Rodada: Sim, a mais escrita!

Vagabunda: *(Reflete hesitantemente, começa a recitar o Alabama Song)*
Oh, show us the way
To the next whisky bar

(As Outras se juntam a ela, agora cantando)

Oh, don't ask why
Oh, don't ask why
For we must find
The next whisky bar
For if we don't find
The next whisky bar

(Vão se levantando da mesa lentamente)

I tell you we must die
I tell you we must die
I tell you, I tell you
I tell you we must die!

(Histérica pega uma garrafa de Whisky que estava escondida, levantando-se sobre sua cabeça, e enche o bule de chá com a bebida).

Vagabunda: EU SOU A PROSTITUTA JENNY!

As Outras: *(Num tom cortante)* UMA MERCADORIA!

(Histérica, transtornada, pega a garrafa de Whisky e a enverga sobre a sua boca).

Louca: *(Tirando a garrafa de Histérica)* Acho que já chega desse jogo por hoje! Vamos voltar às histórias? E pra comemorar, mais uma rodada!!

Rodada, Largada, Emocionada e Louca: *(continuam a cantar)*
Oh moon of Alabama
We now must say goodbye

(Louca bebe da garrafa de whisky, depois serve um pouco na boca da Vagabunda e da Gostosa-Burra. Histérica continua transtornada)

We've lost our good old mama
And must have whisky, oh you know why

(Todas vão se transformando em homens, tirando as plaquinhas do jogo anterior e colocando casacos e bigodes.)

Todas: Oh moon of Alabama
We now must say goodbye
We've lost our good old mama
And must have BOYS, oh you know why

(Blackout. Começa a transição para o bar. Abre uma projeção um comercial de TV)

(Em voz de locutor masculino): Nós gostaríamos de apresentar o nosso mais novo produto! *(Foco de luz em Gostosa-Burra sorrindo e parada como uma boneca)* A bonequinha!

(*Som de palmas)*

Gostosa-Burra: *(descongela, acena para a plateia ainda com modos de boneca)* Hi, Barbie!

(Locutor): Olhem como ela é boa em ser bonita! *(Gostosa--Burra segue acenando e sorrindo)* É um excelente objeto de decoração! E... *(criando expectativa.)* Quando você aperta a

barriga, ela fala!

(Emocionada se aproxima e aperta a barriga de Gostosa-Burra repetidamente com pequenos intervalos.)

Gostosa-Burra: Tipo... Tipo! Tipo. Tipoooo. *(Continua)*

(Emocionada fica emocionada.)

(Locutor): Ela vem com trinta e sete modos diferentes de falar a palavra "tipo"! Compre já a sua! *(Ao fundo: "Tipo! Tipo. Tiiiipo")*

(Blackout)

CENA X - HISTERIA NÃO É PRO MEU BICO!

(O ambiente muda para um bar, copos e garrafas são colocados.Todas se sentam)

Louca: *(deslocada da cena, olhando para a plateia, enquanto as meninas ainda colocam seus bigodes)* Passarinho, que som é esse?

(Som de mensagens chegando. Piado de passarinho)

Largada, Emocionada e Gostosa: (*cantam em coro, visivelmente bêbadas)* Ainda por cima é uma tremenda gata
Pra piorar a minha situação
Se fosse mulher feia 'tava tudo certo
Mulher bonita mexe com meu coração

Rodada: ihh, não canta essas românticas não que eu lembro da minha ex.

Largada: A vadia?

Rodada: Ela mesmo. Puta mina gata, pena que era tão...

Homens em coro: vadia!

Rodada: Vocês acreditam que ela postava foto de biquíni enquanto a gente tava junto? Sabe, eu sou a favor da liberação dos corpos femininos, por mim as mulheres andavam sem blusa

igual a nós, homens. Mas isso não é coisa de mulher comprometida, né?. Tudo bem que ela tava passando as férias na praia com a família, mas não justifica. Bom, ela que perdeu, né? não soube valorizar, tinha o cara mais gato...

Gostosa-Burra: o mais magnético...

Histérica: O que a família mais quer por perto...

Louca: Melhor maconha, melhor beijo...

Vagabunda: Melhor sexo, o mais consciente...

Rodada: Sim, velho, não é fácil ser eu. O tanto de olhar que eu recebo na rua e ela não valorizou o esforço que eu fiz pra não trair...uma ingrata!

Emocionada: Ai, velho, isso cansa demais, tô esgotado já, sabe? A menina que eu costumava ficar me sugava...

Vagabunda: Ah, a iludida, né? Essa gostava de fantasiar...

Emocionada: A gente se via tipo duas vezes por mês e ela dizia que não se sentia especial...ela não entendia que eu tava dando meu máximo naquela relação, pô!

Largada: Mas isso já diziam desde a Grécia antiga, mulher é que nem bicho...tudo à flor-da pele...

Gostosa-Burra: *(levanta-se e faz pose de quem vai discursar)* "Portanto, as mulheres são mais compassivas e prontas a chorar, mais invejosas e mais sentimentais e mais contenciosas. A fêmea também está mais sujeita à depressão do espírito e ao desespero do que os homens. Ela é também mais desavergonhada e falsa, mais prontamente enganada, e mais atenta às injúrias, mais ociosa e, em geral, menos excitável que o macho. Pelo contrário, o macho está mais disposto a ajudar e, como já foi dito, mais valente do que a fêmea". Aristóteles, a História dos animais.

(Homens aplaudem em coro, emocionados, alguns até choram)

Emocionada: Muito bem falado! Sensíveis até demais...A iludida chorou só porque eu comecei a namorar outra quando eu disse pra ela por 6 meses seguidos que não estava pronto pra

namorar.

Louca: E o que você fez?

Emocionada: Como sou cavalheiro, deixei ela chorar no meu ombro, tentei consolar. Ofereci minha casa pra gente ir transar pela última vez pra ela aproveitar um pouquinho de mim, tipo despedida de solteiro. Ela ainda ficou ofendida...

Histérica: Homens e mulheres têm diferenças naturais, isso elas precisam entender. Poxa, eu sou feminista, mas eu também sofro por ser homem, sabe? Homens morrem mais cedo que mulheres, vão pro exército. É claro que cometo erros, mas o que se esperar de um homem cis, hétero e branco como eu, né? A sociedade me criou assim...

Gostosa-Burra: A minha ex era a pior de todas. Ainda bem que me livrei.

Largada: A surtada, né? Mas não foi ela que terminou?

Gostosa-Burra: Ah, isso são detalhes...

Histérica: Ela era fichinha comparada à minha. Sabem de quem eu tô falando, né? Homens em coro: A histérica!

Louca: *(Levanta e vai para a frente, coloca Óculos e uma camiseta branca representando um jaleco)* Histeria. Do grego hystera. Órgão das fêmeas dos mamíferos onde se gera o feto. O útero.

(Homens reagem perplexos)

Louca: Durante vários períodos da história, a histeria foi diagnosticada como uma doença, mas não qualquer doença, uma doença tipicamente feminina. Eles acreditavam que o útero influenciava nos outros órgãos do corpo, fazendo com que as mulheres tivessem comportamentos estranhos. Atenção, senhores, fiquem atentos aos sinais.

Vagabunda: Doutor, minha mulher está ansiosa

Rodada: Doutor, minha mulher está sempre cansada

Louca: Os senhores têm deixado todas as tarefas domésticas, o

cuidado com os filhos, a função de terapeuta, parteira, dona de casa e enfermeira como o recomendado?

Vagabunda e Rodada: Claro!

Louca: Interessante...

Gostosa-Burra: Doutor, minha mulher está apresentando desejos sexuais...

Louca: Ela tem sido reprimida socialmente, intelectualmente e sexualmente? Tem sido tratada como objeto por você e por toda a sociedade como o recomendado?

Gostosa-Burra: Com certeza!

Emocionada: A minha está deprimida e irritada, com insônia e preocupada

Largada: Com uma tendência a causar problemas para os outros

Histérica: Doutor, minha esposa é uma mulher!

Louca: Meus senhores, é gravíssimo. O Diagnóstico é certo! Histeria feminina!

(Homens reagem impressionados e fazem comentários baixos como " sempre desconfiei" ou "só podia ser)

Gostosa: E agora? O que faremos?

(Todas aguardam ansiosamente a resposta do médico que parece fazer suspense)

Louca: A resposta é simples: a resposta é...hm...é...ah, coloca o jogo do flamengo ai, pô!

Homens *(comemoram)***:** Aêê!! Mengão!! Desce mais litrão!!

(Entra uma música de percussão. Logo em seguida é iniciado um momento de mostração para o público. Rodada sai da mesa e os caras continuam fazendo gestos sem fala, ela retira a sua caracterização de "homem").

CENA XI - RODADA

(Rodada vai até o jarro com nomes, enche a mão com papeis e os enfia dentro do corset, retirando diversos nomes durante a cena)

Rodada: *(Como que falando para as amigas)* Tudo bem! Acho que a fofoca já pode voltar. Eu tenho uma história pra contar! *(Corrigindo)* Algumas histórias...

(Todas se rearranjam em posição de baile. Histérica, é a "primeira da fila". Rodada começa sua narração.)

Rodada: Ahhh, eu me envolvi com vários cavalheiros simplesmente maravilhosos!

(Coreografia começa, estilo Bridgerton, ao som de "Vai malandra" versão orquestra, entre outras músicas. Rodada é a única que interpreta a posição de "dama", passando de um parceiro de dança a outro enquanto conta sua história. As outras interpretam a posição de "cavalheiros", dançando sozinhas até Rodada chegar a elas)

Rodada: *(dançando com Histérica, pega um papelzinho)* Teve o FULANO! Um amor! Tão doce, tão gentil! *(Suspira)* Uma pena que ele tinha uma trava emocional tão grande, mas tão grande, que ele não se via nunca se casando e achou melhor que nos separássemos para não me machucar!

Vagabunda: *(irônica)* Tão cavalheiresco!

Rodada: E eu fiquei muito feliz quando ele superou a sua trava emocional e se casou dois meses depois com uma senhorita que ele conheceu na academia.

Emocionada: Ai, eu adoro casamentos!

Histérica: Essa história parece mais um funeral

(Rodada troca de par, dançando agora com Gostosa-burra. Pega outro papelzinho)

Rodada: E eu não poderia esquecer do FULANO. Estávamos

indo tão bem, achei até que ele seria meu futuro namorado. Mas quando eu disse que gostaria de uma aliança, ele logo ficou indignado!

Gostosa-Burra: Éee...Você quer mesmo um símbolo capitalista que Performa a dominação masculina, uma coleira para mulheres?

Histérica: E que tal um amuleto?

Vagabunda: Ou então um bracelete?

Largada: Uma foto nos stories?

Emocionada: Jantar em público? Um sorvete?

Gostosa-Burra: Símbolos capitalistas!!

Louca: É melhor rodar a lista

Rodada: Que tragédia!

(Rodada agora dança com Largada. Tira outro papelzinho)

Rodada: Por esse FULANO, eu quase me apaixonei. Um cavalheiro de primeira, pena que tinha alergia à luz solar, só me ligava de madrugada, me chamava pra ir pra sua casa. Eu pressionei ele demais.

Histérica: O coitado deu pra trás

Louca: E nossa amiga rodou

(Rodada começa a dançar mais freneticamente, passando por todas as meninas/caras e parando na Emocionada)

Rodada: O que tentou me mudar. O que me deu ghosting. *(Rodada dança com Louca)* Teve o querido FULANO da minha sala que me admirava tanto dançar! Nas aulas eu sempre percebia os seus olhares empolgados, e seus toques carinhosos. Pena que o pobrezinho não conseguia me encarar, o olhar dele parava na minha bunda, e ficava lá por horas. *(Irônica)* Mas esse é um ambiente tão seguro que eu jamais desconfiei.

Rodada: *(Rodada dança com Vagabunda, tira mais um papel)*

O FULANO que me disse que eu era o problema. Me acusou de ser oferecida quando o amigo dele deu em cima de mim.

Gostosa-Burra: Tava se fazendo de difícil!

Emocionada: Ela tava querendo!

(Rodada dança com Gostosa, que é o último homem. Uma dança sem texto, até que todos avançam até Rodada, que é rodada por todos os caras. Ela retira os papeis restantes do seu corset e fala diversos nomes sem parar, quase que desesperadamente, enquanto as meninas tiram os bigodes e os casacos. Rodada roda no meio do palco uma última vez, freneticamente, até que para tonta/enojada por todas as vezes que rodou.)

(As Outras a amparam. O tom da cena se tornando mais denso.)

Vagabunda: Ela vai ficar louca!!!

Louca: Calma que de loucura eu entendo. *(Louca Busca uma cadeira para a Rodada. Todas as meninas se juntam ao redor de Rodada).* Senta um pouco, você vai se sentir melhor.

Histérica: Calma, querida, toma uma água.

Emocionada: Com açúcar ou sem?

Largada: *(Séria)* Foi tanta coisa que até eu fiquei tonta. O modo como eles te rodaram, como eles te usaram... me dá quase vontade de vomitar!

(Pausa reflexiva).

(Ao poucos Rodada vai se recuperando, e enquanto As Outras ainda estão preocupadas com ela, Vagabunda puxa Gostosa-Burra de canto para uma conversa particular).

CENA XII - A NÃO ESCOLHIDA NO BAILE

Vagabunda: Gostosa-Burra se todas nós eu, você, a emocionada, a louca, a largada, a rodada... se estivéssemos em um baile, e por um acaso aparecesse um jovem cavalheiro, você acha que

seríamos escolhidas primeiro?

Gostosa-Burra: Não

Vagabunda: É, eu também tenho essa sensação, essa sensação de, de...

Gostosa-Burra: Que entre elas você sempre vai ser a última a ser escolhida?

Vagabunda: Simm! Elas são lindas, mas nós também somos!

Gostosa-Burra: Mas por algum motivo vão ser escolhidas primeiro, né?

Vagabunda: Isso me fez lembrar de mais uma história.

Todas: *(em tom de surpresa)* História?

Louca: mais uma história? São tantos acontecimentos que eu fico maluquinha.

Rodada: Mais uma rodada de chá!

Histérica: fiquem quietas! Deixem ela contar.

Vagabunda: Essa é uma história que poderia acontecer com qualquer uma de nós, mas poderia acontecer frequentemente comigo e com a Gostosa-Burra!

(todas param para escutar)

Vagabunda: Eu estava me arrumando para o baile de primavera. Coloquei o vestido mais belo que tinha, me pintei, perfumei e fui para o evento. Chegando lá, reparei que havia um jovem moço muito bem afeiçoado, ele me olhava de longe, e eu como não sou besta nem nada, também correspondia às investidas de olhares, até que em um momento ele começou a conversar com um de seus amigos, depois tomou coragem e chegou perto de mim.

Largada: Olá, como se chama a bela moça?

Vagabunda: *(contando em tom de fofoca)* Ele chegou bem perto de mim.

Emocionada: *(Inquieta, quase mordendo as unhas dos dedos)* Aiiiii, ele te beijou? Ele era forte? Viril?

Louca: Emocionada! Para de ser assim! Tão, tã...

Todas: Emocionada!

Histérica: Vai! Continua. *(quase que tentando lembrar a vagabunda onde ela tinha parado na história)* estava na parte dos olhares.

Largada: Mas vagaba já estava contando a parte em que ele estava perto.

Vagabunda: Isso! Ele chegou bem perto de mim, me senti intimidada.

Largada: Como se chama a bela moça?

Vagabunda: Tente adivinhar, do que eu tenho cara?

Largada: (Pegando no bigode) louca?

Vagabunda: Não

Largada: Hmmm, emocionada?

Vagabunda: Não

Largada: Acredito que seja um nome muito difícil

Vagabunda: É um nome bem comum, normalmente usado com mulheres decididas.

Largada: Não vou conseguir.

Vagabunda: V-A

Largada: V-A

Vagabunda: V-A-G-A (vira de lado dando ênfase na bunda)

Largada: VAGABUNDA!

Vagabunda: Isso!

Largada: *(Olhando para a vagabunda dos pés a cabeça)* Você tem cara de vagabunda mesmo.

Histérica: Ele disse isso?

Vagabunda: Disse. E depois que falei o meu nome, ele me fez a grande pergunta. *(Todas congelam, exceto Largada)*

Largada: Aquela sua amiga branquinha está solteira?

(Todas descongelam)

Emocionada: *(em um tom super emocionada)* Aaaaaah eu vou surtarrr!

Histérica: Calma! fica tranquila! Respira pela boca e solta pela... quer dizer...solta pelo nariz e...viu só? Já tô começando a surtar também!!

Louca: E o que você respondeu, Vagaba?

Vagabunda: Eu disse que sim, mas que ela já estava conversando com outra pessoa. Ele estava atirando para todos os lados, já tinha falado com todas as mulheres do baile.

Largada: Você fez o certo

Emocionada: Mas qual foi a reação dele?

Largada: E você? Não quer ficar comigo não? *(Congela)*

Vagabunda: *(falando para as meninas)* Eu fiquei pensando que não era possível aquilo estar acontecendo comigo.

Largada: *(com bigode)* Porque você está se fazendo de difícil? Você nem é isso tudo. Sua amiga não está solteira?

Todas: Não acredito que ele falou isso!

Gostosa-Burra: E aposto que depois disso ele começou a falar que você que deu em cima dele.

Vagabunda: Foi exatamente isso. Disse que nunca daria algum tipo de chance para mim, já que não me achava atraente.

(Todas voltam para o seus chás e bolos, enquanto vagabunda e gostosa conversam)

Gostosa-Burra: E aposto que ele começou a namorar a sua amiga, né?

Vagabunda: Como você sabe?

Gostosa-Burra: A gente sempre sabe.

Vagabunda: Sabe e eu não entendia o porquê de nunca ser escolhida como primeira entre as outras, mas agora eu entendo.

Gostosa-Burra: Apesar deles pensarem que só somos gostosas-burras e vagabundas, nós não somos só isso, somos mulheres fortes e independentes, sempre fomos, e se não nos enxergam ou escolhem, é porque são grande idiotas e RACIS...

Louca: *(Para a plateia)* ... TAS sentindo esse cheirinho de glacê? É, a vida não parece tão doce para algumas mulheres.

Ao fundo vagabunda e gostosa- burra se abraçam

Gostosa- Burra: Você é tão linda vagaba.

Vagabunda: você também é linda gostosa-burra.

ATO III - LADEIRA A BAIXO

CENA XIII - LARGADA

(Largada está bebendo seu chá meio de canto, com aparência abatida. Meninas percebem)

Vagabunda: Largada, faz tempo que você não conta nenhuma história...

Largada: É, eu acho que as minhas histórias acontecem mais

dentro da minha mente.

Emocionada: As minhas também. Às vezes, eu acho que eu sou um pouco demais, por isso os homens fogem

Largada: É exatamente assim que me sinto também! Talvez eu só tenha muita pressa em ser amada...

Gostosa-Burra: Já pararam pra pensar que talvez esses homens é que sejam um pouco de menos? Histérica: Também acho! Morte aos homens! Queimem todos nas fogueiras!

Rodada: Calma, Histérica! Acho que não é pra tanto

Louca: Ah, eu gosto da ideia...

Louca: Largada, compartilha com a gente, estamos aqui pra te ouvir

Emocionada: É! Conta! conta!

Largada: Bom, tudo bem *(suspira)* Eu achava que estava indo tudo bem entre mim e o *(Pega o pote com os nomes, sorteia um)* FULANO. Até aquela noite...

(As meninas começam a afastar as comidas da mesa, duas colocam cadeiras de bar, a vodka é colocada em cima da mesa junto com um copo americano e um copo stanley. O ambiente se transforma em um bar. A Louca retira seus cílios postiços e recoloca no buço, como se fosse um bigode, chega de um jeito bem machão e senta em uma das cadeiras, que estão mais à frente do palco. A outra se dirige à outra cadeira. Luzes vermelhas)

Louca: Não me leve a mal, princesa, é que pra mim é difícil me envolver se não for com intensidade.

Largada: Também acho. Eu...

Louca: *(interrompe a Largada)* Não são muitos homens que pensam como eu, mas eu sou sensível, sabe? Eu faço arte, sou artista, eu toco violão...Eu tenho medo de ser julgado pelos outros, mas sempre tive essa alma feminina em mim, saca? Eu entendo as mulheres. Eu escrevo poesia...

Largada: Nossa! Não sabia que você se sentia assim. Você es-

creve mesmo poesia ?

Louca: Claro, eu até fazia aulas, mas percebi que eram inúteis, eu funciono melhor no meu próprio ritmo. É como em "Íon", de Platão, você não deve conhecer, teoria da inspiração, gata, a genialidade vem pra mim naturalmente às vezes.

(A Histérica congela em cena)

Largada: *(Para as meninas)* Ele parecia um sonho! tão carinhoso e politizado. *(Volta a cena. Histérica Descongela)*

Largada: Você é tão fofo!

Louca: Só tem um problema...Eu preciso que você seja um pouquinho paciente

Largada: Paciente? Por quê?

Louca: Você sabe que eu ainda tenho namorada, né?

Largada: Ainda? *(Chorosa)* Você me disse que ia terminar semana passada!

Louca: É que eu tive uma ideia melhor, só preciso explicar pra ela

Largada: Explicar o que?

Louca: Que a monogamia não é natural ao homem. É só observar os animais. A gente é igual à natureza, Largada. Precisamos saciar nossos desejos, não podemos ser devorados por eles. É tudo filosofia, gata. Temos que fugir desses moldes sociais.

Largada: Eu não sei se é isso que eu quero...

Louca: Relaxa, a gente vai continuar se vendo, eu só não quero ter nenhuma responsabilidade afetiva ou fazer qualquer esforço por você, por isso eu finjo que quero ter um lance diferente, mas na verdade, se você ficar com mais alguém, eu vou te chamar de vadia pra todos os meus amigos.

Largada: Não parece muito justo...

Louca: Qualquer coisa, eu começo a te ignorar aos poucos e

digo que só estou passando por uma fase mais na minha, até você achar que o problema é você.

Largada: É melhor eu ir pra casa e pensar melhor. Você me dá carona na volta?

Louca: Claro, princesa, daqui até sua casa é quanto tempo mesmo?

Largada: Uma meia hora.

(Largada e Louca colocam as cadeiras lado a lado, simulam um carro ou uma carruagem, Largada simula estar dirigindo. As duas simulam a passagem por um buraco. Toca "Vambora" de Adriana Calcanhotto ao fundo")

Louca: É Adriana Calcanhotto. Talvez você não conheça, ela é meio underground, alternativa, mas eu gosto muito de apoiar pequenas artistas mulheres. *(Pequena pausa, ele praticamente não aguenta ficar em silêncio por muito tempo, tem que preencher com um fato sobre ele)* E eu gosto muito porque o sobrenome dela tem "canhoto", e eu sou claramente de esquerda, né?

(A CARRUAGEM PARA)

Louca: Pronto, eu te largo aqui! Essa carona vai te custar um beijo. *(Se inclina para beijar largada, que saí de cena, se dirigindo ao canto, deixando Louca sozinha, esperando o beijo).*

CENA XIV - ALARGADA SHOW

(Música de começo de programa e intensa movimentação das meninas, que pegam pó, escovas de cabelo, entre outros objetos, dirigindo-se à Largada para arrumá-la. Louca descongela, ajeita o cabelo, ainda com bigode, enquanto Emocionada leva um microfone para ela. Música toca durante toda essa preparação.)

(A ideia dessa cena é que seja meio cantarolada, falando com ritmo)

(As meninas empurram sutilmente Largada para o centro, ela se recusa a ir, indo para trás de todas as meninas, que fazem uma fila na sua frente.)

Louca: Senhoras e senhores, sejam muito bem-vindos ao Show da Escolhida, em que uma bela participante vos será apresentada. E vocês, belíssima plateia, poderão escolher se essa senhorita é merecedora de amor verdadeiro e afeto genuíno, baseado apenas em estereótipos rasos e misóginos e apelos visuais, como o tamanho da sua bunda. Sem mais delongas, vamos ao jogo; que seja dada a largada!! *(meninas saem uma a uma, uma espécie de abre alas, abrindo os braços até que a largada apareça. As meninas se posicionam metade de cada lado, um pouco ao fundo, deixando Largada no meio e à frente)*

Louca: Nossa participante de hoje, A largada!! *(meninas aplaudem e dão gritinhos tipo "uhuuu")*

(Largada acena para a plateia, sem jeito, agora cedendo e indo para o centro)

Louca: Agora, nossas match girls irão convencê-los dos porquês deveriam escolher nossa participante.

(Meninas se posicionam em volta da Largada. Largada está visivelmente desconfortável, arruma o cabelo e a roupa o tempo todo, segura e solta os braços, força sorrisos)

Coro: A Largada! A Largada! *(todas esticam os braços para cima)*

Vagabunda: Entre todas as amigas, ela é a mais animada *(Puxa seus lábios, transformando seu rosto de uma feição de desconforto a um sorriso gigante)*

Gostosa-Burra: *(fala sorrindo para que a plateia não perceba que está dizendo algo, dando bronca)* Larga de ser tão mal-humorada

Coro: A Largada! A Largada! *(todas esticam os braços para cima)*

Emocionada: Ela é mesmo uma beldade!

Vagabunda: Ser escolhida é raridade

Histérica: Mas a bunda é de verdade!

Coro: Amada só pela metade. A largada! A largada!

Rodada: Vejam só que posturada! *(Rodada arruma a postura da largada, que estava curvada, corcunda)*

Gostosa-Burra: Pena que é tão rejeitada!

Histérica: Ela já ta toda...

Coro: A largada! A largada!

Vagabunda: Ela sempre manda mensagem que só é visualizada

Histérica: Mas olha seu cabelo! E a pele é bem tratada!

Emocionada: Se fosse outro século, seria lobotomizada

Coro: A Largada! A Largada!

Rodada: A autoestima baixa é do tamanho de uma ervilha

Gostosa-Burra: Sempre depila a virilha

Coro: O chá dela é uma maravilha! *(todas em volta, fazem uma pose final, algumas no plano baixo, todas com os braços levantados, deixando Largada em destaque)*

(Louca, que observava, volta ao centro)

Louca: Agora chegou a hora mais aguardada, vocês poderão definir o futuro da nossa largada. Se ela vai ter um amor verdadeiro

Coro: Ou acabar encalhada!

Largada: Será que eu posso falar alguma coisa antes?

Louca: ***(desconcertada)*** AHh...sim. Claro.

Largada: Eu só queria dizer que tudo isso é extremamente cruel, a maneira como nós mulheres somos levadas a abdicar de todos os outros interesses pelo amor romântico, quando os homens raramente fazem o mesmo esforço, e quando não alcançamos o ideal socialmente esperado ou não nos encaixamos em suas expectativas... *(Enquanto isso, Louca checa o celular e percebe*

que a audiência está caindo. Fala com os produtores, fazendo sinais para que cortem a fala da Largada e diz coisas como " A audiência está caindo")

(Meninas tentam tampar Largada, que coloca a cabeça entre elas, tentando falar)

Largada: Esses rótulos são ridículos e apenas reforçam a misoginia internalizada nessa sociedade em que a mulher é vista como um produto ou artigo sexual e... *(Louca vai percebendo que a audiência continua caindo, e faz sinal para as meninas cortarem a fala da Largada. As meninas conseguem cobri-la completamente)*

Largada: E esse foi nosso programa de hoje, espero vocês na semana que vem! E atenção, a próxima escolhida pode ser qualquer uma!

(Agitação das meninas tirando largada do foco.)

[Originalmente, esta parte da cena seria de volta a mesa do chá, porém, achamos que seria de maior impacto ao público realizar a ideia de um Backstage do programa, parecido com O Show de Truman para mostrar o que verdadeiramente as amigas acreditam e essa coletividade feminina que se monta a partir dessa cena na peça].

Backstage

**Há a possibilidade das meninas usarem bigode nessa cena.*

(Louca remove seu bigode, a ideia de programa televisivo vai se dissolvendo. As meninas vão retomando à mesa do chá. Histérica está extremamente ansiosa e distante do grupo
realizar ações que passem ansiedade crescentemente durante a peça

Rodada: Nossa, amiga, você passa por cada uma...

Largada: Eu sei! Acho que cansei de namoros por enquanto

Emocionada: Mas você é tão especial pra gente *(chorando)* Eu nunca te largaria, Largada!!! *(Deita no ombro de Largada, que passa os braços envolta dela)*

Largada: Tá tudo bem, emocionada! As coisas sempre passam.

(Nesse momento, Histérica derruba o chá ou algo da mesa, mas ninguém parece notar. A ação fica clara para a plateia, apenas. Meninas seguem conversando, enquanto Histérica tenta limpar freneticamente)

Vagabunda: Em vez de chorar, a gente devia rir de como eles são ridículos.

Emocionada: Mas dói tanto. Da vontade de nunca mais sair da cama.

Louca: Ou beber por um mês inteiro

Gostosa-Burra: Da vontade é de quebrar a cara desses filhas da...

Histérica: *(Mais para si mesma, do que para as meninas)* Da vontade de parar de lembrar...

(Todas as meninas se levantam da mesa, o foco é em Histérica, que bebe seu chá triste, enquanto olha para o Horizonte. As meninas vão arrastando as cadeiras para o centro, Montando o último bar e colocando os bigodes. Histérica segue olhando, como uma lembrança)

CENA XVI - MULHER À PASSARINHO, SERVIDOS?

(Blackout. A cena do bar retorna. Vê-se histérica ao fundo. As Outras estão de bigode e paramentadas como seus machos)

Largada: Toda essa bebedeira e nada pra petiscar

Gostosa-Burra: O que temos hoje no cardápio?

Rodada: Saborosas COXAS. Bem recheadas. Vindas de animal nobre.

Louca: Deliciosas e generosas fatias de PEITO, perfeitas para grandes fomes.

Gostosa-Burra: Pode parecer estranho, mas eu gosto dos pés

Vagabunda: Carne é carne. Como mesmo que seja barata.

(Todos observam o cardápio agora juntos)

Emocionada: *(como se estivesse lendo as opções)* Pratos muitos magros, Pratos muito gordos, Pratos pra roer até o osso...

Rodada: Pede logo um de cada. O melhor é ter fartura.

Vagabunda: Compartilha esse cardápio aí com a gente, pô!

(emocionada vai passando o cardápio para os homens, que reagem com satisfação e concupiscência)

Emocionada: Garçom, traz um de cada! A gente prova tudo e o que for ruim, jogamos fora. *(Agora todas acompanham com os olhos um garçom imaginário, que se aproxima)*

Largada: Quem divide o pão, multiplica

(Homens se preparam para comer, vão arregaçando as mangas, entre outras ações. Todos se olham e, em um acordo não-verbal, iniciam a comilança)

(Enquanto os homens comem grosseiramente carnes imaginárias, o foco lentamente volta para Histérica, que se encolhe cada vez mais diante da cena, horrorizada. Lentamente, os homens vão se retirando, já fora de foco. Enquanto eles se desmontam, o foco é em Histérica, visivelmente perturbada.)

CENA XVII - A HISTÉRICA

(A medida que as meninas vão chegando na mesa, burburinhos começam a surgir sobre as histórias estarem muito emocionantes ou muito paradas. O foco é geral agora.)

Louca: *(animada, anunciando)* E agora, nós falaremos sobre... Rufem os tambores!

(Barulhos de tambor, Histérica fica claramente perturbada. O rufar de tambores dura mais que o normal e aumenta de volume a cada instante.)

[A qualquer momento desta cena, Histérica pode ter uma crise de ansiedade, podendo recorrer novamente às máscaras de oxigênio do prólogo. A ideia é o retorno da simbologia do tóxico do início da peça, para mostrar que ainda estamos aqui e nada idealmente mudou naquele ambiente para além da cena]

Histérica: (já bem bêbada, agora também desesperada, segurando a cabeça nas mãos, também tentando cobrir os ouvidos) Parem com isso!!! *(As meninas se olham, sem entender, o barulho ainda não para)* Façam isso parar!!!

(O som vai abaixando progressivamente, conforme a respiração curta de Histérica vai ficando mais audível. Agora só se ouve dois únicos "batuques" a cada oito tempos. Há um momento de pausa, em que a cena parece meio suspensa, só é possível escutar a respiração de Histérica e o os toques por alguns instantes, em que ela tenta se acalmar, sem sucesso, ela treme. As meninas estão visivelmente preocupadas, mas sem saber ao certo o que fazer.)

Louca: *(depois de uma longa pausa)* ...Histérica?

Histérica: *(meio para si mesma)* Eu não paro de ouvir isso.

(Pequena pausa, só se escuta os toques, para deixar claro que só Histérica os escuta.)

Louca: *(com cuidado, tentando entende-la)* O que?

(Mais uma pequena pausa para destaque para o som)

Histérica: *(levantando a cabeça, começando a se desesperar mais externamente)* Isso! Esses tambores! Como se fossem as trombetas do apocalipse, eles não saem da minha cabeça. *(As Outras estão completamente perdidas e preocupada)*

Vagabunda: Histé...

Histérica: E isso é uma merda! *(As Outras se chocam. Histérica sobe em cima da mesa)* É uma merda! É uma merda!! É uma merda! É uma merda!!! É uma merda!!!!

Largada: Histérica, calma! *(Histérica se cala, em cima da mesa, talvez com a garrafa na mão)* O que está acontecendo?

(Histérica lentamente tira um papel do bolso. As meninas se olham, entendendo.)

Rodada: Histérica...

Histérica: É... *(Abre o papel)* E essa é questão com o fulano. *(Possibilidade de não falar o nome do papel, para criar um "suspense". Leem, mas não dizem o nome em voz alta.)*

Emocionada: Mas ele parecia tão perfeito...

Histérica: Parecia.

Largada: E vocês estavam juntos há tanto tempo...

Histérica:É.

Rodada: Eu achei que vocês seriam para sempre.

Histérica: E eu acreditei piamente nisso. *(pequena pausa)* Mas é isso que acontece quando se espera alguma coisa, você acaba decepcionada com quem você menos desconfia. Quando... Quando se está com uma pessoa dessa maneira, você acha que a conhece. Que não há nada de novo a ser descoberto, que todas pedras já foram reviradas e agora restou apenas a segurança do conhecido. Mas nunca é possível conhecer alguém plenamente e algumas pessoas têm mais trevas do que é possível de se lidar.

(A energia do monólogo vai subindo cada vez mais.)

(Aparecem na projeção matérias jornalísticas sobre misoginia e feminicídio enquanto ela fala. A impressão que quer ser passada é para além da cena, trazer o real para o público)

Histérica: Eu achei que eu conhecesse as trevas dele. Ele nunca escondeu que tinha problemas. Que às vezes a mente dele falava alto demais, mas eu achei que fosse como a minha. Às vezes pensamentos levam a melhor e nem sempre fazemos exatamente o que pretendíamos, mas eu genuinamente acho que é sobre como nós escolhemos lidar com isso. E ele lidava bem no começo. Ele ia à terapia, tomava os remédios prescritos, fazia tudo que era recomendado. Mas às vezes as trevas venciam e aí ele falava certas coisas... Fazia certas coisas... Mas ele tinha plena consciência

disso e quando voltava pedia todas as desculpas do mundo. Então eu fui lidando. Os momentos difíceis eram muito difíceis, mas os momentos bons pareciam tão bons em comparação... Até o ponto sem volta.
Eu nunca tinha visto nenhum problema nos amigos dele. Não era próxima deles, mas nós nos tratávamos civilizadamente quando o fulano me levava a algum evento. Até que um dia eu encontrei certas correspondências dele com os amigos. Correspondências sobre mim. Sobre como eu era, como meu corpo era, sobre tudo o que a gente fazia. E, por favor, não eram só sobre mim! Todos os amigos maravilhosos dele faziam questão de mandar relatos detalhados sobre praticamente todas as senhoritas do reino. E ele fazia questão de destacar quais pareciam melhores do que eu.
Eu não esperava que alguém pudesse falar de mim com tanto deszelo, muito menos ele dentre todas as pessoas. Era tão frio, tão cínico, tão calculista que eu achei que fosse um engano meu. Que eu estivesse tendo algum surto, algum episódio de mania, porque aquilo era tão afastado da realidade que eu conhecia que isso parecia mais provável. Que eu estivesse entendendo errado. Isso fazia mais sentido, ele vivia dizendo que eu não entendia o que ele queria dizer, que eu tinha entendido mal suas intenções e que, na verdade, ele era praticamente incapaz de fazer algo contra mim, que era contra a natureza dele.
Fui tentar tirar satisfações, eu só precisava compreender o que tinha acontecido, minha própria cabeça parecia estar me pregando peças *(a essa altura, o som já está bem menos espaçado, praticamente contínuo)*. Ele riu. Disse que não era nada demais. Que já que não estávamos mais juntos mesmo ele não me devia nada. Eu era quase uma piada, um descarte, algo jogado fora. Eu não servia mais para aquele propósito e, portanto, eu não servia para nenhum. E quando eu tentei revidar, perguntar como ele fora capaz de fazer algo tão detestável, tão horrendo, tão hediondo, ele disse que eu estava sendo... *(Os tambores param. Só um sussurro)* Histérica.

(Histérica está de volta ao seu lugar na mesa, enche a xícara rápido com vodka e logo começa a tomar, fingindo que nada aconteceu. Suas mãos tremem e um pouco de vodka escorre da xícara.)

(As meninas a olham desesperadas. Uma a seu lado tenta colocar a mão em seu ombro, ela desvia bruscamente.)

Largada: Histér... *(Todas olham para ela. Ela percebe o que está dizendo e se cala.)* Desculpa.

Histérica: *(tremendo)* não! Não é nada demais! Não aconteceu nada demais! *(Tenta beber)*

Louca: Querida... *(Louca faz Histérica abaixar o pires com a xícara)* Eu acho que nós precisamos falar sobre o que aconteceu.

Histerica: Nada aconteceu!

Vagabunda: Querida...

Histérica: É sério, eu estou perfeitamente bem! Nada poderia me deixar melhor!

Louca: *(Para Histérica)* Eu compreendo... eu já estive de certa forma no seu lugar, no seu papel. No início foi tudo mágico, ele era um sonho, carinhoso, um bom ouvinte e amante das artes *(dá uma olhada sutil para a plateia)*, começamos a namorar e tudo mudou, o príncipe se transformou em um ogro. Quando ele conseguiu o que queria, *(engole seco)* disse que precisava conversar, as coisas já não estavam como antes, estava confuso e afirmou que o problema era ele e não eu. Ele se afastou, mas disse que podíamos conversar, sair e que ainda me amava. Não consegui processar aquela informação, queria saber o que realmente estava acontecendo, por isso virei a insistente, a descontrolada e adivinha...

Todas: Histérica!

Louca: Eu tinha que conversar com ele sobre o que estava acontecendo, precisava entender como eu ficava nessa história... No fim, a conversa não deu em nada, ele continuava a falar a mesma coisa, mas ali terminamos. Algumas semanas depois ele começou a namorar... E logo eu me tornei a ex que ele dizia pra todos que era Louca...

(Todas refletem em uma pausa longa. Depois, lentamente partem para um abraço coletivo, longo e silencioso).

Emocionada: *(Tentando segurar as lágrimas)* Tempo, precisamos de um tempo! Acho que eu sei como levantar os ânimos novamente. Histé... *(Constrangida a pronunciar o nome)* Chegou o momento!

Histérica: O que? Não entendi... *"*Chegou o momento*"*, o que isso significa?

Louca: *(A primeira a entender)* Uuuu, o momento!

Emocionada: Significa que você precisa descarregar tudo o que você ainda sente. Eu sempre faço isso! Quando eu fico muito emocionada, pra não perder o meu réu primário, digamos que eu desconto na comida. *(Pega uma faca)* Como não podemos esfaquear alguém, fazemos isso no nosso amiguinho aqui *(apontando para o bolo)*. Histérica, faça as honras.

(Histérica, com a faca na mão, apreensiva).

(Histérica esfaqueia o bolo repetidamente. O bolo grita. Quando terminar, As Outras a olham com surpresa, e após um momento todas começam a rir).

CENA XVIII - O CONVITE E AS OUTRAS

(Som de notificação de celular [som de passarinho]. Rodada se afasta das outras meninas, e descobre ter recebido um convite. Ela o lê, morde os lábios e dá um pequeno giro, voltando a se juntar com As Outras.)

Rodada: Que horas são?

Louca: *(Olha um relógio invisível no pulso)* Pelos meus cálculos nós já estamos aqui há pelo menos uma hora!

Rodada: Meu Deus, já faz tanto tempo assim?

(Todas começam a inventar desculpas para sair).

Gostosa-Burra: Você não pode estar falando sério!? *(Pausa)* É... Meninas obrigada por me receberem, o chá foi uma delícia, muito obrigada por me convidar, mas eu preciso mesmo ir andando... Tenho umas coisas da academia para resolver, *(mostrando os músculos)* uns artigos para escrever, mas foi uma delícia! Mal posso esperar pelo próximo chá!

Louca: (Com um bilhete na mão) Nossa, acabei de receber uma mensagem da minha mãe falando que teve um vazamento lá em

casa, coisa de louco, gente.

Histérica: Mas que papo de maluco é esse? Você mora aqui, Louca! (Pausa) E eu não tô vendo nenhum vazamento por aqui...

Emocionada: É... Na verdade eu preciso ir pra casa também, preciso dar comida pro meu gato, e sabe como é, né? Horário de pico e tudo mais....

Largada: Olha só que coincidência, todas nós estamos atrasadas pra alguma coisa...

Vagabunda: *(Em tom conspiratório)* Chega até a ser suspeita toda essa coincidência...

Rodada: *(Ansiosa, dispara a falar)* Suspeita? Do que vocês tão falando? Eu sou suspeita? Eu não fiz nada! Eu nem disse nada até agora.

(Todas olhando para histérica com desconfiança. O olhar se expande para o grupo inteiro. Nervosa, Largada começa a correr, deixando que um bilhete caia no chão).

Histérica:(Pegando o bilhete do chão, agressiva) O que é isso, Largada?

Largada: *(Tira o bilhete da mão dela)* Não é nada, é a minha lista de supermercado.

Gostosa-Burra: Calma lá, eu vi um bilhete desses na mão da Louca também.

Louca: *(Escondendo o bilhete)* Que bilhete?

(Gostosa-Burra arranca o bilhete dela).

Louca: (Tentando pegar) É da minha mãe, eu disse que estourou um cano lá em casa!

Gostosa-Burra: *(Lendo)* "Eu tenho ingressos para ver uma comédia mais tarde, e tô procurando alguém que compre um deles e vá comigo". *(Fica desacreditada).*

Histérica: O quê? Deixa eu ver isso! (Pega o papel e lê) Eu não tô acreditando nisso, ele mandou um pra mim também! (Tira um

bilhete igual do *bolso).

Rodada: *(Pega um papel e lê)* "Eu comprei esses ingressos há dois meses, é um espetáculo de um grupo muito famoso de comédia... Você quer ir comigo?" *(Pausa)* E ele ainda colocou uma figura, uma figurinha tímida no meu... *(mostra pras Outras meninas).*

Largada, Emocionada e Louca: *(Lendo do Bilhete da Rodada)* "Estou procurando uma acompanhante, é bem baratinho, só 40 reais..."

(TODAS ficam chocadas e comparam seus bilhetes).

Gostosa-Burra: Eu não tô acreditando que ele convidou todas as oito pro mesmo encontro... Que cara de pau!

Vagabunda: E ele ainda queria que a gente pagasse! Puta mão de vaca, hein?

Louca: Eu daria tudo pra saber quem mais ele convidou...

(Todas olham para as mulheres sentadas na plateia, desconfiadas).

Largada: Quando vocês receberam o de vocês? *(Elas pegam seus bilhetes e comparam dias e horários).*

(Pequeno diálogo sobre quem foi convidada primeiro, em tom de rivalidade e frustração).

Histérica: Espera, ele diz aqui que comprou os ingressos há dois meses, mas ele me disse que tinha terminado o namoro dele só há um mês... *(Todas compreendem a situação. Pequena pausa)* Ele tá procurando Outra pra substituir a ex dele!!!

(Elas se olham com incerteza e desconfiança).

Rodada: Não, não pode ser....

Gostosa-Burra: Isso não tá acontecendo!

Emocionada: Eu não acredito nisso...

Todas: NÓS SOMOS A OUTRA!!!!!

(Chocadas, refletem por um tempo).

(Andando de um lado para outro Largada acaba tropeçando, o que faz ela notar o pedaço de bolo que foi separado para A Outra. Ela pega o bolo e se senta na cadeira. As Outras a percebem e se sentam em volta dela, tentando ocupar o mesmo espaço. Elas comem o pedaço de bolo juntas em silêncio).

Emocionada: Os engraçadinhos são sempre os piores...

Vagabunda: Engraçadinho??

(Todas começam a rir, debochando do engraçadinho).

(Os ânimos se acalmam e elas se olham com cumplicidade.)

Gostosa-Burra: Por quanto tempo será que ele vai esperar?

(Fade out da iluminação. Blackout.)

EPÍLOGO

Na projeção ""O bigode é a minha parte mais mascula, porque é onde tem a maior concentração de testosterona no meu corpo" - Autor desconhecido".

(As atrizes agradecem o público com máscaras de oxigênio. Depois, perguntam aos homens da plateia, se alguém se dispõe a raspar o bigode ali no palco).

FIM

COLETIVO DO CHÁ

Grupo teatral criado em 2023, por estudantes do Bacharelado em Artes Cênicas da Universidade Estadual Paulista (Unesp), que se uniu devido ao interesse em comum em pesquisar as poéticas da cena feminista, em especial as relações de gênero e raça e as problemáticas da rivalidade feminina por meio da comédia satírica.

DESÁGUA

Victor Lima

"A peça mergulha nas camadas sensíveis de uma relação passada entre dois homens, atravessada por questões de raça, silêncio e afetividade. Com cenas que alternam dança, música, falas fragmentadas e imagens simbólicas, o texto constrói uma narrativa delicada e potente sobre perdas, reencontros e ancestralidade. O corpo em cena carrega lembranças, tensões e desejos que não cessam de ecoar."

Tadeu Renato

PERSONAGENS

MIGUEL
CRIS
OUTRO
VOZ
NARRADOR/MÚSICO

Nota: *Durante a peça, nos momentos em que os personagens Miguel, Cris ou Outro estiverem no palco mas não agindo em cena, eles devem ficar estáticos em sua última posição.*

PRÓLOGO

(O palco é dividido em dois espaços: dramático, delimitado por linóleo branco, imitando um quadro; e narrativo, fora da delimitação do primeiro e onde as personagens do Narrador/Músico e Voz ficam. Há varais que rompem com esses limites e, no início, há um lençol branco pendurado no meio do espaço dramático que, como um quadro feito de sombras, mostra a silhueta de um homem sentado em um banco de praça. Na boca de cena, temos de um lado a atriz que faz a VOZ lavando e restaurando roupas como quem restaura obras de arte. De outro lado, o NARRADOR/MÚSICO prepara seu violão)

VOZ: Eu lembro de estar sentada em um lugar parecido onde você está, relembrando todas as histórias que já vi e as que vivi também. Nada disso é novo, então se você estiver inseguro para avançar saiba que eu estou aqui. Eu sei que dá uma ansiedade em saber onde tudo isso vai terminar... Mas, saiba: enquanto eu durar, eu estarei aqui.

NARRADOR: Nesta sessão, veremos alguns quadros de três estilos diferentes. Resolvemos abrir com "A Espera". Quem está sentado é Miguel, esperando Cris. Como vocês podem ver, em Miguel parece haver ânsia, ansiedade, ar faltando em seus pulmões. No fundo, notamos Cris com um sorriso, ele finalmente... *(toca uma nota no violão, abrindo a história).*

CENA 1

(Miguel está sentado, atrás do tecido que mostra somente sua silhueta, esperando Cris. Depois de dois anos eles voltaram a conversar, mas esses 730 dias não conseguiram reduzir as palpitações de seu coração ao apenas ver uma foto de seu ex. Sim, ambos são "ex-", ambos carregam esse maldito prefixo que os impele a uma vida fora do outro)

MIGUEL: Chegou! Como vai? Eu vou muitíssimo bem, espero que você também. No trabalho a gente se fala tão pouco e, por anos, compartilhamos tantas intimidades que, confesso, me desconforta essa distância metafísica que se criou. Lógico,

existiu uma distância espaço-temporal muito concreta também que ajudou nisso, mas... Mesmo assim acho estranho.

(Um áudio invade a cena. Miguel está em um parque com Cris, até então seu namorado. No áudio há o seguinte diálogo)

MIGUEL: O estranho me encanta, sabia? Aquele galho, por exemplo, bem torto, totalmente fora do plano cartesiano. Mas foi em sua curva que o pássaro fez seu ninho.

CRIS: Você é bem estranho também... E é um encanto!
(Fim do áudio. Volta para Miguel em cena)

MIGUEL: Tinha esquecido como você é fofo e engraçado. Senti falta desses momentos contigo. Você foi muito especial pra mim... Foi como um rio parado que permite a gente olhar nosso reflexo e perceber tudo de belo que não deixavam a gente ver. Você foi esse rio. Eu sei que algumas circunstâncias...

(Voz invade a cena e a fala de Miguel)

VOZ: NÃO, VOCÊ NÃO ME APOIOU!

MIGUEL: Algumas circunstâncias...

VOZ: COMO VOCÊ NÃO ENXERGA ISSO?

MIGUEL: Algumas circunstâncias nos afastaram.

(A voz adentra a cena enquanto Miguel dança uma confissão com o desejo de quem quer confessar algo ao padre. Sua confissão é a de que ainda sente necessidade de Cris. Não paixão, não amor, mas uma necessidade – como se o término tivesse roubado todo o ar a sua volta. A voz remete a uma lembrança)

VOZ: Minha língua está cortada, minha garganta dói e já não consigo dizer mais nada. Já tomei remédio, já fiz chá com limão, tomei até banho de boldo. Mas nada me tira essa sensação... A sensação de cansaço, dor, fadiga, de estar com o corpo atolado nessa merda toda e me afogando cada dia mais. Não me fale para me acalmar! Como você não enxerga isso? Você sabe como é sua garganta doer tanto por precisar falar, falar, falar e ninguém te ouvir? Não, você não me apoiou. Raramente apoia e isso cansa. Eu não sei mais o que fazer, o que gritar, o que chorar. Também não quero um abraço... Tenho medo dele me sufocar.

MIGUEL: Tem algo que arde, arde, arde dentro de mim e você era toda a minha água que me impedia de queimar. Foi difícil me olhar de novo depois que você foi embora. E te reencontrar dia-a-dia aqui... É doloroso. Volta pra mim? Eu grito menos, te compreendo mais, se preciso subo dois tons até ti. Mas, por favor, volta pra mim.

(VOZ retira o lençol do varal, revelando Miguel - um homem negro. A luz do palco também revela Cris com outro homem. Ambos são brancos. OUTRO está ajoelhado com uma aliança para CRIS, pedindo-o em casamento)

NARRADOR: Cris finalmente aceitou o pedido.

(Miguel olha para os dois lados, não vê ninguém e manda uma mensagem de voz para Cris)

MIGUEL: Oi Cris. Escute, não precisa vir não. Me enrolei com coisas do trabalho. Outro dia a gente se vê. Tchau!

CENA 2

CRIS: Aceito!

(Cris é pego no colo e levantado pelo Outro, que o gira algumas vezes e o coloca no chão. Cris continua rodopiando até encontrar Miguel no meio do palco e, juntos, dançam forró. Luz indica uma mudança temporal)

CRIS: Então, Miguel... Você aceita?

MIGUEL: E-eu.. não sei. Tem certeza que você quer namorar? Estamos ficando há alguns meses só e...

CRIS: Você não tá mais curtindo sair comigo?

MIGUEL: Sim! Quero dizer, não... Não é isso. Sim, tô gostando de sair com você. Eu só...

CRIS: Se você não está pronto, tudo bem. Só achei que você gostaria de oficializar a relação, afinal passamos a maior parte do tempo juntos e não estamos ficando com mais ninguém.

(breve pausa) Não estamos, né?

MIGUEL: Não! Não estamos.

CRIS: E você quer ficar com outras pessoas?

MIGUEL: Não. Eu tô feliz do jeito que estamos.

CRIS: Então qual o problema de namorar?

MIGUEL: Qual o problema de não namorar?

CRIS: Miguel, já conversei com você sobre isso. Tive vários relacionamentos que fui enrolado com o cara me falando sobre planos e amor e, no final, me abandonando sem ao menos avisar. E não quero isso para nenhum de nós.

(Um áudio volta a invadir a cena. Miguel e Cris estão novamente em um parque, como no primeiro áudio. Há o seguinte diálogo)

CRIS: Você é bem estranho também... E é um encanto! *(vai em direção a Miguel para beijá-lo mas ambos são separados por uma bola de vôlei. O Outro chega para buscar a bola)*

OUTRO: Desculpa! Foi sem querer. Estava jogando com uns amigos mas sou péssimo em saque.

MIGUEL: Tranquilo! Meu namorado é péssimo em esportes também. Já acertou vários desavisados *(ri)*.

OUTRO: Qualquer dia vem jogar com a gente. Toda sexta, por volta desse horário, eu e meus amigos da faculdade nos encontramos pra jogar... Ou rir tentando.

(Áudio acaba, o diálogo volta a ser entre Miguel e Cris em cena)

MIGUEL: *(A fala acontece na encruzilhada do passado com o presente)* Escute, baby. *Você costumava me chamar assim, né? Adorava quando seus lábios se tocavam e explodiam em uma deliciosa letra B. Ou quando sua boca tremia para soltar um Mi, no menor volume possível e na nossa máxima intimidade.* Eu quero aceitar, juro. Mas também tenho vários medos, receios... *Por favor, não me interrompa. Eu sei, você raramente me cortava com sua fala mas seu olhar invadia meus pensamentos de um modo tão visceral. Continua invadindo. É um*

gerúndio que parece não ter fim. Uma sensação que consegue ser ativada até olhando uma imagem sua parado. Não me olha assim... Eu gosto muito de você, de verdade. Mas acabei de sair de um quase que aconteceu e sei que você não é ele mas também é quase... É quase, já conversamos sobre isso. Desde que te conheci quis deixar bem claro que *o clarão me assusta*. Com o tempo isso pode mudar. *Com o tempo isso pode mudar? Você era um quase que se tornou certeza, um não-inteiramente-aquilo que se tornou completude, e com o tempo fui me aproximando da luz que já tinha me cegado outras vezes. O tempo...*

CRIS: Se você gosta de mim, pra que esperar?

MIGUEL: *O tempo é só uma questão de cor, né? Uma hora o céu está preto e eu chovo, outra hora brilha com um Sol de 40°C no meio de uma intensa seca. Passa uns minutos e já é noite e penso nos momentos que o passar dos dias fez desaparecer.* Está bem... Eu aceito namorar você!

(Miguel e Cris dançam grudados um no outro. Conforme a dança passa, seus corpos vão se desgrudando. Primeiro, suas testas se distanciam. Depois, os ombros. Após isso, as mãos. Depois a pelve. Por último, seus lábios. Cris cai sobre Miguel, que o carrega como quem traz consigo a última garrafa d'água num deserto. Cris vai diluindo até encontrar o chão. Miguel fica estático)

VOZ: Como podemos derreter com esse ar tão denso?

CENA 3

(Cris volta para o Outro que o gira novamente e retorna a cena do pedido de casamento)

OUTRO: Vamos nos casar! O que fazemos agora? Nunca cheguei nessa parte. *(ri)*

CRIS: Também não sei. Talvez a gente possa... *(É interrompido pelo toque do celular que indica o recebimento de uma mensagem – a de Miguel)*

MENSAGEM DE VOZ DE MIGUEL: Oi Cris. Escute, não precisa vir não. Me enrolei com coisas do trabalho. Outro dia a

gente se vê. Tchau!

CRIS: Puta merda! Esqueci completamente que tinha marcado de ver o Miguel.

OUTRO: Miguel? Marcaram por algum motivo?

CRIS: Ele disse que queria conversar.

OUTRO: Parece que não precisa se preocupar, ele disse que tá enrolado.

CRIS: Isso é um código pra: tô puto com você e não quero olhar na sua cara mas vou manter minha educação. Conheço ele.

OUTRO: Vocês ficaram sem se ver por 2 anos e se reencontraram há poucos meses. Pessoas mudam. Ele pode realmente estar atolado de coisas no trabalho.

CRIS: Amor, a gente terminou feio e estamos voltando a se falar agora porque trabalhamos juntos. Não quero causar um mal-estar na empresa. Acho melhor ir vê-lo.

OUTRO: Podemos pelo menos terminar nosso brunch de noivado?

CRIS: Nosso brunch de noivado surpresa, você quis dizer?

OUTRO: Se você não gostou...

CRIS: Eu amei! Como sempre, você acertou em cheio! Mas além da minha situação, você também não pode se atrasar para o trabalho. Sua primeira visita em grupo é hoje, certo?

OUTRO: Então você se lembrou...

CRIS: Claro! Além disso... *(cochicha algo no ouvido do Outro)*

OUTRO: Tá bom, meu futuro Niemeyer. Resolve suas coisas, mas te espero lá mais tarde.

(Cris e o Outro se beijam).

CENA 4

(Outro caminha em direção à Voz assobiando feliz, mas sem cruzar a delimitação do espaço dramático. Voz continua restaurando as roupas e pendurando-as no varal. A primeira roupa pendurada é um casaco bordô. Conforme a cena acontece, Outro ajuda Voz. Ambos agem como se estivessem organizando uma exposição ou um ateliê de restauração ou ambos.)

OUTRO: Oi, Dona Carolina! Como a senhora está?

VOZ: Tô bem! Para você não preciso nem perguntar, todo saltitante e alegre. O que aconteceu?

(Mostra a aliança para a Voz)

VOZ: Então ele aceitou? Sabia que ele diria sim. Vocês são muito bonitos juntos, o jeito que se olham quando tão perto um do outro...

OUTRO: E eu tava morrendo de medo!

VOZ: E como foi que você pediu? Teve fogos e tudo isso?

OUTRO: Não.. Ele me mataria se eu fizesse isso! A gente foi tomar um café em uma padaria aqui perto, ele foi no banheiro e quando voltou lá tava eu ajoelhado.

VOZ: Que bonito. Assim é até melhor, simples! O amor a gente vê no dia-a-dia, sabe. O meu ex-marido me pediu com fogos, uma festança! Anos depois estava fazendo o mesmo com outra...

OUTRO: Oh, Dona Carolina, sinto muito!

VOZ: Na época eu também senti. Parece que toda a nossa beleza e confiança também nos abandonam... Só sobra um ar denso. Mas depois fui me ajeitando, nada que um bom forró não cure! Mas e o Cris, seu noivo, onde ele está?

OUTRO: Foi encontrar um colega do trabalho. Que também é ex dele... Eu confio nele, minha preocupação é em saber que a história deles não terminou bem. Não quero que o Cris volte a enfrentar problemas que não são dele.

VOZ: Sei bem como é isso... Só não vai organizar esse casa-

mento sozinho! Eu não tive um casamento grande, mas lembro que todos os detalhes da festa que fizemos foi eu e Deus que escolhemos, enquanto o galã tava sabe-se lá onde!

OUTRO: Pode deixar, Dona Carolina. Nós dois vamos fazer um casamentão, juntos!

VOZ: E os pais de vocês já sabem da boa notícia?

OUTRO: Ainda não, queremos contar juntos. Mas acho que vão amar a ideia, meu pai já estava me perturbando perguntando se algum dia eu iria me casar e o pai e a mãe do Cris também adoravam tocar nesse assunto.

VOZ: Já estava na hora mesmo.

OUTRO: Tenho que concordar. Não vejo a hora: salão lotado, nós um do lado do outro e, enfim, "pode beijar o noivo" *(Outro volta à posição final da última cena e novamente beija Cris).*

CENA 5

(Miguel vira de frente para Cris e o Outro que continuam se beijando)

MIGUEL: Você o beijou!

(O beijo é interrompido bruscamente, Cris se direciona a Miguel)

CRIS: Foi um sonho, baby.

MIGUEL: Sonhos podem ser alertas!

CRIS: Alerta que eu tô pegando um homem gostoso? Porque eu tô e ele tem um cabelo cacheado enorme, um sorriso lindo e as melhores bochechas pra beijar. *(Vai até Miguel e tenta beijá-lo mas não consegue. Ele ainda está bravo devido ao sonho).*

MIGUEL: Sai! Não tem graça...

CRIS: Baby, foi só um sonho. Você não quer que eu me desculpe pelo seu inconsciente, né?

MIGUEL: Não... Acontece que não é a primeira vez que sonho isso e se analisar racionalmente é minha psiquê me alertando de traumas não resolvidos e se continuar analisando vou retirar um monte de inseguranças do meu baú e se aprofundar mais ainda vou descobrir que tenho medo de te perder e sou incapaz de lidar com isso sem sentir vontade de me trancar nesse baú e jogar todas as chaves fora!

CRIS: Mi... Não fica assim, já disse que não precisa ficar inseguro comigo.

OUTRO: O anel!

MIGUEL: O outro cara era muito bonito também...

CRIS: E como ele era? Se for igual ao seu reflexo, tem chances de eu beijar!

VOZ *(fala direcionada ao Outro, retomando a situação da cena anterior)*: O crachá! O crachá, meu bem! Os estudantes precisam saber quem é você nessa visita! *(coloca o crachá no Outro)*

MIGUEL: Parecia mais com você!

MIGUEL E VOZ: O perfeito Vitruviano.

CRIS: O que você quer que eu diga? Foi só um sonho, Miguel! Eu te amo e nunca te trocaria.

OUTRO: O anel, meu bem. Você esqueceu o anel.

(Cris volta para o Outro e pega o anel de noivado)

CRIS: Verdade! *(coloca o anel em seu dedo e beija o Outro)* Te amarei para sempre. *(Outro fica estático. Cris volta para Miguel que está sentado, fica atrás dele com as mãos em seus ombros).*

CENA 6

(Voz invade a cena)

VOZ: Nunca, para sempre, até que a morte nos separe. Deveria acreditar nessas concepções de tempo? O tempo é só

uma questão de cor, não é? Por ser uma nota escura, nunca tive tempo para ouvir a vibração desses conceitos e, muito menos, senti- los. O amor nunca me soou verdadeiro, não fui humano o suficiente para aprendê-lo. Sempre o comparavam com um animal: borboleta, cotovia, rouxinol. Nas minhas experiências, parecia um leão e, eu, uma gazela que corria porque, se me pegasse, sabia que um último suspiro eu daria. Outras vezes, eu parecia uma mosca presa em seu emaranhado. O amor: esse espírito animal incontrolável que já rasgou minha garganta e me emudeceu sem dó. Só. Estou só há muito tempo como uma gazela sem bando. Carrego comigo somente a lembrança da aranha que você foi.

CRIS: De qual espécie?

MIGUEL: A mais venenosa!

CENA 7

NARRADOR: "Nós atados".

MIGUEL: Encontraram um ninho de aranhas das mais venenosas no meio da construção! E quem terá que resolver isso? O estagiário aqui! Que saco.

CRIS: Credo, baby. Ainda bem que escolhi a área dos desenhos. *(Miguel olha para Cris e vê a aliança nova no dedo de seu namorado)*

MIGUEL: Nossa aliança ficou linda em você.

CRIS: Claro que ficou, fui eu que escolhi.

(Miguel olha para Cris com desdém)

NARRADOR: Aqui o olhar é importante. Numa metalinguagem, é como se Cris observasse Miguel como quem observa "A Virgem Velada" de Giovanni Strazza – sua leveza sempre o encantou e o desejo de desvelar seus segredos e adentrar cada vez mais sua intimidade o atiça.

(Cris vai à frente de Miguel e o contempla. Depois de um tempo, Cris pega nas mãos de Miguel e caminha com ele em um passeio pela gênese dos dois)

CRIS: Olhar para um quadro é treinar para olhar a essência da existência de alguém. Lembro que, após passar alguns minutos observando "A noite estrelada" de Van Gogh, a sua existência me atravessou certeira. No espaço vazio, seu olhar se enquadrou ao meu e, de fato, pude sentir o tempo suspenso. Não digo que olhando para Van Gogh ele não se suspendesse mas, parece que o tempo, mesmo parado, continua passando – fora de um museu ainda há contas para pagar e sonhos para repensar. Mas te ver, baby, fez tudo desaparecer.

(Silêncio. Ambos se encaram tal qual se um fosse Américo Vespúcio e o outro Jaider Esbell. Dançam novamente um duo. A música se baseia no estilo de Igor Stravinsky com um toque de tambor ao fundo)

MIGUEL: Você não me apoiou. Raramente apoia e isso cansa!

CRIS: O que você queria que eu fizesse? Armasse um barraco no meio do mercado?

MIGUEL: E ao invés disso deixou que eu saísse como o louco!

CRIS: Dois gays discutindo com o segurança não daria muito certo!

MIGUEL: Ele nem sabia que somos namorados! Você nem quis me dar as mãos.

CRIS: Eu não queria que fôssemos perseguidos. Naquele mercado não somos os clientes preferidos deles.

MIGUEL: Na cidade dos seus pais nunca somos os preferidos. E na casa deles eu também não sou.

CRIS: Eles ainda estão entendendo eu ter um namorado.

MIGUEL: Se fosse só isso, eu estaria feliz.

CRIS: E o que mais seria, Miguel?

MIGUEL: Como você não enxerga isso?

CRIS: Isso o que?

(Miguel encara o público e, apenas com seus olhos, aponta

para seu cabelo, para sua pele e para Cris. Respira. Repete a ação anterior. Respira. Novamente encara o público e, apenas com seus olhos, aponta para seu cabelo, para sua pele e, dessa vez, volta a encarar o público. Respira)

MIGUEL: Nada, Cris...

(Cris volta a pegar nas mãos de Miguel e o leva de volta à posição que o encontrou no início da cena)

CRIS: Me descortinei para você e meu espaço, até então seguro e fechado, inundou e virou um mar aberto sob estrelas e barulhos. Você veio a ser um carro alegórico na minha pacata rua. Mas eu não aprendi a sambar. Nos atropelamos.

MIGUEL: E então... Ele foi ver Monet.

CENA 8

(Voz e Outro olham para a Miguel e Cris que estão estáticos na posição da última cena)

VOZ: O vazio entre os dois nessa imagem é o que mais me instiga.

OUTRO: Sinceramente, não é a escola artística que mais me agrada. Parece que há uma supervalorização da tristeza, além da natureza estar mais apagada em detrimento do antropoceno.

VOZ: Você não percebeu que eles são a natureza? O fogo e água tentando se conectar! Posso estar vendo demais, também. Eu sou muito apegada a essa obra... Foi a primeira que restaurei após meu divórcio.

OUTRO: Não sabia. Deve ter sido difícil. Viver restaurando deve ser difícil. Deixar a obra parecer intocada!

VOZ: Mas elas sempre estão tocadas! Pelo vento, pelo tempo, pelas vibrações de cada pensamento... Eu gosto de pensar que eu apenas as levo para a ordem natural das coisas. Tarsila com certeza usou mãos parecidas com as minhas para pintar!

OUTRO: Tenho certeza que se ela tivesse usado especificamente as suas mãos, ela estaria em um patamar bem mais alto!

VOZ: Você é um fofo mesmo! Entendo porque seu noivo te compara com Monet. Vocês se conheceram em alguma exposição sobre ele?

OUTRO: Não! A paisagem era parecida... Os sentimentos um tanto mais caóticos.

(Outro entra e convida Cris para dançar. Ambos dançam uma valsa, uma polca ou outra dança de salão clássica de estilo europeu. Durante a dança, um áudio invade a cena. Está Cris, sozinho, sentado debaixo de uma árvore. Uma bola de vôlei quase o acertou. O Outro aparece correndo para recuperar a bola e avista o garoto sentado)

OUTRO: Cris! Desculpa. Parece que essa bola e você gostam dessa árvore.

CRIS: Realmente.

OUTRO: Pelo menos dessa vez ela não atrapalhou nenhum beijo.

CRIS: Eu fiz isso primeiro.

OUTRO: Como assim?

CRIS: Eu e o Mi discutimos. Ultimamente parece ter uma falha de comunicação entre nós.

OUTRO: Entendo. Dizem que vôlei ajuda a desestressar. Se quiser pode jogar com a gente ou separar alguns casais felizes debaixo de árvores.

CRIS: Sou tão ruim que nem isso conseguiria fazer. *(devolve a bola ao Outro. Em cena, por alguns segundos, ambos trocam olhares)* E acho que já vou pra casa, odeio ficar brigado com o Miguel por muito tempo. Obrigado pelo convite. *(A dança e o áudio acabam. Cris sai de cena).*

CENA 9

(Narrador joga uma bola de vôlei para o Outro, assumindo um papel de amigo dele. Ambos jogam durante a cena).

NARRADOR: "Se quiser pode jogar com a gente"

OUTRO: Não posso mais ser gentil?

NARRADOR: Parece que você quer marcar pontos com esse garoto.

OUTRO: Que? Não! Ele namora! Ou você não ouviu essa parte?

NARRADOR: Ouvi. E também ouvi eles discutindo mais de uma vez!

OUTRO: A última coisa que eu preciso é de mais um relacionamento complicado me rondando!

NARRADOR: Então você poderia parar de jogar a bola nele.

OUTRO: É sem querer! *(Segura a bola)* Eu não estou gostando dele! *(Voz retoma o diálogo da cena anterior)*

VOZ: E não estava?

OUTRO: Talvez tenha mentido. *(percebe um barulho de pessoas entrando no espaço)* Devem ser os estudantes.

VOZ: Você vai guiar a primeira turma de hoje?

OUTRO: Não. Essa ainda vou assistir. A minha é a próxima. Pelo menos consigo reduzir meu nervosismo e esperar o Cris chegar! Convidei ele para minha primeira mediação! *(Escuta novamente o barulho de pessoas).* Vou ajudar meu colega. Até mais, dona Carolina! *(Sai de cena).*

CENA 10

(Miguel está andando pelo parque, observando as diferentes árvores que lá habitam, sentindo o cheiro de terra recém-molhada e os raios de Sol em seu rosto. Perdendo-se nesse gerúndio – o melhor jeito de escapar de um fim – começa a dançar com a natureza. Seu ex-namorado encontra-o)

CRIS: Você continua bem estranho!

(Miguel interrompe sua dança)

MIGUEL: Cris! O que está fazendo aqui? Falei que não precisava vim, eu...

CRIS: Estava enrolado com o trabalho?

MIGUEL: Resolvi dar uma pausa. Aquelas contas estavam me deixando tonto.

CRIS: Posso te fazer companhia? Sempre achei divertido te ver dançando.

MIGUEL: Eu realmente preciso terminar aquele projeto, mas nos vemos no trabalho.
(tenta ir embora)

CRIS: Espera! *(segura Miguel pelo pulso e o vira)* Eu estava com o...

MIGUEL: Aliança? *(pergunta surpreso sem querer, de fato, saber a resposta. Rapidamente seu interior se transforma: o que antes se imaginava uma floresta tranquila, agora é um terremoto nível 7 na escola Richter ao ver aquele brilhante, pequeno e circular objeto na mão de Cris)*

CRIS: Sim... Como estava dizendo, eu tava com o...

MIGUEL: Realmente preciso ir! *(o terremoto passa a ser o Museu Nacional do Rio de Janeiro pegando fogo)*

CRIS: Ele me pediu em...

MIGUEL: O chefe está me cobrando muito! *(o fogo se alastrou até a Amazônia. Nesse incêndio em Miguel há lembranças de desamores que entram em seu pulmão. Lembranças de algumas semanas atrás, de 2 anos que se passaram e até de sua infância. O homem-menino que o habita possui, nesse momento, somente o desejo de não se queimar mais)*

CRIS: Miguel, eu...

MIGUEL: Por favor... *(olha fixamente para Cris como se implorasse água)*

VOZ: Por favor, respira. Consegue me ouvir? Sinta seus pés no chão e respira. Fecha os olhos. Vai abaixando até a terra, devagarin. Lembra de mim?

MIGUEL: Lembro de quando fomos à praia do Farol da Barra, em Salvador, e senti pela primeira vez meu pé na areia. Não era minha primeira ida em um lugar onde terra e água se beijam, mas foi lá que, pela primeira vez, percebi o encontro de duas entidades. Ao descer seu morro de areia senti um incômodo gostoso no pé, parecia que todos os santos me faziam cócegas. Logo depois, ao me banhar, senti seus braços me envolvendo. Algo naquele lugar me permitiu respirar. Em um certo momento, senti o beijo das duas entidades dentro de mim. O que havia naquele lugar? O que há em mim?

CRIS: Fui pedido em casamento. E aceitei. Pensei que depois desses dois anos a gente estava bem...

MIGUEL: Preciso ir. *(vai para perto da Voz, cruzando para o espaço narrativo) (Cris fica estático. Olha para a aliança e para o lado em que Miguel saiu. Respira)*

CENA 11

(Outro entra e joga vôlei com Cris. Miguel está do lado da Voz enquanto ela lava as roupas do rapaz com ele vestido)

CRIS: E o seu curso, como tá?

OUTRO: Tô no meu último semestre, não vejo a hora de acabar!

CRIS: Terminei faz pouco tempo e a sensação é ótima. Não quero outro por um bom tempo.

MIGUEL: Li uma vez que o amor é um buraco. Igual o bolso costurado, o mar cheio ou o infinito inacabado.

OUTRO: A gente fala isso mas quando menos espera se enfia em mais um.

CRIS: Acho que serei uma exceção. Não me leve a mal, eu gostava muito dele mas era estressante!

MIGUEL: E a gente tem tanto medo de cair no escuro. Principalmente no nosso.

OUTRO: Quero ver quanto tempo dura essa certeza!

MIGUEL: O que acontece se de repente eu caio, quebro os dentes e alguns ossos?

OUTRO: E seu relacionamento, como vai?

CRIS: Vai bem! Acho que nunca estive numa fase tão boa.

MIGUEL: MENINO, NÃO ÓIA PRAÍ NÃO QUE É PERIGOSO!

OUTRO: Que bom! Espero passar por isso algum dia.

CRIS: E o seu namoro, como vai?

MIGUEL: Desde criança esse abismo me foi apontado e nunca me deixaram saltar nele. "Aqui em cima é mais seguro, continua regando a cerejeira que ela te dará bons frutos".

OUTRO: Terminei faz pouco tempo.

CRIS: E como você está?

OUTRO: A sensação é ótima. Não quero outro por um bomtempo.

MIGUEL: Mas se eu pulasse? Seria acolhido por outras árvores?

CRIS: A gente fala isso mas quando menos espera se enfia em mais um.

MIGUEL: Ou minha bisa tinha razão e lá embaixo só tem chão,

OUTRO: Acho que serei uma exceção.

MIGUEL: pó

OUTRO: Não me leve a mal, eu gostava muito dele

MIGUEL: E uma triste imensidão?

OUTRO: mas era estressante!

CRIS: Quero ver quanto tempo dura essa certeza!

MIGUEL: Volto meu olhar para a cerejeira e ela é tão bonita,

OUTRO: E o seu trabalho novo, como vai?

MIGUEL: mas me dá tão pouca sombra.

CRIS: Vai bem! Acho que nunca estive numa fase tão boa.

OUTRO: Que bom! Espero passar por isso algum dia.

MIGUEL: Aquele abismo novamente me chama,

OUTRO: E seu namoro, como vai?

MIGUEL: será que lá dentro meu coração amansa?

CRIS: Terminei faz pouco tempo e a sensação é ótima. Não quero outro por um bom tempo.

OUTRO: A gente fala isso mas quando menos espera se enfia em mais um.

CRIS: Acho que serei uma exceção. Não me leve a mal, eu gostava muito dele mas era estressante!

OUTRO: Quero ver quanto tempo dura essa certeza!

(Miguel volta para o espaço dramático. O jogo de vôlei se transforma em uma dança brusca e tempestuosa. O relacionamento de Miguel e Cris terminou. Miguel está perdido, tentando reconhecer sua escuridão após tanta luz o cegar. A cerejeira de Cris está sem flores, o Outro percebe e começa a regá-la. Ninguém vê e nem ouve Miguel, seu choro é mudo e nenhum eco de seu abismo chega de forma clara a certos ouvidos. A dança acontece ao som da reprodução desordenada das falas anteriores da cena. Miguel cai. Cris e o Outro param. Miguel solta um grito silencioso. Cris e o Outro se aproximam. Miguel solta outro grito silencioso. Cris e o Outro se aproximam. Miguel solta um grito baixo. Cris e o Outro se beijam. Grito e beijo se intensificam. Silêncio. Separação)

CENA 12

(Os três estão em pontas separadas de um imenso triângulo)

OS TRÊS: Alguém me escuta?

CRIS E OUTRO: *(se olhando e abstraindo a presença de Miguel)* Sim!

OS TRÊS: Preciso de ajuda!

CRIS E OUTRO: *(se olhando e abstraindo a presença de Miguel)* Pode falar. Está tudo bem?

OS TRÊS: Tudo está confuso, preciso desesperadamente de um socorro!

CRIS E OUTRO: *(se olhando e abstraindo a presença de Miguel)* Você quer que eu vá aí?

OS TRÊS: Você pode vir?

CRIS E OUTRO: *(se olhando e abstraindo a presença de Miguel)* Sim!

(Cris e o Outro saem)

MIGUEL: Alguém me escuta? *(Silêncio)*

CENA 13

(Miguel vai em direção ao casaco bordô, pendurado anteriormente no varal, olha-o e pega-o. A seguinte fala é dada enquanto, ao fundo, a Voz emite sons que trazem uma atmosfera de praia)

MIGUEL: Será que eu ligo pra ele? *Sonhei com ele hoje, estávamos na Capela Sistina e observávamos "A criação de Adão".* Vou mandar uma mensagem, só uma, só um oi perguntando como ele está. *As mãos não se encostam, sabia? As mãos não se encostam, algo as impede de firmarem o pacto de união.* Não, não, como posso ser tão burro pra pensar em fazer isso? *Deus e Adão estão lá, um pertinho do outro, respirando o mes-*

mo ar, sentindo o mesmo Sol, existindo no mesmo espaço e tempo e não se encostam! Ele esqueceu a blusa dele aqui... Impregnada de seu perfume como sempre. *Eu o sentia assim, uma criatura no topo, cercada de amor e eu incapaz de atingi-lo.* Droga, tá, vou mandar uma mensagem: Oi! Amor, digo, Cris... Faz pouco tempo que terminamos e já não sei como te chamar. Farei melhor, não te chamarei de nada, só direi o que preciso dizer e encerramos por aqui! Direi o que eu preciso ou o que eu necessito? Não, não te direi nada, assim é melhor. O que farei é enrolar. Sim, vou enrolar falando que você esqueceu algo aqui mas não direi de cara o que é, vou deixar você adivinhar. Depois darei pistas, pistas de meia-verdade somente – o objeto é macio, bordô, tem seu cheiro. Meia-verdades, digo, porque falo de seu casaco mas ao mesmo tempo o que quero dizer é que você me esqueceu e tô te mandando essa mensagem pra você vir me buscar. Enrolo assim, desde o início, pois sei que no final não direi nada daquilo anteriormente pensado e, você sabe, vivia me falando, que aqueles que enrolam pra dizer algo e no fim não dizem nada é porque não sabiam o que queriam falar ou sabiam desde o início que não chegariam a nenhuma conclusão final. Nesse momento, estou permeado pelas duas opções – não sei o que quero dizer mas sei que não direi nada. No fim, vou excluir esse áudio estúpido e só jogar seu casaco fora porque não suporto sentir seu cheiro e saber que não terei mais sua presença, mas, mais dolorido, seria você vir buscar somente o casaco e eu te ter da forma mais efêmera desde que nos conhecemos. Sim, essa mensagem e seu casaco vão pro lixo... Só fazem 2 dias, só fazem 5 semanas, só faz um ano e 4 meses que terminamos. Hoje fez 2 anos e 1 mês e ainda não esvaziei nenhuma lixeira, não deletei nenhuma memória. *Hoje, parece que Deus e Adão vão se unir. (Miguel começa a desfiar o casaco bordô. Para. Respira. Volta a desfiar)*

CENA 14

(Miguel continua executando a ação anterior. Cris entra mandando uma mensagem de voz para o Outro)

CRIS: Oi, amor. Acabei de encontrar o Miguel e contei que vamos nos casar, parece que isso afetou ele. Ele não disse nada mas saiu correndo pra terminar o trabalho. Em um momento ele tava dançando no meio das folhas e no outro o trabalho era caso de vida ou morte, eu... Eu, realmente, não sei o que fazer. Não entendo, eu amei muito ele mas parece que sempre houve

um abismo que nos separava e que foi só aumentando durante os anos. Eu – NÃO ENTENDO? O QUE EU NÃO ENTENDO, MIGUEL? NO QUE EU NÃO TE APOIEI, MIGUEL? ME DIZ! EU SEMPRE BUSQUEI CONVERSAR CONTIGO QUANDO PERCEBIA QUE ALGO TE INCOMODAVA MAS VOCÊ SEMPRE FALAVA PRA DEIXAR QUIETO. SEMPRE QUE EU VOU ATÉ VOCÊ, PARECE QUE VOCÊ FOGE E ISSO ACONTECE DESDE O PEDIDO DE NAMORO. EU – queria voltar a ser amigo dele, ainda tenho um carinho muito forte. Mas acho melhor deixar quieto. Esses últimos anos foram tão bons, ganhei um trabalho ótimo e, além de tudo, você. Eu te amo – AMO MUITO VOCÊ, BABY. E QUERO CONTINUAR JUNTO, ENTENDER SEUS PROBLEMAS... POSSO ME APROXIMAR? TE DAR UM ABRAÇO? POR FAVOR, NÃO – não quero estragar tudo. Até pensei em ir até a casa dele, mas acho melhor dar um tempo para tudo se acalmar. Vou só passar no escritório, pegar algumas coisas e vou pra aí. Além disso, temos um casamento pra arrumar... E não me esqueci da promessa que te fiz! Beijo.

MIGUEL: Não quero um abraço... Tenho medo dele me sufocar.

CENA 15

VOZ: "É preciso esvaziar sua lixeira".

(A última fala começa a ecoar de diferentes formas: sílabas se separam e se reagrupam, palavras escapam e reaparecem, notas descem e sobem oitavas. Durante essa muvuca. Os ex-namorados se olham a uma distância significativa. Começa um jogo entre os dois: devem respirar no mesmo tempo e ritmo – durante a respiração conjunta se aproximam, ao passo que a respiração se desalinha ambos param e buscam se reconectar. Quando finalmente estiverem a um beijo de distância, dão as mãos e começam a dançar ao som que remeta músicas de estilo melancólico de Guinga. O que guia essa dança é o desejo de aproximação de Miguel com Cris e seu entendimento de que é preciso se afastar. A cada vez que Miguel pega na mão que está a aliança de noivado de Cris, seu interior se contrai. Ao fim da dança, Miguel coloca o casaco bordô no banco e sai de cena. Cris fica parado olhando o casaco).

CENA 16

(Outro entra retirando as roupas do varal, dessa vez sem a ajuda da Voz. Fala com Cris no celular).

OUTRO: Oi amor, chegou no escritório? Ah, está bem. Meu colega está acabando a visita com a primeira turma. Daqui 20 minutos começo a minha... Fico bastante feliz que vai conseguir estar aqui! Eu percebi, peguei ele pra você *(retira um casaco verde do varal).* Não precisa agradecer. Te amo. Beijos. *(Vai em direção ao narrador e fica do lado dele, cruzando para o espaço narrativo. Coloca as roupas de lado, menos o casaco verde que continua segurando)*

CENA 17

(Sozinho em cena, Cris percebe o casaco bordô no banco e o olha fixamente como se relembrasse de todo seu passado amoroso e íntimo com Miguel. Começa a cantar "Lua Branca" de Chiquinha Gonzaga.

*"*Oh! Lua branca de fulgores e de encanto
Se é verdade que ao amor tu dás abrigo
Vem tirar dos olhos meus o pranto
Ai, vem matar esta paixão que anda comigo"

Uma ligação o traz de volta ao presente – é seu noivo. Atende o celular)

CRIS: Oi, amor. Sim, já cheguei no escritório, mas não vou demorar não. Ok! Só preciso encaminhar pro meu e-mail um projeto que salvei aqui no computador. Esqueci de colocar na nuvem. Mas já tô indo, daqui a pouco chego. Preciso passar na padaria antes, esqueci meu casaco lá. Ah, verdade? Obrigado. Beijos. Também te amo.

(Desliga o celular e volta a olhar o casaco. Ele analisa aquela roupa como se lá houvesse uma bomba mnemônica que poderia explodir seu futuro a qualquer momento. Durante isso, os outros atuantes - com exceção de Miguel - cantam o restante da música.

*"*Ai, por quem és, desce do céu...
Oh! Lua branca,

Essa amargura do meu peito...
Oh! Vem, arranca
Dá-me o luar da tua compaixão
Oh! Vem, por Deus, iluminar meu coração.
E quantas vezes lá no céu me aparecias
A brilhar em noite calma e constelada
A sua luz, então, me surpreendia
Ajoelhado junto aos pés da minha amada
E ela a chorar, a soluçar, cheia de pejo
Vinha em seus lábios me ofertar um doce beijo.
Ela partiu, me abandonou assim...
Oh! Lua Branca, por quem és, tem dó de mim."

Durante a canção, Outro se aproxima de Cris e coloca o casaco verde no noivo. Ambos ficam no centro do palco e atrás dos bancos. Se abraçam)

CENA 18

(Miguel entra, coloca um lençol no varal, na mesma posição do início da peça, e senta no banco, em frente ao casal abraçado. Miguel, Cris e Outro ficam atrás do lençol e a luz mostra somente suas silhuetas. No canto, Voz prepara um banho de ervas numa bacia)

NARRADOR: "Uma noite sem estrelas" é o último quadro da sessão. Agradecemos à... *(Nesse momento, o Narrador também agradece aos apoiadores do espetáculo, à Chiquinha Gonzaga, ao espaço que estiver recebendo a peça e/ou outros agradecimentos pertinentes).*

MIGUEL: Oi... Não, não estou bem. Eu poderia mentir pra você como fiz muito no meu passado e dizer que tudo está maravilhosamente ótimo. Que estou sentado no banco do parque vendo a natureza só para me esquivar do estresse do trabalho. Mas, a verdade é que para cada mentira dessa contada uma parte de mim esvaía e não posso perder o que me restou. Não, não estou bem. Faz um tempo que não estou, na verdade. Ando dormindo mal, tenho dores no estômago e pensamentos que me invadem sem pedir licença e que não sei como expulsar. Você sempre me aconselhou tão bem e faz tempo que a gente não se fala, né? A vida tá uma correria. Comecei meu voo e mesmo passando por turbulências não posso parar senão o avião cai – você sabe dis-

so, né, foi você quem me ensinou a voar tão bem. Ficar longe de ti está sendo doloroso, tem dias que eu queria ficar no seu abraço do nascer do Sol até o partir da Lua. Não, não estou bem. A turbulência tá forte, viu. Algumas comunicações já começam a falhar e não sei como controlar esse avião. Me ajuda? O que eu faço? Como eu tomo o controle disso tudo de volta? Como eu expulso o que me invade, como faço parar de doer? Esses dias sonhei com você. Foi tão bom te ver, mesmo em sonho, depois desses tempos afastados. Não me curou totalmente. Também tô tomando chá de limão e banho de boldo, mas ainda me sinto atolado numa fadiga e cansaço sem fim. Posso ir até ti? Preciso do seu abraço, beijo, carinho, dengo. Não quero deixar meu avião cair. Não posso. Mas preciso pousar em algum lugar seguro. Seu ninho ainda tá aberto pra mim?

(Cris e Outro saem do palco de mãos dadas)

CENA 19

(Um áudio adentra a cena. Miguel ainda está no parque, mas num momento após seu encontro inesperado com Cris, em que soube do noivado de seu ex-namorado. Abre seu aplicativo de mensagens e vê que há um áudio de Cris. Escuta-o)

ÁUDIO DE CRIS: Oi, Miguel... Queria saber se você está bem. Acho que nosso encontro não foi dos melhores e não queria ter te deixado mal com aquela notícia. Enfim, me diga como está, por favor. Abraços.

(Miguel pensa em responder mas desiste. Sai da conversa com Cris e procura o chat com sua mãe – pessoa que sempre o acolheu e foi seu porto-seguro. Percebe que há um áudio dela, abre o chat e ouve)

ÁUDIO DA MÃE DE MIGUEL *(O SOM É O MESMO DA PERSONAGEM VOZ):* Oi, filho.
Como vai? Faz uns dias que a gente não se fala e um tempão que você não volta pra casa, né? Tá tudo bem? Me conta como vão as coisas na cidade nova e no emprego novo.

MIGUEL: Oi... Não, não estou bem. Eu poderia mentir pra você como fiz muito no meu passado e dizer que tudo está maravilhosamente ótimo. Que estou sentado no banco do parque vendo a natureza só para me esquivar do estresse do trabalho.

Mas, a verdade é que para cada mentira dessa contada uma parte de mim esvaía e não posso perder o que me restou. Não, não estou bem.

(Fim do áudio)

CENA 20

(Voz se aproxima de Miguel com uma bacia com ervas. Cuidadosamente, retira Miguel do fundo do palco e o leva para a frente do lençol. Banha-o com as ervas. Miguel dança nas águas ali presentes com a vontade de quem quer conversar com seus ancestrais. Sua dança acontece no decorrer da fala de Voz/mãe de Miguel)

MÃE DE MIGUEL: Oh, meu filho. Mas é claro que pode voltar! Meu ninho nunca terá nenhuma barreira pra você. Eu lembro de estar sentada em um lugar parecido onde você está, relembrando todas as histórias que já vi e as que vivi também. Nada disso é novo, então se você estiver inseguro para avançar saiba que eu estou aqui. Eu sei que dá uma ansiedade em saber onde tudo isso vai terminar... Mas, saiba: enquanto eu durar, eu estarei aqui. Acalma o coração. Vai ficar tudo bem, viu. Sei que quando a gente chora, fica tudo embaçado e é difícil de acreditar nessa frase. Mas, depois que suas lágrimas secarem ouve isso de novo. Vai ficar tudo bem. Sei que você precisa alçar voos e muitos um tanto longe – e me orgulho dessa sua trilha. Mas saiba que meus braços estão aqui pra te envolver e te acalentar. Se doe pra mim? Sinta seus pés no chão e respira. Fecha os olhos. Vai abaixando até a terra, devagarin. As vezes a gente fica todo sabichão e esquece de olhar pra trás, pro chão... Respire, chore, deixe as lágrimas fluírem e formarem um belo rio. Depois, veja-o de cima e permita-se se olhar também. Ver nosso reflexo não é narcisismo, não. As nossas águas na verdade nos ajudam a ver o que muitas vezes é tampado. E pode voar pra cá de volta. Pego meu violão, você me fala uma nota e a gente inventa uma nova música, igual quando você era pequenininho. Lembra disso? E, depois, a gente dança junto novamente. Você ainda dança? Eu faço isso sempre que a saudade já tá maior que o peito, me ajuda a reconectar contigo. Querido, vou indo lá que a panela tá no fogo e não posso deixar o feijão queimar. Me fale quando você vem que faço aquela lasanha que você adora, tá? Te amo!

(Miguel termina a dança e para. Narrador vai até Voz/mãe de Miguel e entrega o violão para ela. Voz toca uma nota, Miguel e Voz reproduzem a nota com sua voz de forma prolongada. A luz diminui na medida em que o som de ambos se finda).

FIM

VICTOR LIMA

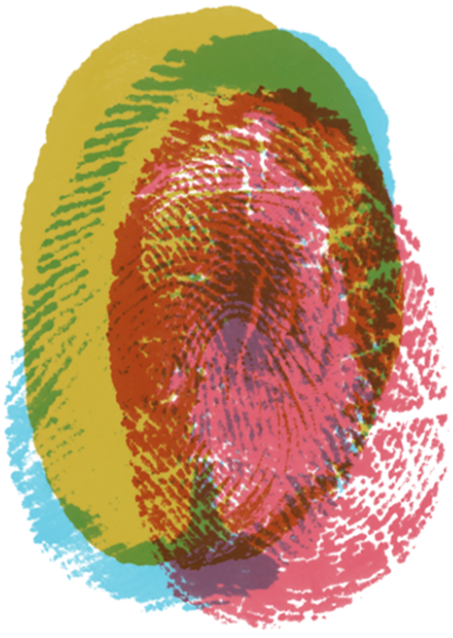
Artista-pesquisador da cena, bacharel em Artes Cênicas/UNICAMP. Participou como ator, diretor, dramaturgo e educador em montagens com circulação nacional (Campinas; São Paulo) e internacional (Espanha; Noruega). Realizou três Iniciações Científicas financiadas pela FAPESP, nas áreas do teatro negro, dança contemporânea e dramaturgia do movimento.

DESENLEAR NÓS

Lua Leal

"Esse texto se destaca pelo núcleo central afro-centrado no cabelo crespo, pela abordagem das estéticas negras femininas e da ancestralidade africana trançada em nós. A dramaturgia trama conflitos sobre subjetividades vilipendiadas e sua resiliência no contexto do país onde ainda vive a maior população negra fora do continente africano, mais de 100 milhões de afro-brasileiros, entretanto, paradoxalmente, ainda vigoram padrões eurocêntricos excludentes."

Cristiane Sobral



PERSONAGENS

Meninas Baobás
A menina que queria ter cabelo longo
A menina que não se olhava no espelho
A menina que alisava o cabelo por opção
A menina que só usava o cabelo preso
Moça Figueira
Entrevistadora
Avó Baobá

PRIMEIRO ATO

CENA 1 - CABELO UMBILICAL

O cenário é composto por uma espécie de cortina com várias mechas de cabelos que ficam espaçadas entre si. São mechas de cabelos longos e grandes que estão pendurados numa estrutura de vara. Esses cabelos são conjuntos de fios grossos soltos e trançados que estão em diferentes direções. Ficam localizadas no fundo da cena e na frente, no meio do palco tem um banquinho de madeira. Quatro meninas se fundem nas mechas se tornando parte do cabelo umbilical. As atrizes têm mechas do cenário que se conectam com os próprios cabelos. Assim que há uma mudança na luz, as atrizes formam imagens se relacionando individualmente com as mechas de cabelo, ao som de tambores que marcam essa transição de movimentos. Após a conclusão da passagem, elas se afastam da cortina de cabelo e se posicionam no proscênio do palco. Cada uma desvincula a sua própria mecha umbilical e revelam os seus próprios cabelos.

MENINAS BAOBÁS

Estou sempre desatando nós
Nós das mechas emaranhadas
Que se enlaçam em pequenos entrelaçamentos
Por vezes desejei desemaranhar os tufos
Que de tão áspero reage agrupando os fios no pente fino
O tufo que desde a raiz do couro, cresce em demasia
Como ervas daninhas que sobrevivem à adversidade do seu solo
Desenredando a maçaroca encrespada
Que nem mesmo ferro quente altera a estrutura da juba armada
Ao menor sinal de suor
Revela-se do início ao fim
Precisei perceber que desenlear os nós
Seria uma tarefa diária
Quantas vezes quis arrancar esses embaraços?
Que crescendo a cerca do fio, se levanta em direção ao céu
Mesmo com o meu esforço de deixá-las em direção ao chão

CENA 2 - PRA SER BONITA TEM QUE SOFRER

Música: As Pretinhas no Corre

E pra começar
Na ponta do pé que brincar
Nenhum juízo no lugar

Ninguém viu
Ninguém viu

Antes de espiar
Andando em qualquer lugar
Maneiras pra continuar

Ninguém viu
Ninguém viu

Ela vai sambar
Antes mesmo de comemorar
Tudo vai sair do lugar

Ninguém viu
Ninguém viu

E pra completar
A confusão vai encontrar
O lado mais fraco arrebentar

Ninguém viu
Ninguém viu

Ninguém viu
Ninguém viu

O corre das pretinhas ÔÔÔ
O corre das pretinhas ÔÔÔ

Cresceu tão depressa
Que ninguém pode
Ninguém pode acompanhar

O corre das pretinhas ÔÔÔ
O corre das pretinhas ÔÔÔ

Restando a coragem
De contra todos
Contra todos rebelar

As irmãs vão em direção ao cabelo-banheiro para buscar a recém compra. Elas olham a embalagem e a esconde dentro de um cabelo-brinquedo. Colocam o brinquedo na sala-quarto. Sentam-se em cima das cobertas e ficam olhando por um breve tempo para o cabelo-brinquedo. Quase se arrependem do que fizeram, mas continuam na mesma posição paradas, não conseguem se mexer.
Tem a impressão que a mãe pode chegar a qualquer momento, mas ao mesmo tempo tem a impressão de um silêncio muito prolongado. Se olham por um tempo e não conseguem dizer nada. Cada uma das meninas negras estão posicionadas numa mecha de cabelo e elas se deslocam de uma mecha para outra, se escondendo. As mechas são iluminadas por um jogo de luz que revela as atrizes no espaço. Tem a impressão de ouvir algo, mas não era nada, finalmente o silêncio foi rompido.

Menina Baobá mais nova: Será que esse tamanho vai dar pra nós duas?

Menina Baobá mais velha: Só vai dá pra saber quando a gente chegar lá.

Menina Baobá mais nova: Temos que levar creme, pente fino e sabão de côco.

Menina Baobá mais velha: Mas se a gente sair com muita coisa alguém pode desconfiar.

Menina Baobá mais nova: Será que lá tem outra sacola? *Ouvem o som de chaves na porta. A menina baobá mais velha faz um gesto de silêncio. Se assustam e ficam imóveis. Mas percebem que é a casa da vizinha ao lado. Nesse momento percebem que a qualquer momento a mãe pode voltar. A menina baobá mais velha escreve um bilhete no saco de pão, que será reproduzido através de uma voz off enquanto redige:*

Menina Baobá mais velha: Mãe, tô indo pra casa da tia. Vou mais cedo porque a tia precisa de ajuda pra descascar o milho pro São João. A sua bença. *As meninas saem do centro da cena e vão até a lateral do palco: uma pega o banquinho do centro e a outra sobe num praticável envolvo de corda de Sisal. Posicionam o banquinho em cima do praticável e sobem. Uma está sentada num banco baixo de madeira, enquanto a outra, acocorada entre as pernas, tem o seu cabelo dividido.*

Menina Baobá mais velha: O bom mesmo é quando o cabelo está sujo. A raiz fica lisinha!

Menina Baobá mais nova: Ai!

Menina Baobá mais velha: Não reclama não! Pra ficar bonita tem que sofrer! Essa é a parte mais tranquila... O pior é a coceira quando coloca o produto e tem que deixar bastante tempo pra fazer efeito!

Menina Baobá mais nova: Ai! Tá doendo!

Menina Baobá mais velha: Preciso desembaraçar esse cabelo! Acho que vou colocar creme pra ajudar.

Menina Baobá mais nova: Vamos começar a misturar logo, até começar o seu! Vai demorar muito. *Mudança de luz*

Menina Baobá mais velha: Você acha que ficar bonita é fácil! É assim mesmo, demora. Se esse cabelo não fosse tão difícil, a gente separava mais rápido! Tô com medo de colocar outro creme e tirar o efeito

Menina Baobá mais nova: Pode puxar! Vou aguentar firme a dor! Segura a lateral da frente do banquinho e fecha os olhos. *Mudança de luz*

Menina Baobá mais velha: Divida o cabelo a partir do meio da cabeça em 4 partes - duas atrás e duas na frente. *Faz referência ao cabelo da menina Baobá.* Aplique o produto no pescoço, orelhas, em volta do rosto, na linha do cabelo e no couro cabeludo para evitar possíveis reações.

Menina Baobá mais nova: *Levanta a cabeça e abre os olhos.* Em caso de retoque, aplique também no comprimento do cabelo. Coloque luvas. Siga as três etapas de aplicação a seguir e não pule nenhuma.

Meninas Baobás: Pra ser bonita, tem que sofrer!

Menina Baobá mais nova: Ai!

Menina Baobá mais velha: Comece a aplicação pela parte de trás, mecha a mecha, aplicando generosamente com o auxílio

de um pincel ou pente. Cubra todo o cabelo - e o mais rápido possível - para assegurar total cobertura de toda a cabeça.

Menina Baobá mais nova: Após a aplicação do produto, utilize a palma da mão para suavizar as áreas de aplicação, sempre manipulando no sentido dos fios e nunca ao contrário, pois esse esforço poderá parti-los. Aplique o produto alisante por área.

Menina Baobá mais nova: Ai!

Meninas Baobás: Pra ser bonita, tem que sofrer!

Menina Baobá mais velha: Em cabelos virgens, enluve gentilmente com 0,5 cm de distância da raiz às pontas. Não puxe ou estique o cabelo. Para obter distribuição homogênea, enluve e manuseie levemente os cabelos com as mãos e use os últimos minutos do tempo para massagear o cabelo, verificando se alguma área ficou sem aplicação.

Menina Baobá mais nova: Ai!

Meninas Baobás: Pra ser bonita, tem que sofrer!

Menina Baobá mais nova: Comece o enxágue pela parte de trás do cabelo, cuidadosamente, com água em abundância morna ou em temperatura ambiente. Aplique o Shampoo Neutralizante. Ele é indispensável para a remoção total de resíduos.

Menina Baobá mais velha: Depois que todo o produto for removido, aplique um Condicionador de sua preferência. Distribua uniformemente o produto todo no cabelo e deixe agir por 5 minutos, enxágue e finalize como desejar.

Menina Baobá mais nova: Ai!

Meninas Baobás: Pra ser bonita, tem que sofrer!

Menina Baobá mais velha: Pronto! *Mudança de luz*. Agora a gente coloca um saco na cabeça e espera o cabelo começar a ficar normal. Quando ele estiver macio, lisinho e fácil de desembaraçar, podemos colocar o shampoo.

Menina Baobá mais nova: A cabeça começa a latejar, uma coceira frenética se espalha em todo o couro cabeludo.

Meninas Baobás: Pra ser bonita, tem que sofrer!

Menina Baobá mais nova: Coço o cabelo com o pente, por cima da sacola. Manchas vermelhas surgem de forma instantânea.

Meninas Baobás: Pra ser bonita, tem que sofrer!

Menina Baobá mais nova: A coceira fica cada vez mais insuportável, de coceira vira ardência e de ardência se transforma em feridas subcutâneas que eclodem ao longo de toda extensão do couro cabeludo!

Meninas Baobás: Pra ser bonita, tem que sofrer!

Menina Baobá mais nova: O cabelo desprende com facilidade do couro, revelando falhas, caminhos e buracos.

Meninas Baobás: Pra ser bonita, tem que sofrer!

Menina Baobá mais velha: Advertimos que esse produto pode causar efeitos colaterais graves, seja a curto ou longo prazo. Em caso de ingerir ou apresentar alergia adversa procure um médico. Esse produto contém os seguintes ingredientes: Aldeído Fórmico, Metileno Glicol, Metil aldeído, Formalina, Metanal, Metilparabeno, Quaternium-15, Metilcloroisotiazolinona, Diazolidinil ureia, Óxido de Metileno, DMDM hidantoína, Oximetileno, Oximetano ou popularmente conhecido como FORMOL.

Meninas Baobás: Pra ser bonita, tem que sofrer!

Sons de tambores, mudança de luz. A menina baobá desce do praticável, posiciona o banquinho no centro da cena e se retira de cena com o pente e o pote do produto. A menina Baobá mais velha sai do praticável, retira um envelope da parte de trás das mechas e senta no banquinho.

CENA 3 - PROCURA-SE MOÇAS COM BOA APARÊNCIA

A menina baobá, eclode precocemente e interrompe o processo de Baobá, germinando como Moça Figueira. Seus galhos tristes, guardam os frutos maduros da sua jovialidade. A Moça Figueira se prepara para a entrevista de emprego. Avalia o lugar e as suas concorrentes. Todas bonitas e com boa aparência. Se

sente mal naquele lugar, mas decide ficar. Afinal de contas, era a primeira entrevista depois de um intervalo de seis semanas e 3 dias. Não podia se dá o luxo de desistir. Achou que chegaria tranquila, a tempo de treinar um pouco no banheiro, mas demorou além do previsto. Faltavam 3 minutos para começar. Com a demora da chegada do elevador de serviços, demorou muito tempo para chegar ao vigésimo primeiro andar. Transpirava em excesso.

Moça Figueira: Bom dia! *(Mudança de luz)* Eu vim pra vaga de ascensorista.

Entrevistadora: Trouxe currículo e caneta?

Moça Figueira: Sim, aqui está! *(Retira a folha do envelope e mostra ao público uma folha sulfite escrito: CURRÍCULO).*

Entrevistadora: Aqui diz que você tem 24 anos, solteira e que mora na zona sul de São Paulo. Tem filhos?

Moça Figueira: Não tenho não. *(Observa a mulher escrever algo numa folha, mas não consegue vê o quê exatamente).*

Entrevistadora: Pensa em ter filhos?

Moça Figueira: Não, talvez futuramente.

Entrevistadora: Com quantos anos você pretende ter filhos?

Moça Figueira: Eu não sei, talvez com 35 anos.

Entrevistadora: Mora com quantas pessoas?

Moça Figueira: Quatro *(A mulher continua escrevendo na folha sem olhá-la nos olhos).*

Entrevistadora: Quem mora com você?

Moça Figueira: Eu, minha mãe, meu pai e o meu irmão mais novo. *(Nesse momento a mulher olha pra ela, como se descobrisse uma brecha).*

Entrevistadora: Quantos anos ele tem?

Moça Figueira: Quinze anos.

Entrevistadora: Se acontecesse alguma questão médica com ele, quem seria responsável por levá-lo ao médico?

Moça Figueira: Os meus pais. (*incomodada com a pergunta, mas tentando não perder a calma*)

Entrevistadora: Mas eles não trabalham? Só você seria responsável financeira da sua casa?

Moça Figueira: O meu pai trabalha numa oficina de mecânico. A minha mãe é dona de casa. O trabalho do meu pai é flexível. Ele consegue se organizar se surgir algum imprevisto. Mas caso ele não consiga, a minha mãe poderia cuidar disso.

Entrevistadora: Então o trabalho do seu pai não é registrado em carteira? *(como se achasse uma brecha na história da moça-figueira)*

Moça Figueira: Não. O meu pai trabalha de acordo com a demanda de carros.

Entrevistadora: Acredito que seja um trabalho nada seguro. *(Fala com um tom satisfatório e volta a escrever no papel)*

Moça Figueira: Sabe que eu acho que não... *(Fala chamando atenção da entrevistadora que para de escrever na folha)* Eu vi num jornal que no futuro terá mais carros pelas ruas da cidade do que pedestres. Não sei se isso é verdade, mas me parece ser impossível pensar no futuro sem carros. Falo isso porque tomei dois ônibus e uma lotação para chegar até esse prédio aqui. O meu pai é mecânico desde criança, quem ensinou tudo pra ele foi meu avô. Então acredito que ele terá muito trabalho. Ah, e como você pode observar, eu fiquei cinco anos na minha última empresa, tenho carta de recomendação. Nunca faltei ao trabalho e nunca precisei me ausentar.

Entrevistadora: Então porque saiu do seu antigo trabalho se ficou tanto tempo assim? (*Pergunta de forma provocativa*)

Moça Figueira: Infelizmente, o prédio que eu trabalhava se modernizou e agora as próprias pessoas selecionam os seus andares. *(A entrevistadora fica surpresa com a inteligência da moça-figueira)*

Entrevistadora: Não consigo imaginar prédios sem ascenso-

ristas! Eu fiquei sabendo que alguns prédios que estão fazendo isso, mas acho que essa ideia não vai pra frente! É preciso organizar as coisas. Imagina a bagunça que seria o mundo, isso é impossível! Francamente!

Moça Figueira: Nem me diga! (*Tentando parecer diplomática*) O meu antigo prédio tinha três torres, todos os ascensoristas foram demitidos...

Entrevistadora: Esse foi o seu único emprego?

Moça Figueira: Foi sim. Eu entrei lá desde os meus quatorze anos, mas só fui registrada muito tempo depois aos vinte.

Entrevistadora : Impressionante *(Surpresa)*. E é justamente de uma pessoa assim que estamos precisando. A rotatividade de funcionários aqui é muito grande. Após a contratação sempre surgem os problemas e temos que dispensar sempre antes do período de experiência.

Moça Figueira: Entendo. Mas a senhora pode falar com o meu antigo chefe e ele irá assegurar como era o meu trabalho.

Entrevistadora: Sim, iremos ligar para esse número de referência *(Indica ao currículo).* Bom, só mais uma informação muito importante: Prezamos que todos os nossos funcionários de todos os turnos mantenham uma boa aparência. *Durante a fala é projetado imagens de pessoas com boas aparências, ilustrando a fala da entrevistadora*. Para os homens é importante que a barba seja sempre feita, terno bem passado e sapatos engraxados. Já as mulheres, roupas claras, sem decotes e saltos altos. Cabelos arrumados, coque baixo, preso com grampos e bem penteado. Esse prédio residencial é de alto padrão e é importante manter a boa aparência. *Olha para os cabelos da moça figueira com ar de reprovação, como se o discurso falado não representasse o que via na sua frente.* O nosso rosto é nosso cartão de visitas! *(Força um sorriso).* Todos os nossos funcionários seguem essas regras. Bom, caso você seja selecionada entraremos em contato em breve. Boa sorte!

Moça Figueira: Obrigada. *Já não sente mais nada, se retira da sala vencida e ainda sente o olhar da entrevistadora a acompanhando. Espera o elevador de serviço chegar. Já sabia que para aquela vaga não seria chamada. Se arrepende de não ter dado tempo de retocar a raiz do cabelo. Volta pra casa e*

estranha o silêncio. Procura as meninas e vê o bilhete no papel de pão. Estranha aquele recado, mas decide não pensar a respeito. Fica feliz por suas filhas não estarem em casa e estar sozinha. Decide aproveitar o momento para arrumar os seus cabelos. Procura o frasco do produto no meio das mechas. Desconfia das filhas, mas procura em outros lugares e perde a noção do tempo. Fica refletindo como conseguirá emprego naquele estado e fica um tempo à procura, mas é interrompida por batidas na porta. Um vizinho avisa que uma das suas filhas está internada no hospital. Não consegue pensar em mais nada, não compreende como sua filha foi parar no hospital. A luz apaga.

CENA 4 - AS MENINAS - ESTAÇÕES

A menina preta que alisava o cabelo por opção, traz consigo o chuveiro - regador e a panela rodinhas. As demais meninas molham os seus cabelos no chuveiro - regador e ensaboam os próprios cabelos com detergente. Usam os seus cabelos como palha de aço, esfregando de diferentes formas a grande panela. Durante as falas é projetado imagens de fotos das atrizes crianças mostrando a sua relação com o seu cabelo crespo e armado.

A menina que só usava o cabelo preso:. Quando mais nova, pedia para minha mãe prender o meu cabelo bem preso. Nenhum tufo podia sair do elástico que puxava com força a minha cabeça. Prendia o fuá num coque e quando aqueles fiapos insistiam em sair, usava muito gel. Na escola os meu amigos me perguntavam porque eu nunca usava o cabelo solto e antes mesmo que eu tivesse coragem para responder, diziam que o meu cabelo era muito rebelde pra ficar solto. Tinha que domar a juba!

A menina que não se olhava no espelho: Um dia ouvi de uma vizinha que o meu cabelo só podia ser amaldiçoado. Como era possível a minha mãe ter uma filha com um cabelo assim? Aquilo ficou na minha cabeça, até então eu que nunca tinha visto algum problema, passei a ter todos. Logo depois as coisas pioraram. Cantavam músicas para mim. Uma vez uma amiga me contou que sabia uma história de uma mulher que tinha raspado o cabelo e ele começou a nascer bom. Eu tinha vontade de saber se essa história era verdade mesmo.

A menina que queria ter cabelo longo: Todo o dia às 04:30 da manhã eu acordava antes que todo mundo só pra arrumar o

meu cabelo. Dividia o cabelo e em pequenas partes passava a prancha, mecha por mecha. Eu sentia o cheiro do cabelo queimando. Levava uma hora até tudo ficar esticado e quando eu acabava, já era hora de ir pra escola! Também não podia suar. De jeito nenhum! Porque assim a raiz do cabelo começava a aparecer e quando o tempo ameaçava a chover: aí que vinha o meu desespero! Ia correndo pra casa pra que nenhuma gota me alcançasse.

A menina que alisava por opção:

O veneno jogado no terreno
Não deixou a terra vingar
Nenhum fruto foi capaz de crescer
As raízes não conseguiram aterrar
O cultivo da terra mesmo que ameno
Não evitou o solo de rachar
A semente germinada voltou a nascer
Entre as frestas começou a brotar

SEGUNDO ATO

CENA 4 - FINCAR AS RAÍZES COMO O BAOBÁ

A Menina Baobá tem os cabelos cuidados pela sua avó.

Menina Baobá - Vó, porque o meu cabelo é assim?

Avó - Assim como? Tão bonito?

Menina Baobá - Não, vó! Porque ele é diferente?

Avó - Diferente como?

Menina Baobá - Porque ele assim?

Avó - Assim como?

Menina Baobá - Porque ele é feio?

Avó - Se é assim então, o meu também é feio!

Menina Baobá - *Menina olha pra avó interrompendo a trança nagô sendo feita.* O seu cabelo não é feio!

Avó - Você não acha? (*ri*)

Menina Baobá - Eu gosto do meu cabelo, vó! Mas são as outras pessoas que não gostam... Eu queria que ele fosse como o de todo mundo! Estou cansada de ser diferente. A senhora alisa o meu cabelo?

Avó - Eu vou te contar uma história, se até o final da história você quiser alisar o seu cabelo, então eu aliso o seu cabelo depois do seu aniversário.

Menina Baobá - O meu próximo aniversário vai demorar!

Avó - E pra quê tanta pressa? Quando eu tinha a sua idade, eu e a minha irmã, fazíamos de tudo pra ter o cabelo igual a de todo mundo. Um dia, perto da semana de São João, eu e ela, aproveitamos que a sua bisavó tinha ido numa entrevista de emprego e pegamos o alisamento dela escondido. A gente foi até a casa de uma amiga que já alisava o cabelo e ela ajudou a passar o produto. A minha irmã tinha passado primeiro, a gente estava ansiosa para vê o cabelo dela. Mas, assim que terminamos de passar, o cabelo dela começou a coçar e a queimar. Caíram vários tufos, formando bolhas e ferimentos na cabeça. Ficamos muito assustadas! A minha irmã chorava muito de dor e desespero, quando viu o cabelo caindo no chão. Pedimos ajuda e nos levaram para o hospital. O pior foi quando a sua Bisavó chegou. A gente estava com medo de levar uma surra... Mas o que aconteceu foi muito pior!

Menina Baobá - *Menina olha pra avó.* O que aconteceu, Vó?

Avó - Sua bisa, entrou no médico, olhou pra gente e começou a chorar. Eu nunca tinha visto a minha mãe chorar. No final eu preferia ter apanhado... A minha irmã ficou com uma alergia muito grave e o tratamento para cuidar dela era muito caro. Ela não pode ir para a escola por um tempo, não podia pegar sol e tinha muita vergonha das falhas na cabeça. Eu me senti muito mal pelo que aconteceu com a minha irmã...

Menina Baobá - Mas a culpa não foi sua, vó...

Avó - Eu sei...

Menina Baobá - Você tem medo que isso aconteça comigo?

Avó - Não é isso... Naquele tempo os produtos eram diferentes dos de hoje... Quando eu era criança, o meu sonho era ter um cabelo de comercial de TV. Eu sempre que via a minha mãe passando produto eu tinha vontade de fazer também.

Menina Baobá - A Bisa não gostava do cabelo dela?

Avó - Naquele tempo era muito caro comprar química, era tudo importado de fora, do estrangeiro. Antigamente, pra você ser contratada, tinha que ter boa "aparência"! (*tom zombeteiro*) A sua Bisa tinha acabado de ficar desempregada. Ela tinha sido demitida de um prédio que ela tinha passado anos trabalhando dentro do elevador. Quando a minha irmã recebeu alta do hospital, a sua Bisa Dona Arlete, contou uma história sobre os nossos cabelos. Eu nunca me esqueço:
O nosso povo por muito tempo foi arrancado da sua mãe solo e foram colocados em alto mar para terras até então desconhecidas por eles. Por muito tempo os nossos ancestrais usavam os seus cabelos como mensagem para que o nosso povo resistisse à barbárie. Você sabia que os nossos cabelos eram usados como mapa para guiar o longo caminho da fuga? *(Avó e a menina Baobá acenam que não com a cabeça)*. Isso não contam na nossa história! Pra quê forçar as folhas de uma árvore ir pra baixo, quando assim como um baobá, ela quer crescer pra cima? Não deixe que as suas raízes fiquem enfraquecidas. Mesmo com a ventania forte, se você fincar as suas raízes no chão, elas sempre vão ficar de pé!

CENA 5 - REGANDO A VEGETAÇÃO

Todas: Hoje as Meninas Baobás acordaram diferentes!

A menina que só usava o cabelo preso: Cansadas de se mutilarem, realizaram o grande corte!

A menina que queria ter cabelo longo: Corte esse que marcava o início de uma nova colheita!

A menina que não se olhava no espelho: Finalmente pela primeira vez elas poderam se reconhecer!

A menina que alisava o cabelo por opção: E buscaram no passado um novo caminho no presente!

Todas: As Meninas Baobás realizaram o grande corte!

Juntas elas farão a grande ruptura e deixarão florescer a vegetação fértil que antes era vista como erva daninha!

CENA 6 - NUTRIR SOLO FÉRTIL

Entram as meninas baobá, conectando a infância com a idade adulta. Juntas elas farão a grande ruptura e deixarão florescer a vegetação fértil que antes era vista como erva daninha. Cena do corte da cortina-cabelo. As meninas mulheres se reúnem no centro do palco e usam o pente garfo, armando os seus cabelos. O espetáculo encerra com a última música.

MÚSICA: DEIXA FLORESCER BAOBÁ

Deixa Florescer, Baobá

Cresceu no solo do terreno
Uma pequena plantação
Mas arrancada do seu solo
Resistia a devastação

Deixa Florescer, Baobá

Nem mesmo todo pesticida
Parou o solo de brotar
Contaminava a superfície
Mas na raiz não chegará

Deixa Florescer, Baobá

Uma vegetação rasteira
Resistiu a aniquilação
Mas pra que maltratar a terra, aiaiaia
Que só nutria esse chão

Deixa Florescer, Baobá

Vejo a beleza dessa terra
Que algum dia eu possa acreditar
Mesmo que eu feche os meus

olhos Ergo a coroa por luar

Que em nenhum momento hesite
Da minha história, meu lugar
Mesmo que quase não contada
Eu vou pro mundo espalhar

Deixa Florescer, Baobá
Deixa água na terra irrigar
Solo fértil pra alimentar
Deixa Florescer, Baobá

Deixa Florescer, Baobá
Deixa Florescer, Baobá
Deixa Florescer, Baobá
Deixa Florescer Baobá...

FIM

LUA LEAL

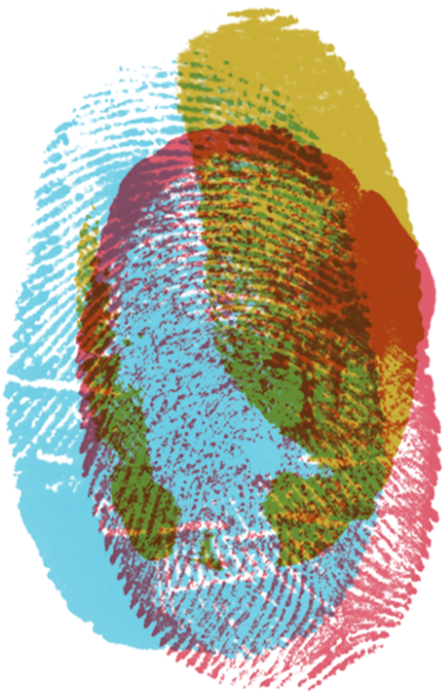
Atriz, diretora e dramaturga, nascida em Heliópolis, periferia da capital paulista. Estudante do núcleo de direção teatral da Escola Livre de Santo André e do curso de canto da Etec de Artes de São Paulo. Formada em Teatro pela Faculdade de Artes Célia Helena. Transforma as suas histórias em escrevivência, friccionando novos caminhos e trajetórias.

DISRITMIA

Vitória Ricardo

"O texto mergulha em um clima de crescente apreensão. A trama acompanha um coletivo de ativistas à frente de um aplicativo para registrar denúncias contra a violência policial, confrontados pelo súbito desaparecimento de Mar, uma figura essencial em sua organização. A inclusão de personagens não-binários, explicitada na nota inicial, sinaliza uma intenção da autora de confrontar as estruturas sociais de gênero e raça, permeando a narrativa com discussões contemporâneas sobre identidade e poder."

Dalila Ribeiro



CENA 1 - Taquicardia

O céu é de um azul completamente escuro e sem estrelas, parece até que vai chover. O relógio de pulso de alta tecnologia marca 23:57.
Um vazio no silêncio.
Não se ouve um grilo se quer.

Mar

Pela visão periférica percebo a presença de alguém.
Um homem magro, alto, branco, e que veste roupas escuras.
Engulo saliva para tentar descer o nó que se forma em minha garganta, mas sem sucesso. Aperto o passo, mas não o suficiente para demonstrar o medo que estou sentindo. Ele se apressa
E eu mais ainda.
Eu corro.
Ele corre.
Não consigo pensar em mais nada a não ser correr o mais rápido que minhas pernas conseguem.
Sinto o meu corpo quente, coração acelerado e o fôlego que me falta. Mas agora não tenho tempo para parar e respirar corretamente.
Meu cérebro não consegue pensar em mais nada a não ser em fugir.
Não, eu não pensei em gritar. Quem ouviria?
A meia noite de uma quinta-feira?

Perspectiva Gaia

Abro o celular
Nenhum sinal da Mar, a última mensagem nem sequer foi enviada.
(Ela pula da cama, coloca uma camiseta moletom e sai correndo)

Perspectiva Vinni

Acordo com barulhos de mensagens sendo enviadas uma atrás da outra, vejo que tem mensagens da Gaia perguntando de Mar.
Eu respondo: Não sei.
Olha pro lado e observo Babi dormindo com a respiração calma, e lembro do que ela me falou ontem a noite. Das mensagens de ameaça que vinha recebendo. Fico preocupado.

(O celular dela toca)

Vinni: Babi (fala sussurrando) Ela nem sequer se move.

Perspectiva Alfa

Acordo assustado com batidas na porta. Coloco o chinelo e vou até lá. Quando abro é Gaia, sua expressão é de susto como se tivesse visto um fantasma. E ela fala tão rápido que eu quase não consigo entender.

Gaia: Cara, tu tem notícias da Mar?? Ela não responde às minhas mensagens. Na verdade não chegou nem a enviar as mensagens no celular dela. Eu to com um mau pressentimento, acho que algo pode ter acontecido.

Alfa: Não Gaia. Eu não sei.

Gaia: Como assim? Não sabe? vocês estavam juntos ontem a noite, não?

Alfa: Ei calma, estávamos, mas ela foi embora umas 23:40 sei lá. Ela não tá com Babi?

Gaia: NÃO. Babi ta com Vinni!

Alfa: Caraca Gaia, ela te contou das mensagens né? De ameaças.

Gaia: PUTA MERDA, eu te falei que esse aplicativo uma hora ia dar ruim!!!

Perspectiva Babi

Acordo com Vinni me cutucando sem parar.

Babi: O que é Vih? (Fala sonolenta)

Vinni: Gaia tá te ligando... Há um tempo já. (Ela atende)

Babi: Oi?

Gaia: Caralhoo Babi até que enfim. A Mar sumiu porra.

Babi: Que? Como assim?

Gaia: Ela saiu da casa do Alfa às 23h de ontem, e não voltou pra casa. Já liguei, mas caí direto na caixa postal.

Babi: C ta onde?

Gaia: No Alfa.

Babi: Tô indo. (Desliga a ligação)

Vinni: Que foi?

Babi: Meu, a Mar sumiu.

CENA 2 - Arritmia

(Todos recebem uma ligação anônima pedindo a exclusão do aplicativo em um prazo de 12h se não, Mar morrerá.)

Alfa: Gente, eu sei que estamos lidando com a vida de alguém, isso é muito sério. Mas Mar é a pessoa mais militante que eu conheço, ela morreria por esse aplicativo.

Gaia: Mas não literalmente né. VOCÊ TÁ FICANDO LOUCO?

Babi: É Alfa, calma lá também né. Não é pra tanto.

Vinni: Deve ter um jeito de fazer as duas coisas, não? Salvar o aplicativo e salvar Mar.

Gaia: Dúvido, não com esses CANALHAS. Eles estão pouco se fudendo pra gente, vocês não percebem? Só querem se livrar de qualquer merda no nome deles. Eles nos fodem e depois agem como se a culpa fosse nossa. Caramba, eu não acredito que isso está acontecendo. (Fala com a voz embargada).

Babi: E se pedirmos ajuda?

Alfa: Pra quem?

Babi: Sei lá, pra...

Alfa: Pra polícia?

Babi: Alfa eu tô falando sério. Alguém que possa ajudar, de verdade. (Gaia permanece quieta, com a cabeça abaixada)

Babi: Calma Gah, vamos achar um jeito, vai dar tudo certo. (Ela fala abraçando Gaia por trás)

Alfa: Esse aplicativo não vai ser apagado, se depender de mim. E de qualquer jeito só eu sei como fazer isso mesmo então... (Gaia se levanta e vai em direção a Alfa com o tom de voz alterado)

Gaia: Você é um cuzão Alfa. É isso que você é. Você realmente gosta da Mar? Realmente gosta de nós? Arriscar perder uma pessoa pra salvar a porra de um aplicativo? Que tipo de ser humano você é? Ein?

Babi: Calma ele não quis dizer isso.

Gaia: Quis dizer o que então?

Alfa: Cara, a gente passou meses estudando possibilidades de como fazer isso acontecer. E depois de um ano deu certo.

Gaia: Certo? Você acha que deu certo? Mar ser sequestrada por pessoas que a gente já sabe muito bem como é, e como agem. Acho que você deveria repensar sua visão de certo.

Alfa: Pode me atacar o quanto for Gaia, mas tudo isso é muito complexo, essa situação toda. Eu não sei o que fazer. Esse aplicativo é muito valioso, de verdade.

Vinni: Cara, estamos lidando com a vida de uma pessoa. Isso sim é valioso. Pensa bem.

Alfa: Sim, compreendo. Mas penso no tanto de pessoas que esse aplicativo pode estar ajudando. E eu sei que...

Babi: Ah gente, ele tem razão**.** Pessoas pretas estão morrendo neste exato momento. Se pararmos pra pensar no tanto de gente que a PM matou. Crianças, cara!!! E só piora cada vez mais, as coisas não podem ficar assim, talvez o aplicativo seja algo que mude a vida de alguém. Não só de uma pessoa, mas de várias. Poder fazer essas denúncias contra a PM é algo que vale lutar.

Alfa: Se excluímos vamos, estar dando exatamente o que eles querem.

Vinni: E se a gente bolar um plano?

Gaia: Eles não são idiotas Vinni. Essa gente tem olhos em todos os lugares.

Alfa: Olhos, ouvidos. Eles sabem de tudo que está acontecendo.

Vinni: Nós temos apenas algumas horas. Vamos fazer uma votação? (Gaia olha para Vinni irritada)

Gaia: É sério isso? Você quer decidir a vida de uma pessoa por votação?

Babi: Eu tô muito ansiosa, eu não consigo pensar.

Vinni: Eu pego uma água pra você. (Vinni se levanta e vai até a geladeira e pega água para todo mundo)

(Um silêncio se instaura por por quase uma hora)

CENA 3 - Bradicardia

Gaia: Gente é o seguinte, eu sei que é uma decisão difícil. Mas eu amo a Mar e faria qualquer coisa por ela, qualquer coisa mesmo. Eu a conheci há quatro anos, e mais do que ninguém posso dizer que ela é corajosa, teimosa e que sempre sonhou em mudar o mundo e fazer coisas boas. Tenho certeza de que ela falaria para manter o aplicativo. Porque ela é bondosa, ela é tão bondosa que até dói. Mas não é justo, não é justo uma pessoa ter que morrer para salvar outras. Isso não deveria ser assim, o mundo não deveria ser assim. Vocês vão me desculpar, mas eu não irei permitir isso.

Babi: Eu concordo, ela é nossa amiga, é uma pessoa de carne e osso, que tipo de ser humano nós somos? Se deixarmos uma pessoa morrer.

Vinni: É, sinto muito Alfa, eu sei que é uma conquista pra você na parte de tecnologias e essas paradas toda, ainda mais com uma causa importante como essa. Mas...

Alfa: Eu concordo, tava olhando nas minhas coisas e encontrei isso, é uma escrita da Mar, vocês sabem que ela adora escrever coisas em papéis por aí. Eu tenho certeza que iremos conseguir

construir algo tão brilhante quanto esse aplicativo. Juntos! (Todos lêem o que está escrito no papel)

Alfa: É isso, bora excluir!

(Depois de horas de aflição esperando o retorno, o celular de Gaia toca. A ligação é de um número desconhecido)

Gaia: Alô? Mar?

Mar: Vocês excluíram o aplicativo?

Gaia: Sim.

Babi: Óbvio.

Gaia: Não íamos deixar você correndo perigo.

Mar: Gente eu... (Encerra a ligação) Sinto muito...

(Do celular é possível ouvir barulhos de tiros)

CENA 4 - Euritmia

Uma semana depois

(Gaia está indo embora pra casa, quando vem uma pessoa na sua direção e lhe entrega algo)

Pessoa Anônima: Mandaram te entregar isso

Gaia: Cara, quer me matar de susto?

(A pessoa entrega uma carta e vai embora)

Carta

De: Guaxinim dourado
Para: Gaia

Oi meu amor, eu estou bem. É importante que queime essa carta depois de ler. E que mantenha em segredo pra minha segurança. Eu ficarei fora por um tempo, talvez um longo tempo. Eu

sinto muito por tudo que aconteceu, creio que tomar a decisão de excluir o aplicativo não foi nada fácil. Mas vocês fizeram a coisa certa. Eu tenho muito orgulho de tudo que construímos até aqui, mas ainda não acabou, durante todo esse tempo eu fiz cópias e todo o projeto e arquivos e códigos e tudo isso está em segurança. Lembra quando eu te disse aquele dia que iríamos mudar o mundo? Eu não estava mentindo. Amo você do tamanho do universo, se cuida.

Com amor...

1 semana antes

12 horas antes

Fardado: Escuta aqui, eu não concordo com toda essa merda. Mas vocês não tem noção do que eles são capazes de fazer. Eles não vão parar enquanto não conseguirem o que querem. E essa galera tem poder. Basta apenas uma ligação ou qualquer outra coisa para a vida de todos vocês virar um inferno.

Mar: Eles quem?

Fardado: Não importa! A única coisa que você precisa saber é que essa gente é perigosa! Esse aplicativo precisa ser excluído o mais rápido possível.

Mar: O aplicativo não vai ser excluído. Nós demoramos um bom tempo pra fazer dar certo, eles não vão querer.

Fardado: Então eu vou obrigá-los a excluir.

12 horas depois

Fardado: Escuta bem o que eu vou te falar. Você vai ter que parecer muito convincente.

Mar: Que? Como assim?

Fardado: Não é seguro pra você.

Mar: Do que você tá falando?

Fardado: Você vai ter que ficar fora por um tempo.

Mar: Mas pra onde eu vou?

Fardado: Eu vou dar um jeito em tudo. Mas é importante seus amigos acharem que eu te matei, para a sua segurança e a segurança deles.

Mar: Mas...

Fardado: Presta atenção! Eu recebi ordens para acabar com você e com esse aplicativo, e se eu não fizer isso eu tô morto. Então vai por mim, é melhor você não questionar. Agora pega o telefone e liga para os seus amigos.

(Ele entrega um celular na mão dela, Mar disca o número de Gaia)

Fardado: Coloca para gravar e coloca no viva voz.

Gaia: Alô? Mar?

Mar: Vocês excluíram o aplicativo?

Gaia: Sim.

Babi: Óbvio.

Gaia: Não íamos deixar você correndo perigo.

Mar: Gente eu...

(Ela olha para o homem que está a sua frente. Um homem magro, alto, branco, e que veste roupas escuras, e faz sinal para ela encerrar a ligação)

Mar: Sinto muito...

(Do celular é possível ouvir barulhos de tiros)

Escrita de Mar

Eu sonhei que voava tão alto que podia tocar as nuvens.
Eu podia sentir o vento no rosto, a sensação boa de ser leve.
E eu nunca me senti tão feliz.
Eles não entendem. Nunca vão entender.
Que eu sonhei em ser a melhor, lutar pelos meus,
não ter medo de ir à luta e bater de frente.

Eles não entendem. Nunca vão entender.
Eu apanharia por eles
e morreria pelas pessoas que amo.
Eles não entendem. Nunca vão entender.
Que eu sigo e vou continuar seguindo. Assim como os que vieram antes de mim E os que ainda virão.
Eles não entendem.
E nunca vão.

FIM

VITÓRIA RICARDO

Estudante de Artes Cênicas na Universidade de São Paulo. Nascida em Ribeirão Preto e residente em São Paulo há 2 anos. Formada em técnico em Teatro pelo SENAC Ribeirão Preto, em 2019, cursando atualmente o técnico em Dramaturgia pela SP Escola de Teatro. Uma pessoa preta não-binária que atua também como arte-educador em cursinho popular voltado para prova de habilidades da FUVEST.

ENTREMACACOS: FORÇA QUE VEM DE MUXIMBA

Henrique Santos, Mayara Marcondes e Vênus Gaya

"Uma dramaturgia vibrante e de grande contributo à cultura nacional com traçados tecidos por subjetividades que vivem afetos e desafetos em um enredo vigoroso de conflitos que confronta o racismo e apresenta um retrato do jeito de ser e de viver da gente negra brasileira."

Cristiane Sobral

PRÓLOGO

[*Entra o Macaco, abre o livro da peça "Macacos" de Clayton Nascimento e, começa a ler para o público. Luz fraca, apenas sobre a atriz. Uma vela apagada, fora do foco da luz um pouco à frente*]

MACACO: "Se sabemos como tem acabado a vida o negro no Brasil nos últimos anos, nós já sabemos como acabará esta peça. [*Olha para o público*] Será? [*Volta a ler*] Então, avise a todos: o macaco chegou.

Mas o macaco antes de ser macaco, ele, pelo menos aqui nesta peça, o macaco vai escolher quem ele quer ser. Escolher ser. [*Para de ler o livro*] O macaco pode então se chamar Mayara, Maria, Vênus, Henrique, Isabelli, Nathan, Isabella, Nathália. Mas o macaco pode também escolher ser artista, escolher ser dramaturgo, produtor, diretora, o macaco pode escolher ser ator. Ser ator, o macaco pode conseguir edital! O macaco pode começar essa peça falando de qualquer coisa. Eu podia falar sobre o xingamento "macaco", sobre como o trabalho escravo construiu esse país, eu podia falar de violência, de genocídio. Puta merda, eu podia falar de várias desgraças, eu podia falar de misoginia, transfobia, homofobia, capacitismo. [*Pega a vela e acende*] Eu podia falar de muita coisa. E eu vou. Mas eu escolho *começar* falando de amor.

[*Entra o coro cantando*]

MACACO: Para mim, amor é entrar no mar mesmo com medo. É voar livre sabendo que tem um ninho pra voltar. É uma ferida que dói quando lava. É o pôr do sol no verão pela vista da minha sacada. É um abraço quente. É um choro guardado que finalmente sai. É sangue com lágrimas. É riso sem vergonha. É chegar cansada e ter quem não liga de te abraçar suada. É família. É saudade. Amor é tudo, tudo o que faz valer a pena.

MACACO: O amor para mim é inimigo da apatia. O ódio também é inimigo da apatia. O amor combate a apatia, o descaso com a relação. O amor é relação consigo e com o outro. Apatia é a morte do que se entende por humano, algo inumano. Amor é humano, ódio é humano, o calor da relação é humano. Eu sou humano, mas por vezes eu incorporo a morte por necessidade. Mas sei que sou cheio de amor - e, por conseguinte, cheio de ódio. Sou inimigo da apatia quando eu amo, ou odeio. Sou amigo da apatia por quem sente a morte em mim. Eu sou viva.

MACACO: Amor pra mim é o que eu sinto pelo teatro. E pelo palco. Amor pra mim é passar 40 minutos chorando na calçada de uma festa porque eu fiquei sobrecarregada com o barulho e ter o melhor momento da semana logo em seguida participando de uma performance. Naquele momento, tinha 500 refletores na minha cara e eu estava na frente das caixas de som, mas a energia daquela plateia era tão gostosa que soprou vida dentro de mim. Nessas horas minha alma canta e meu coração dança. Nessas horas eu tenho certeza de que eu tô fazendo o que eu nasci para fazer. Nessas horas eu acredito em Deus.

MACACO: O amor para mim é o que nos faz suportar a vida. Sem o amor, somos apenas sobreviventes. O amor nos torna alguém, alguém para nós mesmos, alguém para outra pessoa. É se permitir ser vulnerável e forte ao mesmo tempo. O amor para mim é necessidade. Minha família, meus amigos, pra mim os grandes amores são as pessoas que fazem da gente quem a gente é.

MACACO: O amor já me mordeu. Já me bateu, me machucou, destroçou meu coração. Quando eu penso em amar, me dá vontade de chorar só de pensar em tirar a armadura. Mas ficar sem amor é que nem ficar sem água. Eu tô com sede. Às vezes eu me pergunto se eu sei o que é ser amada, ou se eu só sei o que é correr atrás do amor.

MACACO: Eu sei o que é ódio. Eu sei o que é ser a única criança preta da turma na escolinha, o que é ter crianças de 4 anos virando pra mim e dizendo com desprezo que não vão comer mais biscoito de chocolate pra não ficar marrom igual a mim. Eu nem gostava daquele biscoito de chocolate. Sei escutar que minha pele é feia e meu cabelo é ruim. Sei o que é apanhar da vida e de quem diz que me ama. Sei o que é contar com alguém e descobrir que me afoguei em gotas de novo. Sei o que é ser traída, ignorada, rejeitada. Sei o que é ser odiada. E eu sei até o que é carinho, afeto. Sei que é bom. Mas eu sei mesmo o que é ser amada? O que é se sentir amada?

MACACO: Durante anos eu sempre corri atrás do amor como corro nos dias em que acordo atrasado. Eu desperto de um sonho bom, ainda flutuando nas nuvens do inconsciente, de repente eu olho meu relógio e percebo que deveria estar fora de casa há bastante tempo, tento me acalmar e pensar o que eu preciso fazer para estar pronto e zarpar o mais rápido possível. Saio de casa correndo, geralmente esqueço alguma coisa

que não posso mais pegar, desço a rua de casa desesperado torcendo para meu ônibus ainda não ter passado - eu espero, anseio, porque eu sei que preciso pegar ele. Quando eu chego ao fim da rua, vejo o ponto de ônibus e me encho de uma esperança tola de que ele ainda não passou, que vai poder me levar para meu destino, para meu futuro. Mas quando estou quase chegando, bem próximo, quase no ponto, eu vejo meu ônibus passar e ir embora, eu tento correr mas nunca alcanço. É assim que é o amor para mim.

MACACO: Mas e se eu conseguir escrever um horizonte cheio de amor? Eu não amo tudo o que eu amo porque eu tenha a ilusão de que existe uma forma segura de fazer isso. Eu amo tudo o que eu amo porque vale a pena. Eu não luto porque o mundo vai parar de me odiar hoje. Meu amigo diz que amor e ódio são dois lados da mesma moeda. Eu luto com ódio, mas também luto com amor. Eu luto porque existe amor dentro de mim. Eu luto porque eu quero mais, eu luto porque eu quero tudo o que disseram que não era para mim. Por que eu insisto em ocupar um espaço que sempre me foi negado? Eu insisto porque tenho sede, porque quero muito, porque desejo grande. Eu insisto em respeito a quem veio antes de mim, a quem precisou insistir muito mais do que eu e a quem, um dia, eu espero que precise insistir menos. Eu insisto porque aquela menininha que eu fui merece saber que ela vale a pena. Eu insisto, eu insisto, eu insisto. Eu insisto porque amo.

[*Todas as velas são apagadas de uma vez. Blackout*]

EPISÓDIO 1: AMOR

IRMÃ DO DIOGO: Alô? Mãe? O Diogo tá aí com senhora? Hein? Como assim você não sabe onde está o Diogo? Ele me disse que iria para sua casa hoje cedo...ele passou aí e saiu? Ele foi visitar o vizinho da rua de baixo?! Ai meu deus...mãe... eu não sei como dizer isso pra senhora.. eu liguei para o Diogo e ele não atendeu e eu...eu... eu acabei de um ouvir um barulho estranho na rua de baixo...parecia uns gritos...ai meu deus, tô ouvindo um burburinho vindo da rua, eu vou lá olhar [*Se dirige para sair de casa, mas seu corpo é impedido*] Ei! Me solta agora! Vamos, me larga, eu preciso ir lá fora ver o que é! Vamos, me solta! Eu preciso ir. Você não está entendendo. Me larga agora. ME SOLTA! Meu irmão tá lá fora, eu preciso ver se ele tá bem.

Me solta, caralho! Anda, me deixa ir ver meu irmão. Como assim eu não posso sair da minha casa? Anda! Quem são vocês? Me soltem todos vocês! Onde está meu irmão? Diogo da Paz é o nome dele, o que vocês fizeram com meu irmão? O que vocês fizeram com meu irmão?! O QUE VOCÊ FIZERAM COM MEU IRMÃO?!!!!!! [*Pausa*] O Diogo era um bom menino. Sempre muito brincalhão, um espírito livre. Ele tinha aquele brilho de quem você sabe que vai longe...Com ele nunca tinha tempo ruim. Ele era meu melhor amigo. Nossa infância juntos foi daquelas de irmã mais velha lidando com o pirralho da casa. Quando ele era criança tinha uma mania de entrar escondido no meu quarto pra usar as minhas maquiagens. Ele tentava fingir que não fazia, mas era péssimo nisso. Eu sempre acabava vendo um gloss guardado dentro de uma pista de carrinhos da Hot Wheels.

Quando cresceu, essa péssima habilidade em esconder as coisas deu a ele uma honestidade incrível. Ele não tinha medo de falar nada que vinha na cabeça, já que se ele tentasse guardar seria pior. Ele era um doce de pessoa, muito carinhoso e atencioso...Quando a mamãe ficou acamada, ele foi a pessoa que mais ficou com ela, mesmo trabalhando tanto. Ele sempre arranjava um tempo para ficar com a mamãe.

Quando passei pelo divórcio, ele enxugou minhas lágrimas; quando surtei com a ideia de alimentar 3 bocas sozinha, ele tava lá comigo. Quando estávamos bêbados na noite que me separei ele me disse umas coisas tão bonitas sobre o amor, que eu nunca vou esquecer aquele dia. Era algo assim:

[*Tempo da memória da irmã.Quem fala agora é Diogo*]

Eu tenho que amar.
Eu preciso amar.

Preciso de amor porque sem ele é impossível continuar a viver nesse mundo. É preciso bastante água para se afogar. Eu queria ter amor suficiente para observar ele no horizonte, que nem o mar. Se pudesse, ia abrir minha toalha e estendê-la no chão, posicionaria o guarda-sol para me sentar naquelas cadeiras de praia só para observá- lo ir e vir. Depois de umas boas doses de delírio, eu entraria no amor, primeiro, deixaria meus pés serem tocados, sentiria o amor tocando cada um dos meus dedos. Com um pouco mais de coragem eu molharia minha nuca e costas com as mãos, mostrando para mim mesmo que o amor não vai me morder e quando perdesse o medo totalmente eu correria com toda

velocidade só para sentir o vento cortando minha pele e as ondas abraçando o meu corpo, seguiria firme dentro do oceano-amor até que todo meu corpo estivesse envolvido, só deixando minha cabeça para fora. Lá de dentro do amor eu olharia para a orla da vida, que já parece tão distante, daria um último adeus e me permitiria imergir, enchendo meus olhos, minha boca, minhas narinas, meus ouvidos, meus cabelos, me encheria inteiro de amor e me afogaria em tudo. Me tornando oceano.

Mas é difícil se afogar em gotas.

Eu tento amar mesmo que me digam que o amor não foi feito para mim. Me fizeram acreditar nessa história. Por mais que eu sempre perca o amor, eu nunca vou deixar de correr atrás dele. Eu corro, porque eu sei que amar é uma estratégia de sobrevivência, amar é uma forma de viver. Com amor, as coisas funcionam de outra maneira. Esses caras não são e nunca serão o verdadeiro amor, maninha. Eu te amo. O verdadeiro amor está aqui, entre eu e você.

[*Ele abraça a irmã e juntos eles dançam e cantam. E aos poucos a memória de Diogo vai desaparecendo deixando a irmã sozinha no palco. A irmã chora*]

Agora ele se foi. Vou sentir sua falta. Eu te amo Diogo.

EPISÓDIO 2: AFETOS

CENA 1

[*Tempo da memória*] (DANÇA)

No teu detalhe único
Te procurei
Mas no meu coração soturno
Bati, bati e nada achei

Minha alma agonia calada

coma falta de você
mas tu nunca fizeste nada
e me deixaste aqui a sofrer

Sofro coma ansiedade do amoroso

tu disseste que desfrutavas de mim
mas, no todo, desvaneceu harmonioso
e eu tolo, espero pelo fim

Espero por ti,ó possível algoz
quando cruzara minha portae
quando eu puder ouvir tua voz
cairei em pura felicidade morta

Quando virás?

Quando cairás por mim?
Quando negarása dor?
E feliz me farás enfim?

Você não veio.

o Tempo passa
a vida caça
caça, achae cabe
supera
libera
mas
pupila dilata
coração para.
a boca seca
me vejoa morrer
e Renascer
e morrer
e Renascer
dentro do paradoxo linear
cansado de esperar
presoe algemado
no passado que não foi
indo para
o futuro que não veio
o futuro que não veio
o futuro que não veio
vejo minha boae velha

amiga-inimiga-ansiedade
COMOEUTEODEIO

MENTE:
orquestra de carros
mulheres de barro

corridas de tormentos
um milhão de pensamentos
ondas de terror
adrenalina de desamor
PARE
como controla a mente?

CENA 2

Oi, você disse que quer conversar comigo. Parecia coisa séria pelas mensagens que você me mandou. O que aconteceu? Tá tudo bem? [*Pausa*] Olha...Eu entendo o que você quer dizer, mas... Você precisa entender que a gente sempre funcionou tão bem juntos, você realmente acha que essa é a melhor opção?

Ah, tem outra pessoa? Tudo bem...né? O que eu posso fazer... Mas você conheceu ela quando? Entendi. Tudo bem. Suave. Eu só acho engraçado que quando nós estávamos de conchinha na minha cama, comendo da minha comida você disse que ficaria comigo para o resto da vida, você me prometeu que me amaria eternamente...Qual o valor das suas promessas? Eu até entendo você dizer que apareceu outra pessoa, que a chama foi muito grande, que você perdeu suas estribeiras quando viu ela pela primeira vez mas, sinceramente... E tudo o que aconteceu com a gente? E a chama que despertei em você, ela é mais fraca que a das outras pessoas? E quando eu te fiz perder o ar? Você se lembra de tudo isso? [*Pausa*]

Agora eu não sou mais novidade? O que você quer dizer com isso? Mas o amor não surge do dia para noite, o amor se constrói. Amor não é novidade. Amor é... Amor é... Amar é deixar se machucar sabendo que as coisas em algum momento vão curar, amar é permitir aquietar-se no cotidiano mas nunca deixar a poeira se encostar na relação, amar é viver. EU TE AMO PORRA. Não consigo acreditar que você vai me deixar assim.

Eu não estou te impedindo, eu não tenho poder para isso. Eu só digo uma coisa, quando você sair por aquela porta uma parte de mim vai morrer e eu a velarei como se fosse um herói de guerra, a enterrarei a 7 palmos da terra, tocarei marcha fúnebre e usarei preto por 7 dias. Eu jejuarei 40 dias e 40 noites. Quando você sair por aquela porta eu juro, mas eu juro, que vou olhar o diabo no olho. Depois, vou me encolher tanto que dentro de mim sur-

girá um buraco negro, eu vou sugar todo o mundo para dentro mim, começando por coisas minuscúlas como as partículas de poeira, as folhas soltas das arvóres, pequenas pedras, insetos, móveis, placas, carros, casas, prédios, famílias inteiras, cidades, países, continentes. Eu vou engolir tudo até que não sobre nada no universo. Depois que eu terminar de comprimir todas as coisas, eu vou explodir. Eu reencarnarei o big bang só porque eu quero, só porque eu gosto. Eu nunca mais vou lembrar de você.

[*Muda o tom*] Ele me trocou por um branco.

EPISÓDIO 3: MORTE

CENA 1

Morte: o fim da vida. A interrupção definitiva da vida de um organismo, o fim da condição humana e das funções vitais, sociais e psíquicas do ser. A morte é o fim que não tem mais começo, o término definitivo.

O Atlas da Violência lançado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, relatório de 2024 afirma que, em 2022, 35.531 pessoas negras foram assassinadas.

Trinta e cinco mil quinhentos e trinta e uma vidas. 76,5% de todos os casos de homicídio registrados no país. Todos tinham endereço, família, sonhos...Possuíam objetivos, medos, segredos. Assim como vocês estão respirando, eles também respiraram. Eles também choraram, sentiram medo, nojo, raiva, alegria, prazer... Eles são mais do que números. Eles tinham nomes, se chamavam Wesley, Kathlen, Diogo, Cauã, Robson, João Lucas, Sonya...

CENA 2

DONA MARLENE: Oh, minha Nossa Senhora, me dê forças para mais um dia... [*Fazendo o sinal da cruz*]

[*Batidas fortes na porta*]

VOZ OPRESSORA: DONA MARLENE! DONA MARLENE!

DONA MARLENE: Meu deus, o que foi agora? Será que não vão me dar paz nunca?!

[*Abre a porta*]

DONA MARLENE: Boa tard... ‘‘

VOZ OPRESSORA: A senhora é Dona Marlene, mãe do neguinho que morreu aqui ontem à noite, certo?

DONA MARLENE: Diogo o nome dele. Sou.

VOZ OPRESSORA: Venho lhe convocar à delegacia para reconhecer o suspeito do homicídio.

DONA MARLENE: [*Voz baixa*] Já encontraram outro preto pra culpar? [*Tom de voz anterior*] Quando?

VOZ OPRESSORA: Hoje às três da tarde.

DONA MARLENE: Tá. Só isso? [*Silêncio, como se a voz opressora tivesse ignorado o que a marlene disse*] Passar bem! [*Para o público*] Eu não aguento mais... Esse pesadelo não acaba nunca! Quantas carnes negras precisarão estragar para que tenham o valor de uma vida branca? Vocês sabem o quanto dói ser desumanizado? Essa dor é capaz de quebrar meus ossos só para rearranjá-los sob a vontade deles. Ela destrincha minhas entranhas, vira minhas vísceras do avesso, arranca meus dentes, corrói minha imaginação, seca meu cérebro, me deixa absorta. Tento não deixá-los vencerem, mas é difícil, dói o corpo. Fui derrotada. Eu olho para o horizonte e vejo o vazio que não me cabe, a insuportabilidade da minha existência me chamando, querendo me possuir. Ela fala em meus ouvidos palavras amargas, mas que não são estranhas. Todas as violências que um dia sofri arremessadas no fundo da minha orelha como se não passassem de frescuras minhas. Entre elas, aparece uma que se destaca.

CORO: Macaca.

Essa talvez seja minha memória mais viva. Digo isso porque ela me contou a verdade mais dolorosa de todas. Eu não sou uma mulher . Não sou, não sou tratada como uma. Eu sou quase mulher. Eu tenho rosto de mulher, olhos de mulher, eu penso como mulher, sangro como mulher, gozo, choro, adoeço e morro como qualquer outra mulher no mundo. Mas eles não me veem como mulher.

Eu preciso gritar, esbravejar, usar alto-falante para que escutem o que eu falo como se fosse um sussurro, mas tenho que tomar cuidado para não ser taxada de agressiva, se eu ficar calada demais eu não existo. Se preciso descansar, sou folgada. Se me acho bonita, me sexualizam. Se me acho feia, eles riem. Em resumo, eu preciso ser perfeita. Você aí pode se dar o luxo de ser medíocre, na média, aquele nota 5. Agora eu...se não entregar tudo 2 vezes mais bem feito não vale. Se eu não correr mais rápido que todos, não preciso nem me esforçar para sair do lugar, já sei que ninguém se importará com minha chegada. Eles ficam à espreita, observam atentamente cada passo meu, cada deslize, cada tropeção. Estão prontos para me puxar o tapete. Eu vejo nos olhos de cada um, que lá no fundo, bem fundo, eu não sou bem-vinda. Percebo que eles estão me testando, querem saber se eu realmente sou digna da humanidade que ELES acham que podem me dar. Eu olho a vida passando e não tenho coragem de mover um único músculo, de tanto apanhar perdi. Perdi meu mundo.

Já disse, fui derrotada.

Quando olho para baixo e vejo o abismo, me lembro que não quero cair, mas...todos querem ver minha queda.

[*Aqui possuímos o coro desorganizado, todos os atores começam a falar esse trecho em tempos, velocidades e projeções diferentes*]

Eu acordo todo dia, arrumo minha cama, tomo banho, faço meu café. Saio. Vou trabalhar, passo o dia inteiro recebendo e passando funções, realizando tudo o que foi pedido, faço mais do que me foi pedido. Eu fico 2 horas no transporte, mas eu não me abalo. Minha mãe criou uma filha forte. Chego em casa, tomo outro banho, como e vou dormir.

Esse é o ciclo da minha derrota. Olham na minha cara e riem dos meus sonhos, não me levam a sério. Perdi a criação do meu filho de tanto trabalhar, ele se foi sem que eu pudesse chorar a sua morte.

EU DESISTO.

Desisto porque o racismo cansa.

Ele machuca. Finge que tudo vai bem, mas me envenena, o racismo me apaga. A vida deve continuar, mas eu me assento como

poeira na mobília, só me cabe observar. Ver vidas acontecendo, amizades crescendo e eu aqui, no alto do bibelô que foi comprado em uma viagem à praia e que agora fica num ponto especial da estante, isolada de todos. As pessoas acham que compram bibelôs para se lembrarem dos dias felizes que viveram, mas elas compram para ter um troféu. O bibelô fica aprisionado na estante, só cabe a si observar e ver a vida vivendo e sofrendo com o desejo de viver também. Mas ele não pode. Quem compra bibelôs, compra pelo sadismo de vê-los sofrendo com a poeira que se assenta. E aqui estou, assentada. Empoeirada. Imagino a liberdade que teria se eu não existisse mais. Cabe a vida rochosa e parada das dores cotidianas. Falseei uma reação. Tento acompanhar o diálogo, as conversas, até rascunho uma piada, mas não quero soltá-la. A vida vai continuar, quer eu queira ou não. Deixo que uma camada fria e amarga de gelatina se forme sobre meu corpo. Ela expande meu corpo. Uso as receitas de contato social e esboço alguma alegria, mesmo que falsa. Mesmo que seja alegria cotidiana. Preciso pelo menos fingir ter alguma humanidade. Eles venceram. Agora o que resta é fazer a passagem e encontrar em uma nova vida, se houver, uma esperança de que enfim poderei viver.

Essa é a verdadeira dor de ser desumanizada.

EPISÓDIO 4: FORÇA

ENTREVISTA COM TÔNINHO

[*Foco de luz amarela. Ambientação do passado. Uma mesa. Dois atuantes, um de cada lado da mesa*]

ENTREVISTADOR(A): De onde vem sua força?

TÔNINHO: Minha força, senhor? Vem do meu trabalho, digno e honesto. Sou maquinista em uma fábrica de sorvetes, é de lá que vem minha força e meu sustento.

ENTREVISTADOR(A): O senhor tem família? Me conta sua história.

TÔNINHO: Tenho sim. Uma mulher e dois filhos, que só me dão trabalho e orgulho. Dois menino bão, a mais nova quer ser enfermeira pra ajudar as pessoas doentes. Meu filho mais velho quer

ser jogador, já é grande mas tá insistindo nessa história ainda.

ENTREVISTADOR(A): E sua história...?

TÔNINHO: Eu não tenho muito pra falar não doutor, vim do norte com minha mãe e meus 8 irmãos quando tinha 14 anos. E a partir daí só fiz foi trabaiá pra sustentar a casa, já que era o mais velho e não tinha pai. Trabaiei em tudo que você imaginar, já trabaiei na roça, em mercado, em marcenaria e em fábrica de tudo quanto é coisa. Conheci a Nalva, que é muié que eu tô hoje e logo ela embuxou, casamo e tamo juntos até hoje. Minha vida não foi lá muito fácil, mas não reclamo não. Sempre trabaiei muito, nunca faltou nada nem pra mim, nem pros meus filhos, graças a deus e minha nossa senhora. Só tenho a agradecer.

ENTREVISTADOR(A): O senhor é um homem preto, com certeza já sofreu racismo. Tem alguma história ou situação desse tipo para relatar?

TÔNINHO: Racismo? O que é isso? Patrão, eu vivi a vida toda trabaiando pra sobreviver. Não tenho, nem nunca tive tempo de pensar nessas coisas de politicagem não. E preto? Para, eu sou no máximo bronziadin...

ENTREVISTADOR(A): Okay. Obrigado. Próximo.

[*Outro momento. Foco de luz branca. Ambientação de presente. Uma mesa. Dois atuantes, um de cada lado da mesa*]

ENTREVISTADOR(A): Boa tarde, você é a Nalva?

NALVA: Opa, boa tarde como vai? [*Cumprimenta com a mão o entrevistador*] Sou eu sim, Nalva Vicente!

ENTREVISTADOR(A): Fale um pouco sobre sua vida Nalva.

NALVA: Moço já passei por muita coisa nessa vida, então vou te contar o básico, só o resumo mesmo. Sou a filha mulher mais nova de 5 irmãos, meus pais vieram do Paraná quando eu ainda era criança. Então cresci em São Paulo, com uma vida muito simples, mas nunca me faltou nada porque meus pais sempre foram muito trabalhadeiros e nunca deixaram faltar nada pra gente. Com 17 anos, conheci Toninho, meu marido, ele tinha lá pros seus 23. Me apaixonei por aquele corintiano alto, bigodudo e boa pinta. Um homão daqueles, sabe? Parecia galã

de novela... E logo engravidei do meu filho mais velho, o Manoel. Que menino bom! E depois de pouco tempo veio a Nália, menina porreta, chorona, de personalidade forte, mas um doce de menina, um docinho de limão... Hoje são ótimos pais. Meu maior orgulho!

ENTREVISTADOR(A): Me fala melhor sobre sua relação com o Tôninho, como se deu a situação dele?

NALVA: Eu conheci o Tôninho em 87, e ele era um homem forte, guerreiro, já era a figura do pai na família dele. Lutou muito a vida toda, principalmente pelo lado de lá, da família dele, que era muito sofrida, sabe?

ENTREVISTADOR(A): Como assim?

NALVA: Todos eles já passaram por muitas questões de saúde, da cabeça mesmo, sabe? E Toninho, tendo que lidar com tudo isso a vida inteira, não teria como fugir disso também.

ENTREVISTADOR(A): Como se deu esse processo?

NALVA: Posso acender um cigarro? [*O entrevistador consente, ela acende, oferece, ele nega e ela segue a falar*] Então, eu me casei com ele muito nova e, entre questões aqui e ali, que não entram no caso, coisas da diferença de idade e maturidade mesmo, foram 15 anos vivendo bem. Mas Toninho trabalhava muito. E eu antes ficava em casa cuidando das crianças. Era assim que ele queria. Que nem antigamente, sabe? Pois ele era o homem da casa. Mas depois comecei a trabalhar de dia e ele de noite. Aí ele começou a se cobrar sobre isso e decidiu sair do serviço pra cuidar de mim, da gente, porque eu era muito nova. E ele achou que precisava fazer isso, parar de trabalhar... E nisso ele foi se envolvendo com a bebida. Sabe como é, né? "Trabalhar edifica o homem" e ele se viu parado, inútil, sem estar na sua função de "homem", e foi se metendo com a bebida e foi, foi, até que já não tinha mais jeito. Mas também não foi só isso...

ENTREVISTADOR(A): [*Em tom de conversa*] O que mais teve?

NALVA: A depressão. Como eu disse, a família de Toninho tem um histórico grande com essa doença. E eu tenho certeza, certeza! Que ele também. Foi isso que levou a bebedeira. Mas moço, não entenda mal, Tôninho sempre foi um homem bom. Um ótimo pai, filho, irmão, avô...

ENTREVISTADOR(A): E como você lidou com essa situação?

NALVA: Como eu pude, né?! Chegou num estágio que eu não podia fazer mais nada por ele, já trabalhava muito... Tive que assumir as rédeas da casa, arcar com as contas e criar meus filhos. Junto com ele também, mas era diferente...

ENTREVISTADOR(A): Trabalhava com o quê?

NALVA: Trabalhava de diarista. Trabalho até hoje. Mas já trabalhei com outras coisas também. Inclusive na fábrica de sorvetes, com o Tôninho por um bom tempo.

ENTREVISTADOR(A): Hum, e aí?

NALVA: Aí que foi assim, eu assumi a casa, era a mulher da casa, trabalhando e sustentando meus filhos, as contas e todo resto sozinha. Tôninho acordava oito da manhã e me pedia dois reais para comprar uma dose de cachaça no bar do lado de casa. Às vezes, quando eu tinha, eu dava. Nem sempre estava muito afim de lutar contra aquilo, até porque, como você pôde perceber, eu também tenho meus vícios... [*Dá uma tragada no cigarro*] Ele ia pro bar e lá ficava até a noite, quando eu chegava, ele tava derrubado na cama exalando um cheiro forte de cachaça, que eu sinto até hoje... [*Reflexiva e depois conclusiva*] Eu tive que ser forte moço. Não foi fácil. Segui firme com ele até o fim. Ele me deu tudo que eu tenho e mais amo nessa vida, que são meus filhos. Não poderia ser diferente. E ele fez o que ele pode também. Ele também foi muito forte!

ENTREVISTADOR(A): Acho que é isso Nalva. Obrigado! [*A luz se apaga*]

EPISÓDIO 5: AUTOESTIMA

Olho no fundo dos olhos do espelho d'água de mãe Oxum e vejo o que me tornei, tudo o que busquei e encontrei, tudo o que me tiraram e ressignifiquei... Busquei forças de onde não tinha, almejei coisas que me disseram que não podia, e conquistei! Longe dos discursos rasos introjetados nos comerciais de shampoo, eu encontrei autoestima de verdade nos caminhos de Exu. Que meu cabelo é lindo, minha pele é reluzente em ouro, que meus

traços são poderosos, eu sempre soube. Apesar de me dizerem o contrário, o meu amor próprio eu não encontrei no shopping. Foi no amor do colo de mãe guerreira, que sempre me ensinou a acreditar na potência do que eu já era e do que poderia ser, que me ensinou a ser forte ainda que me faltasse suporte do pai ausente, que me fez entender que às vezes, na vida, estamos metade sozinhos, mas que isso não impede a gente de crescer.

cê sonhou com o fantasma da morte é? (segurando a minha mão)
o que ele te disse?
ô fia, não precisa temer não
a morte nem sempre é de mal

a morte vem para esclarecer os pensamento cê precisa temer mesmo
é se tu um dia parar de sonhar
se um dia tu deixar toda essa tristeza que atravessa o teu pensar te assombrar, te fazendo esquecer da tua grandeza
(me benzendo, ombro a ombro com folha de arruda)

ô menina, aquiete seu coração conversa com ele
sente devagar teus passos te levá até onde tu deseja
e num tem medo não

óia dentro de ti
óia o que a água tem pra te ensinar sente devagarinho a brisa do entardecer e num deixa
num dexa
o medo crescer mais que os sonho (com a mão em meu peito)
respira e caminha

[*Tempo da peça*]

Meu sofrer é de tantos, mas não é isso que me completa como ser humano. Eu tenho amor. Pai, mãe, amigos. Gente que torce por mim. Eu tenho sonhos. Quero voar, sem as asas de cera. Quero tocar o topo do céu, tocar a ponta do mar. Eu não fiz essas asas, não são as minhas. Dédalo mentiu. Não era meu pai. Eu sou cria do fogo do céu. Eu sou fruta do mar.
Eu tenho a receita para as asas-fuga Mas se eu as fizer
O mundo será outro
A realidade perderá a lógica. Você deve fazer também Faça dos teus braços, asas
Vamos fugir em revoada para o seu outro mundo. Até a quarta dimensão.

Enquanto formos lembrados, ainda estaremos vivos Morrer é esquecer
Renascer é o encontro
A gente combinamos de não morrer!...

A gente combinamos de não morrer e de se apoiar. De se fortalecer. De ser resistência e força conjunta para que possamos viver e não mais sobreviver. Para que assim, juntos, possamos sonhar...

EPISÓDIO 6: SONHOS

[*Tempo da memória*]

ATUANTE 1: Por que eu resolvi ser atriz? Eu não sei. Na minha família todos assistem televisão, todos acompanham os capítulos das novelas, conhecem todas as Helenas de Manoel Carlos, vêem cada cena e criam intimidades com as personagens. As mulheres da minha família são amigas das maiores atrizes da televisão, mesmo que essas celebridades não a conheçam. É como se a televisão fosse válvula de escape. Uma ponte, não, um portal para o outro mundo. O mundo da elite. O mundo de quem não precisa trabalhar para sobreviver e pode se dar ao luxo de viver. A TV é tão viva para elas que às vezes elas se confundem e esquecem que aquilo é apenas uma fantasia. Minha avó conta que sua sogra nunca tinha visto uma televisão na vida. Na primeira vez que mostraram para ela essa tecnologia ela ficou sentada no sofá velho da sala e observou atentamente cada personagem. Ela estava muito assustada. Como aquelas pessoas ricas, bonitas e de uma realidade totalmente diferente estavam ali, na periferia de Minas Gerais, um lugar esquecido pelo prefeito e que só quem lembra é Deus? No final da noite, minha avó pediu que sua sogra desligasse a TV pois estava muito tarde. Ela respondeu assim:

BISAVÓ: Só saio da sala quando essas pessoas saírem daqui de casa. TIRA ELES DAQUI ANA, EU QUERO DORMIR.

O mundo ali se dissipou. Minha bisavó, sogra da minha avó, se negava a dormir enquanto aquelas pessoas não saíssem de sua casa e ela enfim pudesse voltar para sua vida. Uma tecnologia capaz de escapar da realidade, isso é arte? Arte é escape. O teatro é escape, uma rota de fuga, um caminho sinuoso. Acho que resolvi ser atriz para isso, não para escapar da minha realidade,

mas para tornar possível que quem veio antes de mim crie mundos diferentes, crie escapismos diferentes. Reinos em que nós reinamos e que falam sobre a gente. Vamos fugir, mas para um outro lugar. Um lugar preto, entende?

[*Tempo da peça*]

Mas como sonhar? Quando vamos sonhar se temos que lidar com a opressão, discriminação e segregação da sociedade em todo e qualquer espaço que ocupamos?

ATUANTE 1 E ATUANTE 2: Eu não sei.

ATUANTE 2: Não sei falar sobre racismo. Não consigo! Eu não sei falar sobre racismo, mas... Eu sei falar sobre sonhos. Sei falar sobre o que é sonhar com uma realidade muito distante da minha, uma realidade artística e poética, onde tudo é possível, onde os sonhos são possíveis. Mas pra acreditar nessa realidade, eu tive que criá-la... usando a arte.
Ser artista, sendo preto e periférico no Brasil é ir contra o Censo. Contra as estatísticas. Entrar na universidade para estudar arte, sonhando com um futuro onde ser artista e viver disso é algo possível... hum... é utopia. De onde eu vim artista não se cria, as possibilidades são reduzidas, você já nasce com destino certo. Vai estudar se der, vai morrer de trabalhar, estando em uma luta incansável pela sobrevivência e vai descansar em uma cova nem tão rasa, nem tão funda, se tiver sorte. Eu não queria isso pra mim. Por isso, comecei a sonhar. Eu me dei esse direito, que jamais me seria oferecido.

Desde muito novo quis ser artista, estar em contato com algo que pudesse me dar tudo, ser tudo, fazer tudo o que quisesse, principalmente ser FELIZ. Era o que eu mais queria. Mas não seria fácil, teria que ter CORAGEM - palavra do latim que significa ação ou força que vem do coração - para enfrentar o mundo e suas estatísticas, não só para me manter vivo perante a violência, o racismo e as mazelas de quem vive às margens da sociedade, mas para realizar os meus sonhos. O sonho de SER e de ESCOLHER ser.

Foi a arte que possibilitou esse meu olhar-além, onde pude ver que, ao contrário do que dizem por aí, é possível sim SER. E foi com ela que eu CRIEI essa nova realidade, longe das estatísticas, longe das violências, onde o mundo surge a partir do meu querer. Se é proposto que a educação pode ser libertadora, eu proponho que a arte seja CRIADORA. Criadora de realidades.

É com ela que eu crio esse novo mundo, onde jovens pretos podem sonhar e, mais do que isso, podem ser! Ser artista preto no Brasil é um ato revolucionário. Sim, É! Eu faço, [*Elenco se une ao atuante formando um coro*] nós fazemos revolução com nossa arte. Nós criamos nossos escapismos, nossos mundos, nossa realidade, onde podemos ser, sentir e amar.

FIM DO MANIFESTO

HENRIQUE, MAYARA E VÊNUS

Graduandos em Artes Cênicas, os três dramaturgos se conheceram na Unicamp e se uniram através do Coletivo Negro Drama e do sonho de fazer teatro preto. Nessa dramaturgia-manifesto, compartilham suas experiências, afetos, dores e especialmente seus sonhos, enxergando na arte a possibilidade de realizá-los.

Henrique Santos: Um jovem sonhador apaixonado pelo seu ofício. É ator, diretor, dramaturgo e paulistano.

Mayara Marcondes: Artista no coração e presidente do mundo da lua. Atriz, dramaturga, escritora e mais umas coisas.

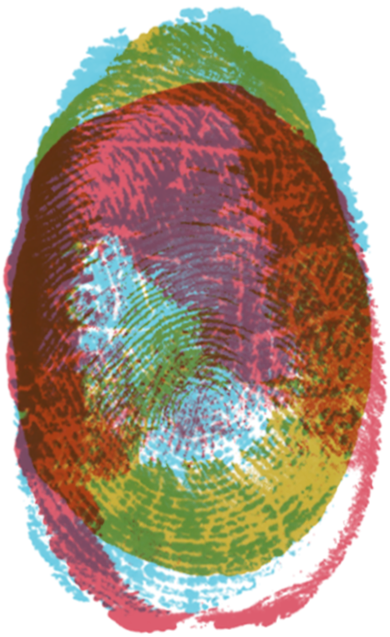
Vênus Gaya: Nascida em Minas Gerais, é atriz, dramaturga e artista visual.

HEFESTO ESTÁ TRISTE (E COM RAZÃO)

Aoki Ferreira

"A dramaturgia cruza mitologia grega, musical e crítica social numa composição cênica pulsante e inventiva. A forma se apoia em gêneros musicais diversos para caracterizar os deuses, com destaque para a teatralidade rítmica. No conteúdo, dá protagonismo a uma figura rejeitada, ressignificando-a com camadas emocionais e políticas."

Tadeu Renato



Hino Homérico a Hefesto
Canta, Musa de voz clara, de Hefesto, famoso por suas invenções. Com Atena dos olhos brilhantes, ele ensinou dons gloriosos aos homens em todo o mundo - homens que antes habitavam em cavernas nas montanhas como feras selvagens. Mas agora que aprenderam artesanatos através de Hefesto, o renomado artífice, facilmente vivem uma vida pacífica em suas próprias casas durante todo o ano.
Nos dê sua graça, Hefesto, e conceda-me sucesso e prosperidade!

Hino Órfico a Hefesto
Forte e poderoso Hefesto, portador de luz potente,
Fogo inesgotável e brilhante flamejante torrente.
Imortal, elemento puro, de fortes mãos,
Parte do mundo é tua, divino artesão.
Artista que tudo pode dominar, poder que tudo pode difundir,
Supremo, toda substância é tua para consumir.
Éter, Sol, Lua e Estrelas, imaculada luz,
São estas tuas partes que aparecem aos homens comuns.
A ti pertence toda moradia, cidade e povo,
Vives em nossos corpos mortais, nos abençoando, poderoso.
Ouça, convidamos-te para o rito sagrado,
Venha e torne o trabalho agradável, abençoado.
Acalma a fúria de teu fogo incansável,
Pois é tua chama que queima na natureza de nossa vida instável.

(Esta peça ainda está em processo de escrita. Muitos conceitos ainda serão revistos e refinados. As músicas ainda estão em estágio inicial. Apenas conceitos de letras e ideias musicais que poderão ser utilizadas e desenvolvidas no futuro)

Primeiro Ato

Prólogo
(Sons de martelo batendo na bigorna, Hefesto de costas pro público trabalhando em meio a fumaça. Apolo e Dionísio entram em cena. A bigorna é movida para a oficina para dar espaço para a cena)

Dionísio: Boa noite a todos, todas e todes e bem vindes ao nosso espetáculo! Permitam que eu me apresente.
Eu sou Dionísio, o deus do vinho e do teatro.

Apolo: E eu sou Apolo, deus da música, poesia, arquearia, cura, pragas, profecias, condutor da carruagem do sol...

Dionísio: Tá bom, já deu pra entender. Enfim, estamos aqui para contar uma história! Uma história de tragédia e comédia! Uma história sobre os deuses!

Apolo: É, mas não quaisquer deuses também. Obviamente, somos nós os gregos.

Dionísio: Ah! Mas não vamos falar de nós mesmos!

Apolo: Infelizmente.

Dionísio: Estamos aqui pra falar de alguém muito mais importante!

Apolo: Hmmm, há controvérsias.

Dionísio: Mas antes, devemos apresentar a vocês alguns de nossos companheiros deuses. Apolo, quando quiser.

(Apolo começa a tocar o violão. Cada deus representado entra em foco em seu respectivo verso, que introduz seu tema musical)

[Apolo]
Há muitos e muitos milênios, a chamada Era de Ouro
Humanidade jovem sob um reinado duradouro

[Dionísio]
Tempos sombrios, tão dominados por um terrível vilão
Cronos, senhor do tempo e seu exército de Titãs

[Apolo]

Seus filhos, deuses, ele engoliu, mas um herói o venceu
Com raios, libertados pelo poderoso Zeus

[Dionísio]
Uma guerra intensa de centenas, centenas de meses
O mundo então celebrou o início da Era dos Deuses

[Coro]
Poderoso Zeus
Salve o deus rei Zeus
Fazemos sacrifícios por nossa proteção

Guarde nossos lares, estes servos teus
Traga a chuva, irrigue a terra, nossa plantação

Poderoso Zeus
Salve o deus rei Zeus
Fazemos sacrifícios por nossa salvação

Salve dos desastres, clareie nossos céus
Sem trovões ou tempestades pela vossa mão

Poderoso Zeus
Salve o deus rei Zeus
Fazemos sacrifícios por uma punição

Neste lar, a sua lei, logo se rompeu
Traga o raio, vingue-nos de nosso anfitrião

[Apolo]
Zeus assumiu seu trono
E buscou companhia
Uma deusa digna
De ser sua rainha

[Dionísio]
Com olhos majestosos
E com a beleza dela
Zeus não pode resistir
A escolhida foi Hera

[Coro]
Era a rainha do deuses
Era a deusa do casamento
Hera é a defensora da humanidade

E seus rebentos

[Apolo]
Hera e Zeus tiveram filhos, mas não muitos, podem crer
O primeiro deles logo vocês já vão conhecer

[Dionísio]
Deus da guerra violento representa atrocidades
Tem um cabeção de vento e nenhuma habilidade

[Coro]
Ares, deus da guerra Ares,
Ares, deus da guerra

Ares, deus da guerra
Ares, Ares, deus da guerra

[Apolo]
De um pensamento vem outra deusa da guerra
Mais sábia, mais calma, prudente e sincera

[Dionísio]
Comanda um batalhão com estratégia e pensamento
É ela que apoia muitos heróis e traz a justiça com seu julgamento

[Coro]
Atena, Atena
Sábia deusa da guerra
É a guerreira da sabedoria

[Apolo]
Vinda do oceano, saída da espuma
A deusa da beleza, igual não há nenhuma

[Dionísio]
Pode ser a mais cruel por mais que não acredite
Sentimento inconstante é o amor de Afrodite

[Coro]
Afrodite, deusa do amor
Quem não conhece, mal espera como causa dor

[Apolo]
Esconde suas coisas, presta atenção
Que logo passa um furacão

Rouba até o que tá na tua mão
O nome é prestidigitação

[Dionísio]
É o viajante, o guia de almas
Na estrada não tem melhor companheiro
Só fica ligado e não tenha calma
Que nessa corrida ele é sempre o primeiro

[Coro]
Hermes, matador de Argos
Ele é o nosso mensageiro

Sempre com seus passos largos
Hermes, ladrão verdadeiro

[Apolo]
E um pouco mais abaixo
Um espírito do mar
Uma das nereidas
Importante mencionar

[Dionísio]
Seu nome é Tétis
É uma deusa especial
Não é uma olimpiana
Mas seu papel é vital

[Apolo]
E é claro, tem agora os melhores narradores
[Dionísio]
A música e o teatro que apoiam seus atores

[Coro]
Aí vem o Apolo, é a viagem do sol
E o Dionísio, o deus do vinho

(Caos)

Zeus: *(Voz em off, presença opressora, todo mundo se diminui quando ele fala, ideia de líder tirânico e medonho. Sempre que ele fala há o som de trovões)* PAREM COM ESSA BAGUNÇA AGORA!

Dionísio: Nunca contrarie uma ordem de Zeus

[Dionísio]
Mas ainda há um que não foi mencionado
Aquele sobre quem essa história é contada
Agora, celebrem todos em coro
Hefesto, deus das forjas e do fogo

Hefesto
(Hefesto se vira e revela seu rosto pela primeira vez. Uma cicatriz de queimadura representa sua deformidade e status como deus do fogo. Aqui se introduz o primeiro tema de Hefesto. As músicas de Hefesto são sempre permeadas com o bater do martelo na bigorna e sons de maquinário. Seu estilo musical é o Rock/Metal, que revela sua raiva e revolta internos)

[Coro]
Ó grande deus ardente que nos deu seus dons
Com sua arte tão potente trouxe dias bons
Venho a ti implorar, pedir por tua graça
Por sucesso ao trabalhar e em tudo que eu faça

Aplaque a sua ira, com um simples gesto
Todo o mundo sentiria o poder de

Hefesto, Hefesto
Das forjas e do fogo
Hefesto, Hefesto
Das forjas e do fogo

[Hefesto]
Aqui quem se proclama é o divino artesão
O portador de chama, famoso por invenção
Os deuses me rejeitam sem ver o que isso traz
Os que me respeitam sabem do que sou capaz

Vão ter que atender os meus gritos de protesto
Logo vão saber que meu nome é

[Coro]
Hefesto, Hefesto
Das forjas e do fogo
Hefesto, Hefesto
Das forjas e do fogo

Criador das nossas armas
O artífice glorioso

Hefesto, Hefesto
Das forjas e do fogo

Mestre dos autômatos
O construtor engenhoso
Hefesto, Hefesto
Das forjas e do fogo

[Hefesto]
Aqui em minha alma existe um vulcão
Que não se acalma e está em constante erupção
O filho fracassado, o pior olimpiano
Já está cansado e vai fazer um plano

Venham aqui me ouvir, este é o meu manifesto
Se me atacam vão sentir as chamas de

[Coro]
Hefesto, Hefesto
Das forjas e do fogo
Hefesto, Hefesto
Das forjas e do fogo

É o deus eterno
De torrente flamejante
Hefesto, Hefesto
Das forjas e do fogo

O senhor do Etna
Com sua luz brilhante
Hefesto, Hefesto
Das forjas e do fogo

Eu criei o corpo de Pandora
Ajudei nos trabalhos de Héracles
Eu fiz o arco de Apolo
E até as sandálias de Hermes

Fui eu quem construiu
O palácio de cada deus
As armas que Ares destruiu
E os malditos raios de Zeus

Mas nada disso foi suficiente
Mesmo com o meu trabalho honesto

Então se não importa o quanto eu tente
Vou fazer não esquecer quem é

[Coro]
Hefesto, Hefesto
Das forjas e do fogo
Hefesto, Hefesto
Das forjas e do fogo

Mesmo que não queiram
Agora estão no jogo
De Hefesto, Hefesto
Das forjas e do fogo

Hefesto: Pois é, eu sou Hefesto. Não muito impressionante, eu sei. É o que todos aqui pensam. Mesmo com tudo que eu já fiz por eles, eu sempre fui rejeitado. Abandonado pelos maravilhosos deuses olimpianos. E tudo começou quando eu era apenas um bebê. Com o primeiro presente que eu recebi da minha "querida mãe".

Amor de Mãe I
Dionísio: Ah, a grandiosa rainha do Olimpo, Hera. Nunca foi muito gentil com os filhos bastardos de seu marido. Eu inclusive, especialmente até. Mas dessa vez a criança de Zeus
vinha dela mesma. Quer dizer, Ares já tinha nascido, mas ninguém sentiria orgulho em trazer aquele cara pra esse mundo. Mas esse filho, esse sim teria mérito.

(Hera canta a música, carregando o bebê Hefesto. A música de Hera possui elementos mais clássicos, como expressão da sua tradicionalidade. Tempo de valsa, trazendo a ideia de realeza. Também é grandiosa, revelando seu caráter narcisista)

[Hera]
Não há maior prazer
Claro, pra quem quer
Quando seu filho nasce
Que discorde quem puder

Trazer alguém ao mundo
Que irá te orgulhar
Olhar em seus olhos e dizer
Posso me vangloriar

Sim

Amor de mãe é eterno
Amor de mãe é incondicional
É um sentimento etéreo
Não existe nada igual

Em todos esse anos
Que vivi como rainha
Nunca tive boa herança
Que pude chamar de minha

Mas este aqui vai ser bem mais
Isso eu já posso ver
Ele vai ser tão capaz
Vai me dar tudo só porque

Amor de mãe é tão belo
Amor de mãe é mais que sensacional
É o que há de mais singelo
Em uma vida especial

Não há nada como ver
Nessa primeira conexão
O rosto da criança
E seu reflexo em exibiç...

Hera: AAAAAAAAAAHHHHH!
Bem, hum, puxa. Eu err... não esperava por essa. Acho que nem todo filho nasce perfeito. Quer saber, talvez não seja tão ruim, deixa eu ver de novo.

(Encara por alguns segundos)

É. Não. Eu criei um monstro. Mas eu não posso mostrar ele pros outros. Um filho meu? Horrível assim? Não! Pra pilha de descarte então. *(Joga o bebê do palco)*

E Hefesto Caiu
Dionísio: E Hefesto caiu, atirado do Monte Olimpo. De acordo com Hesíodo, uma queda de nove dias. Não precisa ser um gênio pra perceber que nem mesmo um deus sairia ileso. E Hefesto era apenas um bebê.
Ao cair no mar, sua perna quebrou pra toda eternidade e ele ficaria ali, esquecido por tudo e todes, se não fosse por uma pequena

intervenção divina.

(Tétis entra e vai até o local em que o bebê caiu)

Tétis: O que foi isso? Um bebê? De onde... Ah, ele deve ter caído do Olimpo. Pobrezinho. Não se preocupe, meu pequeno. Tétis está aqui agora. Eu vou cuidar de você.

Hefesto: E assim ela fez. Eu não só fui criado como uma criança normal, como também aprendi várias coisas que me ajudariam pra vida. Ela me estimulou a desenvolver minhas habilidades, e assim eu me tornei o maior artesão de todos os tempos. Capaz de criar qualquer coisa a partir dos mais simples objetos. Aquela caverna submarina definiu quem eu seria.

(Tema de Fazendo um Plano, com Tétis apresentando certos objetos e Hefesto demonstrando sua habilidade e engenhosidade desde muito jovem, criando joias a partir de pedras simples e armas com pedaços aparentemente inúteis de metal desgastado)

O Nascimento de Atena
Apolo: Hefesto viveu entre os homens por anos e os ensinou a arte da forja e outros trabalhos artesanais. Claro que nenhum deles foi capaz de superar sua habilidade. Por isso, ele sempre foi muito respeitado por eles, que o viam como um grande deus e amigo da humanidade.

Hefesto: Mas não pensem vocês que os deuses não sabiam da minha existência. Ah não. Eles sabiam muito bem que eu tava lá embaixo. Eles simplesmente não se importavam, a não ser que precisassem de alguma coisa de mim. Que nem aquela vez que...

Zeus: HEFESTO!

Hefesto: Zeus, meu pai, a que devo essa... "honra".

Zeus: HEFESTO, EU ESTOU COM UMA GIGANTESCA DOR DE CABEÇA! JÁ FAZEM DIAS! EU NÃO ESTOU SUPORTANDO MAIS! LIVRE-ME DISSO!

Hefesto: Aí você me pergunta: "mas Hefesto, por que ele precisaria da ajuda de um ferreiro pra isso? Ele não deveria ver um médico?"
Bom, a verdade é que o deus da medicina ainda não tinha nascido, e o nosso deus da cura...

Apolo: Boa noite todo mundo, meu nome é Apolo e eu vim hoje tocar uma musiquinha pra vocês.
Essa é "Tempo Perdido" do Legião Urbana.

Hefesto: É, esse cara aí. Então, obviamente, o cara que faz armas é a melhor opção. Era um trabalho delicado, que precisava de muita calma e cuidado, *(pega o machado)* por sorte, eu tenho mãos cirúrgicas, ideais pra mexer com pequenos objetos. Tudo que eu preciso fazer é... *(ataca com o machado)*

Zeus: AAAAAAAAARGH!!!!!!!!

(Surge Atena, saída já adulta da cabeça de Zeus, completamente armada e vestida pra guerra, seu grito de guerra surgindo como continuação do grito de dor de Zeus. A música de Atena se apoia no estilo Folk, evocando a imagem de um herói popular. Atena canta num ritmo mais acelerado que Apolo, para demonstrar seu intelecto e pensamento rápido)

[Atena] Aaaaaaaaaaaaaaah

[Apolo]
E assim nasceu Atena, Atena
Sábia deusa da guerra
É a guerreira da sabedoria

Ó grande deusa Atena, Atena
Canto sobre aquela
Que nos salva todo dia

Deusa protetora dos heróis, seus irmãos
Com ela, a justiça está em boas mãos
Avalia sempre com um pensamento rápido
Com golpes precisos seus inimigos já estão derrotados

Criadora da oliveira, da pólis grega a padroeira
Constrói sua oratória com a precisão de um tecelão
Mestre dos discursos, senhora dos artesanatos
Na teia da sua retórica todos ficam emaranhados

Os domínios de Atena, Atena
Sábia deusa da guerra
É a guerreira da sabedoria

Chame por Atena, Atena
Quando há perigo
E precisa de um guia

[Coro]
Atena dos olhos brilhantes
Virgem Atena dos artesãos
Atena que luta na linha de frente
Atena que traz a vitória nas mãos

[Apolo]
Saída da mente de Zeus não poderia ser diferente
Protege valente aos seus e todo oponente enfrenta de frente

[Atena]
Minha mãe que era inteligente, seu nome era Métis
A melhor planejadora entre a gente, imponente como o égide

Foi graças a ela que Zeus conseguiu libertar seus irmãos
Fez o rei dos Titãs vomitar, criando uma poderosa poção
Criou estratégias, muitas ideias, sempre com um plano
Sem ela a guerra estaria perdida e Cronos ainda seria o tirano

[Apolo]
Conto a história de Atena, Atena
Sábia deusa da guerra
É a guerreira da sabedoria

Nascerá Atena, Atena
Mal sabiam eles
Que a tragédia logo viria

[Atena]
Nesse tempo, logo Zeus e Métis se apaixonaram
Mas esta alegria não durou depois que se casaram
Seus filhos seriam espertos e fortes era o que dizia a profecia
Teriam poder pra destronar Zeus e isso ele nunca aceitaria

Em seu desespero para impedir o pior de acontecer
Zeus a absorveu antes que os seus filhos pudessem nascer
Meu nascimento não foi impedido, saí da cabeça do deus do trovão
Enquanto minha mãe ainda guia a mente daquele que um dia amou

[Apolo]
E assim nasceu Atena, Atena

Sábia deusa da guerra
É a guerreira da sabedoria

[Coro]
Essa é a história de Atena, Atena
Sábia deusa da guerra
É a guerreira da sabedoria

Hefesto: Não me perguntem como ela conseguiu as roupas e as armas lá dentro. Eu não saberia explicar nem se eu quisesse. Melhor não saber o que se passa na cabeça de Zeus.

Lá no Olimpo
Apolo: Lá no Olimpo, tudo funcionava como devia. Intrigas internas? Não conheço. Problemas de família? Nope. Nunca ouvi falar. A sempre-presente sensação de que um mínimo deslize acaba com um raio na sua cabeça? Não entendi o que você quis dizer, acho que cê tá falando grego.

(Hermes passa correndo e dá um pescotapa em Apolo)

Apolo: Ai!

Hermes: Bobeou, dançou, playboy!

Apolo: Hermes, seu desgraçado, volta aqui!

(Apolo persegue Hermes, que é muito mais rápido que ele)

Hermes: Tá lento, meu brother! Te falta ódio.

Apolo: Falta é? Então, olha aqui...

Atena: *(interrompendo)* Ok, já chega. Vamos resolver isso aqui civilizadamente, sim? Hermes, peça desculpas a Apolo.

Hermes: Foi mal, Apolo.

Atena: Viu? Foi tão difícil?

Hermes: Foi mal por você ser tão OTÁRIO! HA! *(sai correndo)*

Apolo: Ora seu...! *(Vai atrás)*

Atena: *(suspiro)* É sempre a mesma coisa... pelo menos dessa

vez não foi...

(Entram Ares e Afrodite)

Ares: Ares no pedaço!

Afrodite: Uhu!

Atena: Droga.

Ares: Atena, querida irmã, acho que tá na hora de mais um de nossos épicos duelos!

Atena: Não, acho que eu tenho mais o que fazer. Não tenho tempo pra provar, de novo, que eu, de fato, consigo te derrotar.

Ares: Ahn?

Atena: Resumindo: vai ver se eu tô na ágora, Ares.

Ares: Ah cara!

Afrodite: Isso aí, o que Atena precisa mesmo é que eu ajude ela a encontrar o seu verdadeiro amor!

Atena: ...isso definitivamente não é necessário, Afrodite.

Afrodite: O que? Vai me dizer que tem coisas mais importantes que isso?

Atena: Na verdade, sim. Eu tenho muitas obrigações como deusa da sabedoria e da guerra. Tenho que fazer estratégias, dar conselhos, guiar os humanos em suas artes, impedir que vocês se matem e ajudar algum herói indefeso se sobrar tempo.

Afrodite: Ah para vai! A gente pode conversar sobre o assunto. Com certeza você arranja um tempo.

Atena: Vou reformular. Eu não estou interessada, sua magia do amor não tem poder sobre mim e relacionamentos não passam de distrações pro que realmente importa. Então eu peço, pela milionésima vez, pare de tentar.

(Enquanto isso, Ares tenta emboscar Atena. Ela levanta seu escudo, o égide, bem na hora em que ele tenta atacar)

Ares: *(grito esganiçado)* Olha aqui! Isso não vale!

Atena: E tentar atacar por trás vale? Eu já falei que não vou lutar com você.

Afrodite: Quer saber, Atena? Eu acho que você é uma chata.

Ares: Isso aí!

Afrodite: Aliás, Ares. Acho que eu e você podíamos dar uma saidinha agora. Se é que você me entende.

Ares: Eu, ahn, eu, ahn...

(Apolo e Hermes voltam ainda correndo um atrás do outro)

Apolo: Volta aqui seu magrelo cleptomaníaco!

Hermes: Tenta me pegar, ô raiozinho de sol!

Apolo: Você consegue ser mais irritante que a Ártemis. E olha que ela era literalmente um pé no saco quando a gente tava pra nascer.

Atena: Pelo amor de nós, será que vocês dois não conseguem parar por um segundo!?

(Eles param de correr. Os dois começam a reclamar. Os outros se juntam. Todo mundo falando um em cima do outro)

Zeus: SILÊNCIO! SERÁ QUE NÃO SE PODE TER UM DIA DE PAZ NESSA CASA? TODOS VOCÊS, SAIAM! OU TERÃO QUE ARCAR COM AS CONSEQUÊNCIAS!

Atena: Desculpe-me, pai... não vai mais acontecer...

Zeus: Tudo bem, Atena. Você sempre foi minha favorita. O RESTO ESTÁ ESPERANDO O QUE? PRECISO USAR O RAIO?

(Todos saem, menos Atena, se encolhendo, dizendo que não, tá tudo certo meu querido, tô indo nessa. Não especificamente isso. Deu pra entender a ideia)

Atena: É em momentos como esse que eu me pergunto se vale a pena lutar a favor dessa família. Se é que eu posso chamar de família.

Dionísio: Certas pessoas com certeza não podem. Nosso garoto, Hefesto, continua lá embaixo, alheio ao que os seus divinos parentes fazem.

(Hefesto batendo o martelo na bigorna)

Tétis e Hera
Dionísio: Os anos se passaram e Hefesto aprendeu a fazer belíssimas jóias, a maioria presenteada pra sua mãe adotiva.

Hera: Tétis, querida, quanto tempo sumida?

Tétis: Você literalmente nunca me chamou. Pra nada.

Hera: Ora, mas que exagero. Eu já vim falar com você várias vezes. Enfim, eu percebi que você está com umas pulseiras novas. Muito bonitas. Onde foi que você conseguiu?

Tétis: Ah, bem, na verdade foi Hefesto quem fez. Sabe, o bebê que você jogou pra morte anos atrás.

Hera: Hefesto? Aah Hefesto, meu filho querido. Puxa ele nunca mais veio nos visitar.

Tétis: Você nunca convidou...

Hera: *(interrompendo)* Faz assim. Fala pra ele vir ver a gente, nós adoraríamos ter ele de volta no Olimpo. E manda ele trazer umas coisinhas pra mim, sabe, presentinhos pra mãe dele.

Tétis: Uhum, claro, vou falar com ele...

Amor de Mãe II
(Tétis entra na oficina de Hefesto, que está distraído com seu trabalho)

Tétis: Hefesto.

Hefesto: Sim, mãe?

Tétis: Bom, hum, Hera veio falar comigo hoje...

Hefesto: É? E o que ela queria?

Tétis: Bem, ela quer que você volte ao Olimpo. E também... ela também pediu pra você fazer alguma coisa pra ela. Uma pulseira, um colar, não sei.

Hefesto: *(levanta a cabeça, agora prestando atenção)* Ah claro. Depois de todos esses anos, depois de ter me arremessado dos céus, depois de ignorar minha existência, ela finalmente aparece perguntando por mim, e por quê? Porque agora eu tenho alguma utilidade pra ela.

Tétis: Isso não é verdade. Tenho certeza que ela queria te ver. Ela só é muito ocupada. Você sabe como os deuses são.

Hefesto: Claro, claro. Até parece. Não, mãe. Pra ela eu não passo de uma lâmina cega. Um equipamento que não saiu como ela queria, então, obviamente, precisa ser descartado. Por mais que, olhando além da superfície, só precise ser afiada um pouquinho pra ficar perfeita e funcional. Mas vossa majestade está preocupada demais com a própria imagem pra criar noção.

Tétis: Hefesto, não fale assim. Ela é sua mãe.

Hefesto: Não. Ela não é minha mãe. Você é minha mãe.

Tétis: Eu adoraria que isso fosse verdade. Mas você é um olimpiano. Seu lugar é com eles. Eu sou só uma divindade menor.

(A música de Tétis serve como contraste para a música de Hera. Enquanto Hera canta de forma grandiosa, o tom de Tétis é acalentador e pessoal, como uma canção de ninar)

[Tétis]
Hefesto, meu querido
Pode acreditar
Tudo que eu mais queria

É que pudesse ficar

Mas seu lugar não é aqui
Você deve voltar
Só não se preocupe
Pois eu sempre vou te amar

E

Amor de mãe é eterno
Amor de mãe é incondicional
É um sentimento etéreo
Não existe nada igual

Não importa quão longe
Você pode se afastar
Essa é uma verdade
Que consegue perdurar

Você nasceu pra ser bem mais
Logo todos vão ver
Acredito no que faz
E digo que é porque

Amor de mãe é sincero
Amor de mãe é muito especial
Ele escolhe te ter perto
Não precisa ser normal

Eu posso prometer
Irei lá te visitar
Tenho tanto orgulho de você
Agora tem que se encontrar

Tétis: Agora vai, meu garoto. Mas eu nunca vou me esquecer de você. *(Tétis sai de cena)*

Hefesto: E lá se vai ela. A única pessoa que já se importou comigo. E agora eu tenho que ir me juntar com aqueles que me rejeitaram. Ou talvez, eu possa tentar uma outra abordagem. Eles querem que eu mostre do que eu sou capaz?
Então eles vão ver. Eles vão ver só.

Fazendo um Plano I
(Hefesto começa a trabalhar. Bate a bigorna, prepara os metais e outros componentes. Braços mecânicos e tripés ajudam ele a se locomover e transportar os materiais. Ao longo da música, ele vai reunindo as partes do seu projeto. No final, ele mostra que construiu um lindo trono dourado. O tema Fazendo um Plano é usado para os momentos de criação de Hefesto. Através da música ele revela os sentimentos que borbulham dentro dele e que ele
não sabe expressar fora de sua oficina. O final é sombrio, conforme Hefesto se aprofunda em sua amargura)

[Hefesto]
Como pode um filho dos céus
Ter caído em infelicidade
Só sentindo gosto de fel
Quase perdido a sua divindade

Eles nunca se importaram
Me chamam de aberração
Eu nem mesmo fui amado
Pela minha própria mãe

Essa "família" só pode "amar"
Quem é visto como beldade
Agora querem se aproveitar
Da minha nova habilidade

Eu que sempre fui rejeitado
Que fui por todos execrado
Por meus pais abandonado
E literalmente jogado

Agora estou fazendo um plano
Para a todos mostrar
O que eu passei por esses anos
Não poderão me ignorar

É tão fácil dissociarem
Que existe uma alma em pranto
Neste monstro que criaram
E seu coração autômato

Pensam que por serem deuses
Podem fazer o que quiserem
Que ninguém irá, às vezes
Contrariar o que fizerem

Eles devem ser enfrentados
Descobrir o que é humildade
Mostrar o que é ser rebaixado
Só por pura crueldade

Por isso estou fazendo um plano
Dessa vez, vão perceber
Esse deus, que é quase humano

Em seu jeito de sofrer
Fui forçado a existir
Aqui nesse isolamento
Nunca soube o que é sentir
Verdadeiro pertencimento

Talvez pensem que é um pouco
Demais o que vou fazer
Mas quem disse que eu me importo?
O que eu tenho a perder?

Eu já sou o isolado
O infeliz ignorado
O parente desgarrado
Sem motivos odiado
O gênio subestimado
O herdeiro deserdado
Só um produto quebrado
Um maldito desgraçado

Se querem ver meu poder
Então terão que saber
O rancor aqui guardado vai ter
Que um dia aparecer

Eles vão ver
Sim, eles vão ver

Hefesto: É isso. Hera não tem como resistir a um monumento de sua "grandeza". Agora, eu só preciso de um entregador.

Entrega do Trono
(Enquanto Apolo narra, Hermes sorrateiramente entra e tenta tirar alguma coisa do bolso dele. Como ele tá distraído demais reclamando, o roubo acontece muito fácil. Hermes expõe seu prêmio para o público antes de entrar em cena oficialmente)

Apolo: No Olimpo, só existe uma opção se você quer uma entrega rápida e eficiente. O mensageiro é aquele irmãozinho caçula irritante que não para de te encher o saco. Que fica te bajulando pra conseguir tirar alguma coisa de você. E rouba seu gado sagrado, usa de oferenda pros deuses e se finge de inocente quando você conta pro seu pai! Não, isso não é estranhamente específico, acontece com todo mundo!

Hermes: Salve, salve, família, Hermes na área!

Hefesto: Olá Hermes, agradeço que posso contar com você.

Hermes: Fica sussa mano! Nois é brother, claro que te faço esse favor.

Hefesto: Uhum... bom, eu preciso que você entregue esse trono lá no Olimpo. Um presentinho pra minha adorada mãe.

Hermes: Já é meu parça, não se estressa que o serviço é de responsa! Tenho certeza que a véia vai adorar! É bem a cara dela.

Hefesto: Bem, eu certamente espero que sim. Obrigado de novo.

Hermes: É nois que voa maluco, vambora!

Hermes
(O tema de Hermes é o Funk. Hermes representa um tipo de deus mais próximo do povo e é caracterizado por seu carisma e sagacidade, traços que se apresentam na construção de sua música)

[Hermes]
Vamo lá, família
Hermes chegou pra arrasar

Manda brasa que aqui tem coragem
Eu falo na lata, só tô de passagem
Se tu precisa que vá rapidex
Tu pede em vinte, eu entrego em dez

Já desde menino eu tava ligado
Não tem idade pra fazer zoeira
Eu era um bebê quando eu roubei o gado
Meu mano Apolo levava rasteira

Não existe nada que eu não faço
E assim eu vou voando alto
Hermes é o maior do pedaço
Sei que eu minto mas isso é um fato

[Coro]
Hermes é o deus da trapaça
Mestre da enganação
Por todo lugar que passa
Hermes é um furacão

Hermes, matador de Argos
Ele é o nosso mensageiro
Sempre com seus passos largos
Hermes, ladrão verdadeiro

[Apolo]
Esse moleque não tem jeito nenhum
Ele pensa que me engana

"Ai, eu sou só um neném comum"
Fingimento, muito drama

Eu falo pro meu pai
"Vem resolver aqui"
E ele responde logo

Zeus: HA, SE VIRA AÍ!

[Hermes]
O cara nem se liga
Agora é a melhor parte
Vai querer puxar uma briga?
A lábia é o meu combate

Tá tudo no meu plano
Vencer é a minha meta
E nesse jogo, meu mano
Eu sou o maior atleta

Não existe nada que eu não faço
E assim eu vou voando alto
Hermes é o maior do pedaço
Sei que eu minto mas isso é um fato

[Coro]
Hermes é o deus do esporte
Em qualquer competição
Nem vai precisar de sorte
Hermes é o campeão

Hermes, matador de Argos
Ele é o nosso mensageiro
Sempre com seus passos largos
Hermes, ladrão verdadeiro

[Hermes]
Não dá pra zoar com qualidade se você não tem um plano
Tu precisa de malandragem pra poderem te passar pano
E era o grande deus da música, o parça que tava na minha mira
Peguei um casco de tartaruga e assim fiz a primeira lira

Apolo: Aí que instrumento maravilhoso
Talvez você não seja tão ruim, garoto

[Hermes]
E essa foi a chave pra eu virar olimpiano
Geral viu minha sagacidade, minha mente soberana

Agora eu sou seu guia pra onde quer que você vá
Pro submundo, pra Bahia, sem taxa extra pra pagar

Não existe nada que eu não faço
E assim eu vou voando alto
Hermes é o maior do pedaço
Sei que eu minto mas isso é um fato

[Coro]
Hermes é o deus da estrada
Sempre que estiver sozinho
Em qualquer encruzilhada
Hermes te mostra o caminho

Hermes, matador de Argos
Ele é o nosso mensageiro
Sempre com seus passos largos
Hermes, ladrão verdadeiro

Trono Prisão
Hermes: Coé chefia, encomenda pra vossa majestade! Hefesto que mandou.

Hera: Ora muito bem. Até que não demorou. Mas... ele não vem?

Hermes: Hmmm acho que não. O cara é ocupado.

Hera: Ufa. Eu realmente não queria ele aqui mesmo. Mas vejamos, o que temos aqui? Ah mas que belo trono! Muito bem detalhado! Até que o garoto sabe fazer um bom trabalho.

(Hera se senta no trono. Imediatamente, cordas saem e prendem seus braços e pernas. Ela se debate um pouco, mas é inútil)

Aaaaaargh! O que é isso!? Rápido! Tirem-me daqui!

Apolo: E os deuses tentaram. Tentaram tudo que tinham à disposição.

(Compilado de tentativas) (Ares usa força bruta)

Ares: Argh! Meu punho favorito! *(tenta de novo)* Argh! Meu outro punho favorito!

(Hermes tenta ladinagem)

Hermes: *(tenta enfiar um clips em algum lugar. fica encarando por um tempo)* Mano, acho que não tem fechadura aqui não.

(Atena analisa)

Apolo: Mas todos fracassaram. A invenção de Hefesto era impecável. Se deveria manter alguém preso, esse alguém ficaria até segunda ordem.

Hera: Inúteis! Não pode ser tão difícil assim quebrar umas cordas!

Ares: Qualé deixa eu tentar de novo! Certeza que se eu usar o machado dessa vez vai!

Atena: Ares, seu grande imbecil! Não tá claro que isso é inútil? O único que vai conseguir livrar nossa "estimada" rainha é o inventor.

Afrodite: Ah tá! Até parece que aquele Zé Ruela vai ser de alguma ajuda!

Atena: É a única solução lógica. Se ele criou isso, deve ter pensado em alguma forma de desarmar. Talvez até tenha feito a armadilha pensando em conseguir algo. Podemos tentar negociar com ele.

Hera: Infelizmente, acho que Atena tem razão dessa vez...

Atena: Dessa vez???

Afrodite: Mas a gente não vai negociar com ele de verdade vai?

Ares: Claro que não! Negociar é pra fracote! Se aquela aberração sabe como tirar a mãe dali, então eu vou lá trazer ele à força! Ele vai levar tanta porrada que ele nunca mais vai tentar nada do tipo. Não se preocupe mamãe, eu vou fazer você se orgulhar!

Ares, Deus da Guerra
(Ares se prepara para o combate. Guerreiros ajudam ele a colocar sua armadura e entregam suas armas. Os deuses retiram o trono de Hera do palco. A música de Ares busca evocar imagens dos Estados Unidos. Se apoia no Hip Hop, jogos de futebol americano, cheerleaders e os diversos conflitos entre rappers)

[Coro]
Ares, deus da guerra
Ares, Ares, deus da guerra

Ares, deus da guerra
Ares, Ares, deus da guerra

[Afrodite] Yeah!

Ares é o nosso campeão
Não há ninguém no mundo que resista a sua ação

Ele é gato

[Ares]
Ah é!
[Afrodite]
É bravo
[Ares]
Aham!
[Afrodite]
O mais incrível
Se tentar enfrentá-lo o seu fim vai ser horrível

[Ares]
Quando tu sentir o teu osso quebrado
Todo esmagado pela minha mão
Vai entender porque o meu animal sagrado
É nada menos que um fucking dragão

Eu já vou com tudo e eu quebro teu dente
Enterro tudo e vai ver que então

Diante dos seus olhos, tão de repente
Um exército inteiro brota do chão

[Coro]
Ele é o espírito acorrentado em Esparta
É o guerreiro invencível em qualquer combate
Com sua lança logo todo homem ele mata
Lá em Roma, reina sobre todos como Marte

Ares, deus da guerra
Ares, Ares, deus da guerra

Ares, deus da guerra
Ares, Ares, deus da guerra

[Afrodite]
A-R-E-S
Ares é o maioral
A-R-E-S
Ele vai te dar um pau

A-R-E-S
Todos tremem quando berra
A-R-E-S
Ares é o deus da guerra

Os seus braços são como vigas, ele é alto e forte
Você só sai com vida se tiver com muita sorte

No meio da guerra ele é o mais poderoso

[Ares]
Meto porrada!

[Afrodite]
Mas posso te dizer que é um amante respeitoso

[Ares]
Diante de mim é melhor ajoelhar
E implorar por piedade
Não que isso vá me impedir de te matar
Ou de pilhar a tua cidade

Me chame de inquebrável, o inconquistável
Eu sou aquele que vem causar dor

Pra me enfrentar tem que ser indomável
Meus filhos são o Medo e o Terror

[Coro]
Os seus inimigos nunca vão chegar a ver
O que os esperaria em seu amanhã
[Hermes]
Mas ele nunca nem sequer conseguiu vencer
Uma luta contra a sua própria irmã
[Ares]
Ei!

[Atena]
Ares só tem na cabeça o elmo
Lá dentro parece o próprio Caos eterno
Ele pensa que é o machão deus da guerra
Tá mais pro deus que mais amarela
[Ares]
Qualé!

[Atena]
E Ares foi preso num jarro de bronze
E logo depois se passaram onze
Meses inteiros que ninguém percebeu
A calma que ficou quando desapareceu
[Ares]
Na verdade foram treze...

[Atena]
Ninguém notou, ou ninguém se importou

Foram Hermes e Ártemis que o libertaram
Dos gêmeos gigantes que o capturaram

Ares não passa de um bruto e grande
Estúpido, fraco, arrogante

Sem mente, sem jeito, cheio de defeitos
E é claro que não merece respeito

Perde para todo adversário
Tem orgulho imaginário
Não vale nem meio denário
Não tem nada de extraordinário

[Ares]
Isso foi muito desnecessário

[Coro]
Ares, deus da guerra
Ares, Ares, deus da guerra

Ares, deus da guerra
Ares, Ares, deus da guerra

Hefesto e Ares
(Ares invade a oficina acompanhado de seus filhos Fobos e Deimos, que usam máscaras assustadoras. Hefesto nem tá prestando atenção)

Ares: Hefesto!!

Hefesto: Oh meus deuses, não se pode nem trabalhar em paz mais!!

Ares: Irmão, você vem comigo agora. Liberte nossa mãe!

Hefesto: Hmmmm que tal se eu não fizer isso?

Ares: Não me obrigue a usar a força. Você sabe muito bem que você não é páreo pra mim.

Hefesto: Verdade. Como poderia um pobre artífice de pés tortos como eu se equiparar a grandiosidade belicosa do deus da guerra?

Ares: Ahn?

Hefesto: Putz, usei palavras muito longas? Esqueci que o seu cérebro é do tamanho de uma azeitona. Consigo até ver as engrenagens dando defeito nessa cabeça oca. Serei mais monossilábico a partir de agora.

Ares: Cê tá tirando com a minha cara!?

Hefesto: Quem? Eu? Claro que não. Magina

Ares: Bom mesmo!

Hefesto: Sarcasmo também não é sua parada né?

Ares: Já chega! Você vem comigo agora ou vai ter luta!

Hefesto: Mas você não desiste mesmo né. Não tem nada que você possa fazer aqui. Vai embora, Ares. Antes que você faça algo de que possa se arrepender.

Ares: Qual é. Tá com medinho é? A aberração vai chorar vai? Você é patético! Finalmente tem uma decepção aqui maior que eu.

Hefesto: Quer saber. Tudo bem, então. Vou jogar seu jogo. Uma luta mano a mano. Quais são suas condições?

Ares: Hm. Eu sei que você deve ter todo tipo de geringonça aqui. Eu não vou cair nos seus truques. Eu sou mais esperto que isso.

Hefesto: Claro que é.

Ares: Vamo lá! Você só pode usar coisas que o seu próprio corpo faz sozinho. Sem armas, nem máquinas. Fora isso, vale tudo!

Hefesto: Certeza? Te dou essa chance pra reformular.

Ares: Você vai fazer o que? Com esses bracinhos aí a luta não vai levar nem cinco segundos.

Hefesto: Não posso discordar disso.

Ares: Beleza! Vamo lá! 3, 2, 1 e...

(Ares parte pra cima de Hefesto. Antes de alcançá-lo, ele faz um movimento para cima e uma coluna de chamas erupciona do chão. Ela fica assim por algum tempo. Ares grita de dor enquanto Fobos e Deimos correm em círculos desesperadamente)

Hefesto: Huh. Curioso não? Eu fiz isso só com um movimento de mão. Você devia ter tido mais cuidado com a sua escolha de palavras, irmão. Acho que você não sabia né?
Eu sou o deus do fogo.

Deus do Fogo I
(Hefesto afugenta Ares com mais fogo. O tema Deus do Fogo marca a verdadeira extensão dos poderes de Hefesto. Por isso, ele contrasta as outras músicas do deus por seu tom mais triunfante)

[Hefesto] (Coro)
Sinta, agora, toda a fúria que há em mim
Veja, Ares, não vai me vencer assim
Pensou que com a força poderia me deter
Não estava pronto para ver o meu poder

Esse é o lado bom de ser subestimado
Essa falha máquina vai provar que está errado
Devia ter pensado antes de me enfrentar
Agora é bom que corra, é melhor você voltar

Mas se quer jogar meu jogo
É bom que esteja pronto
Porque eu sou o deus do fogo

(Deus do fogo)
Que sai de um vulcão
(Deus do fogo)
Da minha criação
(Deus do fogo)
Se não se cuidar
Você vai sentir queimar

Como pode ver, sou bem mais do que pareço
Vai me dar o respeito que eu mereço
Vamos ver agora quem é o grande guerreiro
Eu vou liberar o calor do mundo inteiro

Minha chama, deixo a parte a modéstia.
Não é como da lareira de Héstia
Vá e mande o recado, outra chance não vou dar
Fiquem longe da minha forja, sei que não vão aguentar

Mas se quer jogar meu jogo
É bom que esteja pronto
Porque eu sou o deus do fogo

(Deus do fogo)
Que cai como lava
(Deus do fogo)
E ninguém se salva
(Deus do fogo)
Arrependimento pode matar
E você vai sentir queimar

(Deus do fogo)
Não sou fraco não
(Deus do fogo)
Em erupção
(Deus do fogo)
É o que vão ganhar
Por me fazer sentir queimar

Ares: Isso não faz o menor sentido. Como você conseguiu me derrotar? Como?

Hefesto: A maioria das máquinas não revela o seu verdadeiro potencial até ser ativada. Eu posso não ser o mais forte. Ou o mais bonito. Ou o mais ágil. Eu posso até aparentar ser o oposto de tudo isso. Mas eu tenho meus truques. Agora, se você me der licença, eu tenho muito trabalho a fazer.

(Ares sai correndo)

Hefesto e Tétis
(Hefesto volta pra forja, ainda mais irritado que antes. Tétis entra)

Tétis: Meu filho...

Hefesto: *(murmúrios)*

Tétis: Hefesto!

Hefesto: O que!?

Tétis: O que você fez?

Hefesto: O que eu tinha que fazer *(retira um metal da forja com as mãos)*

Tétis: Hefesto, pelos deuses, não coloca a mão no fogo.

Hefesto: Eu sou imune esqueceu. No máximo queima de leve.

Tétis: Você está com raiva de Hera, é isso? Você já não fez o suficiente?

Hefesto: Bem, ela mereceu. Agora ela sabe como é se sentir presa e desamparada, sem expectativa de resgate.

Tétis: E isso te faz feliz? A vingança fez você se sentir melhor?

Hefesto: Fez. Claro que fez.

Tétis: E o que você fez com o Ares. Você não acha que foi um pouco exagerado?

Hefesto: Eu avisei pra ele ir embora. Ele escolheu ficar e me incomodar.

Tétis: Ele ainda é seu irmão.

Hefesto: Sim, e tá na cara que é assim que ele me vê, também. Com certeza não é como um monstro.

Tétis: Eu tenho certeza que ele não quis dizer isso. É só que... olha Hefesto, eu não quero que você seja consumido pelo ódio, meu filho. Pensa em todos os erros que foram cometidos assim. Você precisa reconsiderar. Liberte Hera.

[Tétis]
Hefesto, meu filho
Tente se lembrar
Hera ainda é sua mãe
Ela ainda vai te amar

Eu sei

Amor de mãe é eterno
Amor de mãe é incondicional

Hefesto: *(cortando)* Olha mãe, agora não é um bom momento. Tem muita coisa me estressando. Eu preciso de um tempo sozinho pra pensar. Só eu e minhas máquinas, tudo bem? Assim eu consigo me acalmar.

Tétis: Tudo bem. Eu entendo. Você construiu barreiras em sua volta que nem mesmo eu consigo derrubar. Quando você estiver pronto pra conversar eu vou estar aqui pra você. *(Sai)*

Hefesto: *(frustrado)* Por que tem que ser tão difícil? Eu não consigo manter uma conversa normal. Qual é o meu problema? Quem sabe eu mereço isso. Deve ser realmente melhor eu ficar sozinho aqui embaixo. Pelo menos vocês eu sei consertar.

(Hefesto para e fica um tempo escutando os ruídos de sua oficina, buscando entender onde tudo deu errado, pobre jovem)

Negociação
Apolo: Depois do fracasso de Ares, os deuses tentaram argumentar com Hefesto. Muitos foram enviados mas nenhum teve sucesso.

Hermes: Coé Hefesto? Já deu né? A coroa já aprendeu a lição, meu. Não precisa mais disso não.

Hefesto: Escuta, Hermes. Você não entende o que eu passei. Até onde me importa, Hera vai ficar presa naquele trono pra sempre. Ela devia ter pensado antes de valorizar sua própria reputação ao invés de ser uma mãe de verdade.

Atena: Olha Hefesto. Eu entendo a sua raiva. Eu no seu lugar e com sua habilidade talvez faria o mesmo. Mas será que é sábio continuar com isso?

Hefesto: Eu não ligo pra sabedoria no momento, Atena. Eu só me importo que ela sofra como eu sofri.

Atena: Entendo. Mas será que não há nada que possamos fazer? Certamente você tinha alguma proposta em troca da libertação de Hera? Talvez queira restaurar seu posto entre os deuses?

Hefesto: Não. Eu nunca quis nada em troca. Muito menos me misturar com aquele bando de arrogantes egocêntricos. Minha mãe pensa que a família ideal dela pode existir se ela se livrar das peças que não lhe agradam por mais essenciais que sejam. Mas se as engrenagens não se encaixam, o maquinário como um todo não consegue funcionar.
Hades tava com a ideia certa. É melhor viver longe de todo aquele drama familiar.

Atena: Não lhe culpo. Eles podem ser difíceis de lidar. Mas com certeza é melhor do que viver sozinho, não? Estou certa de que haverão alguns deuses ao seu lado.

Hefesto: Tá certo, nem todos são tão ruins. Você, por exemplo, nunca me tratou que nem lixo. Mas os poucos que valem a pena não são suficientes pra mudar minha opinião.

Atena: Que pena. Mas nada que eu já não esperava. Talvez os

outros tragam uma estratégia mais efetiva.

Afrodite: Por favor?

Hefesto: Não.

Afrodite: Por favor?

Hefesto: Não.

Afrodite: Por favor?

Hefesto: Não.

Afrodite: Por favorzinho?

Hefesto: ...

Afrodite: Bom, eu tentei.

Hera: É isso, estou perdida! Destinada a ficar presa nessa maldita cadeira por toda eternidade! Ai de mim!

Dionísio: Xi, que drama. Eu hein. E olha que eu sou o deus do teatro. Dá uma segurada no choro, madame. Relaxa que eu tenho um plano infalível. É a vez do Dionísio aqui. E eu vou com tudo. A mim, minhas mênades!

Dionísio, o Deus do Vinho
(Loucura total. Caos completo. Sexo, drogas e rock and roll. Sátiros e mulheres enlouquecidas festejam e encenam as glórias do deus do vinho. Tudo que Dionísio representa basicamente. É uma festa muito louca mesmo. Ele segue em direção à oficina de Hefesto. A música de Dionísio tem partes Eletrônicas e partes inspiradas pelos estilos dos anos 80, que revelam sua natureza festiva)

[Coro]
Evoé, Dionísio
Evoé, Dionísio
Evoé, Dionísio

Vai, vai, vai, vai
Woah

Dionísio é o patrono da grande festa da vida
Sempre disposto a nos dar vinho, amor e alegria
Nós somos os atores que executam seu teatro
A vida é o nosso palco e este é só o primeiro ato

Entramos em seu transe livres e desinibidos
E em uma dança intensa, pelo vinho possuídos
Estamos enlouquecidos pelo calor do momento
Mas é sempre bom evitar acabar em desmembramento

Mas se é pra ficar louco igual golfinhos
Só com Dionísio, o deus do vinho

Desde o início, a Dionísio, o poder foi prometido
Mas Hera, com inveja, o queria destruído
Nosso senhor renasceu de um encontro com
Titãs Saiu da coxa (do saco) de Zeus pra nos trazer união

[Dionísio]
É a mim que eles chamam pra um tempo fenomenal
Quando eu tô presente o frenesi é animal
Celebrem os seus dias até que venha o final
Esqueçam suas mágoas juntem-se ao bacanal

[Coro]
Dionísio é quem nos dá o verdadeiro tesouro
É ele quem proporciona um toque melhor que o ouro
Ele realiza sonhos não importa o que seja
Mas é sempre bom ter cuidado com aquilo que deseja

E se é pra ficar louco igual golfinhos
Só com Dionísio, o deus do vinho

(Dionísio entra na oficina, seus companheiros aguardando fora na expectativa. Hefesto claramente não está trabalhando no momento, apesar das desculpas que ele dá)

Hefesto: Dionísio? O que você veio fazer aqui?

Dionísio: Te tirar desse buraco, óbvio. Temos uma festa pra dar, amigo! Todinha pra você! Ouve só.

[Coro]
Hefesto, é festa
E você está convidado

Hefesto, é festa
E você está convidado

Dionísio: E então?

Hefesto: Err... não. Acho que eu tô bem. Preciso terminar esse...

Dionísio: Vai, rapidinho. Você precisa sair mais. Aqui tá tão abafado, credo. Como você aguenta?

Hefesto: Tô acostumado. Agora, sério, eu tô muito ocupado no momento. Quem sabe outro dia, outro mês, ou nunca? Nunca é bom. Isso, vamos fazer isso nunca.

Dionísio: Ah, qualé. Tomar uma com um amigo. Que mal pode fazer?

Hefesto: Prefiro mexer com fogo e metal sóbrio, muito obrigado

Dionísio: Ó, toma um golinho pelos menos. *(Dionísio abre uma latinha)* E aí, vambora?

(Dionísio oferece a latinha pra Hefesto. A influência da loucura dionisíaca é demais pra resistir. Ele pega e bebe)

[Coro]
Dionísio, o deus do vinho
Dionísio, o deus do vinho
Dionísio, o deus do vinho
Dionísio, o deus do vinho

Hefesto: VAMBORA!

[Coro]
Woah

[Dionísio]
E agora vamos todes nessa vibe descontraída
Se estão louques o bastante dá pra marchar até a Índia
Nos meus tempos de herói eu sempre segui a pista
Do cheiro de aventura com minha alma de conquista

[Coro]
Dionísio era mortal, semideus arrasador
Agora é total deus, o nosso libertador

Ele vive em plena paz, exalando harmonia
Mas é sempre bom se lembrar que ele reinará um dia

Se é pra ficar louco igual golfinhos
Só com Dionísio, o deus do vinho

Se é pra ficar louco igual golfinhos
Só com Dionísio, o deus do vinho

Se é pra ficar louco igual golfinhos
Só com Dionísio, o deus do vinho

(Hefesto é levado pro Olimpo em cima de um jumento)

"Reconciliação"
(O jumento derruba Hefesto no chão e os seguidores de Dionísio saem ainda em festa)

Hefesto: Ai, minha cabeça!

Dionísio: Desculpa, às vezes eu exagero.

Hera: Tá, tá! Agora que você tá aqui, me solta!

Hefesto: E por que eu faria isso exatamente?

Hera: Eu sou sua mãe, seu ingrato! Sem mim você não estaria aqui!

Hefesto: Uau, que grande benção! Você me trouxe pra esse mundo, pra me descartar logo depois! Muito obrigado, não sei nem como te agradecer...

Hera: Você pode começar me libertando.

Hefesto: Ai caramba, vai ser ainda mais difícil do que eu pensei.

Hera: Você se acha muito engraçadinho, né?

Atena: Hefesto, por favor, seja prudente. A rainha do Olimpo não pode ficar presa. Imagine o desequilíbrio cósmico que isso pode causar. A gente pode chegar a um acordo.

Hefesto: Não existe acordo. Eu já consegui o que eu queria.

Zeus: JÁ CHEGA! SE VOCÊS NÃO CONSEGUEM RESOLVER

ISSO, ENTÃO EU TOMAREI UMA DECISÃO!!

Hefesto: Mas...

Zeus: SILÊNCIO! EU SOU SEU REI! HEFESTO, SUA MÃE COMETEU UM ERRO AO TE EXPULSAR! VAMOS CORRIGIR ISSO! VOCÊ SERÁ REINTEGRADO AO OLIMPO! SERÁ UM LEGÍTIMO DEUS OLIMPIANO! NÃO SÓ ISSO, MAS TAMBÉM SERÁ FEITO O FERREIRO OFICIAL DOS DEUSES! DEPENDEREMOS DE VOCÊ PARA ARMAS, PALÁCIOS E TRONOS! TERÁ O RECONHECIMENTO E RESPEITO QUE MERECE! EM TROCA, VOCÊ DEVE LIBERTAR HERA!

Hefesto: Acho que eu não tenho muita escolha no assunto...

Zeus: VOCÊ PODE ESCOLHER SER ATINGIDO POR UM RAIO!

Hefesto: É justo. Muito bem. Aceito as condições.

Zeus: EXCELENTE! MAS TENHO UM TERMO A MAIS! AFRODITE! VOCÊ DEVE SE CASAR COM HEFESTO!

Afrodite: O que!??

Hefesto: O que...

Afrodite: Peraí! Você não pode fazer isso!

Zeus: CALADA! É UMA ORDEM DO REI DO OLIMPO!

Hefesto: Isso definitivamente não é o que eu queria... mas quando foi que alguém se importou com isso não é mesmo?

Hera: Bem, o que você está esperando? Obedeça ao seu pai!

Hefesto: *(suspiro)* Promessa é promessa...

(Hefesto solta Hera)

Zeus: AGORA QUE ESTÁ TUDO RESOLVIDO, DEVO VOLTAR ÀS MINHAS OBRIGAÇÕES!

Hefesto: ... ele vai sequestrar uma mortal não vai?

Hermes: Se pá.

Atena: Provavelmente.

Dionísio: Quase certeza.

Hera: *(Irritada)* De qualquer forma... Agora que você está aqui pra ficar, acho que... eu lhe devo um pedido de... desculpas.

Hefesto: O eufemismo do século.

Hera: Isso dói muito mais em mim do que em você. Mas tudo bem. A gente consegue não se destruir, não é?

Olimpiano, Quem Liga?
(Aqui há uma retomada dos temas de Amor de Mãe, Fazendo um Plano, Ares, Deus da Guerra e Hefesto)

[Hera]
Já que retornou
Não há porque manter o ódio
Esqueçamos do ocorrido
Venha e suba ao seu pódio

Afinal

Amor de mãe é eterno
Amor de mãe é incondicional
Vai passar por contratempos
Mas ele é sempre real

[Hefesto]
Vão fingir se importar
Mas vai ser só por um momento
Quando precisem que eu crie
Seu divino equipamento

Vou seguir sendo rejeitado
Sempre vou ser isolado
Eu preferia ter ficado
Longe desse caos apertado

[Afrodite]
Não consigo acreditar que isso foi acontecer
[Ares]
Muito menos eu

[Afrodite]
Isso eu não vou aceitar, Afrodite vai vencer
[Ares]
Aí eu gostei

[Hermes]
Todo mundo junto agora

[Coro]
Hefesto, Hefesto
É um olimpiano
[Hefesto]
Quem liga?
[Coro]
Hefesto, Hefesto
É um olimpiano
[Hefesto]
Quem liga?

No final das contas
Tudo acaba em problema
Será que existe alguma coisa
Que de fato vale a pena?

[Tétis]
Meu querido filho
Eu estou aqui
Pode contar comigo
Sempre vai ser assim

Eu juro pelo Estige

Amor de mãe é eterno
Amor de mãe é incondicional
É um sentimento etéreo
Não existe nada igual

Hefesto: Talvez as coisas não fiquem tão ruins assim

(Elas ficam)

Segundo Ato

Deus das Forjas
(Deus das Forjas vai aumentando em velocidade e intensidade conforme a frustração de Hefesto se acumula. Cada deus que aparece canta com seu respectivo tema)

Dionísio: Bem-vindes de volta! Já passou algum tempo desde que Hefesto se uniu aos outros deuses. Vamos ver o que há de novo.

[Dionísio]
Hefesto restaurado de fazer inveja a corja
Oficialmente nomeado renomado deus da forja
Mas Hefesto está triste e a razão vocês vão ver
Com tanta dor que existe, não tem muito o que fazer

[Hefesto] (Coro)
Todos os meus dias, estou sempre trabalhando
Me esforçando para conseguir satisfazer vocês
Que pela minha volta estão sempre perturbando
Com pedidos infinitos que eu escuto toda vez

(Deus das forjas, faça aquilo)
Deus das forjas deveria ter ficado em exílio
(Deus das forjas, muito lento)
Deus das forjas não consegue escapar do sofrimento

Hermes: Salve, salve, meu brother! Entrega especial. Cartas da sua mãe.

Hefesto: Obrigado Hermes. Precisa de alguma coisa?

Hermes: Seguinte meu parça. Tu tá ligado que eu sou assim, o cara mais rápido do rolê, né? Eu tava pensando. E se eu fosse ainda mais? Daí eu saquei. Eu preciso de sandálias voadoras. Tipo, com asas que funcionem mesmo, tá ligado? Rola?

Hefesto: Parece simples o bastante.

Hermes: É nois, maluco. Mas aí. Cê não tá afim de dar uma saída não? Ver o mundo e pá.

Hefesto: Eu tô muito ocupado no momento

Hermes: Aí qualé.

[Hermes]
Tu tá sempre tão fechado, isolado e não sei o que
Meu brother, meu consagrado, vem comigo num rolê
Todo esse martela, martela não deve te fazer bem
Vamo lá tomar um ar e se pá zoar alguém

Hermes: E aí? Como vai ser?

Hefesto: Olha, eu...

Apolo: Hefesto!

Hefesto: Lá vem... *(Apolo empurra Hermes)*

[Apolo]
Hefesto meu irmão, tão querido, tão amado
Gostaria que fizesse um lindo arco dourado
Vamo lá, você sabe, que você é o meu favorito
Então faça seu trabalho, qualquer coisa eu dou um grito

Se puder acelerar eu te agradeceria
Porque eu tenho um encontro marcado pro fim do dia
Ele é o maior gato, por isso que eu sinto
Que as coisas, com certeza, vão dar certo com Jacinto

[Hefesto] (Coro)
Sempre tanta falsidade, amizade é o caralho
Tudo que me resta nessa vida é o trabalho
Vão dizer que se importam, a mentira não sustenta
Porque sempre me ignoram, eu sou só uma ferramenta

Todos os meus dias, estou sempre trabalhando
Me esforçando para conseguir satisfazer vocês
Que pela minha volta estão sempre perturbando
Com pedidos infinitos que eu escuto toda vez

(Deus das forjas, faça aquilo)
Deus das forjas nunca vai poder ter um dia tranquilo
(Deus das forjas, muito lento)
Deus das forjas tem que sempre aguentar o julgamento

Afrodite: Fefestoooooo? Você tá aí?

Hefesto: Sim. Por que?

Afrodite: Eu acredito que você ainda não me deu meu presente de casamento. É o mínimo que você pode fazer pra eu te aturar.

Hefesto: Ah, bem, eu fiz um cinto mágico. Ele amplifica sua magia do amor e eu acho que combina com v...

Afrodite: Legal, legal, me dá aqui. É, não é ruim. Até mais tarde!

[Hefesto] (Coro)
E agora eu me casei, não quer dizer que eu seja amado
Não existe quem se encaixe neste coração quebrado
Você espera que o amor seja quente como um forno
Mas isso é quando você não é, com certeza, corno

Todos os meus dias, estou sempre trabalhando
Me esforçando para conseguir satisfazer vocês
Que pela minha volta estão sempre perturbando
Com pedidos infinitos que eu escuto toda vez

(Deus das forjas, faça isso)
Deus das forjas continua tendo que ser submisso
(Deus das forjas, muito lento)
Deus das forjas nunca pode esperar um acalento

Atena: Bom dia, Hefesto.

Hefesto: Atena, que surpresa agradável. Qual o pedido de hoje?

Atena: É bastante coisa na verdade.

Hefesto: Beleza. Manda.

[Atena]
Címbalos de bronze que espantem aves metálicas
E armas que resistam a uma viagem argonáutica
Escudos, lanças, armaduras, todos bem armados
E arreios que consigam prender um cavalo alado

Uma espada de adamante que junto ao meu escudo brilhante
Encerrem a luta antes dessa visão petrificante
São muito heróis que necessitam de orientação
E graças a sua ajuda, poderão ter sucesso em sua missão

Atena: Anotou tudo?

Hefesto: Brincadeira de criança. Já já, tá tudo pronto.

Atena: Obrigado. E sua mãe como está?

Hefesto: Faz um tempinho que Tétis não vem. Mas ela manda Hermes entregar mensagens frequentemente.

Atena: Isso é bom! E os outros deuses como tem te tratado?

Hefesto: Quando eles não me veem só como um faz-tudo? Não sei. Eles não falam comigo nesse caso.

Atena: Sinto muito.

Hefesto: Eh. É fogo.

Atena: Bem, eu tenho que ir agora. Te vejo mais tarde.

[Hefesto]
Alegria momentânea, já vai desaparecer
Esse monstro aqui dentro algum dia irão ver
Independente do que eu tente não consigo esconder
Tudo que há de bom está fadado a apodrecer

Dionísio: Hefesto, a gente precisa conversar.

[Coro]
Hefesto, Hefesto
Volte para o trabalho

Dionísio: Hefesto!

[Coro]
Hefesto, Hefesto
Volte para o trabalho

[Hefesto]
Alguém que se importa?
Aqui não tem ninguém
[Tétis, Atena, Hermes, Dionísio]
Ele não vê que queremos seu bem

[Hefesto] (Coro)
Todos os meus dias, estou sempre trabalhando
Me esforçando para conseguir satisfazer vocês
Que pela minha volta estão sempre perturbando

Com pedidos infinitos que eu escuto toda vez

(Deus das forjas, faça aquilo)
Deus das forjas deveria ter ficado em exílio
(Deus das forjas, muito lento)
Deus das forjas não consegue escapar do sofrimento

Afrodite
Apolo: De todos os doze deuses olimpianos, talvez você se surpreenda que Afrodite seja uma das mais poderosas. Quer dizer, deusa do amor e da beleza? Fala sério, quando se tem um cara que controla o oceano inteiro, um cara que constrói praticamente qualquer coisa e um deus absurdamente lindo e talentoso como eu, ela vai fazer o que? Induzir um glow up? Mas para pra pensar que quase tudo que dá errado na mitologia começa com Zeus se enfiando onde não devia e aí você percebe o poder que ela tem.

(O tema de Afrodite é marcado pelo Pop, como uma das divas que marcaram o gênero através das eras. Também serve como uma "música de vilão" conforme o lado sombrio da deusa é revelado)

[Apolo]
Quem nunca sentiu um repentino sentimento
Que te atinge como flecha direto em seu peito
Não se pode proteger de ferida tão profunda
Quando vai testar as águas você logo se afunda

Todo anseio, toda angústia, toda dor no coração
A culpada é Afrodite e seu amor por danação
Rejeição vem de descrença é a lei da atração
Destruição é o que te traz se não recebe adoração

[Coro]
Não se escapa dela que nasceu e se ergueu do mar
Rainha exaltada que a todos pode governar
Cípris venerada pelo mundo, como deve ser
Somos todos fracos quando encaramos seu poder

Afrodite, deusa do amor
Quem não conhece, mal espera como causa dor
Afrodite, deusa da beleza
Nem percebe que você já se tornou a presa

[Hermes]
Essa mina é uma benção, valeuzão por existir

[Ares]
Vai quebrar meu coração, nenhum deus consegue resistir
[Apolo]
Afrodite, eu sou o melhor, vamos nos casar
[Os três]
Eu enfrento qualquer deus que ousar me desafiar

[Afrodite]
O que eu posso fazer se eu sou um ícone de perfeição
A deusa mais antiga tenho todo o resto em minha mão
Cada deus fez seu pedido, mas eu não quero escolher
Uma guerra em meu nome vai ser algo lindo de se ver

Não se escapa dela que nasceu e se ergueu do mar
Rainha exaltada que a todos pode governar
Cípris venerada pelo mundo, como deve ser
Todos são tão fracos quando diante do meu poder

Afrodite, deusa do amor
Quem não conhece, mal espera como causo dor
Afrodite, deusa da beleza
Se destruam para venerar minha grandeza

[Hera]
Outra guerra agora precisamos impedir
[Atena]
Um conflito entre deuses, o pior está por vir
[Hera] (Atena)
Ela vai ter que parar (Ou então tem que casar)
[Ambas]
Se não o mundo todo pode vir a acabar

[Atena]
Mas Afrodite nunca vai pensar em escolher
Esse caos é planejado ela quer ver acontecer
Não existe força que conseguiria convencer

Zeus: ENTÃO SOU EU QUE VOU TER QUE RESOLVER

[Afrodite]
Pra acabar com a briga, me forçaram a um casamento
Não bastasse isso, sou a esposa de um deus-jumento
Como pode haver amor, se eu não tenho liberdade
Vamos ver como reagem quando mostro quem sou de verdade

Ninguém quer se meter comigo e todos sabem o porquê
Quer saber o que te espera, pergunte a Psiquê
Se pensam que eu vou aceitar estão muito enganados
Hora de eu me vingar, eu não vou ser acorrentada

Não se escapa dela que nasceu e se ergueu do mar
Rainha exaltada que a todos pode governar
Cípris venerada pelo mundo, como deve ser
Todos são tão fracos quando diante do meu poder

Afrodite, deusa do amor
Quem não conhece, mal espera como causo dor
Afrodite, deusa da beleza
Quem me insulta, vai sofrer, pode ter certeza

[Coro]
Afrodite, deusa do amor
Quem não conhece, mal espera como causa dor
Afrodite, deusa da beleza
Pode tudo desde que ela não se sinta presa

Apolo: Vocês conseguem acreditar que ela não gostou muito de casar com Hefesto? Um choque, eu sei. Mas vejam só, tem um outro deus que é muito mais o tipo dela.

Afrodite e Ares
(Ares entra vestido pra guerra e coberto de sangue)

Ares: Ares no pedaço!

Afrodite: Bem, isso é muito mais interessante. Ares, oi. O que você tem feito ultimamente?

Ares: Eu acabei de voltar de Esparta! Ah, Afrodite, você nem consegue acreditar no massacre maravilhoso que fizemos! Eu peguei um cara pelo pescoço *(flexiona o braço),* aí eu peguei outro pela perna *(exibe os peitorais),* e bati um no outro. Foi incrível!

Afrodite: Ah sim. Imagino.

Ares: Mas caramba! Toda aquela matança me deixou exausto! Minhas costas tão horríveis!

Afrodite: Puxa, que pena. Quer que eu faça uma massagem em você?

Ares: *(nervoso)* Ah. Que isso. Não precisa se incomodar, não.

Afrodite: Ora que besteira. Não é incômodo nenhum.

Ares: Bom, hum, nesse caso...

(Afrodite se posiciona na frente de Ares, que se senta numa cadeira. Rola uma tensão)

Afrodite: Melhorou?

Ares: Uhum. Bem melhor. É. Hum. Acho melhor eu ir agora.

Afrodite: Eu tenho uma ideia melhor. Vem comigo pra minha casa me fazer companhia. O Hefesto trabalha o dia inteiro. Eu tô sempre tão sozinha.

Ares: Eu não sei se isso é uma boa ideia.

Afrodite: Ares. Eu te amo. Eu sempre te amei. E isso é tudo que me importa. Um amor de verdade. Não um casamento forçado. Você não sente o mesmo?

Ares: Claro! É óbvio que sim! Mas...

Afrodite: Os outros deuses não veem o que eu vejo em você. Um guerreiro corajoso. Um deus honrado. Alguém que me faz me sentir não só desejada, mas verdadeiramente amada. E que me faz me sentir inteira. Que me completa. Amor e guerra. Um não existe sem o outro. Porque ignorar o amor? É o sentimento mais bonito que existe.

Amor em Guerra
(Esta música é uma variação do tema de Afrodite em um ritmo mais lento e sensual)

[Afrodite]
Vem comigo eu posso te mostrar
A melhor sensação que a vida vai te dar
Como posso descrever algo tão inspirador?
Você tem que sentir todo esse meu amor

[Ares]
Eu não posso, não consigo, simplesmente não é certo
Eu preciso recusar, mesmo que eu te queira perto

Foi a ordem do meu pai, não vou desobedecer
Sinto muito, muito mesmo, mas não vai acontecer

[Afrodite]
Eu sei que sente o mesmo, mas não se sinta culpado
É nosso direito agir, mesmo que pareça errado
Quando segue o coração nunca se erra
Afinal, tudo vale no amor e na guerra

[Dionísio]
É interno, é externo, vai por toda extensão
Tão claro, tão incerto, pura contradição
Borboletas a voar, pombas brancas no olhar
Sinta o corpo flutuar com o balanço do mar

São corpos que se unem, se entrelaçam como um nó
Estão juntos, tão unidos, como se fossem um só
É emocionante, é aterrorizante
Me toca, me abraça, me beija, é a coisa mais excitante

[Afrodite] (Ares)
Você sente? (Eu sinto) Não mente? (Não minto)
[Ambos]
O seu corpo é agora tudo que eu preciso
Vai doer, vai ser bom, eu já sinto seu calor
É preciso ter um dom pra lutar contra esse amor

É tudo tão perfeito, porque a gente se completa
Como Vênus, tal qual Marte, com a força de um planeta
Quando segue o coração nunca se erra
Afinal, tudo vale no amor e na guerra

[Afrodite] (Ares)
Eu só quero te ter (Eu só quero te ver)
[Ambos]
Nessa vida só o que eu quero é estar em você

Ares: A gente não devia ter feito isso. O Hefesto não pode ficar sabendo.

Afrodite: Ele não vai. Ninguém vai.

A Viagem do Sol
Dionísio: Só existe um pequeno problema em tentar ser sigiloso. Sempre vai ter uma fofoqueira pra bisbilhotar e espalhar pros

quatro ventos. Que por sua vez também são um quarteto de Marias Fifi. Mas a maior de todas é sem dúvida o Apolo...

Apolo: Dá licença que agora é o meu momento de brilhar.

(A música de Apolo é inspirada pelo Pop Punk dos anos 2000, bastante exagerada, demonstrando um deus da música que ansiava por seu momento e tenta compensar seu tempo no foco)

[Apolo]
Sou Apolo, já bem sabem, deus de muitas maravilhas
Deus da arquearia e música, da cura e poesia
Todos param pra ouvir quando eu toco a minha lira
Não existe quem resiste contra a minha melodia

Sei que me conhecem bem, sou a luz que irradia
No oráculo de Delfos, com a sacerdotisa pítia
Sou dotado de visão e não só de profecia
Vejo tudo que acontece lá de cima todo dia

Aí vem o Apolo, é a viagem do sol
É hora do meu solo, é a viagem do sol
Tem tanta coisa incrível na viagem do sol
Eu vejo o impossível na viagem do sol

É tanto que eu nem sei o que eu começo a dizer
Tanta coisa que eu sei que ninguém podia ver
Nada se oculta de Febo que está sob seu farol
Já começa logo cedo a viagem do sol

A viagem do sol A viagem do sol

Hefesto: *(cortando)* O que você quer Apolo?

Apolo: Eu tava no meu momento!

Hefesto: Apolo!

Apolo: Olha, eu vim aqui falar de um assunto meio delicado...

Hefesto: Apolo...

Apolo: Talvez você queira sentar antes...

Hefesto: Anda logo!

Apolo: Tá bom! Então. Sabe sua mulher? Tá te traindo. Com Ares.

Hefesto: *(para por um segundo)* Puxa, que surpresa. Nossa, que revelação. Caramba, eu nunca teria imaginado uma coisa dessas. Realmente eu estou em choque.

Apolo: ...Você já sabia?

Hefesto: Olha, saber, saber, eu não sabia. Mas não precisa ser nenhum gênio pra chegar nessa conclusão. Ela nasceu pra apreciar beleza e eu, bem, eu não sou exatamente um símbolo disso. Nosso casamento foi forçado. Ela nunca me amou e eu também nunca amei ela. Por que eu deveria me importar?

Apolo: Por que? Ora porque eles te humilharam. Pensa em como essa situação é ofensiva. Tipo, você já tem essa aparência patética, sem ofensas.

Hefesto: Já tô acostumado.

Apolo: Aí agora, sua mulher, que é uma gostosa, aliás, vai e te trai com o seu irmão, que também é um gostoso, e que você odeia. Isso não te faz querer, sei lá, se vingar?

Hefesto: Eh. Eu já falei. Se não fosse por Zeus a gente nem sequer estaria casado. Se tem alguém que eu deveria culpar é ele.

Apolo: É, mas você não pode fazer nada contra Zeus. Mas você pode se vingar indiretamente. Por exemplo. Quando meu filho Asclépio tava revivendo os mortos, Hades não gostou e reclamou com Zeus. A ideia genial dele foi lançar raio, como sempre. Eu não podia fazer nada contra nosso pai. Por isso, eu matei os ciclopes, que fizeram o raio.

Hefesto: Espera aí. Não foi por causa dessa história que você foi forçado a ser mortal por um ano?

Apolo: Sim, mas no meu caso o que eu fiz meio que afetava Zeus. Se você for atrás dos dois palermas, ele não tem porque se envolver.

Hefesto: Olha, sinceramente, isso é perda de tempo. Eu tenho... muito trabalho pra fazer.

Apolo: Desculpinha esfarrapada. Você tá bravo. Eu sei que tá. Da

última vez que alguém te ofendeu você fez uma gambiarra muito louca, né? Porque seria diferente dessa vez? Você sabe que você não é melhor que isso... *(Apolo sai)*

Fazendo um Plano II
(Hefesto faz uma nova armadilha. Uma rede quase invisível e inquebrável)

[Hefesto]
Como pode o ferreiro deformado
Achar que pode ser amado
Ser forçado a se encaixar
Só pra ser enfim humilhado

Eu queria acreditar
Que não sentiria mais dor
Mas perto dos outros deuses
Só me sinto inferior

Será que eu posso viver
Sendo tão aterrorizante
Não sei se dá pra permanecer
Nessa vida agonizante

Eu só posso ser rejeitado
Nunca vou ser agraciado
Com poder ser adorado
Ou simplesmente respeitado

Por isso estou fazendo um plano
Afinal é só o que eu sei
Minha existência foi um engano
Ninguém merece o que eu passei

Me casar com Afrodite
Nunca esteve em meus planos
Mas mostrou que eu nunca mudaria
O meu coração autômato

Como posso ser diferente
Desses deuses onipotentes
Só podem ser pais ausentes
Ou amantes incoerentes
Estou preso nessas correntes
Em que me prenderam tão de repente

Curto circuito em minha mente
Vai me gerar um grande incidente

Eu já não sei
Não sei o que vão ver

Armadilha/Divórcio
Hefesto: Querida, estou indo pra forja. Provavelmente vou demorar hoje.

Afrodite: Sem problema. Seu trabalho é importante. Vai lá.

(Hefesto sai. Ares entra)

Ares: Ele já foi?

Afrodite: Uhum. Sabe o que significa?

Ares: Ah, se eu sei!

(Eles vão em direção a cama. Quando eles deitam ficam presos)

Ares: Aaaaaaaaaaah! Mamãe!

Hefesto: Ora vejam só. E eu achando que só Poseidon sabia pescar.

Ares: Você! Você armou pra gente!

Hefesto: Muito observador. Vejo que temos um detetive entre nós.

Afrodite: Hahaha. Engraçadão você. Agora tira a gente daqui.

Hefesto: Sabe. Acho que eu tenho uma ideia melhor. Pessoal! Vem aqui rapidinho!

(Entram os outros deuses. Eles ficam em choque no começo. Depois, riem)

Atena: Caramba Ares. Essa pose não valoriza sua forma.

Apolo: Cara, você tá idêntico ao Ícaro depois que ele tentou me visitar.

Dionísio: Afrodite, minha linda, é esse o visual que você escolheu pra essa ocasião? Eu hein, que mau gosto.

Hermes: Aí, na moral. Eu trocaria de lugar com o Ares agora. Falo memo.

Apolo: Quer saber. Eu também. Se bem que trocar com Afrodite não seria nada mal...

Dionísio: Trocar? Só vamo todo mundo pular ali junto! Quem divide multiplica.

Zeus: OK! OK! VAMOS NOS ACALMAR! HEFESTO! JÁ FALEI PRA PARAR DE PRENDER OS OUTROS DEUSES NÃO FALEI?

Hefesto: Sim, senhor.

Zeus: E O QUE FOI QUE VOCÊ FEZ?

Hefesto: Prendi os outros deuses.

Zeus: MUITO BEM! O QUE VOCÊ QUER PRA LIBERTAR OS DOIS?

Hefesto: Eu quero divórcio.

Zeus: O QUE? VOCÊ PODE FAZER ISSO? POR QUE NINGUÉM ME CONTOU?

Hera: Porque você se casou com a deusa do casamento. Ou seja, você não pode se divorciar.

Zeus: DROGA!

Hera: É, pois é, nós dois estamos presos aqui.

Zeus: COMO É? QUER SABER, DEIXA PRA LÁ. MUITO BEM. HEFESTO. AFRODITE. VOCÊS ESTÃO OFICIALMENTE SEPARADOS! PODE LIBERTAR A NOIVA. DIGO. AH, VOCÊ ENTENDEU!

Hefesto: *(Solta os dois)* Bem, isso foi divertido. Agora. Vazem. Por favor.

Afrodite: Não consigo acreditar na ousadia daquela... daquela... daquela aberração! Ah ele vai ver só. Ele acha que pode me humilhar desse jeito? Pois ele vai ver só.

Visita de Atena

Hefesto: A maioria dos deuses vinha me visitar só pra pedir alguma coisa. "Hefesto faz isso." "Hefesto faz aquilo." Eu posso dizer com segurança que a maioria não se importa comigo. Mas tinha uma que era diferente. Atena. Ela às vezes aparecia só pra conversar. Acho que é porque eu sou o único outro deus que tem um cérebro. Enfim. Depois de muito tempo, eu acabei me apaixonando. Ela era simplesmente incrível em todos os aspectos. Eu nem entendo como ela consegue. Infelizmente, Atena é uma das deusas donzelas. Significa que ela renunciou qualquer tipo de relação romântica. Mas quer saber? Eu não me importo. Eu gosto de conversar com ela. Eu tô muito bem tendo uma amiga. Acho que não tem nenhum outro momento no meu dia em que eu possa dizer que eu fico... feliz.

Atena: Bom dia, Hefesto. Como você está?

Hefesto: Bem melhor agora que você chegou.

Atena: Vejo que você criou um autômato novo. O que ele faz?

Hefesto: Ah bem, ainda não tá pronto. Ele vai ser bem maior. O nome dele é Talos. Ele foi encomendado por Zeus para Creta. Ele vai ser meio que um guardião. Vai proteger contra barcos invasores ou coisa do tipo. Esse aqui é só o protótipo.

Atena: Mesmo assim é impressionante. Digo, a precisão dos detalhes, as peças pequenas e delicadas. Construir algo do tipo parece muito similar a tecer uma tapeçaria. Precisa de muita habilidade. E você é com certeza o melhor inventor que existe.

Hefesto: Puxa, valeu. Mas não pense que eu não percebi o seu auto elogio dona "criadora da tecelagem".

Atena: *(risada)* Certo. Você me pegou. Eu não consigo evitar.

Hefesto: Ah, mas eu acho que é merecido. Você também é muito habilidosa. Tem o direito de se gabar.

Afrodite: Olha só esses dois. Tão felizes. Tão amiguinhos. Seria uma pena se eu estragasse a opinião da única pessoa que te suporta.

(Afrodite, usando seu cinto, começa a entoar um feitiço de amor)

Atena: Vamos ver. O que mais você tem aqui? Mulheres dou-

radas. Devem ser para Apolo. Dois cães mecânicos. Um par de olhos. Isso aqui funciona mesmo? *(Hefesto começa a ser afetado pelo feitiço)* Esse machado aqui eu conheço. Estranho pensar que a gente se conheceu no momento em que eu "nasci". Não é, Hefesto? Hefesto? Tá tudo bem?

Hefesto: Atena. Eu te amo.

Atena: Eu... sei. Você já me disse isso. Eu já falei que somos apenas amigos.

Hefesto: Mas... eu te amo muito!

Atena: A gente já discutiu isso.

Hefesto: Só me dá uma chance. A gente foi feito um pro outro.

Atena: Hefesto! Hefesto, o que está acontecendo com você?

Hefesto: Você tem que ser minha. *(tenta agarrar Atena)*

Atena: *(interpõe o égide)* Basta! Não sei o que te afeta, mas eu não vou aturar esse tipo de atitude!

Hefesto: Então, vai embora! Você é igual a todos os outros! Eu não preciso de você, mesmo!

Atena: Isso é decepcionante. Eu tinha esperança em você. Adeus, Hefesto. *(sai)*

Afrodite: *(interrompe o feitiço)* Olha só. Coitadinho do Hefesto. Sozinho de novo.

Hefesto: *(voltando ao normal)* O que... o que aconteceu? O que você fez?

Afrodite: Ora, eu te ensinei uma lição valiosa. Agora você sabe que ninguém, nem mesmo um deus pode me humilhar. Ou vai ter que arcar com as piores consequências. De agora em diante, não se esqueça disso. Eu sou a mais velha entre os Olimpianos. E o amor é a força mais poderosa do universo. *(sai)*

Hefesto: Depois disso, minha amizade com Atena nunca mais foi a mesma. Eu não posso culpar ela. Vocês fariam diferente? Eu só sei que eu estraguei tudo. É tudo culpa minha.

Sempre é culpa minha. Eu não faço nada que preste. Eu ainda consigo lembrar do meu primeiro grande erro. Quando eu ainda tava lá embaixo no mar.

Deus do Fogo II
(Hermes entra, vestido como um simples viajante, tocando uma flauta de Pan)

Hermes: Prometeu. Titã da premeditação. Aliou-se aos deuses durante a Guerra dos Titãs e pôde viver livre das terríveis punições a que seus semelhantes foram submetidos. Passou a modelar pequenas figuras de argila e lhes deu vida. O homem foi criado e passou a adorar os deuses. No entanto, o titã sentiu que sua criação precisava de algo a mais. Algo que pudesse iluminar suas mentes e levá-los além. Precisava do fogo dos deuses. E Prometeu sabia exatamente quem poderia ajudá-lo.

(Hefesto entrega o fogo pra Prometeu. Aqui o tema de Deus do Fogo se apresenta de forma mais sombria, revelando que mesmo seu maior triunfo eventualmente trouxe sofrimento)

[Hefesto]
Era dos homens o pedagogo E precisava de um avanço
E eu era o deus do fogo

[Prometeu] (Coro) (Deus do fogo) Para a humanidade (Deus do fogo)
Que é prosperidade (Deus do fogo)
Tive que roubar
Pra ensiná-los a criar

(Deus do fogo) De libertação (Deus do fogo) Para a ascensão (Deus do fogo) Prometi ajudar
Mas eu vou sentir queimar

Pandora
Zeus: HERNESTO!

Hefesto: Esse não é meu nom...

Zeus: HERNESTO, VOCÊ POR ACASO NÃO PERCEBEU NADA FALTANDO NA SUA OFICINA?

Hefesto: Hmmm, deixa eu ver. Ferramentas, bigorna, autômatos. Não, não percebi nada.

Zeus: VOU TE DAR UMA DICA ENTÃO. É QUENTE, VERMELHO E VOCÊ DOMINA.

Hefesto: Ah sim. Claro. Então, eu não perceberia se alguém roubasse o fogo. Sabe, dá pra pegar só uma parte e se faltar, eu considero que deu uma apagada.

Zeus: BEM, POR CAUSA DA SUA FALTA DE NOÇÃO, OS HOMENS AGORA TEM FOGO! MAS NÃO VAMOS ENTRAR EM DETALHES. EU PRECISO QUE VOCÊ FAÇA ALGO PRA MIM!

Hefesto: Novidade...

Zeus: PRIMEIRO, PRECISO QUE FAÇA CORRENTES. AS MAIS FORTES QUE VOCÊ CONSEGUIR. CORRENTES QUE NEM MESMO UM DEUS CONSEGUIRIA QUEBRAR!

Hefesto: Isso... com certeza nunca pode acabar tendo nenhum tipo de consequência negativa pra ninguém. Certo, só isso?

Zeus: NÃO! PRECISO TAMBÉM QUE VOCÊ CRIE UM NOVO TIPO DE SER HUMANO! A CONTRAPARTE DO HOMEM!

Hefesto: Sei... só pra eu saber, pra que exatamente você precisa dessas coisas?

Zeus: PARA PUNIR PROMETEU E A HUMANIDADE OBVIAMENTE!

Hefesto: Ah... ok...

Zeus: POR QUE? VOCÊ TEM ALGO CONTRA?

Hefesto: Que? Claro que não. Por que eu teria algo contra? Que loucura.

Zeus: HEFESTO, VOCÊ POR ACASO NÃO DEIXOU PROMETEU ROUBAR O FOGO PARA OS HUMANOS DEIXOU?

Hefesto: O que? Não.

Zeus: MENTIRA! EU DEVERIA PUNI-LO TAMBÉM! MAS ESTOU ME SENTINDO GENEROSO. SE FIZER O QUE EU MANDEI, POSSO DEIXAR ISSO TUDO PASSAR. AH, E NÃO CONTE NADA SOBRE MEU PLANO PROS OUTROS! ELES NÃO APROVARIAM.

ENTENDEU?

Hefesto: Você que manda... chefe.

Zeus: MUITO BEM! VOLTAREI AQUI QUANDO ESTIVER PRONTO! E LEMBRE-SE. NÃO OUSE DESRESPEITAR MINHAS ORDENS!

Hefesto: Então, eu comecei a trabalhar nesse novo projeto. As correntes foram fáceis de fazer. Só temia que coisas horríveis Zeus planejava fazer com Prometeu. Ele não merecia nada disso. Zeus só não aceita que um titã viva entre os deuses. Mesmo que ele seja melhor que muitos deles. Agora, a segunda parte do projeto... Bem, eu poderia fazer o corpo e dar vida, mas os outros aspectos eu não saberia incluir. Emoções nunca foram minha especialidade. Os outros deuses teriam que ajudar. Cada um deu uma característica pra ela. Por isso, foi chamada de Pandora, "aquela que recebeu presentes de todos".

(A partir daqui, acompanhado com o tema de Amor de Mãe II)

Pandora: O que... O que tá acontecendo.

Hefesto: Olá, eu sou Hefesto e eu acabei de te criar. Você é Pandora.

Pandora: Você é o meu pai?

Hefesto: Bem, teoricamente...

Pandora: Ei, o que é aquilo?

Hefesto: Não! Espera! *(Compilado da formação de Pandora)* Eu me apeguei a ela. Eu não conseguia suportar que ela era apenas uma ferramenta pra Zeus, um meio pra alcançar seus objetivos. Pior, ele a considerava uma punição pra humanidade. Ele entregou pra ela um vaso que continha todos os males existentes. Mas ele não disse isso. Deixou que a curiosidade acabasse com ela. E claro que ela recebeu toda a culpa. E eu não pude impedir. Eu nunca consegui fazer nada certo.

Fracasso Completo
(Retomada dos temas de Hefesto, Amor de Mãe, O Nascimento de Atena e Afrodite, conforme Hefesto reflete sobre sua relação com os outros deuses)

[Hefesto]
Nada faz sentido

Como eu pude fazer isso?
É o que eu ganho por ser o esquisito

Se eu não tivesse deixado Prometeu me roubar
Ninguém teria sido ameaçado, Zeus não iria se vingar
Todos os meus esforços no fim acabam incorretos
Não posso evitar ser um fracasso completo

Pandora, minha filha, ó deuses, por que eu fui te criar?
Te trazer pra esse mundo que só vai te odiar

Minhas obras deveriam ser algo a mais
Pena que eu sou tão ruim quanto meus pais
Pandora agora vive num futuro incerto
Tudo porque eu só consigo ser um fracasso completo

E Atena
Nem dá pra me justificar

Por todos esses anos é isso que eu sempre tentei evitar
Mesmo se eu tenho algo bom não tem como eu não estragar
É quase impossível eu fazer algo certo
Não posso evitar ser um fracasso completo

Até com Ares e Afrodite eu consegui sair errado

Se aqueles dois se amavam não era problema meu
Uma punição injusta, acho que eu realmente sou um deus

Mais do que isso

Vou ser assim pra sempre esse ser patético
Como posso evitar ser um fracasso completo?

Fracasso completo
Fracasso completo
Fracasso completo

Hefesto: Eu tenho que voltar pro trabalho.

O Humano Em Você
Dionísio: Nossa. Você tá acabadaço, amigo. Quer conversar?

Hefesto: Eu tô legal.

Dionísio: Tá sim, uhum. Esse vulcão de solidão e sofrimento que

você chama de coração é só de enfeite, né.

Hefesto: Ah e você se importa?

Dionísio: Óbvio. Eu sou o único amigo que te sobrou, não?

Hefesto: Amigo? Desde quan-

Dionísio: Desde que eu te trouxe de volta. Você pode até negar, mas ficar sozinho numa caverna submarina só teria deixado a sua situação pior.

Hefesto: E eu imagino que você seja o deus da terapia?

Dionísio: Não. Mas eu sou especialista em conversa depressiva de bar. Quer um gole?

Hefesto: Eu tenho que trabalhar.

(Dionísio retoma o tema de Hefesto. A música prossegue com um embate entre os temas de Fazendo um Plano e Dionísio, o Deus do Vinho)

[Dionísio]
Trabalhar! Ha!
Ele diz que tem que trabalhar

Hefesto: E eu tenho mesmo

[Dionísio]
Acorda! Hefesto
Quem você quer enganar?

Sempre que alguma coisa na sua vida dá errado
Você vem aqui e se afoga no trabalho
Vai tentar se distrair com uma espada ou um machado
Se esconder de tudo atrás do retinido do seu malho

Tentando ignorar tudo o que tem doído
Vai seguir sua produção, eficaz como um moinho
Tanta luz, tanto barulho, marteladas sem sentido
Só pra te fazer esquecer do quanto você é sozinho

[Hefesto]
Quem você pensa que é

Pra me dizer como eu me sinto?
Ficar longe dos outros
É melhor do que o Elísio

Vou me manter aqui distante
Nunca ficarei diante
Daqueles ignorantes
Superficiais e arrogantes

[Dionísio]
Lá vai você de novo, apagando seu tormento
Mas você não escolheu ficar no esquecimento
Jamais tentou evitar esse sentimento incômodo
Não por falta de vontade só nunca soube como

[Hefesto]
E como eu poderia aprender
Se ninguém esteve do meu lado?

Cada dia da minha vida
Foi passado abandonado

[Dionísio]
E mais uma vez você prova como está errado
Só com seu ressentimento, achando que era odiado
Escolheu olhar pra tudo sempre pelo pior lado
E com isso ignorou quem teria te ajudado

Hefesto: Isso não... eu nunca... ninguém...

Dionísio: Tá vendo? Nem você consegue rebater. *(Entra o tema de Hefesto está triste)*

[Hefesto]
E o que isso importa agora?
Todos que me amavam já foram embora
Pensa que eu não queria consertar?
Pessoas não são máquinas, eu não posso forjar

Eu sempre fui igual os outros deuses
Só nunca deixei ninguém notar
Já tem muitos motivos
Pra que queiram me rejeitar

[Dionísio]

É por isso que se esconde? É esse o porquê?
Porque pensa que é o monstro que eles veem em você?
Então venho te dizer, por isso é diferente
Quando erra você é o único que percebe, que entende

[Hefesto]
Você só tá dizendo isso pra eu não me abater
[Dionísio]
Eu estou dizendo que esse é o humano em você

Hefesto: O que?

[Dionísio]
O humano em você

Dionísio: Acredita. Como alguém que começou a vida como mortal, eu sei do que eu tô falando.

[Dionísio]
Entre todos os seus planos nada te deixou feliz
Só mais amargurado, nunca foi o que cê quis

Nenhum outro deus jamais se arrependeu
Das vidas arruinadas, dos erros que cometeu

Não Zeus, nem Hera
Nem mesmo Atena

Monstros que foram criados, filhos já abandonados
Eles só fingiram que nada aconteceu
Por isso que eu afirmo o que ninguém mais pode ver
Essa qualidade é o humano em você
O humano em você

Tudo foge do controle, faz algo precipitado
Então se arrepende e algo está mudado
Consegue ficar melhor, eu acredito que vai ser
Porque eu sei que existe esse humano em você
O humano em você

Hefesto: Você realmente acha que eu tenho solução?

Dionísio: Amigo, se tem alguém nesse lugar que tem solução é você. *(Abraço)*

Hefesto: Obrigado, Dionísio. Você realmente é um amigo.

Dionísio: É, o que eu posso dizer. Empatia é um negócio raro por aqui. Agora, levanta e vai enfrentar o mundo. Toma coragem porque vai rolar uma baguncinha agora e eu não quero perder.

Guerra de Tróia
Dionísio: Quando eu digo que eu não quero perder, eu não quero dizer participar. Prefiro só assistir mesmo, muito obrigado. E porque eu tenho uma visão exterior eu posso narrar tudinho pra vocês! Tudo começou no casamento de Tétis com um mortal chamado Peleu. E por que uma divindade casou com um mortal? Simplesmente porque havia uma profecia que dizia que ela teria um filho mais poderoso que o pai. E Zeus não quis arriscar. Não que um casamento já tenha impedido ele. Enfim, todos os deuses foram convidados, com exceção de Éris, deusa da discórdia. Vocês não vão acreditar se eu disser que por causa disso ela causou... discórdia. Ela lançou uma maçã dourada na festa, endereçada à "deusa mais bela". Afrodite, Atena e Hera se elegeram ao posto. Para solucionar o impasse, Zeus designou o príncipe troiano, Páris. Cada uma prometeu um presente. Atena ofereceu sabedoria e conhecimento estratégico, Hera, o controle de vastos territórios e Afrodite, o amor da mulher mais bela da Grécia. Adivinha o que o safado escolheu? Só tinha um probleminha. A tal da mulher mais bela era Helena, que já era casada com Menelau, rei de Esparta, que, detalhe, tinha um acordo com todos os outros reis gregos no caso de uma violação desse casamento. Ou seja, era a Grécia inteira partindo pra descer o pau em Tróia. E os deuses tiveram que se dividir. Ao lado dos troianos ficaram Apolo...

Apolo: Sente essa vibe!

Dionísio: ... Ares...

Ares: Aqui é crossfit!

Dionísio: ... e Afrodite.

Afrodite: Ai! Quebrei minha unha!

Dionísio: E também, Zeus e Ártemis. Já do lado grego ficaram Atena e Hera, obviamente, além de Poseidon, Hermes e o nosso garoto Hefesto. Perfeitamente equilibrado, não?
Vamos nos posicionar no momento em que os deuses descem ao campo de batalha.

Ares: Toma essa! E mais essa! E uma dessas também! Aaaaah!

Afrodite: Soldado ferido! Socorro!

Enéas: Mãe, eu só bati o nariz. Me larga!

Afrodite: Silêncio, Enéas. Você precisa de um médico. Médico!

Atena: Esses dois não tem jeito nenhum mesmo. Mas ainda são deuses interferindo. Eu preciso tirá-los daqui. Você, mortal, qual o seu nome?

Diomedes: Diomedes, senhora!

Atena: Muito bem, Diomedes. Aqui. Agora você tem visão divina. Você consegue diferenciar os deuses dos mortais comuns. Se encontrar um deus, fuja. A não ser que seja Afrodite. Não hesite em atacá-la.

Diomedes: Sim, senhora!

(Diomedes sai atacando soldados inimigos)

Afrodite: Médico!

(Diomedes ataca com a lança e Afrodite derruba Enéas)

Ai! Alguém socorre meu filho!

Apolo: Tô indo, calma. *(Diomedes tenta atacar Apolo)*

Apolo: Se acalma, mané. Tá achando que a vida é um morango?

Diomedes: Perdão, desculpa, foi mal aí.

Ares: E mais essa! E de novo! Aaah!

Atena: Garoto, é a sua chance! Acaba com ele!

Diomedes: Mas ele é...

Atena: Um deus, é, eu sei o que eu disse. Mas esse é o Ares. Qualquer um acaba com ele.

Diomedes: Se você diz...

(Diomedes ataca outra vez com a lança)

Ares: Ai! Meu... órgão... aqui do lado. Mamãe!

(Ares sai correndo)

Atena: Boa garoto, vai nessa.

Hermes: Trago notícias do mundo inferior!

Atena: Sim?

Hermes: Hades ainda não se importa com nada que acontece aqui em cima. Na verdade ele preferiria que a gente parasse de se matar que a papelada tá de cair o cu da bunda.

Atena: Normal. Mas você não vai participar?

Hermes: Eh, lutar não é minha parada. Eu só tô aqui pra ter certeza que o meu bisneto vai sair daqui vivo e voltar pra casa sem nenhum imprevisto no caminho. Paulada neles, Odisseu!

Ares: Pai! Me ajude a me vingar!

Zeus: SUA GRANDE DECEPÇÃO! EU NÃO SEI NEM PORQUE EU AINDA DEIXO VOCÊ MORAR AQUI! SE VOCÊ NÃO FOSSE MEU FILHO JÁ TERIA TE DESTRUÍDO FAZ TEMPO!

Ares: Ah, cara...

Zeus: NA VERDADE SUA PARTICIPAÇÃO FOI TÃO PATÉTICA QUE A PARTIR DE AGORA É TERMINANTEMENTE PROIBIDA A INTERVENÇÃO DIVINA NA GUERRA.

Atena: Justo quando estávamos prestes a ganhar. Ares sempre estraga tudo. Poseidon só tinha que afundar os troianos.

Hera: Não se preocupe. Eu tenho um plano. Eu sei de uma distração que Zeus não pode ignorar.

Atena: Excelente! Que estratégia você vai usar?

Hera: Do tipo que você nunca conseguiria entender.

Atena: Quer saber. Prefiro não saber. Só vai lá.

(Na oficina de Hefesto)

Tétis: Hefesto.

Hefesto: Mãe, quanto tempo. A que devo a honra?

Tétis: Eu odeio ter que aparecer só pra te pedir alguma coisa...

Hefesto: Que isso. Se tem alguém que merece meu serviço é você. Sem falar que eu também deveria ter te visitado mais.

Tétis: Muito obrigada, meu filho. Sabe, meu outro filho está na guerra. Na verdade ele acabou de voltar ao combate. O amante dele acaba de ser morto.

Hefesto: Eu sinto muito.

Tétis: Aparentemente, ele havia levado a armadura do meu garoto fingindo ser ele. Então eu preciso que você faça uma nova. Por favor.

Hefesto: Sem problemas! Uma armadura saindo pra... qual o nome dele mesmo?

Tétis: Aquiles.

Hefesto: Uma armadura para Aquiles.

Tétis: Muito obrigada. Puxa, eu... sinto que toda essa confusão é culpa minha.

Hefesto: O que?

Tétis: Se eu tivesse convidado Éris, nada disso teria acontecido.

Hefesto: Perdão? Claro que não! Você não é responsável por Éris causar discórdia. Ou pelos deuses lutarem entre si. Ou Afrodite prometer algo que ela não tem o direito de oferecer. Você não pode assumir a responsabilidade pelas ações dos outros.

Tétis: Mas...

Hefesto: Confia em mim. Se culpar não vai levar a nada.

Tétis: Eu... vou tentar. Obrigada.

(Tétis sai)

Hefesto: Em retrospecto eu provavelmente devia ter feito uma tornozeleira também...

(De volta a guerra)

Zeus: HERA! VOCÊ ME ENGANOU! DESOBEDECEU MINHA ORDENS!

Hera: Querido... por favor... vamos conversar, a sós.

Zeus: CHEGA! NÃO VOU MAIS CAIR NOS SEUS TRUQUES FEMININOS ARDILOSOS!

Hera: Os meus o que?

Zeus: CALADA, MULHER! VOCÊ SABE O QUE ACONTECE QUANDO TENTA ME DESAFIAR!

Hera: ...sim, eu sei.

Zeus: ÓTIMO! ENTÃO FIQUE FORA DISSO!

(Hera começa a chorar. Hefesto entra)

Hera: Ah, que ótimo. Veio se aproveitar do meu momento de fraqueza? Vamos, então. Acabe com isso. Fale tudo que você sempre quis dizer sobre mim. Eu mereço mesmo.

Hefesto: Você pensa muito pouco de mim, sabia?

Hera: Então você veio aqui pra que?

Hefesto: Olha eu até pensei em dizer: "Tá vendo? É nisso que dá ser desequilibrada". Mas aí eu percebi... a forma como ele te tratou... aquilo é... normal?

Hera: Já me acostumei.

Hefesto: Isso é horrível. Como vocês acabaram assim?

Hera: Eu prefiro nem comentar. É humilhante.

Hefesto: Acho que eu consigo adivinhar. Zeus sendo Zeus?

Hera: ...

Hefesto: Eu nunca parei pra pensar nisso.

Hera: Nisso, o que?

Hefesto: O seu jeito. É tudo resultado de um ciclo. Se alguma coisa dá errado no meio da produção, é difícil que o produto final saia funcional. Você também é vítima disso. Não me leva a mal. Você ainda é horrível. Mas o controle que Zeus tem sobre a gente... eu pelo menos consigo te entender. E quer saber. Eu passei muito tempo sentindo raiva de você. Eu acho que já deu. Eu não sei se eu consigo te perdoar. Mas eu não quero ficar guardando rancor.

Hera: Isso é... estranhamente maduro. Tem certeza que você é dessa família?

Hefesto: Eu fui criado diferente.

Hera: Olha. Eu não devia ter te abandonado quando criança. Qualquer justificativa pra fazer aquilo já seria insuficiente, mas a minha foi uma das piores. Eu não devia ter te julgado pela aparência. E eu não devia ter te rejeitado por todo aquele tempo e só te buscado por causa do seu talento. Eu sinto muito. Mesmo. Eu não tenho como compensar tudo que eu te fiz.
Mas eu prometo tentar melhorar.

Hefesto: Caramba, talvez vocês não sejam casos perdidos. Olha só. Zeus vai esquecer alguma hora. Logo, logo a gente pode voltar pra guerra. A gente tem uns troianos pra derrotar.

Dionísio: De fato, depois de um tempo os deuses puderam voltar ao campo de batalha.
Claro que não sem Ares tentar emboscar Atena antes...

(Callback)

Ares: *(grito esganiçado)* De novo!

Dionísio: ... e falhar miseravelmente. Ah, vejam só. Esse deve ser Aquiles. No momento, ele está no meio de um acesso de fúria

depois da morte de seu amado, Pátroclo. Cavando um túnel de morte por entre as forças inimigas e despejando os corpos no rio Escamandro. E o deus que lá vivia não gostou muito disso.

Escamandro: Quem ousa lançar impurezas sobre minhas águas!?

Aquiles: Aquiles! Filho de Tétis e Peleu! Se você tem algo contra isso, espírito das águas, me enfrente.

Escamandro: Mortal tolo. Você não é poderoso o bastante pra me enfrentar.

Hefesto: Pode até não ser. Mas eu sou.

(Hefesto lança fogo no rio)

Escamandro: Argh! Muito quente! Tudo bem! Eu desisto!

Hefesto: E dizem que o fogo perde pra água.

Aquiles: Obrigado, senhor Hefesto.

Hefesto: Tô aqui por você, irmão. Só tenta puxar umas brigas que você consegue vencer.

Aquiles: Não se preocupe. Só tem um alvo na minha mira.

Dionísio: O alvo em questão é Heitor, líder do exército troiano, o assassino de Pátroclo. Aquiles o desafiou para um duelo. E facilmente venceu. Até porque o cara foi mergulhado num rio que deixou ele indestrutível. Mas a sede de vingança dele não parou. Ele amarrou o corpo de Heitor em sua carruagem e o expôs em voltas pela cidade para o rei Príamo, pai do soldado morto, ver. Completamente desonroso, jovem. Nada legal. Os deuses tentaram intervir.

Apolo: Muito bem, garoto. Já se divertiu. Agora entrega o cara.

Aquiles: Vem pegar.

Apolo: Você ousa desafiar um deus?

(Aquiles parte gritando pra cima de Apolo, que foge de medo)

Aquiles: Venha e me enfrente!

Apolo: Era brincadeira! Tá tudo bem! Me deixa em paz!

Dionísio: Na verdade eu não precisava mostrar essa última parte, eu só queria zoar com a cara do Apolo mesmo. O resto da história vocês já devem saber. Flechada no calcanhar, cavalo de madeira, um spin-off do personagem mais popular e uma fanfic pros romanos se sentirem valorizados. Mas nada disso importa pro Hefesto. Então melhor ver o que acontece com ele depois.

Coração Autômato
(Aqui os aspectos divinos dos figurinos dos deuses vão desaparecendo, ficando apenas as roupas modernas, simbolizando a influência de Hefesto e o surgimento de uma "humanidade" neles. Retomada dos temas de Deus do Fogo, Amor de Mãe, Ares, Deus da Guerra, Afrodite e O Nascimento de Atena)

[Dionísio]
Hefesto descobriu que existe solução
Por suas armadilhas conseguiu pedir perdão
E os deuses em retorno lhe deram aceitação
Enfim podemos ter reconciliação

[Hera]
Toda minha vida
Teve um único fundamento
A minha função
É ser a deusa do casamento

Só tive uma esperança
Queria ter um bom marido

Mas mal se casou
E já tinha me traído

Em meio a tanta dor
Atolada em empecilhos
O que me frustrava
Descontei tudo em meus filhos

Um dia vou aprender que

Amor de mãe é eterno
Amor de mãe é incondicional
Me desculpe meu Hefesto
Por ser superficial

[Hefesto]
Desculpa, mas te chamar
De mãe vai ser difícil
[Hera]
Eu acho que eu não posso
Culpá-lo por isso

[Hefesto]
Mas agora eu encontrei outra forma de viver
Meu coração autômato não precisa mais sofrer
Este ciclo de ódio e dor não vai mais continuar
E em meu coração autômato posso abrir lugar pra consertar

Hefesto: Ares, oi.

Ares: Eu juro que eu não fiz nada.

Hefesto: Não, eu não vim aqui pra te prender. Ou te queimar. Eu vim pedir desculpas.

Ares: O que?

Hefesto: É eu... descontei minha raiva em você e isso não era justo. Você pode ser um cabeça oca. Mas eu não precisava ter exagerado tanto.

Ares: Não é culpa sua. Eu nunca te tratei bem.

[Ares]
Sei muito bem que eu sou agressivo
Tudo que eu conheço é a violência
Eu fui feito assim rude e impulsivo
Como que eu escapo da minha essência?
Mas com a sua ajuda, eu consigo entender

O que eu destruir, você pode consertar
Você me dá as armas pra eu te defender
Tão opostos, nós vamos nos completar

[Hefesto]
E assim nós encontramos outra forma de viver
Meu coração autômato não precisa mais sofrer
Com o apoio de um irmão eu consigo levantar
E em meu coração autômato não tem mais lugar pra odiar

Afrodite: Eu devo acreditar que você veio pedir desculpa?

Hefesto: Eu sei que é difícil acreditar. Mas é verdade. Eu me arrependo do que eu fiz. Não é sua culpa que Zeus controla nossas vidas. Mas eu tenho que dizer uma coisa. Você é a deusa do amor. Eu entendo isso. Mas você já pensou em, sei lá, não usar seus poderes pra partir corações?

Afrodite: Eu acho que não vai rolar. Isso faz parte da minha natureza.

Hefesto: Será? Muitas ferramentas têm diversas funções. Você já tentou outra coisa?

[Afrodite]
Eu posso mudar? O que é que você quer dizer?
Acha que eu posso não querer ver o outro sofrer?
Mas, é estranho, eu sinto que eu posso mesmo confiar
Abriu seu coração e me pediu para te perdoar

Digo, eu acho que o amor é igual ao mar de onde eu vim
Às vezes violento, mas dá pra ser agradável sim
Quer saber eu acho que conheço alguém que te atraia
Sim, é isso, eu tenho que te apresentar Aglaia

Hefesto: Aglaia?

Afrodite: Eu acho que vocês vão se entender. Ela também tem um cabeção. Vocês seriam muito fofos juntos.

Hefesto: Entendi...

[Hefesto]
E assim nós encontramos outra forma de viver
Meu coração autômato não precisa mais sofrer
É possível descobrir um jeito de se amar
E em meu coração autômato não tem mais lugar pra me vingar

[Atena] Hefesto
[Hefesto]
Atena
Eu nem sei o que dizer

[Atena]
A sua atitude naquela noite não deveria ser perdoada

No entanto, nossa situação é um pouco mais complicada
Quando magia está envolvida não há como ver tudo com precisão
Creio que o poder de Afrodite tenha grande força de coerção

Ignorar uma ofensa para mim é um ato quase impossível
Entendo que eu posso ser um tanto teimosa e até mesmo difícil
Mas de todos os deuses do Olimpo você é o único com intelecto
Sinto sua falta, como amigo, então isso me parece correto

É possível encontrar outra forma de viver
Seu coração autômato não precisa mais sofrer
Eu também consigo me identificar
E em meu coração autômato posso abrir lugar pra perdoar

Hefesto: É sério?

Atena: Só me dá um tempo pra pensar. Eu também tenho algumas coisas a rever sobre minha atitude. Até logo, Hefesto.

[Hefesto]
E agora eu encontrei outra forma de viver
Meu coração autômato não precisa mais sofrer
Este ciclo de ódio e dor não vai mais continuar
E em meu coração autômato posso abrir lugar pra me curar

Hefesto e Zeus
(Zeus aparece em pessoa pela primeira vez. Tema de Zeus)

Hefesto: Chamou, meu pai?

Zeus: Eu venho observando o que você tem feito nos últimos milênios. O que exatamente você planeja?

Hefesto: Como assim?

Zeus: Não se faça de besta. Eu percebi uma agitação se formando. Você acha que vai fazer com que os outros se virem contra mim?

Hefesto: Eu não fiz nada. Só tratei eles com humanidade.

Zeus: Humanidade! Ha! Nós estamos muito além disso, garoto. Somos seres eternos. Não dá pra mudar nossa natureza assim.

Hefesto: Bom. Vamos ver.

Zeus: VOCÊ OUSA ME DESAFIAR!? EU SOU O REI DO OLIMPO! Você pensa que o que eu fiz com Prometeu é o meu limite? Saiba que posso fazer muito pior com você se for preciso.

Hefesto: Certo.

Zeus: E digo mais. Se um dia você ousar lançar um de seus planos contra mim, lembre que seres mais poderosos que você tentaram e falharam. Não existe uma única força nesse mundo capaz de me superar.

Hefesto: É. Acho que sim. *(Zeus sai)* Que seja o que as Moiras quiserem.

Hefesto está triste (e com razão)
(Sessão de terapia com Dionísio. Depoimentos dos deuses lidando com os problemas, refletindo sobre como vão seguir em frente. Os diferentes eventos citados sendo representados pelo coro)

Dionísio: E assim, chegamos ao fim de nossa história. Muita coisa aconteceu desde que começamos. Hefesto passou por muitas coisas e foi uma peça chave de muitos eventos importantes da mitologia grega. Vamos voltar e ver como tudo aconteceu.

[Coro]
Hefesto está triste e com razão
Pois foi jogado do Olimpo
Abandonado pela própria mãe
Largado e tratado como lixo

Hera: Eu joguei meu filho da maior montanha da Grécia. Isso é verdade. Eu era vaidosa e obcecada com perfeição. Eu não conseguia ver além da superfície e julgava meus filhos por como eles podiam me beneficiar. Meu maior erro. Anos depois, Hefesto mostrou que era muito melhor do que eu. A partir daí eu busquei agir como uma mãe de verdade. Eu precisei de muito tempo para reconsiderar quem eu era. Mas nosso ódio um pelo outro passou. Não tínhamos mais amarguras. Em determinada ocasião, Poseidon, Apolo e eu organizamos um motim contra Zeus. Quando ele descobriu, jurou que iria nos punir. Hefesto tentou me defender e foi mais uma vez arremessado do Olimpo, aterrissando na ilha de Lemnos, mas ele não se arrependeu. Ele foi a melhor coisa que já me aconteceu.

[Coro]

Hefesto está triste e com razão
Sendo tratado como inferior
Sempre chamado de aberração
Nunca entenderam sua dor

Ares: Nos primeiros anos em que eu conheci Hefesto, eu só conseguia ver ele como meu parente monstruoso. Não uma parte verdadeira da família. Eu provoquei ele inúmeras vezes. Acho que é justo que ele tenha me humilhado tanto. Eu descontei meu ódio todo nele. O ódio que minha família sempre teve de mim. Milênios de intriga me ajudaram a perceber que não tinha motivo. Nós éramos irmãos. Os filhos de Hera. Precisávamos nos unir. Durante a Gigantomaquia, o Olimpo foi atacado pelos horríveis Gigantes. Eu salvei Hefesto das garras de um deles e juntos matamos o monstro. Talvez ele que tenha me salvado. Quem pode dizer?

[Coro]
Hefesto está triste e com razão
Completamente humilhado
Sua esposa o traiu com seu irmão
Provou que não seria amado

Afrodite: Ser forçada a me casar com Hefesto não me ajudou a simpatizar com ele. Mas a verdade é que ele é muito bom no que faz. Ele pode ser esquisito, mas também pode ser gentil. Ele merecia encontrar alguém pra amar. Por isso eu apresentei ele pra Aglaia. Ela era uma das Graças, minhas leais companheiras. Elas juraram trazer felicidade pra qualquer um que precisasse, e foi isso que ela fez por ele. E também era uma divindade relacionada à criatividade. Ou seja, os dois se deram muito bem. Eu sou realmente boa em unir casais. Hefesto me ajudou a perceber isso.

[Coro]
Hefesto está triste e com razão
Perdeu a sua última amiga
Nunca foi bom com emoção
Vingança estragou sua vida

Atena: Posso dizer que Hefesto é meu amigo mais próximo. Suas armas e meu pensamento estratégico unidos formam uma combinação imbatível. Eu gostava de verdade de nossas conversas. Aquele dia em que a magia de Afrodite rompeu nossa amizade tornou as coisas muito complicadas. Eu nunca antes cogitei tolerar qualquer ataque contra a mjnha honra. Naquela noite, com os sentimentos produzidos pelo feitiço, a própria Terra concebeu

um garoto metade serpente. Hefesto nunca soube dele. Eu o acolhi sob minha guarda e o chamei de Erictônio. O jovem cresceu e veio a se tornar um dos maiores reis de Atenas. Por gerações os atenienses se consideraram descendentes de Hefesto. Isso simbolizava pra mim que ainda era possível restaurar nossa amizade. E após algum tempo, conseguimos.
Ele era importante demais pra mim pra romper essa amizade. E, talvez, eu possa ser um pouco menos rígida quando lidar com ofensas.

[Coro]
Hefesto está triste e com razão
Se considera um fracasso
Mas encontrou uma solução
Alguém que ofereceu um abraço

Dionísio: Eu estava certo o tempo todo. Tudo que nosso herói precisava era de um amigo que o apoiasse e uma boa sessão de terapia. Talvez seja isso que todos nós precisamos. Basta dizer que nós dois passamos eras lidando com todo o trauma acumulado. De qualquer forma, Hefesto e eu nos tornamos amigos muito próximos. Ajudamos um ao outro em diversas situações. Um dia, decidi conquistar a Índia, não perguntem o porquê o vinho falou mais alto, e ele abençoou a viagem. Até mesmo mandou dois de seus filhos pra me ajudar. E eu sempre estive lá quando ele precisava afogar as mágoas.

[Hefesto]
Porque eu estava triste e com razão
Mas agora tenho o que eu sempre quis
Já não estou mais triste, uma nova emoção
Posso dizer que eu estou feliz

FIM

AOKI FERREIRA

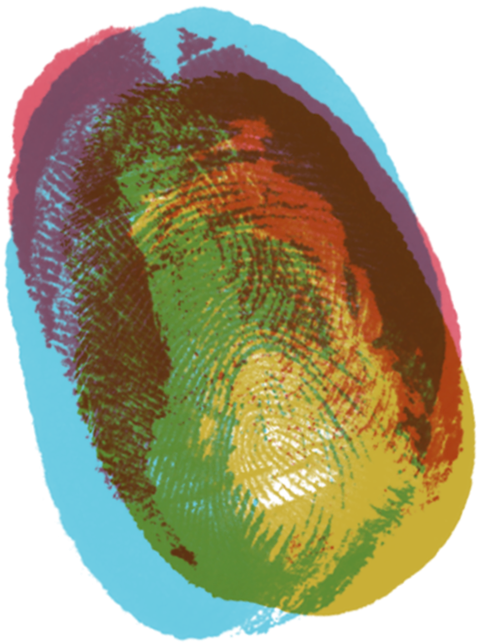
Ator, dramaturgo, estudante de Artes Cênicas na Unicamp. Entre 2018 e 2021, fez curso livre de teatro, participando da montagem de cinco espetáculos de teatro musical. Na Universidade, foi dramaturgo da peça Essa Não é uma Receita de Bolo; atuou e escreveu as cenas Ator Amarelo no Brasil e Howard Ashman. Participou da construção dramatúrgica e atuou nos espetáculos Circo Brasil e Descarrilho.

ME DESCULPE POR TER ESTRAGADO O JANTAR

Iça Simeão

"Um passeio por uma sala de jantar e membros familiares improváveis, com direito a guia turístico que apresenta detalhes imperceptíveis que escapam do olhar do público. Narrativa que tateia aspectos do Teatro do Absurdo com doses de bom humor, reflexões subjetivas e diálogos concentrados na simpatia. Na beira da palavra, uma investigadora das minúcias da vida, ora lúcida, ora esburacada. Um convite à quebra da lógica e um mergulho no real maravilhoso."

Jhonny Salaberg



Um jantar. Ainda não começou. A mulher e o primo esperam do lado de fora da casa da tia.

O PRIMO — Boa noite.

A MULHER - Boa noite.

A TIA DA MULHER — Boa noite! Fiquem à vontade, vocês estão em casa.

A MULHER - Dia cinco do cinco. Cinco de maio. É o aniversário da minha tia. Minha tia faz aniversário dia cinco de maio. E todo dia do trabalho, dia primeiro de maio, ela faz um jantar pra comemorar o seu aniversário. Dia um do cinco.

O PRIMO — Obrigado.

A TIA DA MULHER — Vocês chegaram bem na hora. Bem na hora!

A mulher e o primo entram na casa.

OS PASSOS ecoam.

O PRIMO — Obrigado de novo pelo convite, tia. Mais um ano aqui. Juntos. É sempre muito bom, tia.

A MULHER - E é sempre assim: Salada de folha de amora. Uma taça de vinho. E uma taça de água. Eu só bebo água. Com gás. É a gastrite. O médico disse que é porque eu tomo muito café. Disse que eu devo parar de tomar café e fazer mais exercícios. Minha tia diz que rabanete é bom pro estômago, então eu continuo tomando. Mas tento comprar rabanete na feira de vez em quando.

Todos caminham até a mesa de jantar.

A TIA DA MULHER — Meu querido!

O PRIMO — A propósito, seu jardim está lindo, tia.

A TIA DA MULHER — Obrigada, querido. Essas chuvas de verão andam ajudando muito as minhas dálias.

A MULHER - Quando chove, eu não durmo.

Todos se sentam à mesa.

A MULHER - As pessoas falam, falam, falam, falam sobre como é gostoso dormir ouvindo a chuva no telhado, na janela. Mas a chuva– parecem gritos. Gritos ovacionados. Um estádio de futebol, aquele "uuuuuaaaahh!" meio rouco.

UM RÁDIO toca.

A MULHER - UUUUAAAAHH!

O PRIMO – Estão ótimas, tia!

A MULHER - Se tem alguém gritando na minha janela, deve ser a minha mãe. Ela não deve querer que eu durma. Ela adora me deixar acordada, me fazer encarnar a patetice, a breguice, a mesmice, a mesmíssima coisa de olhar pro teto do meu quarto. Eu vi uma reportagem na TV uma vez–

A TIA DA MULHER — Obrigada, querido.

A MULHER - Como faz tempo que eu não vejo TV, o que ocupa os meus dias agora? Ouvir a chuva, ver minha mãe na minha janela, ver–

A mulher parece ver algo.

O PRIMO — Posso ir servindo o vinho?

A mulher pisca os olhos.

A MULHER - A reportagem dizia que não dá para pegar no sono se você tenta pegar no sono no lugar em que você vai dormir. Então, é melhor se levantar. E se for pra ficar olhando para o teto, melhor ficar olhando para o teto do banheiro, olhar o teto da sala. Olhar o tampo da mesa. Olhar a porta. Esconder um pedaço de papel no meio da estante, pra achar depois e lembrar.

A TIA DA MULHER — Por favor, querido.

A mulher estende a sua taça.

A MULHER - Lembrar de ligar pra minha mãe e ver se ela quer conversar.

O primo serve o vinho.

O PRIMO — Não vá beber demais, hein, prima?

A MULHER - Procurar teias de aranha. Sempre conto cinco teias. Eu gosto daquelas que ficam na parede. Sempre tem algumas teias que não são tão perto do teto assim. As aranhas se cansam de subir até o topo, às vezes elas precisam parar no meio do caminho. Eu não as culpo. Acho a minha casa muito grande também.

A TIA DA MULHER — Fique à vontade, ora essa! Beba o quanto vocês quiserem, comprei mais do que o suficiente para nós.

A MULHER - A taça é de cristal.

AS VELAS queimam.

Todos brindam.

O PRIMO — É claro que sim, tia. Mas é melhor prevenir do que– Um brinde? Viva! Saúde, tia!

Todos bebem.

A MULHER - Gosto de sentir o vidro entre os meus dentes. Quando a gente toma um gole, a gente não encosta os dentes no copo, isso é coisa de criança pequena que tá aprendendo a beber em copo e não mais em mamadeira, mas desse jeito o batom não borra. Se eu prendo a taça no dente, não fica marca de batom. Minha tia diz, não faz isso! Você vai acabar cortando a boca! Porque o cristal émuito fino. Fininho.

A TIA DA MULHER — Saúde! Para nós!

A MULHER - Ia ser uma cena de filme. O sangue saindo da boca e se misturando no vinho. Rosé! Deve piorar a gastrite também. Tomar vinho com sangue.

Todos comem.

O PRIMO — Tia, está uma delícia!

A MULHER - A taça tem um detalhe em dourado, bem aqui, bem onde eu vou morder.

A TIA DA MULHER — Obrigada, querido. Eu adoro, adoro sala-

da de folha de amora. Adoro! E faz tão bem.

O PRIMO — Com certeza.

UMA MOSCA voa.

A MULHER - Minha tia não tem nenhum pé de amora na casa dela, onde ela acha as folhas de amoreira?

A TIA DA MULHER — Fique à vontade, mas ó! Só pra você saber. Tem um assado descansando. E eu fiz o seu preferido: creme de milho.

O PRIMO — Opa! É pra já!

A TIA DA MULHER — E fiz queijo brie com amoras.

Silêncio.

A MULHER - Folha de amora eu nunca vi pra vender na feira, nunca vi ninguém comprar, só vejo caindo na rua mesmo. E toda rua tem uma amoreira. Chega aquela época do ano em que todos os solados dos sapatos ficam cor-de-rosa. Porque toda rua tem uma amoreira. Toda rua fica suja de amora. A não ser que você não ande na rua.

A TIA DA MULHER — Você viu o jardim? Está lindo, não?

O PRIMO — Vi sim. Tá legal, tá legal.

A MULHER - E se você não anda na rua, como você vai conhecer um pé de amora?

A TIA DA MULHER — Eu adoro cuidar do jardim! Adoro, me faz muito bem estar ali com a natureza.

O PRIMO — A senhora deveria viajar. Comemorar o seu aniversário ainda, por que não?

A TIA DA MULHER — Que ótima ideia!

A MULHER - Se você não sabe o que é a folha de um pé de amora, como vai ter vontade de comer?

O PRIMO — Hoje em dia tem tantos lugares legais. Um resort- um hotel! Um safari. Safari é show!

A TIA DA MULHER — Safari não é aquele lugar que você vê os leões? E os elefantes?

O PRIMO — É sim, tia.

A TIA DA MULHER — Mas isso não fica lá na África? É muito longe.

O PRIMO — Mas você viaja, visita um lugar diferente.

A MULHER - Como a gente consegue ter vontade das coisas que a gente nem sabe o que são?

A TIA DA MULHER — Tem razão.

A MOSCA voa.

A MULHER - Ai! Ai! Tsc! Sempre me dá um susto, quando passa uma mosca voando assim no pé do ouvido.

O PRIMO — E é ótimo viajar pra esses lugares porque o dinheiro rende mais.

A TIA DA MULHER — Ah, dessas coisas eu já não entendo!

A MULHER - É o mesmo susto de quando alguém vem te cumprimentar por trás e encosta no seu ombro. Tem gente que não se assusta, mas tem gente que já vive assustado, vive assustado porque vive esperando alguma coisa acontecer, porque sabe que vai acontecer, mas era só uma mosca. Essas moscas de fruta, que ficam voando em cima da banana depois que ela fica madura. Será que ela fica esperando? Ela me vê comprando meia dúzia de bananas na feira e vem me seguindo até em casa, se esconde no lustre da cozinha, ou na dobradiça da gaveta de talheres, ela se esconde e fica esperando. Fica esperando a banana ficar madura. A mosca fica escondida na minha casa, com a função de ir chamar outras moscas assim que a banana amadurece. Porque nunca é só uma mosca. Elas preferem voar em grupo. Será que elas se sentem sozinhas? Será que a mosca fica dentro da gaveta de talheres pra poder ver seu reflexo em uma colher de chá? Pra poder ver outra mosca ali com ela? Será que uma mosca tem o desenvolvimento neural pra pensar que ela se sente sozinha? Ou é só um ímpeto, um sentimento estranho que vem, do nada, que faz as asinhas dela tremerem e ela se treme inteira.

O PRIMO — E um cruzeiro, tia?

A TIA DA MULHER — Andar de barco?

O PRIMO — É, tia! É super seguro. Um colega meu do serviço fez um cruzeiro de duas semanas, no aniversário de casamento.

A TIA DA MULHER — Mas pensa: eu, lá, sozinha, num barco. E se acontece alguma coisa?

A MULHER - A mosca treme e ela se sente sozinha. Ela tem uma gaveta inteira só para ela, uma cozinha inteira, um cacho de bananas inteiro só pra ela. O mundo deve ser enorme para uma mosca de fruta, deve ser coisa demais. Deve ser mais do que ela consegue aguentar. Ela deve se perguntar sobre as coisas que ela não entende. Um rádio, um abridor de garrafa, esmalte descascado, fivelas de um sapato de couro, o porquê de às vezes eu não fechar totalmente a gaveta e ficar com uma frestinha. Pode ser que eu faça isso pensando na mosca que vai entrar na gaveta, pensando que ela precisa entrar de alguma forma. Pode ser que eu faça isso pela ilusão infantil e inútil de que eu tenho pressa para estar em outro lugar e eu economizo tempo se deixar a gaveta aberta, mas não inteiramente aberta porque outros animais maiores poderiam entrar. Eu preciso fechar a gaveta mas não tenho tempo de fazer força o bastante para ela bater e fechar, não tenho tempo para ouvir o baque e ter certeza que a gaveta está fechada. Não tenho tempo de retocar o meu esmalte ou lavar as minhas unhas por completo. Não tenho tempo de afivelar o meu sapato e ele sempre fica um pouco solto no meu pé enquanto eu ando.

O PRIMO — Tia, tem uma equipe lá no navio pra cuidar da senhora. Não acontece nada, não.

A TIA DA MULHER — Ah, não sei! Vai que eu tenho um treco e caio dura, pra fora do barco.

O PRIMO — Imagina, tia. Isso não acontece. É super seguro!

A MULHER - E eu ando rápido para economizar mais tempo ainda e consigo ir para mais lugares com o tempo que me sobra. Eu consigo parar por um segundo a mais no meio da passarela que passa por cima da avenida e eu penso na estrada, penso no vento, penso na altura, penso nas centenas de carros que atravessam o ar debaixo dos meus pés desequilibrados no salto alto. A passarela é enorme, ela corta quatro vias da avenida e tem uma rampa

caracol para você chegar ao outro lado. Enorme. Eu paro por um segundo para conseguir ver o real tamanho das coisas. Depois, sigo andando. Porque preciso chegar. E esperar. Ficar à espreita. Roer as unhas aguardando o momento em que minha vida volta a ser de minha autoria.

A TIA DA MULHER — Jura?

A MULHER - Quando eu paro por um segundo, eu paro porque eu quero, porque eu consegui fazer todas as minhas coisas do jeito mais meia boca e apressado, pensando no tempo que eu ia salvar pra eu ter esse um segundo em que a vida é de verdade e eu sou eu; eu, eu tenho um metro e sessenta e sete de altura, eu tenho essa pele quente, eu tenho trinta e dois dentes na minha boca, eu, eu! Que merda. Eu odeio quando todas as coisas do mundo parecem ser sobre mim.

O PRIMO — Sim. Vou ligar pra esse meu colega e perguntar pra ele. Vou ver uns pacotes de viagem pra senhora.

A MULHER - Nem tudo é sobre mim.

A TIA DA MULHER — Não precisa se preocupar não.

A MULHER - E que bom que nem tudo é sobre mim. Apesar de eu querer que fosse, ainda bem que não é.

O PRIMO — Qué isso, tia! A senhora vai adorar!

A MULHER - A mosca só passou do meu lado porque eu estava no caminho.

A TIA DA MULHER — É.

A MULHER - Ela não escolheu a minha casa, a minha gaveta, o meu cacho de bananas, ela só sentiu o cheiro de banana madura e apareceu. Ela tem mais tempo do que eu. Ela não cruza avenidas. Ela não se senta à mesa para jantar. Apesar de eu querer que ela se sentasse, ainda bem que ela não se senta. Quero perguntar a ela sobre as coisas que ela não entende. Você sabe sobre o rádio? Sobre o abridor de garrafas? Você sabe sobre as colheres que eu guardo na minha gaveta? E as facas? As espátulas? Os panos de prato? Os araminhos velhos que fecham os sacos de pão? Será que o garfo de prata do jantar também fica pesado na mão da mosca de fruta? Será que a mosca de fruta também tem medo

da mesa de vidro quebrar? Tem vontade de quebrar a mesa de vidro? Tem medo da mesa quebrar por acidente mas queria que não fosse um acidente. Queria pisar em cacos de vidro e rasgar a sola dos sapatos afrouxados.

A TIA DA MULHER — Você viu o tamanho das minhas orquídeas?

O PRIMO — Vi sim.

A MULHER - A mesa é de vidro.

A TIA DA MULHER — Vou dar uma olhada no forno.

A MULHER - A mesa é de vidro. Então, se eu deixar a minha marca de batom nessa taça de cristal, vai ser como mandar um beijo pra pessoa que tá ali, deitada no tapete, olhando pra mim, rindo de mim quando eu me assustei com a mosca. Tia!

A TIA DA MULHER — Ainda não está pronto.

A MULHER - Tia!

O PRIMO — O cheiro tá uma delícia.

A MULHER - Não ri de mim. Não ri de mim.

A TIA DA MULHER — Será que não está pronto?

A MULHER - Minha tia nem serviu bananas.

O PRIMO — Quer ajuda, tia?

A MULHER - Tia? Tia?

A TIA DA MULHER — Quero sim, querido.

O primo se levanta.

A MULHER - Primo?

O PRIMO — O forno?

A TIA DA MULHER — É. Eu vou com você. Vamos.

A tia se levanta.

A MULHER - Ei!

O PRIMO — Tá certo.

O primo e a tia saem da sala.

A TIA DA MULHER — Olha, começou a chover!

A MULHER - Mãe?

FIM

IÇA SIMEÃO

Estudante de Dramaturgia na SP Escola de Teatro e formada em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp (2024). Estudou Dança Contemporânea da Escola Livre de Dança de Santo André, sua cidade natal. Entusiasta da música e da poesia, publica seus textos na newsletter "Novelos & Novelas".

O QUE ACONTECEU NA LINHA VERMELHA

Ana Bastos

"Um retrato real e cruel da cidade São Paulo através do sistema de transporte metroviário e seus índices de pessoas levadas ao suicídio. O texto convoca um olhar a um cotidiano esmagador, aos recortes sociais atribuídos à metrópole e a corrida à cavalos do capitalismo em direção ao adoecimento. Com quebras épicas em uma estrutura dramática, as personagens compartilham com o público a dolorosa locomoção na maior cidade da América do Sul."

Jhonny Salaberg

Notas da autora

O coro de passageiros é uma polifonia de vozes que representam a mesma massa. Narram e descrevem de uma mesma perspectiva, mas não necessariamente falam juntos. Os momentos de coralidade em uníssono são de escolha daqueles que encenam.

Menina, Pai e Menino são os únicos personagens fixos. Os demais podem ser feitos por atores que ora são parte do Coro de passageiros, ora são os personagens restantes (como Funcionário, Bombeiro, Faxineira etc) 3. As barras (//) indicam que outra pessoa do coro passe a falar.

São Paulo
Capital

(O Coro de passageiros vai se formando, um a um, carregando mochilas que se amontoam em uma pilha. A pilha de mochilas permanece em cena durante toda a peça)

Coro de passageiros: A cidade de São Paulo é a menor cidade do mundo pra se morar. Aqui, pra ser gente, é necessário que você não se lembre o tempo todo que o número de pessoas não cabe. Que não pense o tempo todo nos anúncios do quinto andar sobre milhares de apartamentos vazios. Que ande rápido pelas ruas cheias. E que não olhe. Se olhar, ande rápido. Se andar rápido, não faça parecer uma corrida. Se correr, não tropece. Se tropeçar, não chore. Se precisar, não precise. Tá todo mundo aqui de passagem.

Coro de passageiros: Pensar no outro é também um risco. Não pensar no outro é uma falha grave à moralidade. Você sabe. Eles sabem. De quem você correu e o porquê. E o que importa na parte de dentro de uma rua escura às 23h é muito menos do que importa em dias comuns. Dias comuns não existem. Dias comuns nunca mais vão existir, até que você se acostume a olhar tudo como uma paisagem, na maior parte do tempo. Tempo aqui também é outro. Dias incomuns são uma graça que a cidade faz de vez em quando.

(Menina entra carregando uma mochila. É uma estudante de 17 anos.)

Menina: Você viu?

Coro de passageiros: O quê?

Menina: O cara ali do lado, tava comendo lixo.

Coro de passageiros: Não vi.

Menina: Nossa, eu me sinto péssima.

Coro de passageiros: Eu não vi. Alívio.

Menina: Culpa.

Coro de passageiros: Uma família feita de Margarina.

Menina: Alívio.

Coro de passageiros: Tente se distrair com aqueles desenhos do metrô. Metrotoon. Engraçado aquele do cara que carrega uma mochila e o mágico transforma ela num balão. E ele voa. A bolsa sempre na frente do corpo. Ou atrás. Ou ao lado do corpo, como preferir. "Não, não tenho. Não vi."

Menina: Não, não tenho. Não vi.

Coro de passageiros: Nem saia com bolsa se der. Bom dia.

(*Menina ignora)*

Coro de passageiros: Não dá pra não falar nada. Mas não dá pra se importar todo dia. Mas não dá pra não se importar todo dia.

Menina: Boa noite...

Coro de passageiros: Linda.

Menina: Oi?

Coro de passageiros: Uma moça linda andando assim sozinha.

Menina: Silêncio. Passos largos, peito cheio de ar. E casa. E depois silêncio. *(tempo)* Porque todas as pombas de São Paulo tem as patas quebradas? Quem anda quebrando as patas das pombas de São Paulo?

Coro de passageiros: Pelo menos elas voam.

Menina: Voam baixo.

Coro de passageiros: Ninguém sonha mais.

Menina: Na primeira noite eu sonhei com um monte de coisa ruim. Pensei em ir embora já quando encontrei meu pai na Barra funda. Todo mundo diz né,

Todos: "a melhor coisa pra se fazer em São Paulo é ir embora".

(Menina entra no metrô)

Carro 1089 - Linha vermelha
Barra Funda

Artista do metrô: Boa tarde pra quem é de boa tarde! Com licença, gente. Eu podia tá roubando, podia tá matando, mas hoje eu vim aqui tocar uma música pra vocês.

Música boa, tá? Sem querer atrapalhar a viagem de vocês, o pix tá aqui no qr code. O dia tá feio, minha cara tá feia, mas a música tá bonita. Se alguém se incomodar é só levantar a mão e eu desço na próxima estação, beleza?

Menina: Mas aí eu decidi ficar. Fui ficando. Nem sabia de metade dos corpos que cabiam se apertasse direito. Eu tinha dezessete anos e uns quebrados. Meu pai tava fodido. Minha mãe achou que seria bom pra mim ir morar com ele, crescer no meio dos blocos de carne. "O metrô funciona, filha, tudo é mais fácil lá. Vai estudar, fazer uma faculdade boa." Dizia que meu pai tava ganhando bem e que lá pelo menos tinha carne no prato todo dia.

Pai: *(pelo alto falante da estação)* Informamos que a estação Guilhermina - Esperança estará fechada esta noite devido à manutenção.

Uma casa. Uma família às 6 da manhã.

(Menina se senta à mesa da cozinha)

Menina: Sonhei só coisa ruim essa noite.

Pai: Alá, seu pão vai queimar. Já falei que esse negócio é violento,

não pode confiar. *(tempo)* Que cara é essa?

Menina: Eu gosto assim, mais queimadinho, pai. Já falei.

Pai: Vou chamar alguém pra ver o microondas. Dessa semana não passa.

Menina: Tem problema não.

Pai: Ficou até tarde no celular? Isso que dá pesadelo.

Menina: Só até a hora que você chegou.

Pai: Sonhou com quê?

Menina: Um cara tava tentando me matar. Ele corria, eu corria, mas ele nunca chegava.

(Silêncio)

Pai: Teve problema lá na estação ontem a noite, por isso que eu saí tarde.

Menina: O que deu?

Pai: O de sempre. Atrasou tudo.

Menina: Sei. *(tempo)* Mas aí eu acordei. *(ouve-se um estalo)*

Pai: Vish, seu pão virou carvão. Eu mesmo vou consertar esse negócio. Essa semana, viu?

Menina: Desencana, pai.

Pai: Tá pronta?

Menina: Pai, cê tava onde ontem à noite?

Pai: Como onde?

Menina: O que deu?

Pai: O de sempre, já falei.

Menina: Cê não foi pro quarto quando chegou. Fiquei ouvindo

uns barulhos na sala.

Pai: Não era do sonho?

Menina: Era pesadelo.

Pai: Vai comer? A gente tem que sair.

Menina: Você tá dormindo esses dias?

Pai: Tô é atrasado.

(Coro de passageiros entram na casa, engolindo a família na multidão)

Coro de passageiros: Licença! Com licença. Desculpa, tô atrasado. Brigada. Não, tô atrasado, brigado. Desculpa, não tenho. Tô com sono não, tô atrasado. Não vai dar, perdão. Sai da frente. Desculpa. Sai, porra! Sai do meio! Foda-se a velha, eu também tô cansado! Calma aí, porra!

Coro de passageiros: Próxima estação: pesadelo. Um pesadelo em algumas partes estilhaçadas. Primeiro, é importante dizer que essa peça trata de suicídio, levantando em conta toda a delicadeza e crueldade da palavra. Memento Mori! Se lembre da morte. Porque se lembrar da morte não torna ela mais, nem menos dura. Não torna as pessoas mais, nem menos morta. Essa peça trata de suicídio, mas principalmente de morte matada. A morte de um garoto que morreu primeiro pela mão de um sistema, depois pelas próprias mãos. Que escolheu não se deixar desintegrar, definhar pela mão do outro. É importante dizer que se alguém se sentir indisposto, ferido, engatilhado ou desconfortável e precisar se ausentar por um tempo ou simplesmente sair do teatro, fique à vontade. A quem estiver simplesmente virando a cara e preservando o estômago, convidamos que fique. Que olhe nos olhos. Que deixe o estômago revirar. Essa peça trata das vozes que não terminaram de morrer, enroscadas em meio aos trilhos ensanguentados da cidade de São Paulo. Da Linha que rasga as periferias de leste a oeste. Do Estado Brasileiro. Do mundo.

Coro de passageiros: Próxima estação: Sé.

Estação Sé
Linha vermelha

Pai: Rapaz, eu trabalho no metrô há vinte e cinco anos. Já vi tudo que é figura; bêbado, sem vergonha, doido, bandido. Difícil é ter um dia que passa batido, sem ter que arrancar um do trem. Mas aqui até que é tranquilo, tirando fim do ano.

Funcionário: E o que deu?

Pai: Não sei, eu fui embora quando enroscou.

Funcionário: A família já ficou sabendo?

Pai: Isso é trabalho de bombeiro, de polícia. Eu cuido de metrô.

Funcionário: Cê já viu quantos?

Pai: Vish... não sei. Volta e meia pula um.

Funcionário: Eu quase que vomitei quando olhei.

Pai: Você acostuma.

Funcionário: Acontece todo dia?

Pai: Todo dia não. Fim de ano é pior.

Funcionário: Quantos?

Pai: Pra quê ficar contando essas coisas?

Funcionário: Se eu ver de novo, eu vomito, papo reto.

Pai: Olha pro outro lado e tapa o nariz. Se for na CPTM e demorar muito pra chegar os bombeiros, é só pedir pra jogar pro lado.

Funcionário: Achei que cê não vinha hoje.

Pai: Aqui a gente vive 25 horas por dia, menino. Faz hora extra de vida. Não dá tempo de ficar pensando porcaria.

Funcionário: Tá sabendo que a Marechal fechou?

Pai: Quando?

Funcionário: Agora de pouco. Teve mais um lá. Evacuaram pra limpar, mas parece que a coisa foi feia.

Pai: É o protocolo, já já volta. Tão com projeto das portas de vidro por lá também.

Funcionário: E eu faço o quê com a mochila?

Pai: Joga fora.

Funcionário: E se tiver coisa dentro?

Pai: Cê tá precisando de uma mochila? Pode pegar, eu não conto.

Funcionário: Não, não.

Pai: Então joga fora.

Uma casa. Uma família pequena às 11 da noite.

(O telefone toca)

Pai: Moça eu já disse que não tenho. Eu entendo, eu sei. Então-... eu sei. Mas eu já falei que não tenho esse dinheiro agora, não adianta ficar ligando. Eu sei. Pode ligar amanhã, depois, não tenho. Não tem negociação, agora eu não tenho como. Moça, pode ser 5 mil, pode ser 5 reais, eu não tenho agora. Brigado, boa noite.

(O telefone toca durante toda a cena. Menina entra.)

Menina: Você atende isso?

Pai: Às vezes eu atendo só pra ver se é alguém.

Menina: Nunca vi ninguém de verdade ligando aqui. *(silêncio)*

Menina: Veio um cara aqui hoje a tarde, queria falar com você. Não sei o que lá de justiça.

Pai: É bom decorar a cara dele pra não deixar mais entrar.

Menina: Eu falei que você tinha viajado.

Pai: Da próxima vez fala que a gente tá se mudando.

Menina: E essa mochila?

Pai: Num é nada, eu trouxe pra jogar fora.

Menina: É do achados e perdidos?

Pai: É.

Menina: O microondas deu um pipoco hoje. Eu tentei ligar, só tinha pizza congelada.

Pai: Eu vou ver isso.

Menina: *(atendendo o telefone)* Moça, ele morreu! Boa noite!

Coro de passageiros: Próxima estação: Marechal Deodoro.

Estação Marechal Deodoro
Linha Vermelha

(O Coro de passageiros vasculha a pilha de mochilas)

Faxineira: Vai ter pedaço aqui até semana que vem. Escreve, viu?

Bombeiro: O B.O foi que a roda enroscou no cabelo, aí não teve jeito. Ficou girando uns metros pra dentro do túnel ainda.

Faxineira: Tem máscara aí? Não aguento esse cheiro.

Bombeiro: Tem não. *(pausa)* Ajuda aqui.

Faxineira: Que tanto de osso quebrado, né? Às vezes eu fico vendo assim o tanto de coisa que tem no corpo. Tanta traquitana pra sustentar a pessoa de pé... aí é um pulo e já era.

Bombeiro: Pior é quem pula e num morre.

Faxineira: E com que cara fala com a família depois?

Bombeiro: Isso é trabalho de médico. Eu cuido de recolher.

Faxineira: Os pertences cês levam?

Bombeiro: Me deixa ver. *(tempo. vasculha uma bolsa e uma mochila.)* Uma identidade. Batom. Cigarro. Três reais e um livro.

Faxineira: Nessa idade fumando?

Bombeiro: Assim toda desfigurada parece mais nova mesmo. Tem 22 anos já.

Faxineira: Tinha. *(tempo)* Que horror.

Bombeiro: Cigarro desse aqui diz que mata mais que acidente, sabia?

Faxineira: Sabia não. *(tempo)* Viu… não tem mais ninguém na estação.

Bombeiro: Tem que avisar seu superior que aqui vai até amanhã. Não vai ser coisa rápida não.

Faxineira: Tá. *(tempo)* Hein… Cê não tem isqueiro?

Bombeiro: Tenho nada.

(Faxineira vasculha a bolsa. Encontra um isqueiro.)

Faxineira: Já que vamo ficar aqui virando a noite, um cigarrinho não faz mal. Depois é só jogar um desinfetante do bom. *(segue vasculhando a bolsa)* Ih alá, as duas era da mesma família. *(acende o cigarro. pausa)* O cheiro tá horrível.

Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) Itaquera

Menino: Moça, é só pra essa noite mesmo. Tão falando que a chuva vai ser feia.

Assistente social: Não foi pro abrigo?

Menino: Eu fiquei uma noite e fui roubado.

Assistente social: Tem o abrigo da igreja.

Menino: Já fui. Me expulsaram por causa do toque de recolher.

Assistente social: Olha, se você tem problema pra cumprir o to-

que de recolher, fica complicado.

Menino: Eu faço bico à noite, não tem como.

Assistente social: Você tava dormindo onde?

Menino: No metrô.

Assistente social: Tá sabendo que a estação Corinthians Itaquera fechou?

Menino: Por quê?

Assistente social: Você tava dormindo lá?

Menino: Não. *(pausa)* Depende. Cada dia é uma, mas faz só umas 2 semanas.

Assistente social: Então, pois é. Você tem que me ajudar a te ajudar também.

Menino: Eu só preciso de um lugar pra dormir.

Assistente social: Qual a sua idade?

Menino: Dezessete.

Assistente social: E a família tá onde?

Menino: Não tenho.

(tempo)

Assistente social: Posso tentar uma vaga num abrigo mais perto daqui.

Menino: Pra hoje?

Assistente social: Semana que vem.

Menino: *(baixo, para si mesmo)* Caralho... *(para Assistente social)* Desculpa. *(pausa)* Pode ser.

Assistente social: Tem passagem?

Menino: Pra onde?

Assistente social: Na polícia, garoto.

Menino: Não.

Assistente social: Tem certeza? Essa aqui não aceita quem tem passagem.

Menino: *(irônico)* Moça, eu acho que eu ia lembrar se eu tivesse.

Assistente social: Preciso dos seus documentos. RG e comprovante de endereço.

Menino: Tá de sacanagem.

Assistente social: Não, não estou "de sacanagem". É protocolo.

Menino: Não tenho.

Assistente social: Tá. Ainda preciso do RG.

Menino: Não tenho. A enxurrada levou.

Assistente social: Sabe seu nome completo pelo menos?

(Menino engole em seco.)

Menino: Sei.

Assistente social: Tá. *(tempo)* Tão sem vaga pelo próximo mês. Tem que esperar sair uma vaga e a gente te liga.

(Menino sai)

Casa. Portão da frente. Uma família pequena.

Pai: A gente fica. Nessa casa aqui a gente fica.

Oficial de Justiça: Senhor, é só mais um comunicado. O terceiro, inclusive. Eu só venho comunicar. Quinze dias.

Pai: Eu tenho filha pequena, tá na escola ainda.

Oficial de Justiça: Desse tamanho? Já tá boa de trabalhar também.

Pai: Então vem, pode vir com a sua tropa inteira, com a imobiliária, com a puta que o pariu. Eu não deixo entrar.

Oficial de Justiça: Nós já temos a chave. O protocolo é que nós entramos, retiramos toda a mobília e qualquer pertence dos moradores junto com os mesmos.

Pai: Como se a gente fosse bicho.

Oficial de Justiça: A imobiliária tentou uma negociação insistentemente. Seis meses de aluguel atrasado e nenhuma resposta. Tivemos que ser acionados.

Pai: Doze mil trezentos e cinquenta reais, eles não deixam esquecer.

Oficial de Justiça: Nós voltamos em 15 dias. Espero encontrar o senhor mais amigável.

Pai: A gente fica. Boa tarde.

Menina: Era 8 da manhã de um sábado. Era a folga do meu pai e eu ia conhecer o Parque Ibirapuera. Todas as vezes que eu tentei, chovia. Eu até pensava em ir com chuva e tudo, mas a cada folga, meu pai ficava mais cansado. Eu acordei com meu pai falando alto, discutindo no portão. Fiquei imóvel na cama, com medo de ser briga com o vizinho, mas só ele gritava. Meu pai nunca saía do sério, mas quando eu ouvia essa voz, eu sabia que o assunto não era comigo. Meu corpo todo se enrijeceu e eu não conseguia nem arrumar a coberta que fugia dos meus pés. Fiquei ali na cama por vinte minutos. Nem respirava. Tentava ouvir a conversa, ao mesmo tempo que lutava pra sufocar meus ouvidos daquilo. São Paulo tinha mesmo comida no prato, pelo menos no meu. Mas quando meu pai voltou, sussurrando pra si mesmo uma oração antes de passar pela porta, choveu de novo. Aqui chove sempre. Eu sabia que a gente não ia mais no parque. Nunca mais.

Oficial de Justiça: O senhor tá ciente de que a estação Tatuapé fechou?

Pai: Como?

Oficial de Justiça: Agora de pouco. Teve mais um lá.

Pai: Isso aí é protocolo. Amanhã abre.

Oficial de Justiça: Certo. *(pausa)* Volto em 15 dias. Até mais.

Estação Bresser - Mooca
Linha vermelha

Menino: *(para a plateia)* Cê já reparou na exposição da estação Bresser? Aquela que fechou ontem, pra manutenção. O último corredor que você passa antes de sair pela passarela. A exposição se chama "Detalhes despercebidos, Bresser-Mooca". Tem fotos daquelas casas com cara de vó, de quando tudo era mais colorido. Eu fiquei lá o dia inteiro depois que a enxurrada afogou minha casa. Eu fiquei olhando cada detalhe, os rostos das esculturas em gesso, os azulejos enfileirados, tudo em ordem, mas tudo muito confortável. Tinha um detalhe da Mooca que se parecia com a minha mãe. Era o rosto de uma mulher parecida com a Medusa. Me transformou em pedra, igualzinho minha mãe fazia quando me olhava. Aí eu me lembrei do que ela disse antes de sair de casa naquele dia. Disse que aquele teto ninguém me tirava, que era a única coisa que ela ia deixar pra mim. Ah, e um bolo no forno, que queimou porque ela não disse que não voltava mais. Aí eu percebi que era só eu e a casa mesmo. Que a gente era uma coisa só. Eu não senti minha mãe morrer quando ela foi. Eu senti mesmo quando a enxurrada levou nossa casa, porque era o único lugar que ela ainda existia. Porque sempre me disseram que Deus era misericordioso e agora ele não me olhava mais.

Ninguém me olhava mais. Eu era só um muleque de sapato surrado que ia te roubar. Se eu andasse de bicicleta, se eu andasse rápido, se eu andasse devagar, se eu olhasse perto demais, se eu dormisse no chão, se eu não dormisse. Eu não tava mais triste não, eu tava puto. Eu tava era puto.

Cê já andou no metrô e ouviu uma voz? Alguma voz, qualquer voz que você soubesse lembrar depois. Cê já ouviu alguém pedindo ajuda e ficou? E ouviu. Eu comecei a descascar as estações depois que eu comecei a ouvir as vozes aprisionadas. Eu queria arrancar aquela exposição inteira pra deixar só a Medusa da minha mãe. Queria que mais alguém parasse pra olhar pra ela. Que lembrasse que ela existiu. Que nasceu em 76 e morreu em 22. Que ela se matou e ninguém lembra. Cê sabia que foi por causa da minha mãe que fizeram as portas de vidro da Bresser? Eu vejo ela aprisionada naquele espelho que me olha de volta e me cospe na cara. E me joga pra vala, pro lixo.

Consegue ouvir? As vozes tão tomando força. Não dá mais pra ficar sem ouvir. Escuta! Escuta que tá vindo e não tem mais volta.

O METRÔ VAI CAIR!

(Menino sai)

Estação Marechal Deodoro
Linha Vermelha

(Em cena, apenas a faxineira. Pai entra)

Pai: E aí? Vamo ter que abrir no máximo às 5 hoje, não tem jeito.

Faxineira: Eu não ganho o suficiente pra isso não, viu? Não vai esquecer.

Pai: E nem eu, Dona.

Faxineira: Ficou aqui a noite toda? Achei que tinha ido pra casa.

Pai: Tive que resolver umas coisas. Agradece que eu faço vista grossa pro seu cigarrinho, hein?

Faxineira: Sei não do que o senhor tá falando.

Pai: Só tira o cheiro, que depois sobra pra mim.

Faxineira: Pois eu vou fazer minha pausa.

Pai: Quinze minutos.

Faxineira: *(saindo)* Vinte! E se for ficar aí reza, que a energia tá ó!

(Pai vasculha a pilha de mochilas. Tempo)

Pai: Vinte e quatro de maio. Sete de dezembro. Quinze de dezembro. Vinte e quatro de dezembro. Quinze de agosto. Esses dias não saem da minha cabeça.

É só isso que eu sei. Nunca sei nome, não sei se tem mãe, pai. Só tem mochila, que sempre acaba ficando empilhada na SSO até alguém levar pra casa. Eu travei na cabine naquele dia, quando ouvi que o menino tinha dezessete anos. Eu mesmo fico olhando

pro túnel, às vezes. Pensando. *(tempo)* Às vezes parece que tem alguém me chamando. Eu confundo as luzes com os olhos deles. Os olhos são a parte mais assustadora. O último olhar, quando eles sabem que não tem mais volta. Eu, sempre na cabine. Eles lá me esperando. Quase que eu posso ver a vida passando na frente dos olhos deles nesses últimos segundos. Eu tento frear, o parto.

Eu tento frear, o aniversário de quinze anos. Eu tento frear, o casamento.
Eu tento frear, o divórcio.
Eu tento frear, o primeiro dia na escola.
Aí eu vejo minha Menina e fico pensando porque que ela veio parar aqui. O que que acontece na Linha Vermelha, pai? Ela me perguntava quando era pequena.
Curiosidade de criança mesmo. O que você faz, pai?
(Silêncio
Eu rezo.
Eu rezo pelas mochilas entulhadas, empilhadas. Só tem RG, nome e mochila.

Eu rezo porque não consigo olhar pra Menina desde que ela virou adolescente. Eu fico vendo nos olhos dela a morte. Eu fico fugindo. Eu não consigo nem dizer o nome dela, nem perguntar o que aconteceu na escola hoje. Nem comprar uma mochila nova, nem pagar o aluguel que ficou.

Aí, quando eu fico sozinho, eu olho. Eu penso no meu corpo lá, estilhaçado. Eu fico com medo de pensar nisso e eu enfio essa angústia lá no fundo mais fundo. Eu vejo os trilhos limpos e penso que essa sujeira não sai. Não importa o quanto limpe, esfregue, jogue fora pedaço de corpo, queime, passe desinfetante e abra tudo de novo. Minhas mãos são imundas. Minha casa, imunda. Meu corpo, imundo. Eu sempre guardo uma coisa ou outra de toda mochila que fica. Eu durmo vigiado pelos olhos, aquela luz ofuscante que vem vindo, vindo, vindo e...

(As luzes dos túneis se tornam mais intensas. As luzes da plataforma se apagam. As vozes chamam Pai para entrar. Para serem ouvidas. As vozes dos mortos são um coro caótico.)

Vozes dos mortos: Eu tô pedindo pelo amor de Deus!

Vozes dos mortos: Passa, passa por cima!

Vozes dos mortos: Me tira daqui!

Vozes dos mortos: Alguém aí?!

Vozes dos mortos: Eu tô com medo!

Vozes dos mortos: Eu não quero mais! Eu me arrependi!

Vozes dos mortos: Vem, vem!

Vozes dos mortos: Me tira daqui!

Vozes dos mortos: Eu quero viver!

Vozes dos mortos: Eu quero sumir!

Vozes dos mortos: Eu quero que saibam!

Vozes dos mortos: Eu quero que me vejam!

Vozes dos mortos: Eu quero que se lembre!

Vozes dos mortos: Natália, vinte e quatro de maio!

Vozes dos mortos: Francisco, sete de dezembro!

Vozes dos mortos: Amélia, quinze de dezembro!

Vozes dos mortos: Maria da Conceição, vinte e quatro de dezembro!

Vozes dos mortos: Roberto, quinze de agosto!

Pai: Código A! Atropelamento!

(Faxineira entra. As vozes calam, o caos se dissipa. Silêncio.)

Faxineira: Vai me ajudar a limpar, é? Pode pegar um esfregão, se tá sem nada pra fazer.

Pai: Agiliza isso e vai pra casa. *(pausa)* E me dá esse cigarro. Isso não é seu.

(Pai sai)

Estação Vila Matilde

Linha Vermelha

Coro de passageiros: Acidente isolado número nove mil quinhentos e treze. Vila Matilde, tiroteio, uma pessoa baleada. Operação da Linha vermelha segue sem interrupções. Não tumultue, evite aglomerações, proteja a cabeça caso haja novos disparos, mas não expresse alarde. Deixe o corpo no chão e a bala na cabeça. Desvie da poça de sangue. Se for tirar fotos, tire só uma, pra saberem que você participou de alguma coisa hoje. Se for comentar, comente andando, sem interromper o fluxo. O fluxo é muito importante para o bom funcionamento da cidade. Se for comentar, evite exagero de compaixão. Se for comentar, NÃO interrompa o fluxo. Se for comentar, seja só um pouco cruel, pra também não acharem que você é um selvagem.

Coro de passageiros: Era bandido?

Coro de passageiros: Foi briga.

Menina: Licença. Aconteceu alguma coisa?

Coro de passageiros: Deve ser por causa de mulher. Corno vive irritado.

Menina: Oi, pode me ajudar?

Coro de passageiros: Mas tinha que ser essa hora?

Menina: Licença, pode me dar uma informação?

Coro de passageiros: Que Deus tenha misericórdia dessa gente ruim.

Menina: Qual sentido eu pego pra chegar no...

Coro de passageiros: NÃO interrompa o fluxo!

Menina: Eu passei pelo morto e vi ele numa imagem relâmpago, antes de voltar a andar. Meu corpo esquentou, pensando no corpo gelado dele. As pernas altas passavam por cima como uma manada. O burburinho durou pouco e eu nem sabia pra onde eu tava indo. Só continuei andando, olhando pra frente. Sempre pra frente, sem rumo. Eu nunca tinha visto um corpo morto tão vivo, tão de perto. Pensei ter ouvido a voz dele, passeado com ele, dado lugar pra ele sentar no vagão cheio. Pensei ter conhecido a filha dele, trocado pulseiras com ela, aceitado um refrigerante na

casa da família. Pensei ter ouvido a voz da esposa num grito do segundo corpo que cai, depois de ter perdido alguém. Não me vi entrando no metrô até que já tivesse passado algumas estações. Aumentei a música no meu fone de ouvido pra esquecer aquele rosto.

Estação Bresser Mooca
Linha Vermelha

(Menino pega uma mochila da pilha e entra no metrô. Menina está no mesmo vagão. Usa uma mochila e fones de ouvido. Silêncio)

Menino: Licença moça.

Menina: Brigada.

Menino: Não, moça

Menina: Desculpa, não tenho nada.

Menino: O teu bagulho caiu no chão.

Menina: An?

Menino: Ali, ó.

Menina: *(desnorteada)* Ah. Não é meu não.

(tempo)

Menina: Desculpa. Cê não é do terceiro B?

Menino: Ih, é! Eu lembro de você. Do rabo de cavalo. É nova, né?

Menina: É, mais ou menos. Não te vi mais na escola. Mudou?

Menino: Não. *(pausa)* Quer dizer, mudei. Mudei de casa. Tô fazendo cursinho.

Menina: Ah, é? Vai prestar o quê?

Menino: Arquitetura.

Menina: É tanto prédio aqui, né? Todo dia tem uma obra nova,

parece.

Menino: Esses são só de enfeite. Eu queria era fazer casa. Minha mãe decora casa né, aí eu vivo no escritório dela e tomei gosto.

Menina: Massa. *(pausa)* A estação Pedro II fechou, você viu?

Menino: Não fiquei sabendo.

Menina: Você sabe por quê que fecha assim do nada?

Menino: Eles dizem que é problema de operação. Protocolo.

Menina: Acho que a Vila Matilde fecha hoje.

Menino: Por quê?

Menina: Nada, deixa pra lá.

Menino: Ah, do cara baleado? Fecha nada, pô. Só se atrapalhar a via mesmo.

Menina: Só se atrapalhar a via... Nossa.

Menino: Só se atrapalhar a via. Só se chegar um momento que nenhuma estação, nenhum trem, nenhum trilho vai conseguir funcionar. Só assim pra perceberem que alguém morreu. Só se tudo parar.

(Menino fica imerso em seus pensamentos, como se tivesse descoberto algo)

Menina: Tá voltando pra casa?

Menino: Não. Não tenho comprovante de endereço, não tenho casa, não tenho RG, já falei! Só tem mochila. Só tem Medusa, só tem as vozes, os túneis, o chão, a casa velha e mochila! Só tem enxurrada, copo quebrado, cama molhada, livro molhado, só tem mochila!

Menina: Ele parecia balbuciar coisas sem sentido, pra si mesmo. Eu dei dois passos pra trás, ainda via o rosto morto, meu pai rezando, o corpo estirado, a multidão. Só queria ir pra casa, só queria correr. Só consegui dizer: *(para Menino)* Você desce onde?

Menino: Na Sé.

Menina: Eu vi o Menino pela última vez naquele mesmo dia à noite. Na Sé.

Uma casa. Uma família pequena. Tarde.

(Pai está agarrado a uma mochila)

Menina: Pai?

Pai: Por que demorou?

Menina: Desculpa, a estação tava uma bagunça.

Pai: Não quero você fora de casa até tarde, tá entendido?

Menina: O metrô demorou um pouco. *(tempo)* Desculpa.

Pai: Não quero saber.

Menina: Por que que cê tá assim?

Pai: É de casa pra escola e da escola pra casa, tá entendido?

Menina: Que casa, pai? A gente não tem nem casa mais.

Pai: Que isso agora?

Menina: Cê acha que eu não vejo as coisas faltando? Você vendendo roupa, móvel, microondas, o rádio.

Pai: Pra quê rádio? Eu não quero ficar ouvindo notícia mais. Só sai porcaria.

Menina: Tá fazendo o quê? Tá apostando?

Pai: Cê não sabe de metade das coisas que acontece e vem falar besteira.

Menina: Você não me conta nada!

Pai: Isso não é coisa de criança.

Menina: Eu não sou criança, pai. Você nem sabe quem eu sou.

Pai: Isso foi coisa da sua mãe, eu já te expliquei. Ela queria que eu fosse embora e eu fui. Agora eu não tô aqui? Dando as coisas, a comida, a escola, o teto?

Menina: Ninguém me perguntou o que EU queria.

Pai: Você quer uma vida decente e ponto, cabou.

Menina: Só me arrancaram de casa e me mandaram pra cá, pra ficar vendo o mundo acabando.

Pai: O mundo já tava acabando antes de você chegar, Menina. O mundo tá acabando faz tempo, acorda!

Menina: Quando que a gente vai ser despejado, pai?

(tempo)

Pai: Eu tô dando um jeito.

Menina: Se você precisa de alguma ajuda...

Pai: Não tenho tempo pra isso não.

Menina: Não tem tempo pra falar comigo? *(Pai não responde)* Não é só comida e roupa lavada não, porra!

Pai: Aqui ó. *(vira a mochila, despejando cinzas. entrega a mochila para a Menina)* Não queria uma mochila nova? Pronto.

Menina: Que isso? Que que é essa sujeira?

Pai: É coisa do trabalho.

Menina - Cê tá em outro planeta, pai. *(pausa)* Você tá me ouvindo?

Pai - Tô, filha. Se ligarem fala que eu não tô.

(Menina sai)

Estação Sé
Linha vermelha. Uma multidão.

(O Coro de passageiros entra instaurando caos. Pai está parali-

sado na cabine de operação do metrô)

Pai: Aí eu ouvi que o menino tinha dezessete anos. Eu freei brusco.

Coro de passageiros: Pula! // Ou vai ou fica! // Pula que dá tempo! // Cala a boca, eu tenho que chegar em casa! //Sai daí, palhaço!

Pai: Quando acontecia, meu chefe sempre falava que ia começar outra obra, que as barras na plataforma não seguram nada. Iam começar a fazer portas de vidro que só abrem quando o metrô chega. Depois iam fazer um paredão de vidro, que mais tarde ia virar um muro de concreto que é pra nem deixar ver se o trem vem ou não.

Coro de passageiros: Falaram que o menino ficou o dia inteiro lá na estação, da hora que abriu até o último horário de pico. Ele olhava fixamente pros trilhos, parecia que esperava alguém.

Pai: Eu tive a sensação que já tinha conversado com ele. Ele tinha, na verdade, a mesma cara de qualquer um que corre por aqui todo dia, mas parecia que eu já tinha ninado o menino, pescado com o menino, ensinado a dirigir, gritado com o menino. E quando tudo enroscou, eu fiquei paralisado na cabine do 1089, no meio do Anhangabaú.

Coro de passageiros: Às duas da tarde ele andou em círculos pelo centro da estação da Sé. Parecia nervoso. Não tinha medo, não chorava. Parecia que arquitetava sua morte e oferecia pra alguém. Às 19h30 ele ofereceu a morte dele pra gente. Pra cidade, pra rua, pros buracos debaixo da terra. Pra morte em si.

Voz: Uma ajuda! Eu tô aqui, me humilhando, de joelhos, pedindo pelo amor de Deus! Eu tenho cinco filhos e eles não tem o que comer hoje!

(As vozes se misturam em lamúria, ininteligíveis)

Coro de passageiros: Todos os mortos da cidade gritavam na orelha do menino. A gente, na plataforma, virou um bando de selvagens. A maioria queria a cabeça dele por escolher justamente aquela hora pra pular. Teve gente que sentou no chão, cansada de ficar esperando. Esses foram pisoteados e não tiveram que ver o resto da desgraça. Depois que ele pulou, a gente ouviu, no seco, a voz no alto falante.

Pai: *(ainda paralisado)* Informamos que os trens estarão com velocidade reduzida devido à obstrução da via.

Coro de passageiros: A partir daí, todo mundo quis pular e dar fim naquilo com as próprias mãos. Ainda restavam 20 minutos de vida do garoto. O metrô não ia vir até que ele estivesse morto. Ele não ia embora antes de garantir que sua morte desmoronasse a cidade, de dentro pra fora.

(Menina se espreme em meio ao coro e vai até Pai)

Menina: Pai?

Pai: Oi?

Menina: Tá fazendo o quê com isso?

Pai - Tô trabalhando.

(tempo)

Menina: O que você vai fazer agora?

Pai: Já vou dormir, já. Vai pra cama, filha.

Menina: Pai, a linha vermelha parou de funcionar.

CONTINUA

PRÓLOGO

ANA BASTOS

Atriz e escritora, criada em Americana, no interior do estado de São Paulo. Interessada pela escrita e pelo teatro desde os 12 anos, se mudou para a capital em 2022, onde se formou como atriz pela Oficina de Atores Nilton Travesso. Atualmente é estudante de dramaturgia pela SP Escola de Teatro e pesquisa a cidade de São Paulo e seus atravessamentos.

TRANSVERSÕES: UMA PROSA EM TRAVA E VERSO

Rebecca Lopes

“Se tiver que ser um objeto, que seja um objeto que grita.” – essa citação está na rubrica que dá início a essa dramaturgia, composta por histórias de uma criança/jovem/mulher travesti. Histórias que gritam sonhos, desejos, preconceitos, violências, amores, superações, transformações."

Tábata Makowski

Uma projeção na parede onde está escrito:

Se tiver que ser um objeto que eu seja um objeto que grita.
Clarice Lispector

Atriz de costas para o público, sentada numa cadeira, se maquiando num espelho de mão. De peruca e espartilho. Cantando Pagu da Rita Lee e à medida que canta a música (a capela) coloca um par de botas e luvas transparentes. Termina de se montar sempre de costas e só vira de frente para o público para cantar o refrão. Usa óculos escuros.

Gesticula como dançarina de cabaret, simulando um strip tease até o fim da música.

Projeção na parede desaparece e aparece outro escrito:

CAPÍTULO 1

INFÂNCIA

Eu não sou eu nem sou o outro. Sou qualquer coisa de intermédio
Mário de Sá Carneiro

Atriz: *(tirando os óculos)* Quando eu era pequena eu tinha um disquinho que minha avó tocava numa vitrolinha antiiigaaa , chamado Branca de Neve e os 7 anões....eu amava e ouvia várias vezes repetidamente sem me cansar. Mas não por causa da Branca de Neve, que eu sempre achei sonsa. Muito menos por causa dos 7 anões, que eu sei...hoje são chamadas pessoas com nanismo (para vocês verem, não era só a vitrola que era antiga...minha infância também!). Era por causa da Madrasta. Eu me lembro que ela falava aquela clássica frase " espelho, espelho meu...quem é no reino mais bela do que eu?" e a voz falava " reino" puxando bem o erre (rrrrrrreino...).

A capa do disquinho tinha a branca de neve sentada com um passarinho na mão bem babaca, blaargh (faz cara de nojo). Na contracapa tinha a madrasta se olhando no espelho, e eu pegava a capinha e ficava repetindo a frase. " espelho, espelho meu" olhando para o desenho da madrasta.... Eu era fascinada pela madrasta. E detestava a Branca de Neve. E quem é a Branca de Neve?

A Branca de Neve é uma vítima. Ela não sabe quem ela é e nem o que ela quer. Ela não é morta pelo caçador porque ele tem pena dela e a deixa fugir para a floresta. Ela não é expulsa da casa dos anões porque eles têm pena dela e a deixam ficar. Ela não morre engasgada com um pedaço de maçã porque o príncipe tem pena dela e salva ela com um beijo. Assim como aquela outra personagem da peça do Tenesse Williams _ um bonde chamado desejo -, a Blanche Dubois, a Branca de Neve " sempre dependeu da bondade de estranhos..."

E a madrasta?
A madrasta sabe quem ela é e sabe o que quer. Ela utiliza seu poder, sua autoridade e não tem vergonha do que quer. Ela aceita inclusive seu lado feio e monstruoso, abdicando da sua beleza e se transformando numa bruxa velha. A madrasta não é uma vítima. Toda minha vida seria pontuada pela profunda admiração que mulheres que exercem o poder teriam sobre mim. Poder sexual, poder financeiro, poder intelectual...poder.

Na sociedade, assim como nos contos de fadas, mulheres que sabem e lutam pelo que querem, são chamadas de vilãs. Uma das minhas secretas nostalgias é não ter nascido bruxa.

Muda a projeção

CAPÍTULO 2

FAMÍLIA

Eu sou meu corpo, mas meu corpo não é eu, é outra coisa
Simone de Beauvoir

Atriz> O quê, pai? O que eu quero ser quando eu crescer? Eu quero ser chacrete! *(dirigindo se ao público em tom explicativo)* Para quem não sabe, chacrete é a dançarina do programa do Chacrinha...assim como a Bolete era a dançarina do programa do Bolinha...e a Panicat é a dançarina do programa Pânico.... E as dançarinas do programa do Faustão deveriam se chamar Faustetes... porque não se chamam assim eu não sei! O que eu sei é que a exposição/exploração do corpo feminino vem de muito tempo na televisão brasileira! Programa do Chacrinha, Xou da Xuxa, Gretchen no Show de calouros...gente, coisa mais natural do mundo criança ser exposta a isso! *(voltando para a marca no centro do palco)* Chacrete, pai! É assim ó: *(cantando e dançando)* Roda,

roda, roda e avisa...um minuto para o comercial! Alô, alô Teresinha! É um barato o cassino do Chacrinha!

Meu cu se isso é fetichismo! Eu quero ser bonita! Meu cu e minha rola se isso é machismo! Eu quero ser maravilhosa! Meu cu, minha rola e minhas tetas se isso é sexismo! Eu quero é dançar seminua num programa de auditório no horário nobre em rede nacional! Uma das minhas secretas nostalgias é não ter nascido vedete!

Mudança de slide

CAPÍTULO 3

PRECONCEITO

Quem não souber uivar, não encontrará sua matilha
Charles Simic

Atriz se senta numa cadeira e lentamente tira as botas, enquanto fala:

E lá estava eu, descendo a rua ...linda! Tinha comparado uma sandália nova de salto baixo e estava tomando hormônio já a algum tempo, meu cabelo tinha crescido tanto! Meus peitos apontando para o alto! *(faz gesto com os dois dedos na frente do tórax)* Rumo ao novo milênio! Eu estava com um top escrito " 2000"... Naquela quase virada de ano, estava na moda roupas com tema do ano 2000. Descendo a rua, 7horas da noite, poderosa! O máximo! Absoluta!

Quando eu ouvi atras de mim uma freada de carro abrupta. Olhei e vi 5 caras saindo de dentro e um falou assim: " mata esse viado".

Foi tão rápido e tão inesperado que eu levei uns 3 segundos para perceber que era comigo. E no quarto segundo eu já estava correndo.

(Atriz fica de perfil para o público e simula estar correndo sem sair da marca local).

Mas como assim??? Num instante, você é a rainha do mundo, plena e maravilhosa...e no instante seguinte você é...um viado? Que querem matar? Isso não é justo! QUE desaforo! Deixa-me viver meu sonho cinematográfico poxa! Corri, corri e corri. Quando eu já estava cansada, depois de bastante tempo, eu dei uma parada e olhei para trás...e eles estavam correndo atrás de mim ainda! E eu percebi naquele momento, que eu não era o máxi-

mo, nem maravilhosa e eles iam me alcançar e iam me matar. Então uma coisa muito louca aconteceu e ei não sei explicar direito, mas eu sei que aconteceu. De dentro de mim brotou uma força e eu comecei a correr de novo, com muito mais velocidade. Minhas pernas ficaram imensas, meu fôlego triplicou e eu corri de um jeito que eu nunca corri em minha vida. Eu parei quando eu estava quase desmaiando sem fôlego...então eu olhei para trás e eles tinham sumido. Eu tinha conseguido escapar! Foi daí que eu percebi, olhando ao meu redor que eu não sabia onde eu estava.... eu não reconhecia aquela rua e nem lembrava como tinha chegado nela. E mais: minha calça estava molhada da cintura para baixo...eu pensei: Mas onde foi que eu molhei? Será que durante a corrida eu pisei numa poça de água? Ou esbarrei em alguma coisa molhada? Então eu percebi que eu tinha urinado. E mais: eu olhei para os meus pés e eu estava descalça! Em algum momento daquela louca corrida as sandálias tinham saído dos meus pés e eu nem tinha percebido... Meus pés tiveram que virar patas para conseguir correr e escapar. Como um bicho.

Eu tinha corrido descalça, mijada e sem saber por onde ia...porque tudo que imporestava era sobreviver. Nesse dia eu soube o que um bicho sente quando é caçado. E nesse dia o bicho que existe em mim despertou e nunca mais adormeceu. E é ele que faz com que ainda hoje, ao andar pela rua, eu olhe inesperadamente para trás para ver quem vem atrás de mim. É ele que me faz cheirar o ar e mudar de calçada.

Eu sou mansa.... mas minha função de viver é feroz.

Uma das minhas secretas nostalgias é não ter nascido bicho.

Mudança de slide

CAPÍTULO 4

VIOLÊNCIA

Para cada braço uma força. De força não geme uma nota
Chico César

Atriz tira mais uma peça de vestuário, agora o espartilho.

Era um ponto de ônibus. Desses bens grandes, onde ficam muitas pessoas, sabe? Mas dessa vez não tinha ninguém. Era noite, mas

não tarde. Estava frio e vento, e acho que por isso o local estava completamente vazio. Eu ia tomar um ônibus para ir à casa de uma amiga, do outro lado da cidade. Só por isso estava ali, que eu sou pessoa de ir aos lugares a pé.
Eu lembro de olhar para avenida e constatar que estava sem nenhum movimento. Do outro lado da pista, ninguém. Desse lado, até onde a vista alcançava, ninguém.

Foi quando eu virei a cabeça e vi, do lado esquerdo da calçada, um homem se apara oximando. Vinha na direção do ponto. A medida que ele se aparoximava, eu pude constatar que não era bêbado, pois não andava cambaleando. Não era jovem e nem velho. Nem preto nem branco. Era um homem. Então ele chegou e se sentou bem junto a mim. Eu pude sentir que sua perna roçou na minha saia (dia frio, eu sempre gostei de usar saia longa com bota, por que bota combina com saia) e nesse momento eu olhei bem para ele (por que essa proximidade não é natural, já achando que ele estava querendo alguma coisa comigo). E ele estava. Quando eu olhei para ele, ele manteve o olhar e falou bem calmo:

E se eu disser que eu tô com uma arma e vou dar um tiro bem na sua cara?

Por um segundo, pareceu brincadeira. Por um segundo, eu percebi que seus olhos não estavam vermelhos, ou sua expressão não era de alguém chapado. E em um segundo eu notei que ele estava falando sério. Olhando fixo para mim . Foi em um segundo tb que eu notei que uma das suas mãos estavam dentro do bolso e seguravam algo volumoso. Eu gelei. Senti um calafrio subir dos meus pés e lembro de ter olhado para rua, para os lados, muito rápido tentando avistar alguém. Acho que eu só queria era não me sentir tão sozinha ali. Não tinha ninguém. Tudo escuro e vazio.

Lembro de ter pensado: se eu levar um tiro aqui, ninguém vai me ver ou saber o que aconteceu. E uma sensação horrível de abandono me tomou. E foi nessa sensação, com um nada na alma, que eu levantei muito devagar, e me postei na frente dele e falei:

Atira.

Ele continuou me olhando fixamente, e continuou mexendo no volume do bolso e falou, bem seco:

Eu vou te dar um tiro.

Vocês sabiam que quem mais te deseja é quem quer te matar? Eu

falei de novo:

Atira.
E ele de novo:

Eu vou te dar um tiro.

Só que dessa vez, alguma coisa na voz dele, talvez a repetição da frase, não sei, me fez sentir que talvez ele estivesse blefando. Uma faisquinha de esperança se acendeu em mim e eu, que sempre fui pessoa de aposta, mesmo morrendo de medo, falei:

Se você não tiver com uma arma e não me der um tiro...você vai apanhar. Ele disse, na mesma repetição monótona de antes:

Eu vou te dar um t.....

Foi o que me bastou. Nesse momento eu soube que ele estava blefando e antes de ele terminar a frase eu virei um murro na cara dele PLAFT e ele caiu do outro lado do ponto de costas no chão. Nesse momento, eu rapidamente levantei a minha saia com a minha bota _ porque bota combina com saia!

Pulei o ponto e comecei a chutar a cara dele. O volume da calça caiu no chão e era uma carteira. E não uma arma.

Para a sociedade, eu sou uma assassina. Para que eu vivesse, um homem teve que morrer. Um homem foi apagado para que essa figura feminina viesse a vida. Por isso é tão difícil para alguns pais amarem filhas como eu. Acho que eles pensam_ " eu ainda tenho que amar a assassina do meu filho?" Filho de uma puta!!## me dá um tiro agora seu lazarento! Atira!!!! E chutei, chutei e ele começou a sangrar.

Se você vai ameaçar uma travesti com um tiro, dê o tiro seu arrombado! Principalmente se a travesti for eu! E agora eu pisava na barriga dele. Eu estava enfurecida por ele me ameaçar...mas estava mais indignada por ele mentir! Eu sempre tive baixa tolerância a mentiras!

Peguei a carteira.

Tá multado!

Abri a carteira, ele ameaçou de sair correndo.

Não corre, seu filho da puta! Se você correr, você vai apanhar mais!

Ele começou a balbuciar alguma coisa. Abri a carteira. Tinha 7 reais, uma nota de 5 e uma de 2. Tirei e guardei no sutiã. Tb tinha um passe de ônibus. Desses unitários, naquele tempo não havia ainda cartão. Peguei e guardei no sutiã.

O que mais tem aqui?? Ummmm um R.G....

Então o balbucio ficou mais audível. Era " não" misturado com " desculpa" e alguma coisa com "deus". E então uma chama se acendeu no meu olhar. Peguei meu isqueiro (naquela época eu fumava ainda), acendi e outra chama se acendeu.....no rg dele.

Vai tirar outra via no poupa tempo seu desgraçado!

Vocês já queimaram a identidade de alguém que queria te matar? É muito prazeroso. Talvez porque tudo que passe pelo fogo muda de forma. Talvez porque simbolicamente, ao queimar o rg dele, era eu que estava eliminando o. Ou talvez por que eu seja piromaníaca....

Sim, eu xinguei ele...eu espanquei ele...e eu roubei ele e eu queimei o documento dele! *(faz cara de orgulho)*.

Pulei de volta o ponto de ônibus , com minha saia e minha bota_ PORQUE BOTA COMBINA COM SAIA! - e nesse exato momento o ônibus que eu estava esperando passou. Entrei e fui para casa de minha amiga.

Uma das minhas secretas nostalgias é não ter nascido revólver.

BUM BUM BUM *(Faz barulho de tiro e agarra a genitália)*.

CAPÍTULO 6

SEXO

O corpo é sempre um lugar atravessado pelo poder
Michel Foucault

Tudo neste mundo é sobre sexo. Exceto o sexo, que é sobre poder

Oscar Wilde

Atriz tira as botas e pega um violão que já está em cena, num canto. Senta com ele no colo. Embala o como se fosse um bebê. Faz movimentos como se estivesse carregando uma criança de colo. Fala para ele:

Nenhum ente senciente neste mundo tem a permissão de permanecer inocente para sempre. Todas as criaturas precisam aprender que existem predadores. Compreender o predador significa tornar se um animal maduro pouco vulnerável à ingenuidade, à inexperiência ou à insensatez.

Fala para plateia:

As únicas perguntas que realmente importam são as que você faz a si mesmo. E todo aquele que se pergunta em profundidade é um ser religioso. Eu nunca senti que pertencia a nada ou a lugar nenhum. Encaixar, eu me encaixo, porque eu me adapto...e vocês sabem que aquele que sobrevive não é o mais forte e nem o mais inteligente... É aquele que se adapta. Mas pertencer? Nunca pertenci.

Nem ao mundo dos homens nem ao das mulheres. Nunca pertenci ao mundo dos heteros e nem ao mundo dos gays. E quando conheci o mundo das trans...não pertenci tb. Nunca senti que eu pertencia a minha família. E quando fiz amigos, não pertenci a eles. O único lugar que me deu a sensação de pertencimento foi o palco. O palco adora pessoas como eu. Órfãs de pertencimento. No palco eu respiro fundo e me sinto em casa. Em paz. Aqui eu existo. Fora daqui eu só performo. Eu só encaixo.

O instante supremo do palco é o silêncio. *(inspira lentamente olhando para plateia.)* Aqui....eu pertenço!

Atriz senta e começa a tocar e cantar Material Girl (música de Madonna) enquanto atrás é projetado slides com informações sobre assassinato de pessoas trans e consumo de pornografia trans no Brasil e no mundo. Além de dados sobre escolaridade e população LGBTQIAPN +.

(inserir dados).

Após o término, áudio de vaias são ouvidos. Atriz olha para plateia. Atriz pega o violão, e o carrega como se fosse uma metralhadora e " atira e fuzila " a plateia, enquanto áudio de tiros de metralhadora são ouvidos. Na projeção, luzes de flashes de câ-

meras fotográficas.

CAPÍTULO 7

AMOR

Amor em mim, há. É que as vezes me arranha como farpas
Clarice Lispector

Luzes se abaixam, penumbra. Atriz pega um livro grande e senta se (deita se no chão). Projeção na parede com uma animação de desenhos do filme Hedwig and the Angry Inch

Agora eu vou contar uma história. Como se o que eu fiz até agora fosse outra coisa, não é? *(irônica).*

É que essa história não é minha....mas além de me identificar com ela, quero dividir com vocês. Começa:

Quando a terra ainda era plana e as nuvens eram feitas de fogo e as montanhas se esticavam até ao céu, as vezes sendo até mais altas .... pessoas vagavam pela terra como grandes barris rolantes, elas tinham dois pares de braços, dois pares de pernas. Elas tinham duas faces que saiam de uma cabeça gigante, e assim elas podiam olhar tudo para todos os lados, enquanto falavam e liam ao mesmo tempo. Mas elas não sabiam nada sobre amor. Porque isso foi antes da origem do amor. Havia três sexos então, um deles parecia dois homens grudados pelas costas, eles eram os filhos do sol. E da mesma forma havia as filhas da terra, que eram duas garotas enroladas numa só. E havia os filhos da lua que eram como um garfo enfiado numa colher, eram parte sol, parte terra, parte filho, parte filha.

E os deuses ficaram muito assustados com nossa força e ousadia e Thor disse: eu vou matar todos com o meu martelo, como eu matei os gigantes. Mas Zeus disse: não! Deixe que eu use meus raios como tesouras, como eu cortei as pernas das baleias e fiz lagartos dos dinossauros. Então ele pegou um feixe de raios, deu uma risada e disse: eu vou dividi-los no meio, vou cortá-los em dois! E uma tempestade de bolas de fogo se formou. E o fogo caiu do céu como lâminas afiadas de facas e cortou a carne dos filhos do sol, da terra e da lua. E algum deus indiano costurou a ferida num buraco e colocou em volta da nossa barriga para sempre nos lembrar do preço que pagamos.

E Osiris e os deuses do Nilo conjuraram uma grande tempestade que soprara ou um furacão para nos espalhar pelo mundo e numa inundação de vento e chuva, para nos afogar. E se nós não nos comportarmos eles vão nos cortar de novo e vamos acabar pulando num pé só e olhando com um único olho.

A última vez que eu te vi, nós tínhamos acabado de nos separar em dois. Eu olhava para você, você olhava para mim. Você tinha um jeito familiar, eu não pude reconhecer porque você tinha sangue no rosto e eu sangue nos olhos. Mas eu juro que pela sua expressão, a dor que havia na sua alma era a mesma que havia na minha. E essa dor que corta o coração como uma linha reta nós chamamos de amor. Nós nos abraçamos, e fazemos amor para tentar nos fundir de novo.

Essa é a história de como nós nos tornamos solitárias criaturas bípedes Essa e a história da origem do amor.

CAPÍTULO 8

MORTE

Morreu quem fomos, nasce quem somos. E assim nunca morremos de verdade
José Saramago

Atriz tira a peruca

Uma das metáforas mais antigas da humanidade, é a metáfora da borboleta.

Desde tempos imemoriais, o ser humano observa esse pequeno ser, escuro que rasteja sob as folhas....se escondendo na sombra, só existindo para comer e engordar. Um dia, a lagarta dobra se sob si mesma e se encasula, ficando imóvel e aparentemente morta. Então, algo parecido com magia acontece: ela rompe a prisão que ela mesmo fez e sai de lá totalmente transformada. Agora ela tem asas e voa. Ela não é mais opaca e feia, ela tem cores e leveza.

As borboletas não têm boca. Tem uma língua que suga o néctar das flores que ela não mastiga, apenas engole. Algumas mariposas nem isso tem. Toda a energia que ela precisa para viver nessa nova etapa virá de tudo que ela se alimentou quando lagarta.

Quando sai do casulo a borboleta só se preocupa em se acasalar e para o criar.A maior parte do tempo de vida de uma borboleta, ela vive como lagarta. O tempo que ela vive com asas é apenas de alguns dias...mas ah! QUE dias magníficos que ela vive! Voando na luz e exibindo suas cores!

Filósofos dizem que nossa evolução espiritual é análoga a uma borboleta.

Na fase da lagarta, vivemos pelos nossos instintos, só preocupados em sobreviver, em comer, em se esconder...e quando criamos asas, que seriam o símbolo do raciocínio superior, da sensibilidade emocional vivemos para procriar nossas ideias, perpetuar nossos ideais. Ter asas e voar é uma metáfora de que vencemos nossos instintos.

O fato é que depois que aprende a voar...a borboleta nunca MAIS RASTEJA!

EPÍLOGO

NASCIMENTO

Aprendi com as primaveras a ser cortada e a voltar sempre inteira
Cecília Meirelles

Atriz pega um espelho (o mesmo da primeira cena) e fala para ele:

Não, espelho meu...não...não existe nesse reino ninguém mais bela do que eu!

O opressor mais eficiente é aquele que persuade seus subalternos a amar, a desejar e a identificarem se com o seu poder. E qualquer prática de emancipação, de libertação pessoal, emocional ou política, envolve, portanto, a mais difícil de todas as formas de libertação: o libertarmo-nos de nós mesmos.

Sou uma feroz entre os ferozes seres humanos _ nós, os macacos de nós mesmos, nós, os macacos que idealizaram tornarem se homens e mulheres, esta é tb nossa grandeza. Nunca atingiremos em nós o ser humano: a busca e o esforço serão permanentes. Por que desistir de nossa animalidade é um grande sacrifício.

Eu sei o que é o absoluto porque existo e sou relativa .Eu respiro o infinito. Olhando para o céu, fico tonta de mim mesma.

Atriz coloca os óculos escuros. Senta-se no chão e olhando alto para parede uma projeção com a letra da música Coming de Jimmy Sommervile . A música começa a tocar quando ela coloca os óculos. No meio da música, após a primeira parte, black out.

FIM

REBECCA LOPES

Estudante do Curso Técnico em Teatro do Senac, de Sorocaba. Faz teatro amador desde 1991, participando de várias peças e cursos de atuação. Fez drag queen, dança e dublagem no final dos anos 90 e se apresentou em diversas casas de show da região.

COMISSÃO DE SELEÇÃO

Integram a Comissão de Seleção do 4º Concurso Estudantil de Dramaturgia do Conservatório de Tatuí: Cristiane Sobral, Dalila Ribeiro, Jhonny Salaberg, Tabata Makowski, e Tadeu Renato. Coordenação de Antonio Salvador e Tadeu Renato.

Cristiane Sobral é carioca e vive em Brasília. Mãe, ativista negra, professora, escritora, dramaturga, atriz e mestre em teatro. Tem 13 livros publicados, em vários gêneros. Foi finalista do prêmio Jabuti em 2022, com o livro Pretos em Contos.

Dalila Ribeiro atua como docente no Conservatório de Tatuí, onde exerce a função de professora nos Curso de Iniciação teatral para Crianças e Curso de Teatro para Adolescentes, e do Curso de Educação Musical para crianças, ministrando a disciplina de Jogos Teatrais. Sua prática pedagógica concentra-se na transmissão de conhecimentos e no desenvolvimento de habilidades performativas nos referidos domínios. Atriz e pesquisadora do Grupo Asas.

Jhonny Salaberg é ator e dramaturgo. Cofundador do grupo de teatro negro O Bonde/SP. Pesquisa e realiza trabalhos que unem teatro e discussões sobre o contexto étnico-racial no Brasil. Contém cerca dez peças encenadas em parceria com companhias de teatro do Estado de São Paulo. Suas criações são adotadas como referência e material de estudo em universidades Estaduais/Federais, Escolas de Teatro no Brasil, bem como estudos de Teatro Negro na Noruega através da revista Norsk Shakespeare-og Teatertidsskrift e Dramaturgia Afro-diaspórica na França através da Camargo Foundation.

Tábata Makowski é atriz, dramaturga e professora de teatro. Formada em Letras e Cinema, tem especialização em Dramaturgia. Alguns de seus textos foram premiados ou selecionados: Jogo das Possibilidades (Patios del Recreo 2025/Argentina); A Aviadora (menção honrosa no 3° Prêmio Nova Dramaturgia de Autoria Feminina/Portugal); É tudo Família! (APCA 2018, Prêmio São Paulo de Incentivo ao Teatro Infantil e Juvenil); DIA (1° lugar no Prêmio Heleny Guariba 2010/11).

Tadeu Renato é mestre em Letras na UNIFESP. Graduado em Filosofia e Artes Visuais. Formado em Dramaturgia na SP Escola de Teatro. É autor de 20 textos encenados por grupos da capital paulista e do interior do Estado. Tem 04 livros publicados, entre poesia, prosa e dramaturgia, entre eles Licantropia (Selo Cesura) e A pausa, o pouso (Editora Clóe). É professor de Dramaturgia e Teoria no Conservatório de Tatuí.

Antonio Salvador é sul-mato-grossense, ator e pesquisador de teatro. É mestre e doutorando em Artes Cênicas na ECA-USP. Lecionou na Escola Livre de Teatro de Santo André, Núcleo Experimental de Artes Cênicas do Sesi-SP e PUC-SP. Como ator, integrou a Cia Teatro Balagan. Recebeu o Prêmio APCA, pela atuação em Recusa, também indicado ao Prêmio Shell de Teatro. Desde 2021 é Gerente Artísitico e Pedagógico de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS

TARCÍSIO DE FREITAS | Governador do Estado
FELÍCIO RAMUTH | Vice-Governador
MARILIA MARTON | Secretária de Estado
MARCELO HENRIQUE DE ASSIS | Secretário Executivo
DANIEL SCHEIBLICH RODRIGUES | Chefe de Gabinete
JENIPHER QUEIROZ DE SOUZA | Diretora da Diretoria de Difusão, Formação e Leitura
MARIANA DE SOUZA ROLIM | Diretora da Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural
LIANA CROCCO | Diretora da Diretoria de Fomento à Cultura, Economia e Indústria Criativas
MARINA SEQUETTO PEREIRA | Chefe da Assessoria de Monitoramento e Governança de Dados Culturais

SUSTENIDOS ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA / EQUIPE COMPARTILHADA NO CONSERVATÓRIO DE TATUÍ

ALESSANDRA COSTA | Diretora Executiva
RAFAEL SALIM BALASSIANO | Diretor Administrativo Financeiro
CLAUDIA FREIXEDAS | Superintendente Educacional e Artística

ADLINE DEBUS POZZEBON | Gerente Jurídica
ANA CRISTINA MEIRA COELHO MASCARENHAS | Gerente Financeira
CAMILA SILVA | Gerente de Produção de Eventos
LEANDRO MARIANO BARRETO | Gerente de Controladoria
MARCELO FRANCISCO ROSA | Gerente de Contabilidade
MARINA FUNARI | Gerente de Relacionamento Institucional e Mobilização de Recursos RAFAEL MASSARO ANTUNES | Gerente de Logística/Patrimônio
SUSANA CORDEIRO EMIDIO PEREIRA | Gerente de Suprimentos
YUDJI ALESSANDER OTTA | Gerente de Tecnologias e Sistemas

ALEXANDRE PICHOLARI | Assistente Artístico
CLÁUDIA SILVA | Contadora
JOSÉ RENATO GONÇALVES | Analista de Planejamento/Observatório
JULIANA RAMOS VETTORE | Coordenadora de Captação de Recursos

KELLY SATO | Designer Gráfico
RENATA FREIRE | Supervisora de Contratos
TAIS DA SILVA COSTA | Assessora de Leis de Incentivo
TONY SHIGUEKI NAKATANO | Assessor de Gestão de Informação

CONSELHO ADMINISTRATIVO
ANDRÉ ISNARD LEONARDI (Presidente), ANA LAURA DINIZ DE SOUZA, ANNA PAULA MONTINI, GABRIEL FONTES PAIVA, JOSÉ ALEXANDRE PEREIRA DE ARAÚJO, JOSÉ ROQUE CORTESE, MAGDA PUCCI, ODILON WAGNER, RENATA BITTENCOURT, SERGIO HENRIQUE PASSOS AVELLEDA

CONSELHO CONSULTIVO
ELCA RUBINSTEIN (Presidente), ABIGAIL SILVESTRE TORRES, ADRIANA DO NASCIMENTO ARAÚJO MENDES, ANA MARIA WILHEIM, CELIA CRISTINA MONTEIRO DE BARROS WHITAKER, CLAUDIA CIARROCCHI, DANIEL ANNENBERG, DANIEL LEICAND, GABRIEL WHITAKER, LEONARDO MATRONE, LUCIANA TEMER, LUIZ GUILHERME BROM, MARCOS BARRETO, MARISA FORTUNATO, MELANIE FARKAS (in memoriam), PAULA RACCANELLO STORTO, WELLINGTON DO C.M. DE ARAÚJO

CONSELHO FISCAL
BRUNO SCARINO DE MOURA ACCIOLY, MONICA ROSENBERG BRAIZAT, PAULA CERQUERA BONANNO

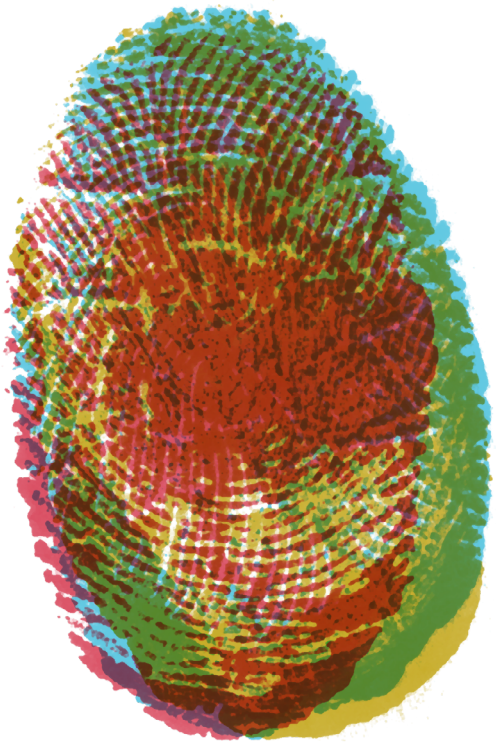
CONSERVATÓRIO DE TATUÍ
GILDEMAR DE OLIVEIRA | Gerente Geral
ANTONIO SALVADOR | Gerente Artístico-Pedagógico de Artes Cênicas
VALÉRIA ZEIDAN RODRIGUES | Gerente Pedagógica de Música
RENATO BANDEL | Gerente Artístico de Música
LUCA D'ALESSANDRO RIBEIRO,
LUCAS ALMEIDA, ABESSA RAMOS | Assistentes de Gerência
VITÓRIA CARDOSO SILVA I Produtora Executiva de Artes Cênicas

Coordenações Pedagógicas
CARLO ARRUDA | Setores de Luteria, Performance Histórica, Musicografia Braille e Núcleo de Apoio Pedagógico
FANNY DE SOUZA LIMA | Setores de Piano, Harpa e Piano Colaborativo (Música Erudita)
FERNANDA MENDES | Setor de Iniciação Teatral (Artes Cênicas)
JOÃO GERALDO ALVES (JOTAGÊ ALVES) | Área de Música Popular (Setores de

MPB/Jazz, Choro e Música Raiz)
JULIANO MARQUES BARRETO | Setores de Sopros/Metais e Polo São José do Rio Pardo
RAFAEL PELAES | Setores de Sopros/Madeiras, Percussão Sinfônica e Iniciação à Regência
ROBERTO ANZAI | Setores de Teatro Musical e Canto Coral
ROSANA MASSUELA | Setores de Violão, Acordeão, Canto Lírico (Música Erudita) e Área de Educação Musical
TANIA TONUS | Matérias Teóricas das Áreas de Música Erudita e Música Popular
TULIO PIRES | Setor de Cordas Friccionadas e Música de Câmara
VALÉRIA ROCHA | Setor de Formação Teatral (Artes Cênicas)

Centro de Produção
ISABEL CRISTINA MEDEIROS ÁVILA | Supervisora de Produção de Eventos
WESLEY SALOMÃO SOARES, GISELE DE FÁTIMA CAMARGO, RENATA BRUGNE-ROTTO, THAIS VAZ| Produtores de Eventos
SAMUEL BRUNO DE MORAIS, SERGIO FERREIRA DE SOUZA FILHO | Assistentes de Produção
DIEGO FIGUEIREDO | Inspetor de Grupos Artísticos
DEBORA CHAVES | Bilheteria
ELINE RAMOS, SERGIO D. C. CORRALES |Arquivistas
ROBERTO FELIPE FRANCO DE OLIVEIRA | Técnico de iluminação e sonorização
GUILHERME DE MIRANDA RIBEIRO, RAFAEL MASCARENHAS DE MORAES, REGINALDO PRESTES, VILMAR PEREIRA RIBAS | Montadores

Setor de Comunicação
SABRINA MAGALHÃES | Gerente
BRUNO PEREZ | Designer
FERNANDA GABAN | Assessora de Imprensa
LENITA LERRI | Analista de Comunicação
MATHEUS GOMES | Analista de Mídias Sociais



patrocínio

realização